

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

A PAIXÃO, A NATUREZA E AS IDÉIAS DA HISTÓRIA:
O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO NO SÉCULO XIX

CURITIBA
Outono/2007

JANAINA ZITO LOSADA

A PAIXÃO, A NATUREZA E AS IDÉIAS DA HISTÓRIA
O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO NO SÉCULO XIX

Tese apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de Doutora em
História, do Programa de Pós-Graduação
em História, Linha de Pesquisa em
Espaço e Sociabilidades, Setor de
Ciências Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de O.
Burmester

* Tese desenvolvida no interior do grupo de pesquisa Centro de Documentação
dos Domínios Portugueses – CEDOPE/UFPR

CURITIBA
Primavera/2007

À Ana Maria de Oliveira Burmester,
Por ensinar uma história que é um
caleidoscópio de obras de arte.

AGRADECIMENTOS

Pela possibilidade desta viagem,
Universidade Federal do Paraná e CNPq.

Pelos saberes,
Ana Maria de Oliveira Burmester.

Pela inspiração,
Francisco Moraes Paz (in memorian).

Pelas leituras e pelo pensar compartilhado,
Andréia Dore, Alessandra Isabel Carvalho, Wilton Carlos Lima da Silva e Luis
Fernando Lopes Pereira.

Pelos cafés e idéias,
Erivan Karvat, Andréia Lobo, Maria Luiza Baracho, Katiucya Périgo, Vidal A. de
Azevedo Costa, Clóvis Gruner.

Por dividirem a paixão pela história,
Luis Fernando, Flávio Vilas Boas Trovão, Rafaela Lunardi.

Pela reflexão ambiental,
Reinaldo Funes, Manuel Gonzalez de Molina, Jozimar Paes de Almeida, Miguel
Angel Puig Samper, Fernando Ramires, Júlian O. Osório e Ale.

Por outras leituras,
Ione de Freitas, Benedito Costa Neto e Caibar Pereira Magalhães Jr.

Por facilitarem alguns caminhos,
Luis Geraldo Silva, Maria Cristina, Doris, Serginho e Jéferson (IHGB).

Por acompanharem muitas e diferentes trilhas,
André, Andréa, Ariete, Rafael, Fernando Naufal, Gudrian, Alberto, Andressa,
Osvaldo e Augusto.

Por compartilharem sonhos,
José Luis, Fernando, Rosangela, Domenique, Lucas, Marta, Melissa, Raul.

Pelo amor aos universos distantes,
Angel e Joana (in memorian).

E ao Clóvis pelas lembranças divididas das “Sete Quedas” e pelas florestas que
viu derrubar.

Esquece-se simplesmente que nem o homem, nem a vida,
nem a natureza são domínios que se oferecem espontânea e
passivamente à curiosidade do saber.
Michel Foucault

Homero cantou, mas não foi para nós...
Toda a nossa cultura depende precisamente das
mais ocasionais e insignificantes
circunstâncias...
J. G. Herder

A ordem das coisas humanas procede assim: primeiro foram
as selvas, depois as cabanas, a seguir os povoados, logo a
seguir as cidades e, por último, as academias.
Giambattista Vico

...Viver como me dá prazer, ou não viver
– assim quero eu...
Um bom vento? Ai, somente quem sabe
para onde viaja sabe também que vento é
bom e qual é o vento da sua viagem...
F. Nietzsche

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	viii
INTRODUÇÃO.....	10
PARTE 1	
A CONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA - PAIXÃO E MEDO.....	31
1. HISTÓRIA, VIAGEM E NARRATIVA: DAS EXPERIÊNCIAS E DOS SENTIDOS.....	30
1.1 Conformações de idéias	49
1.2 A viagem como narrativa da natureza	66
2. NATUREZA, INSTITUIÇÕES E IDÉIAS CORRESPONDENTES.....	81
2.1 A natureza na história	81
2.2 Instituições e discursos.....	90
2.3 Correspondências.....	102
3. FRAGMENTOS E COLEÇÕES: DOS SABERES E SUA CIRCULAÇÃO	109
3.1 Fragmentos dos relatos	109
3.2 Fragmentos da circulação.....	119
3.3 Coleção de histórias e discursos	128
PARTE 2	
A BUSCA DA RAZÃO - CURIOSIDADE E CIÊNCIA.....	134
4. INVENTÁRIOS DA NATUREZA: ONÇAS E HOMENS	136
4.1 Zombando das onças: a força e o medo.....	136
4.2 O homem ou o roubo do jacaré	148
5. INVENTÁRIOS DE MUSAS: DE TOPÁZIOS E BANANAES.....	158
5.1 As pedras e os metais: a busca no interior da terra e das ruínas	164
5.2 De plantas, estacas e sementes: a beleza, a utilidade e a moral	172
À GUIA DA CONCLUSÃO OU DOS DELÍRIOS DOS SÁBIOS.....	191
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	198
APÊNDICES E ANEXOS.....	214

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 - Ata da Sociedade Auxiliadora Nacional propondo a criação do Instituto Histórico.....	28
ILUSTRAÇÃO 2 – Mata reduzida a carvão	31
ILUSTRAÇÃO 3 - Ata de 17 de outubro de 1856	48
ILUSTRAÇÃO 4 - Dr. Joaquim Manoel de Macedo.....	95
ILUSTRAÇÃO 5 - Manoel Araújo Porto Alegre	105
ILUSTRAÇÃO 6 - Diploma concedido pelo IHGB.	108
ILUSTRAÇÃO 7 - Caju, Jaçanã e Arara Canindé	134
ILUSTRAÇÃO 8 - Colhereiro.....	134
ILUSTRAÇÃO 9 - Ariranha - <i>Pleronura brasiliensis</i>	138
ILUSTRAÇÃO 10 – Animais e ilustração de história natural	143
ILUSTRAÇÃO 11 - Zoofonia	147
ILUSTRAÇÃO 12 - Carro de Vulcano	157
ILUSTRAÇÃO 13 - Campo noturno de Itararé, 1827	174
ILUSTRAÇÃO 14 – Fragmentos de J. B. Debret.....	175
ILUSTRAÇÃO 15 – O Imperador e a natureza.....	186
ILUSTRAÇÃO 16 – <i>Ricinus communis</i> e <i>Ipomea</i>	188

RESUMO:

Ao longo do século XIX, no Brasil, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro publica inúmeros textos sobre as viagens ao imenso e diversificado mundo natural. Estas viagens encontram-se imersas na construção das idéias de história desenvolvidas por alguns naturalistas e historiadores que, para isso, eram designados. Entre 1839 e 1896, o IHGB publica e republica documentos que contam as histórias do mundo da natureza, que desenham os mapas e, sobretudo, marcam os saberes da história e as fronteiras do Império Brasileiro, mesmo durante os primeiros anos da República. As idéias que aí aparecem são constituídas por um intenso desejo de coleção e por passados nos quais encontramos: seres humanos, animais, vegetais e minerais. Assim, ancorados na leitura de Michael Foucault nos debruçamos, nesta tese, sobre artigos, memórias, diários de viagens, atas de reuniões, poesias e outros documentos e neles percebemos os mecanismos da instauração de uma ordem discursiva e seus principais processos de existência. Paralelamente, tais processos, podem ser lidos a partir da historiografia contemporânea sobre a relação indivíduo-natureza, sobretudo, na história das idéias. Por este caminho encontramos que a natureza foi experimentada como inspiração e objeto, como modelo e riqueza, como mundo externo, conhecimento científico e, enfim, como paixão e idéias. Tomamos por universo a circulação de idéias que no inventariar a natureza nos permite ver a construção de uma narrativa da história. Atravessada pelo discurso da oficialidade imperial, tal narrativa, encontra-se fragmentada em pontuais, recorrentes e admiráveis descrições do mundo da natureza. Descrições que nos abriram as janelas de uma instituição imperial e de uma história oitocentista.

Palavras chaves

Idéias de natureza, História oitocentista, Século XVIII e XIX no Brasil, Viajantes.

ABSTRACT:

Through the 19th century, in Brazil, the Historic and Geographic Brazilian Institute's magazine publishes a countless texts about the trips to the immense and diversity nature's world. These trips are immersed in the construction of history's ideas developed by naturalists and historians appointed to do it. Among 1839 and 1896, the IHGB published and republished documents which tells about the nature world histories, draw the maps and, especially, fixes the history knowledge's and the frontiers of the Brazilian Empire, even for the first years of the Republic regime. The ideas that there appears are constructed by an intense desire to collections and pasts which founds: human beings, animals, vegetables and minerals. Thus, supported in the theorie by Michel Foucault, we approached, in that thesis, articles, memories, logbooks, minutes, poetries, and others histories documents, on them realized the mechanisms of establishes one discursive order and theirs principals process of operation. In parallel, these processes can bee reader from the contemporary historiography about the relationship among individual-nature, especially in the history of ideas. In this way, we found that the nature was experimented like an inspiration and object, like a model and wealth, like an external world, scientific knowledge and, at last, like a passion and ideas. We took by universe the circulation of ideas that inventories the nature, consent us to perceive a history narrative construction. Through the official empire discourse, such narrative is fragmented in accurate, recurrent and admirable and amazing descriptions about the world of the nature. Descriptions witch opening us the windows of one Imperial Institution and the History of 19th.

Title:

The passion, the nature, and the History's Ideas: the Historic and Geographic Brazilian Institute in the 19th Century.

Key-words:

Nature's Ideas; History of 19th; 18th and 19th Brazilian History; travelers.

INTRODUÇÃO

A experiência humana de refletir, registrar e observar a natureza tornou-se uma intensa paixão para homens e mulheres do científico século XIX. Talvez um dos maiores objetos do desejo e do arrebatamento do mundo contemporâneo, o mundo natural, nas mais diferentes formas e fenômenos, nos mais diversos indivíduos e espécies, tornou-se assunto das muitas ciências que então nasciam ou se reinventavam. Ora atravessou as pessoas e ora as cercou, instalou-se no pensamento e na produção de idéias. Uma natureza sugerida nas páginas de muitas obras impressas, tipografadas ou manuscritas. Escritas por autores privilegiados pelas letras e pelo lugar social e econômico em que se encontravam.

É no mundo das idéias que esta paixão se desenvolve, a encontramos nas descrições, no pensamento, na imaginação. Em Jorge Luis Borges, pode estar nos sonhos literários, nas lendas tradicionais e na zoologia comum. Dos bestiários medievais ou dos anglo-saxões, das imagens de Aristóteles, da Bíblia e de Leonardo da Vinci, Borges faz descer a pantera que pelas montanhas se espreita, representada ora pela besta feroz, ora santificada pelo pensamento cristão. Animais, que mesmo quando existem, representam as nossas mais antigas histórias.

Esta tese é uma aproximação ao pensamento que se debruça sobre a natureza, mas não o pensamento mítico ou perdido nas antigas civilizações, sequer ao pensamento do verdadeiro ou do falso, que traria um outro tipo de reflexão. Aqui, o pensamento histórico oitocentista é o espaço do qual emergem

afetos dominadores, idéias que deixam ver e pensar uma natureza determinada, na maior parte das vezes romântica, quase sempre nacional. Nosso desejo aqui, é refletir a produção de uma determinada história, produzida pelo discurso oficial e imperial do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. Uma história que vai buscar no discurso dos naturalistas, viajantes e cientistas do seu tempo o apoio para a sua própria construção discursiva. É justamente aí que notamos um explodir da natureza, isolada e antiga, percebida no conjunto das páginas de uma publicação que é fruto das preocupações do próprio Império com as dimensões de sua extensão, seus passados e de suas riquezas.

Tais discursos explicitam algumas das mais conhecidas imagens da natureza, presentes na Revista do IHGB, mas também presentes nas pinceladas e nas letras dos artistas românticos, como Debret, Rugendas, Manoel Araújo Porto Alegre, Joaquim Manoel de Macedo e tantos outros.

Que espetáculos impressionaram seus olhares, que imagens e discursos despertados, que intensidade ganhava a comoção? A permanência das paisagens e a dinâmica dos tempos marcam a experiência da busca de outros passados. A descoberta, a ansiedade, a satisfação, o mágico, ligam os homens e seus distantes tempos. A natureza é, dessa forma, o substrato dessas experiências que marcaram as personagens e as histórias desta nossa narrativa – A Paixão, a natureza e as idéias da história.

Nas experiências vividas no século XXI encontramos o século XIX e sua paixão pelo conhecimento histórico e pelas viagens científicas, sua paixão pela construção de idéias de natureza. Estes são fundamentais nos discursos

institucionais de seu tempo, representando os fragmentos de muitos dos rituais das sociedades que os permitiram existir.

Privilegiamos aqui o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, instituição imperial, depositária oficial da história brasileira no século XIX. O Instituto, como passaremos a denominá-lo, é uma dessas agremiações que nos mostram uma infinidade de discursos, trazendo-nos uma igual infinidade de leituras possíveis. Instituição que faz circular, através da Revista que publica trimensalmente, suas principais idéias e, se seguirmos uma inspiração foucaultiana, seus desejos de verdade.

Não apenas trazendo ao público suas idéias, mas também ampliando a sua divulgação nas edições posteriores, os volumes da Revista do Instituto, publicados ao longo do século XIX, são republicados ao menos mais duas vezes no mesmo século. O caráter nobiliárquico da Instituição e, portanto, da Revista, traz consigo um certo cosmopolitismo patriótico que é, ao mesmo tempo, cosmopolitismo científico. Observemos:

No ano de 1843, é publicado, na seção Variedades da Revista do IHGB, um fragmento do poeta e autor da obra “História dos Gerundinos”, o arqui-romântico Alphonse de Lamartine. Segundo Elias Thomé Saliba, ele afirmava que a poesia era um “autêntico canto interior”¹. Na revista do IHGB encontramos o poeta:

de todos os livros que ainda se devem fazer, o mais difícil, a meu ver, é uma tradução. Ora, viajar é traduzir; e traduzir à vista, ao pensamento, à alma do leitor, os lugares, as cores, as impressões, os sentimentos, que a natureza ou os monumentos humanos dão ao viajante.²

¹ SALIBA, E. T. *As utopias românticas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. p. 45.

² VARIEDADES. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1843. Tomo V. 2ª ed. 1885. p. 410.

Viajar é deixar impressões da natureza e dos momentos. Citar Lamartine na sua compreensão de tradução é encorajar os leitores a realizarem suas próprias traduções de viagens, mas também é formar olhares nos leitores carregados de informação sensorial. Citar Lamartine é buscar trazer erudição e efetivamente trazer um certo tipo de beleza à Revista, é homenagear a incrível possibilidade de criação e de registro do homem. Percebemos uma produção e uma circulação de discursos que deixam ver o contato de homens com a natureza, na maior parte das vezes, intocada, bem como com as idéias da utilidade do meio natural e muitas vezes da sua destruição.

A lembrança de Lamartine metaforiza a própria concepção da história. Afinal, que mais seria a história se não a tradução à vista do leitor, a tradução de idéias e de impressões? A tradução das paixões e desejos humanos? Dos pensamentos, crenças e ações dos indivíduos?

A natureza é aqui registrada no imenso mundo das letras ao longo do chamado Século da História. Paisagem e meio, espaço da memória, objeto da razão, sujeito da imaginação, fragmentada, dissecada, consumida, e acima de tudo, lida e relida, publicada e republicada. A natureza é um mundo de preocupações e olhares, de idéias expressas e defendidas, encontradas nas letras de uma revista envelhecida, no meio de tantas outras preocupações e olhares.

Encontramos então rituais de publicação e republicação, presentes nos processos de citação de passados que trazem determinadas idéias; leituras que remetem às viagens, aos diários, aos documentos oficiais, aos seus percursos e à própria escrita da história.

Para traçar as correspondências entre estes muitos passados que envolvem as falas, as idéias e os escritos de uma sociedade de letrados, tomamos a natureza como tema para a história. Tema e experiência presentes nas discussões contemporâneas, presentes em muitas agendas nacionais e internacionais nos últimos anos, possibilitando a construção de outras sensibilidades e necessidades que estão pautadas no limite do medo e do desejo vividos nos loops da montanha russa, como metaforiza Nicolau Sevchenko:

E agora, meu Deus, o loop! Aaaaaaahhhhhhh....! Rodamos no vazio... como um ioiô cósmico, um brinquedo fútil dos elementos, um grão de areia engolfado na potência geológica de um maremoto. Nada mais nos assusta. Ao chegar ao fim, desfigurados, decompostos, estupefatos, já assimilamos a lição da montanha-russa: compreendemos o que significa estar exposto às forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas.³

Como tema e experiência estudada por muitas áreas do conhecimento, a natureza tem se tornado nos últimos anos, um universo cada vez mais próximo ao historiador: as idéias que os indivíduos de outros tempos possuíram sobre a natureza remetem às preocupações de nosso próprio tempo - um presente que traz para o centro da cena e da reflexão da história - as águas, as matas, as tartarugas, as montanhas, suas imagens e as idéias que delas se formularam.

Referimo-nos aqui a discursos e a sentimentos que homens e mulheres podem descrever. Discursos que deixam ver uma paixão pela natureza que é, de forma romântica, uma paixão pelo saber. Uma paixão que leva Sevchenko a finalizar a sua volta no brinquedo no parque de diversões, com uma citação que pede, em um grito artístico, que a dignidade dos indivíduos, dos animais e da natureza volte urgentemente ao centro da experiência humana. A história pode

³ SEVCENKO, N. A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Coleção Virando Séculos. Coord. por Laura de Mello e Souza, e por Lilia Moritz Schwarcz. P. 13.

apelar à ética e a reinterpretação do mundo e, no caso de *A corrida para o século XXI*, o faz de maneira bastante contundente. Desequilíbrios, máquinas, mentes, meio ambiente, comunidades, percepções, mudanças econômicas, marcas de nossas experiências contemporâneas e do pensamento histórico de Sevcenko.

Mais do que nunca é fundamental que a história resgate as marcas das experiências com a natureza. Estamos aqui em busca das idéias e dos escritos de natureza, que, ao ocuparem seus lugares no tempo, revelam experiências e idéias, constituindo objetos de uma reflexão histórica que é, neste sentido, parte de outra experiência, a da contemporaneidade.

Nas mais diversas partes do mundo, o meio natural, suas configurações e representações, as sensibilidades e as idéias que o envolvem vêm tomando corpo, trazendo à história um movimento cercado de novas preocupações.

Em uma rápida corrida de olhos nas publicações dos anos 1990, percebemos este caminho: Simon Schama, Alain Corbin, Keith Thomas, Alfred Crosby, Warren Dean são alguns dos nomes mais conhecidos que se debruçaram sobre as memórias das rochas, as representações dos mares e das águas e as histórias das matas e florestas. Os historiadores têm percebido as formas como os homens as conceberam e como se relacionaram com este imenso mundo que lhe é exterior – o mundo natural como concebe Keith Thomas⁴, apontando neste sentido uma reorientação de olhar. Lembremos que, como afirma Donald Worster,

⁴ O mundo natural se traduz para Keith Thomas nos animais silvestres, selvagens e domésticos, vegetais, rochas e montanhas, prados e sertões, experimentados na diversidade e ambigüidade do sentir na modernidade. Culpa, vergonha, desconforto, crítica também constituíram estes sentimentos do homem em relação ao mundo natural. Ver: THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

“qualquer reconstrução dos ambientes do passado tem que incluir (...) jibóias, desertos e homens”⁵.

A delimitação das fronteiras entre o mundo dos homens e o mundo dos animais e das criaturas inferiores, objeto de Keith Thomas, foi imprescindível para o homem moderno, afirma; para isso, foi necessário o afastamento dos seres brutos, associando ao outro o seu processo de civilização.

As ciências constituíram-se como as mais eficientes respostas a esta necessidade de distanciamento, sustentando parte importante deste processo civilizacional, fomentando ou justificando políticas, afastando-se dos símbolos e das alegorias do mundo natural.

Os naturalistas, os astrônomos, os homens de letras produziram, dessa forma, discursos antiquários que formavam não apenas as salas dos museus e as coleções dos herbários, mas também em sua materialidade produziram uma coleção de suas verdades e idéias.

A paixão e a natureza podem então se encontrar nas descrições e estudos destes homens, naturalistas da modernidade, que olhavam o meio natural como um imenso laboratório e reservatório de elementos para seu estudo. Discursos, investidos de desejos e carregados de terríveis poderes, como o discurso médico em Michel Foucault, espaço do entrelaçamento permanente entre o silêncio e a fala de uma razão que pretendia curar os monstros⁶.

⁵ WORSTER, D. Para fazer história ambiental. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol 4, no. 8, 1991. p. 9. Disponível em <<http://fgv.br>>. Acesso em 16/12/2005.

⁶ FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9.ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 13.

Analisaremos aqui uma vasta documentação que inclui atas, memórias e diários de viagens, memórias sobre produções naturais, estatutos e outros documentos publicados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na capital do Império do Brasil, o Rio de Janeiro, durante toda a segunda metade do século XIX, partindo de 1839 com a publicação do primeiro volume da revista.

Até hoje esta Instituição traz uma vasta produção de textos históricos e geográficos, antropológicos e literários, constituindo-se de documentos que mostram as preocupações de muitas épocas. Aqui nos concentraremos no segundo reinado e sua busca de modernidade. O último documento analisado é do ano de 1896, quando a ordem da sociedade brasileira já havia se alterado substancialmente com o processo republicano. Mas o IHGB permanecia com seu mesmo ritmo de publicações e reuniões. A maior parte do período estudado está atravessado pela figura de D. Pedro II, que queria a nação no quadro das nações mais ilustradas do universo, um desejo romântico de um monarca ilustrado. Desejo que tornou o IHGB uma instituição privilegiada e patrocinada pelo seu Império, honrada com as presenças imperiais, fazendo de sua revista o veículo de disseminação das suas mais importantes idéias. A musa imperial era a natureza, a paisagem imperial era seu sonho romântico, e é este o sentido das idéias nos documentos sobre os quais nos debruçamos.

Estamos atrás dos rastros destas vontades de verdade expressas em falas e escritos, em seu indefinido reaparecimento. Recorrendo a Foucault, poderíamos dizer: ditos que são ditos e retomados, e “para além da sua formação (...)

permanecem ditos e estão ainda por dizer”⁷. A história tem ainda muito a dizer da natureza. E certamente tem dito.

Notadamente, a natureza não figura apenas nas falas da ciência. Keith Thomas encontra-a na poesia, na arte e nos discursos que se configuraram no processo da modernidade em discursos científicos, esparsos no século XVI, organizados no século XVIII. Homens, animais e vegetais foram por ele percebidos nestes documentos e, através deles, suas sensações e sensibilidades. Partes de um universo que tem sido aliado do homem em sua sobrevivência, como afirma Worster e, por isso mesmo, elementos necessários a esta leitura da história.

Sensibilidade em relação ao mundo natural que o historiador Alain Corbin vai ver expressa junto à praia e ao mar: os sargaços, as areias, os rochedos, a água salgada, os peixes, os navios, as doenças invadem as artes e as ciências. O desenho e a descrição permitem remontar o espetáculo da natureza projetado pelas viagens pitorescas na Europa ocidental. À beira-mar, o deleite e o idílio, o olhar e a cólera compreendem as experiências e as imagens trazidas por cronistas, jornalistas, pintores, médicos, cientistas e viajantes europeus durante os séculos XVIII e XIX. As praias da Alemanha, da França, da Escócia, da Itália, seus povos, seus visitantes, a atmosfera que as envolve, as histórias que inspiram de Defoe a Dickens, constituem este território do vazio analisado por Corbin. Da vastidão dos naufrágios, alegoria de dor e da tristeza, drama que anuncia a força e o excesso da natureza que se lança contra o homem, aos deleitosos passeios

⁷ Ibid. P. 22.

junto aos rochedos, lagos e às leituras dos clássicos sob as copas das árvores; as sensações descritas por alguns indivíduos trazem as origens dos prazeres à beira mar, mesmo quando homens e mulheres deviam tomar banho em lados opostos da mesma praias.

São sensações que deixam fluir mundos e florestas, rios, mitos, imagens, poesias e idéias, onde matas, águas e rochas entrelaçam-se, como na construção de Simon Schama. As ilusões, os mitos, os medos, a busca do eldorado, em viagens ou em histórias, estão presentes e deixam ver a relação entre indivíduos e natureza em todas as tensões que lhe são próprias⁸. A estética da paisagem, a poesia da literatura, o drama religioso ou patriótico das cenas desenhadas, pintadas ou esculpidas, são lembranças e esquecimentos que marcam os tempos. Assim, para o autor, o século XVIII foi um século cético, e, ao mesmo tempo, melancólico, em que o bucolismo e a ilusão se mesclavam ao pensamento e à expressão artística. O bem e o mal ganham imagens e memórias de ciência, que comportam dragões nas cordilheiras dos Alpes, fazendo revitalizar e circular algumas das tradições mais antigas.

Temos no diálogo com estas histórias e com estes historiadores algumas de nossas mais importantes idéias e reflexões. No seu interior encontramos uma natureza que surge na paisagem, nas viagens, na produção da história e da geografia brasileiras do século XIX. A natureza que surge nas idéias de homens

⁸ CORBIN, A. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 296.

⁹ Descreve estes conflitos trazendo experiências limites, por exemplo: a “floresta que os cobre torna o ar sufocante, porém o sol lhes queima a nuca e os pulsos, marcando-os como se tivessem passado pelo martírio da grelha.” In: SCHAMA, S. Paisagem e memória. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 317.

mais distantes que são tipografadas nas páginas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Uma natureza que não escapou à historiografia brasileira contemporânea; muitas vezes como uma descrição do palco de atuação para o homem ou meio geográfico constituinte da própria história. Sérgio Buarque de Holanda, na primeira linha do pensamento historiográfico, advoga o estranhamento e a adversidade que as condições naturais impunham à implantação da cultura européia: a idéia de fronteira européia surge no próprio nome do capítulo da obra *Raízes do Brasil*. Civilização de raízes rurais, a propósito, civilização da monocultura escravocrata. A transformação da natureza em utilidade e riqueza, o domínio sobre o clima, os rios, o regime das águas e a adversidade permitiram a civilização exercer seu poder através do conhecimento. Surgem os bacharéis e as ciências, que nos levam irremediavelmente às reflexões de Lilia Moritz Schwarcz, Iara Lis Carvalho Souza, José Augusto Pádua e o próprio Warren Dean¹⁰. Surgem as idéias de industriabilidade do homem, idéias embaladas pelo progresso e pela modernidade que exigiam ultrapassar os “obstáculos naturais” e transformar a natureza em meio, em riqueza, em madeira, em plantações e pastos. Era preciso abrir os campos e dominar os caminhos e isto, para o historiador das coisas banais, Daniel Roche, encontrava-se na tripla dependência entre a natureza, a tecnologia e o

¹⁰ Pensamentos estudados nas obras a seguir referenciadas: SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista* SOUZA, I L. C. *Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo (1780-1831)*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1999; e finalmente DEAN, W. *A ferro e a fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2002.

modelo de civilização, que fizeram controlar as águas, e também envenenar ou mesmo desativar os lençóis aquíferos¹¹.

Com uma impressionante variedade de temas e temporalidades, a natureza, em nossa historiografia, vai seguir a história social, a história da ciência, a história ambiental, a história cultural e, certamente, a história das idéias. Não podemos deixar de reconhecer as influências dos debates realizados nos Encontros Internacionais “História e Meio Ambiente” (Madeira, 1999; Santiago do Chile, 2003), que permitiram perceber uma infinidade de possíveis caminhos de análise, as mais diferentes construções de um universo de investigação.

Olhares diferentes, próximos e distantes. Com uma impressionante variedade de recortes possíveis, inscreveríamos este trabalho entre aqueles que buscam um universo de idéias sobre a natureza, intelectual, mas ao mesmo tempo imensamente humano, crivado de paixões e medos, oficial e imensamente devotado à história.

Não os abalos sísmicos, os vulcões, os furacões, e nem mesmo as experiências dos homens com tais fenômenos. A natureza será acessada através de outros olhares, olhares aguçados na tradição científica da experimentação, compilados por outros olhares, que os publica armando novas configurações. Assim, aqui, através das Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro –

¹¹ ROCHE, D. História das coisas banais. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: ROCCO, 2000. p. 206. Também nele podemos ler: “Como o fogo, a água é inseparável das representações que estão enraizadas há milênios na força simbólica dos elementos. A água acompanhou a vida dos homens nas sociedades pré-industriais e tradicionais, do nascimento até a morte, do batismo aos rituais funerários; as mulheres eram suas intérpretes...” p. 187/188.

R. IHGB, analisaremos inúmeras memórias e artigos que versam sobre as mais diversas temáticas ligadas à idéia de natureza.

Tais idéias inauguravam a história e a geografia nacional, criando imagens de um Brasil que se encontrava abaixo dos grandes interesses políticos do Segundo Império. Neste sentido, a natureza é vista pelo viés do utilitarismo científico, bem como os homens, as sociedades e a própria ciência.

Mas o século da história foi, no Brasil, um século romântico, em que a natureza é vista em sua exuberância e beleza. O Instituto Histórico e a sua revista já foram objeto da atenção de historiadores como Arno Wehling, Luis Salgado Guimarães e Lúcia Maria Paschoal Guimarães¹² e, também ancorados nesses trabalhos, lançamos um olhar a história. Aqui a idéia do passado e o espírito colecionador dos historiadores, geógrafos e naturalistas do Instituto no século XIX nos remetem aos caminhos dos sertões, onde a observação da natureza se pretendia objetiva e a história se pretendia imparcial.

Em reunião do dia 09 de dezembro de 1847, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro discutiu e aprovou a proposta do senhor Freire Allemão¹³

¹² WEHLING, A. Estado, história, memória: Varnhagem e a construção da identidade nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994; de GUIMARÃES, L. M. P. Um olhar sobre o continente: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Congresso internacional de história da América. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 20, 1997; e mais recentemente os trabalhos de GUIMARÃES, M. L. S. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. In: Revista Topoi, Rio de Janeiro, dez/2002, e Para reescrever o passado como história: o IHGB e a sociedade dos Antiquários do Norte. In: HEIZER, A. & VIDEIRA, A. A. P. Ciência, Civilização e Império nos Trópicos. Rio de Janeiro: Access, 2001; e SANCHEZ, E. C. T. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX. Unicamp, Campinas/SP, 2003. (dissertação de mestrado).

¹³ Francisco Freire Allemão de Cisneros (1797-1874) Lente da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, médico da Imperial Câmara, diretor do Museu Nacional, chefiou a expedição científica do

que consistia em haver no Instituto “uma arca fechada com duas chaves, uma das quaes guardava o Exm. Presidente do mesmo Instituto e outra o Exm. Ministro do Império, o diretor do Archivo Público Nacional, para que nella se conservem debaixo de sigillo as noticias históricas contemporâneas que alguém queira enviar ao mesmo Instituto, noticias que virão lacradas em cartas e só serão abertas no tempo que seu autor o determinar.”¹⁴

Podemos ver, além da preocupação com os segredos de Estado, tão próprios das monarquias absolutas e dos impérios hereditários, a armação de uma história que só tem sentido na relação direta com a sua antiguidade, com o distanciamento que lhe confere um estatuto de verdade e de ciência. Sobretudo, percebe-se o olhar e a mão que selecionam o que se deve ou não lembrar, e é este movimento das idéias que delimita a história que aqui contamos. Que verdades e segredos tal caixa guardaria?

Aqui perguntaríamos que discursos de verdade? Que mundos desvelados? Que desejos de poder estariam contidos, não apenas dentro da caixa, mas, sobretudo, no público vão entre as linhas de um diário de viagem ou de uma ata acadêmica publicada?

Queremos aqui perceber alguns dos mais belos espetáculos da natureza, espetáculos trágicos e violentos que nos podem tocar, quando ficamos a imaginar toda a natureza que o engenho humano em sua fúria e ciência fez há muito desaparecer. Na história que pretendemos contar, as paixões e a

natureza

Ceará entre 1859/61 onde preparou um herbário de 20.000 espécies de plantas. Possui uma vasta obra. In: DICIONÁRIO Biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol 5. 1996. p. 61.

¹⁴ Ao citar os documentos dos séculos XVIII e XIX optamos por utilizar a grafia original encontrada na documentação, reproduzindo os trechos literalmente.

apresentam-se em diversos matizes na própria escrita da história e do hábito acadêmico da leitura, do registro, da produção e da publicação oitocentista.

No ano de 1844, Manoel Ferreira Lagos¹⁵, segundo secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, instituição oficial da história e da geografia nos tempos do império brasileiro, em seu *Relatório dos trabalhos do Instituto no sexto anno académico*, lembra, com entusiasmo, as descobertas dos primeiros habitantes do Brasil, quando ainda “os primeiros raios da história não tinham ainda apontado no horizonte do velho mundo”, ressurreição da idéia da Atlântida de Platão, confirmando Bertrand - “a tênue camada de vida que floresce na superfície do globo somente encobre ruínas”. Ancorado em De Pawm, Lagos afirma: “da Antiga América apenas resta o céu, a terra e a lembrança de suas espantosas calamidades”. Lembranças das histórias mais antigas, publicadas no interior de um pensamento que se construía oficialmente no Império, deixariam as mais “recentes histórias”, cuidadosamente escolhidas, para a posteridade. A distância confere, para o pensamento erudito da história oitocentista, uma maior confiabilidade. Mas quais seriam as distâncias mais adequadas, o quão longe o estudioso precisaria chegar?

É preciso levar em conta que tais distâncias podem ocorrer no tempo, como na ancoragem de Lagos, em que as citações de homens antigos e modernos ganham linhas e mais linhas de um relatório, mas também ocorreram nos espaços atravessando os caminhos das viagens, marcando as experiências com o

¹⁵ Manoel Ferreira Lagos (1861-1871) “Estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sem obter o grau de doutor, por não ter sustentado a tese”. Primeiro Oficial de Secretaria de Estado de negócios estrangeiros, bibliotecário e diretor do Museu Nacional, participou da Missão científica de exploração ao norte do Brasil, foi da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de Cristo e sócio efetivo do IHGB ocupou os cargos de primeiro e segundo secretário, redator da Revista e vice-presidente do Instituto. In: DICIONÁRIO Biobibliográfico. Op. cit. Vol 5. p. 65/66.

desconhecido e com o esperado, revelando conquistas. Rememorando Paolo Rossi, poderemos ver os naufrágios¹⁶ que aqui atingiram alguns destes indivíduos letrados do Império no Brasil. Caminhos que nos levam a ambientes raros e perigosos, que nos fazem deparar com idéias de animais e vegetais e que aproximam a natureza da construção da história. Outrossim, perceberemos idéias que em sua recorrência apontam os caminhos de muitos mundos também passados.

Voltamos à distância no tempo, no resgate dos passados em uma instituição de história, e debruçamos-nos sobre o século XIX, que, por sua vez resgata as viagens suas e as do século XVIII e que seleciona e recupera algumas histórias.

As distâncias eram delimitadas por algumas normatizações bastante claras realizadas por um conjunto de documentos sobre a história, uma história pátria, gloriosa, que inventariasse a riqueza do reino, suas populações e potencialidades para o futuro. As distâncias temporais aí se tecem entre um sonho de futuro e uma idéia de passado que deseja atrelar o sonho a uma realidade presente e por vezes desencantadora.

As relações de distância estão desta forma presentes na erudição da história e nas lembranças das viagens, mas certamente também se encontram na experiência com o mundo da natureza.

A natureza em tudo era distância para estes homens, já que infundia obstáculos ao processo da civilização. São inúmeros os relatos que discutem a

¹⁶ ROSSI. P. Naufrágios sem espectador. Tradução de Álvaro Lourencini. São Paulo: Editora da Unesp, 2000. p. 25.

natureza nas revistas do IHGB, desde os mais remotos tempos, muito anteriores à colonização, passando pelos tempos da própria colonização, com a publicação de Manoel da Nóbrega, José de Anchieta, Pero Magalhães Gandavo e mesmo de tempos mais recentes, dos primeiros escritos científicos e acadêmicos, como os resultados das viagens filosóficas iluministas do século XVIII, chegando mesmo aos relatos da natureza e das viagens oitocentistas, suas contemporâneas. É intensa a publicação de literatura de viagens nas revistas do Instituto Histórico ao longo do século XIX. Parte paixão pela natureza, parte paixão pelo documento, o movimento de resgate de manuscritos e publicação de relatos e outros documentos dos séculos anteriores buscava fundar uma história destas terras, que, ao longo do XIX, formaram um Império. Era a história oficial de um estado que se queria moderno, letrado, científico e orgulhoso de seu passado, delimitado nas suas fronteiras e aberto às ilimitadas possibilidades de futuro.

Cheio de pistas dos seus limites, estes documentos são rearranjados, inaugurando novas discursividades. No interior destas discursividades, encontramos outras e entre elas selecionamos os relatos de viagem que foram escritos particularmente no século XVIII. Se escritos dentro de uma lógica colonial e ordenação estratégica portuguesa, muitos destes documentos serviram em sua posteridade a uma publicação histórico-geográfica e à outra lógica, brasileira, elitista e romântica, segundo a qual a natureza transformada era vista, segundo Márcia Regina Capelari Naxara, como obra de arte¹⁷.

¹⁷ NAXARA, M. R. C. Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004. p. 173.

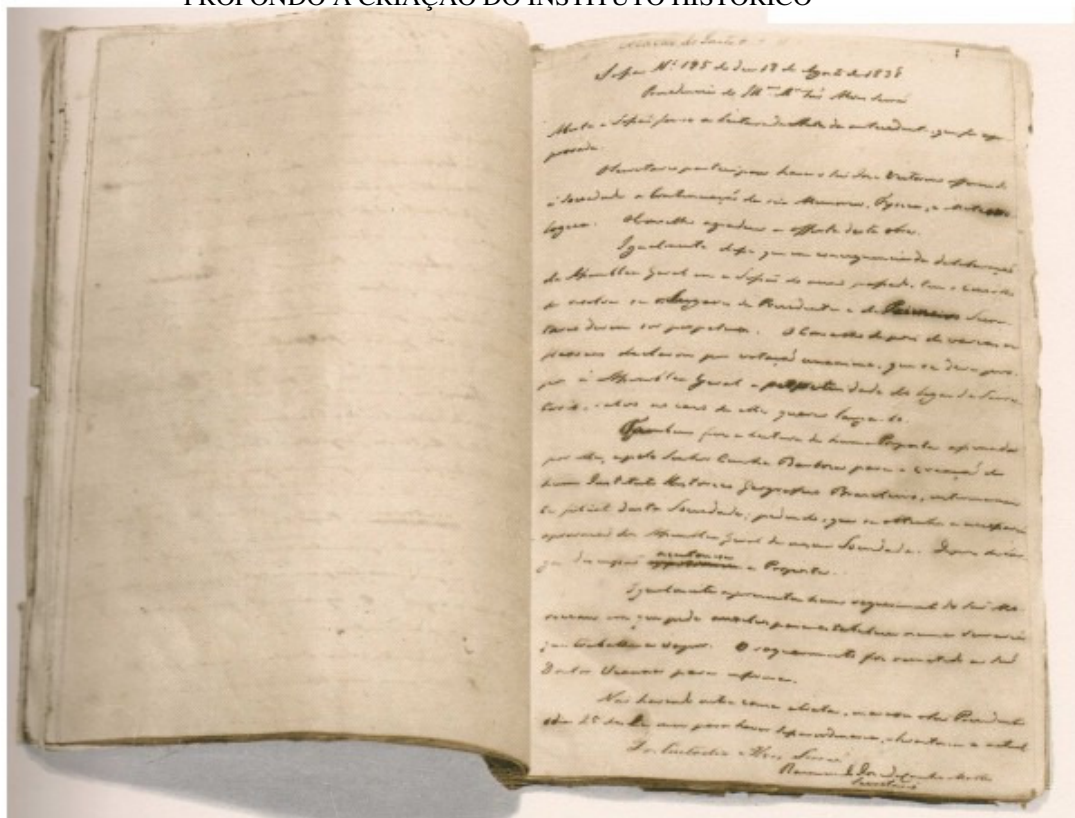
Natureza, identidade, estado e homem são redefinidos nos processos de uma história que se faz nacional no século XIX. Arno Wehling atesta que Varnhagen, na sua recusa ao indianismo, do romantismo brasileiro, resgata o passado colonial à procura da tradição para a consolidação do Estado. Assim, busca a origem do provincialismo, em que os interesses locais seriam mais importantes que os nacionais, também poderíamos entender que era na composição das histórias locais e na sua justaposição que se fundariam os idéias nacionais. Em meio a mundos diferentes, o homem do XIX encontra os artefatos necessários para construir uma determinada memória. A obra de arte, em seu papel pedagógico, a identificação de lugares emblemáticos, a valorização do espaço e das dificuldades para dominá-lo, a exaltação de feitos, a valorização de símbolos e a tática do esquecimento são, para Wehling, alguns dos procedimentos utilizados por Varnhagen, justapondo “o método inspirado no historicismo romântico-erudito e a ideologia”¹⁸.

As delimitações dos campos de pesquisa, quanto à história, tempo e lugar, levam a perder de vista experiências comuns e processos similares, mesmo dentro de realidades díspares. Aqui, as delimitações caminham nas discontinuidades, tanto do tempo quanto do espaço. Importam-nos os caminhos que os relatos e as idéias de natureza trilhar, as sociedades que os permitem existir e as sociedades que os permitem lembrar.

Assim, este trabalho se dedicará a investigar a natureza dentro do mundo das idéias e, para este fim, o dividiremos em duas partes: I. A construção da História e II. A busca da razão.

¹⁸ WEHLING, A. Estado, história, memória. op. cit. P. 74.

ILUSTRAÇÃO 1 - ATA DA SOCIEDADE AUXILIADORA NACIONAL
PROPONDO A CRIAÇÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO



Fonte: Orig. 1 p. de texto. 31,5 x 21,5 cm in: INSTITUTO Histórico e Geográfico Brasileiro, 150 anos. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990. p. 21

Na primeira parte, estudaremos como se engendram os sentimentos na escrita da história: quais as principais idéias do século XIX que tocam os historiadores brasileiros do Império? Quais os sentidos que estas idéias ganham, como se traduzem em discursos e narrativas, que instituições os abrigam, que homens os produzem?

Dividida em três capítulos, esta primeira parte quer preparar o leitor para realizar uma viagem na história. Tal como os viajantes de outrora, devemos

preparar todos os elementos de nossa viagem, os suprimentos necessários à longa estada em terras desconhecidas, os equipamentos necessários à observação exigida, o caderno de notas e os livros de apoio, os instrumentos de localização e medida. Tencionando perceber quais os saberes da sociedade da corte tropical para a qual nos encaminhamos e como estes mesmos saberes circulam.

Para tanto, o 1º capítulo - **História, viagem e narrativa** - versará sobre as experiências e os sentidos de uma modernidade tropical que, através das imagens possibilitadas pelas viagens romântica e filosófica e pelo processo de citação e referenciação realizado nas publicações e republicações de uma revista de história, se deixa entrever. No 2º capítulo - **Natureza, instituições e idéias correspondentes** - os discursos produzidos na revista e nas reuniões realizadas por estes historiadores nos darão a dimensão de uma prática da história como monumento e como documento, que é em si fragmentada e por isto mesmo permite a formação de coleções. O colecionar, prática típica do século XIX, será objeto do 3º capítulo - **Fragmentos e coleções: dos saberes e sua circulação** - onde as correspondências de idéias nos levam a estabelecer um quadro, buscando para além das informações biográficas as linhas e palavras que ligam os indivíduos.

Assim, de posse de bússolas e astrolábios de Foucault, de embarcações e alimentos e de outros equipamentos fornecidos pela historiografia, poderemos entrar no mundo visto e legado pelos homens através dos seus textos. A curiosidade e as leituras das ciências vão deixar à mostra os mundos de idéias por eles produzidos. Dessa forma na segunda parte, composta do 4º e do 5º capítulos,

respectivamente Inventários da Natureza e Inventários de Musas, perceberemos os animais, os vegetais e os minerais destes outros mundos, relatos das mais diversas idéias e experiências, inventários que levam os homens do século XIX aos mais remotos passados. Que imagens estes homens compunham das suas seguras cadeiras dentro de um salão imperial no Rio de Janeiro?

Estudando as publicações de viagens do IHGB, encontramos duas experiências que apontam para a intensa circulação de idéias e informações, o viajar do filósofo natural e o viajar do cientista romântico. São estas experiências, que descrevem a sua moda, a natureza que os homens percebem. Ao longo destes dois últimos capítulos, desejamos trazer esta natureza passada e, na maioria dos casos, desaparecida. Aprendemos em Herder a modernidade do seu questionamento: “quem conhece a história posterior não experimentará de vez em quando sérias dúvidas?”¹⁹

A natureza que será revisitada nos muitos atos do pensamento do século XIX, está situada entre a fragmentação e as posteridades. Deparamo-nos com a construção de uma história, que através de paixões e medos, de curiosidade, de delírios e de pensamento científico faz notar o meio natural.

¹⁹ HERDER, J. G. Também uma filosofia da história para a formação da humanidade (1774). Tradução de José M. Justo. Lisboa: Edições Antígona, 1995. P. 121.

Parte 1

A CONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA

paixão e medo



ILUSTRAÇÃO 2 – MATA REDUZIDA A CARVÃO DE FÉLIX ÉMILE TAUNAY. Óleo sobre tela, 134x195 cm. Museu Nacional do Rio de Janeiro. In: BELLUZZO, A. M. de M. O Brasil dos viajantes. Objetiva, Metalivros. p. 170.

1. HISTÓRIA, VIAGEM E NARRATIVA: DAS EXPERIÊNCIAS E DOS SENTIDOS

Ó razão, onde habitas? ... na morada
 Do crime furiosa,
 Pálida, mas cruel, paramentada
 Com as roupas de vicio; ou na ditosa
 Cabana virtuosa
 Da selvagem grosseira? ... Dize... aonde?
 Eu te chamo, ó philosopho responde.
 ...
 De tresdobrado bronze tinha o peito
 Aquelle ímpio tyranno
 Que primeiro, enrugando o torvo aspecto,
 Do meu e teu o grito deshumano
 Fez soar em seu donno:
 Tremem à socegada Natureza,
 Ao ver d'este mortal a louca empresa.
 ...
 Cobram-se as virtudes
 Com as vestes da noite; e o lindo canto
 Das Musas se trocou em triste pranto.
 E desde então só rudes
 Engenhos cantou o feliz malvado,
 Que nos roubou o primitivo estado.²⁰

Escrita em 1784, esta poesia é publicada no segundo volume da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, em 1840, que possui muitas publicações posteriores. Em nota, o redator conta que esta poesia nasceu de uma conversação, após a leitura que fez de Rousseau sobre a origem das desigualdades. Rudes engenhos, louca empresa, roubo do primitivo, fazer tremer a natureza: imagens que nos trazem o primeiro de muitos lampejos desta história da relação indivíduos x natureza. Uma natureza sentida e descrita, que em Rousseau, faz os homens ordenarem os animais e bestas, que os obedecem. Instinto, paixões, virtudes, sentidos e experiências desfilam em seu texto. A leitura

²⁰ JUÍZO de obras e outros... Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo II, 1840 – 2.^a Ed., 1858. p. 136.

de Rousseau quer ensinar que todos os males do homem estão associados ao estado da civilização. Podemos observar:

A extrema desigualdade na maneira de viver; o excesso de ociosidade de uns; o excesso do trabalho de outros, a facilidade de irritar ou satisfazer nossos apetites e nossa sensualidade; os alimentos muito rebuscados dos ricos, que os nutrem com sucos abrasadores e que determinam tantas indigestões,... as vigílias, os excessos de toda a parte; os transportes imoderados de todas as paixões; as fadigas e o esgotamento do espírito, as tristezas e os trabalhos sem número pelos quais se passa em todos os estados e pelos quais as almas são perpetuamente corroidas – são, todos, indícios funestos de que a maioria dos nossos males é obra nossa e que teríamos evitado quase todos se tivéssemos conservado a maneira simples, uniforme e solitária de viver prescrita pela natureza.²¹

A natureza aí é mais que meio natural, é a própria ordem das coisas, a moral da sociedade. Pensamentos filosóficos, idéias românticas? A poesia em si nos traz referências, o poeta lê Rousseau, mas a questão que se faz aqui é - quem permite ler o poeta? A Comissão de Estatutos e Redação da revista era presidida, no ano de publicação da poesia, pelo seu fundador, Januário da Cunha Barbosa²², acompanhado de mais dois membros. Não foi possível saber qual deles escolheu citar Rousseau, mas é possível dizer que todos estiveram envolvidos na autorização desta publicação.

A natureza era então referenciada no templo da história oitocentista brasileira, como ordem das coisas e como meio natural, atravessando várias camadas do pensamento daquele e de outros séculos.

²¹ ROUSSEAU, J. J. Discurso sobre a origem da desigualdade e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Coleção Os Pensadores. Vol. XXIV. Porto Alegre: Editor Victor Civita, 1973. p. 247.

²² “Além de pregador, Cunha Barbosa, membro do Grande Oriente do Brasil, foi jornalista e político dos mais atuantes”. Fez Campanha para a independência e desentendeu-se com os irmãos Andrada por colocar-se ao lado de Gonçalves Ledo, o que lhe rendeu prisão e um ano de exílio em Paris. Diretor da Tipografia Nacional e deputado no Rio de Janeiro em 1826. Fundador do IHGB, a ele dedicou-se por toda a vida. Historiador do Império, também foi diretor da Biblioteca Nacional e sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai. In: DICIONÁRIO Biobibliográfico. Op. cit. Vol. 6. p. 27/28.

Interessante é perceber que, ao lado da publicação da poesia de Rousseau, a comissão de geografia sugere que a obra *Notícia Descritiva do Rio Grande de São Pedro*, seja guardada na Biblioteca, afirmando que sua leitura deve-se realizar apenas como fonte de divertimento. Este divertimento é, nas palavras do relator, causado pelo seu “estilo impróprio, empalado e esquisito”, utilizado para descrever a natureza observada em uma viagem.

O que seria este estilo que a comissão composta por José Silvestre Rebello²³ e pelo Dr. Lino Antonio Rabello criticavam de forma dura? Vejamos:

Em quanto ao impróprio, empalado e exquisto estilo do author, a comissão para prova já citou vários pedaços, e lembra mais os seguintes: - se chegar por mar (refere-se ao viajante) a primeira impressão será penosa; sentirá o coração oprimido, e a imaginação entristecida pelo expetáculo daquellas áreas deslavadas, que confundem suas tintas monótonas com a cor branquecente das águas e do céu; ... – A comissão tem lido os céos designadas como azulados, e os mares como cerúleos; mas é esta a primeira vez que leu aos dons appelidados branquecentes, palavra que também não achou nos seus Diccionarios, como a escreve o author.²⁴

Guardadas todas as diferenças existentes entre uma poesia e um parecer sobre uma obra, a temática da natureza e a da sua descrição estavam presentes nestes e em muitos momentos da vida da publicação. Que experiências e idéias podemos observar através delas?

A comissão de geografia teve intensos trabalhos no ano de 1840. Vários foram os manuscritos oferecidos para o IHGB e repassados para esta comissão, bem como para as outras, para que emitissem seus pareceres. Depois de lidos, esses eram devidamente lavrados nas atas dos encontros como tema tratado ou a

²³ José Silvestre Rebello (?-1844) Liberal português que depois da Independência ligou-se à causa brasileira. Nomeado ministro plenipotenciário na Colômbia, não assumiu o cargo. Em 1828 aqui no Brasil aproximou-se da Sociedade Auxiliadora Nacional “sob cujos auspícios foi fundado em 1838 o IHGB.” Foi ainda autor de várias obras e sócio fundador do Instituto Histórico do Uruguai em 1843. DICCIONÁRIO Biobibliográfico. Op. cit. Vol. 6. p. 40.

²⁴ JUÍZO de obras e outros, 1840. Op. cit. p.104/ 105.

tratar. Aqui nos debruçaremos sobre o estudo de 335 atas de reuniões ordinárias, aniversárias ou eleitorais do IHGB, 6 diários e 9 memórias de viagens pelo interior do Brasil, 6 relatórios produzidos para os trabalhos no IHGB, 3 documentos sobre a escrita da história e outras publicações sobre animais, minerais e vegetais, entre o período de 1839 e 1879²⁵.

Os juízos de obras, como são chamados, eram lidos nas sessões do Instituto, que assombravam por sua regularidade, como pudemos observar no levantamento nos Extratos de atas publicados na Revista do IHGB, disponível na Biblioteca do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná. Para além dos pareceres propriamente ditos, podemos perceber o funcionamento do IHGB e mais propriamente as idéias, os sentidos e as experiências relatadas e impressas. Trabalharemos aqui, substancialmente, com escritos organizados e publicados, deixando ver os interesses e sentimentos que os envolveram, e algumas das temáticas abordadas na Revista em sua diversidade e regularidade.

Portanto, era regular na vida do Instituto o “mandar copiar documentos” nos arquivos de Lisboa, Copenhagem, Paris ou Londres, sem falar nos arquivos das províncias, ricos em documentação local. Era regular o desejo por certos tipos de documentos. Ainda no ano de 1840, o sócio Desembargador Rodrigo de Souza da

²⁵ Temos aqui que explicitar nosso recorte temporal: inclinamo-nos sobre documentos de viagens e de história datados no século XIX publicados na cidade do Rio de Janeiro, de 1839 até os anos de 1885, 1891 e 1896. No interior deste período temos a leitura das atas do IHGB em toda a sua continuidade, marcando os anos entre 1839 e 1979. Quer ao longo destes primeiros 40 anos, quer nas publicações posteriores a isto até o fim do século XIX, as viagens e a natureza, os caminhos, rios e cachoeiras surgem em idéias, surgem nos relatos e relatórios, surgem nas atas. Também é preciso notar que há uma publicação posterior deste tipo de documentos de viagem ao longo do século XX, mas aqui não chegaremos tão distante. Queremos dialogar com um movimento que torna os períodos um pouco fluidos, um movimento de idéias que circulam.

Silva Pontes²⁶, da Comissão de História, propõe que se encarregue o Instituto de obter documentos relativos à História do Brasil:

...proponho que por intermédio de pessoa encarregada de obter os documentos relativos á História e Geographia do Brasil, existentes em Portugal, se procure alcançar cópia da Carta da Costa, e enseada da Bahia, levantada em 1799 pelo Dr. Antonio Pires da Silva Pontes, assim como cópia de toda a correspondência official do mesmo, durante a sua residencia na cidade de Salvador naquelle dito anno.²⁷

Era a experiência da produção da história. Descrições, mapas, documentos de viagens eram, os documentos preferidos daqueles homens que escreviam a história pátria, imperial e oficial e também a geografia nacional ao longo do século XIX. Para escrever esta história, faziam circular, intensamente, manuscritos e obras pelas salas do Instituto; sócios correspondentes enviavam suas obras ou as obras de outros, ou ainda enviavam as obras que copiavam ou que mandavam copiar. Homens²⁸ ilustres passavam a compor uma imensa rede de indivíduos, que se aproximavam através da instituição que representavam e das idéias que produziam ou que apenas divulgavam. Esperava-se que estas obras

²⁶ Rodrigo de Souza da Silva Pontes (1799-1855) Bacharel em Leis pela a Universidade de Coimbra, foi ouvidor das comarcas de Alagoas e de São Pedro do Rio Grande, juiz de fora e de direito em Pardo, sendo eleito deputado na 1ª Assembléia da província do Rio Grande do Sul. Nomeado presidente da província do Pará e dela deputado. Em 1845 foi enviado para Buenos Aires como ministro plenipotenciário, onde se envolveu em protestos contra o Uruguai.

DICIONÁRIO Biobibliográfico. Op. cit. Vol. 6. p. 39.

²⁷ ATA de 25 de Janeiro de 1840. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo II. 1840. p. 145.

²⁸ É essencial considerar que a utilização do vocábulo *homem* está aqui ligada a um limite da própria documentação. São raras as mulheres nos quadros do IHGB e quando elas aparecem são tratadas no papel de esposas, viúvas e irmãs de alguém e não inseridas nos quadros da história ou das viagens, ocupando um lugar de parcela da humanidade que não estava presente ou que ficou silenciada. Temos que constatar que no interior da documentação analisada, o termo refere-se à humanidade e por vezes é o homem indivíduo, mas é o homem de ciência e de viagens no interior de uma sociedade patriarcal e masculina que aparece aqui. São os doutores do Segundo Império que assinam os papéis. Neste sentido desejamos nos aproximar da idéia de ser humano, mas devemos respeitar os limites postos por aqueles que falaram. A questão de gênero que está colocada no escrever a história contemporaneamente nos levaria a fazer outras perguntas aos documentos. Uma outra história seria contada. Esta preocupação nos levou a utilizar os termos indivíduo, cientista, humanidade para nomear estes *homens*.

derramassem luzes sobre o desconhecido dos territórios incultos do Brasil, como expressou o correspondente Sr. Manoel José Pires da Silva Pontes²⁹, quando escreve ao IHGB, enviando os extratos de suas viagens das províncias de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia. Tão bem foram recebidos na instituição da história, que na ata de 25 de abril, o Instituto deliberou sobre o agradecimento ao autor, atestando o prazer que a leitura da carta causou em seus membros.

O prazer que acompanha a lembrança e a leitura dos relatos de viagens e outros documentos é também o prazer do cumprimento dos rituais de uma agremiação acadêmica. É o prazer da elite intelectual em citar a si mesma e citar aqueles com quem estabelece laços de continuidade e referência.

Escrever uma história e produzir documentos foi o maior desejo do IHGB. Preocupação que se explicita com o espaço reservado para este tipo documental, em todos os volumes de sua Revista. A publicação de manuscritos e documentos em sua íntegra marca as páginas onde podemos buscar a natureza: diários e memórias de viagens, relatórios de engenheiros e naturalistas, cartas oficiais da coroa e das províncias do Império, mapas celestes ou terrestres. A escrita da história é marcada intensamente pelas idéias de natureza grandiosa e de uma nação, que era, ao mesmo tempo, espaço e riqueza do Império.

No sentido

herderiano, cada nação traria em si o centro de sua felicidade. Herder preconizava que seu tempo e lugar eram “o ponto mais alto da árvore, ondulante aos ventos

²⁹ Manoel José Pires da Silva Pontes era guarda-mor das Minas e proprietário de fazendas em Minas Gerais. Foi presidente da província do Espírito Santo entre 1832 e 1835 e deputado provincial em Minas Gerais. DICIONÁRIO Biobibliográfico. Op. cit. Vol. 6. p. 131.

celestiais!”³⁰. Seria esta a inspiração do império brasileiro? Uma grande nação, uma grande árvore, uma grande história: eram estas as suas vontades.

Grandes histórias eram o que o IHGB pretendia contar. Heróis e nomes ilustres, experiências e paisagens imperiais. Saudava-se o passado para nele sustentar alguma grandiosidade e força. Com a escrita da história de seu tempo, o IHGB desejava fazer amar os antepassados e compreender esta divindade do mundo moderno. De modo similar Jacques Le Goff ao apresentar o vocábulo História³¹ indica sua utilidade pedagógica. Esta era a lição e o gosto que os oitocentos traziam da antiguidade – “o interesse pelo passado e o dom de lembrá-lo”³². Neste sentido, ainda podemos citar Herder, que nos presentearia com uma bela imagem do entendimento do indivíduo dos oitocentos e em 1774 alertava:

se és cidadão do Planeta, e já não cidadão de Atenas, é natural que te falte a perspectiva daquilo que em Atenas deverias levar a cabo, o sentimento convicto daquilo que fazias, a alegria de teres conseguido o que fizeste ... Mas vê bem! Se agires como Sócrates, se te opuseres com toda a humildade aos preconceitos, se espalhares a verdade e a virtude com sinceridade, por amor dos homens e com sacrifício da tua pessoa, como de facto és capaz, talvez o âmbito da esfera em que te moves venha a ultrapassar a indefinição e as limitações que marcaram o teu ponto de partida! Dos teus leitores, uma centena não te entenderá, uma centena há-de bocejar, uma centena desprezar-te-á, uma centena blasfemar, uma centena preferirá os atractivos da serpente do hábito e ficará exactamente como é... Mas repara que talvez possa sobrar ainda uma centena em que as tuas palavras dêem frutos... E quando há muito tiveres apodrecido, haverá uma posteridade capaz de te ler e de melhor te aplicar. A tua Atenas é o mundo inteiro e toda a posteridade! Fala, pois!³³

³⁰ HERDER, J. G. Também uma filosofia da história para a formação da humanidade (1774). Tradução de José M. Justo. Lisboa: Edições Antígona, 1995. p. 42.

³¹ ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Vol 1. Memória – História. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 196.

³² MOMIGLIANO, A. As raízes clássicas da historiografia moderna. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru, SP: Edusc, 2004. p. 55.

³³ Op. cit. HERDER, J. G. p 106/107.

Encontramos muito deste desejo nos discursos produzidos no IHGB. Em cada sessão do IHGB, em cada artigo publicado, era este o desejo do conjunto de seus participantes: inventariar o passado e a natureza no Brasil com verdade e virtude, como se dizia à época. Desta forma o desejo vai fundamentar a construção da história e delimitar a opção dos documentos selecionados para compor a impressão da Revista. Percorremos o caminho partindo do produto final, a própria revista, para buscar os sentidos e as experiências dos indivíduos com a história e sua construção a partir de duas temáticas essenciais que se entrecruzam: a natureza e o passado.

Como uma história pedagógica, o exercício de exaltação é uma constante, como subsídio à política, ao mapeamento e ao referendar as ações do monarca. Tal história era a única possibilidade de existência à sombra do Imperador. Emoção e racionalidade constituíam esta concepção romântica que envolvia os homens e os fazia encontrar em seus passados jóias raras, que poderiam sustentar o seu presente – o século XIX.

Em 1844, afirma-se em ata que não há para a História, documento que se deva desprezar, mesmo que este seja insignificante. Lembrava que tudo era sempre parte de alguma coleção³⁴. As Luzes acompanhavam este pensamento, tanto quanto acompanhavam o presentear da obra de Tocqueville – *Da democracia na América*³⁵, que o IHGB muito agradecia. Tocqueville analisou e descreveu os indivíduos, sua moral e seus hábitos, suas produções e suas idéias, a honra, o puritanismo, a crença na democracia, a importância das leis, a

³⁴ ATA de 20 de junho de 1844 . Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VI, 1844. p. 265.

³⁵ ATA de 10 de outubro de 1844. Ibid. p. 507.

instituição política republicana. A crença na perfectibilidade indefinível do homem influi na idéia de igualdade, afirmou Tocqueville, sendo um traço peculiar que diferenciava os seres humanos dos animais³⁶ e que permitiu aos primeiros levantarem monumentos. Que leitura se faria no IHGB desta obra?

Na impossibilidade de resolver esta questão, buscamos as pistas de algumas idéias, o que sempre é um convite ao exercício da história.

No Relatório dos trabalhos, publicado no terceiro tomo da revista, em 1841, o secretário perpétuo do Instituto, Januário da Cunha Barbosa, afirma:

Em historia, Srs., os vestígios conduzem a conjecturas, que subindo pelos grãos da probabilidade, muitas vezes se aproximam de factos, que o tempo tem coberto com o seu pesado manto. Um acaso levanta a ponta deste manto, e então os acontecimentos, que rapidamente se succederam, vagando como náos, que apenas deixam ver as marcas de sua viagem na limitada esteira de sua pôpa, apparecem aos olhos do curioso observador como raios de luz que os encaminham mais seguros por entre a obscuridade dos priscos tempos.³⁷

As Luzes, aos poucos, se difundiriam, afirmava Tocqueville, e a paixão despertada no homem pela igualdade seria enérgica e geral³⁸. Aqui encontramos uma possibilidade de entendimento, uma possibilidade de leitura. Diante disso percebemos a escrita da história nesta produção de uma instituição que traz a experiência e o exercício da erudição do inventário, a sensação de fazer uma coleção do passado e sobre ele deitar raios de luz. Um tempo no qual

se

³⁶ TOCQUEVILLE, A. de. *Da democracia na América*. Tradução de José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988. p. 196. É notável e mesmo sublime a sua leitura do mundo. Observemos: “Embora a vasta região que acabo de descrever fosse habitada por numerosas tribos indígenas, pode-se dizer com justiça que, à época do descobrimento, ela não passava de um deserto. Os índios ocupavam-na mas não a possuíam. É pela agricultura que o homem se apropria do solo, os primeiros habitantes da América do Norte viviam do produto da caça. Seus implacáveis preconceitos, as paixões indomadas, os vícios e, talvez ainda mais, suas virtudes selvagens os condenavam a uma destruição inevitável.” P. 33.

³⁷ RELATÓRIO dos trabalhos do Instituto durante o terceiro anno social, Pelo secretario perpétuo o Sr. Cônego Januário da Cunha Barbosa. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo III, 1841. P. 526.

³⁸ TOCQUEVILLE, A. op. cit. p. 231.

pretendia construir um passado honroso, repleto de grandes nomes, grandes descobertas e uma surpreendente natureza.

Nos primeiros anos do IHGB, os primeiros cronistas do Brasil, padre Anchieta e padre Manoel da Nóbrega, Pero Magalhães Gandavo, Gabriel Soares de Souza, seus escritos, suas cartas, suas vidas ganham as páginas da publicação trimensal, trazendo de um remoto passado as marcas de uma fundação da história. As expedições de demarcação de fronteiras, na tradição das viagens do século XVIII, também são marcas da Revista de que por ora nos aproximamos. É a natureza em muitos tempos!

Tais histórias fazem também vir à tona o texto poético de Manoel Inácio da Silva, de alcunha Alcindo Palmireno, árcade ultramarino - A Gruta Americana, publicado em 1841 e aqui reproduzido em parte:

Num Valle estreito o patrio rio desce
De altíssimos rochedos despenhado
Com ruído, que às feras ensurdece
Aqui na vasta guida socegado
O velho pai das Nymphas tutelares
Vi sobre urna musgosa recostado,
Pedços d'ouro bruto nos altares
Nascem por entre as pedras preciosas,
Que o céu quis derramar nestes lugares.
Os braços dão as arvores frondosas
Em curvo amphiteathro, onde respiram
No ardor da sesta, Dryades formosas.
Os faunos petulantes, que deliram
Chorando o ingrato amor, que os atormenta
De tronco em tronco nestes bosques giram
Mas que soberbo como se apresenta?
Tigres e antas fortissima Amazona
Rege do alto lugar, em que se assenta.
Prostando aos pés da Intrépida matrona,
Verde, escamoso jacaré se humilha,
Amphibio habitador da ardente zona.
Quem és, do claro céu ínclita filha?
Vistasas pennas de diversas côres
Vestem e adornam tanta maravilha.
Nova Grinalda os Gênios e os Amores

Lhes offerecem, e espalham sobre a terra.
 Rubins, saphiras, perolas e flores.
 Juntam-se as Nymphas que este Valle encerra,
 A Deosa acena e folha: o monstro enorme
 Sobre as mãos se levanta, e a áspera serra
 Escuta, o rio pára, o vento dorme³⁹.

O texto não está datado e seu destinatário é Termino Sipilio, árcade romano, como era conhecido José Basílio da Gama. A poesia é finalizada com homenagens a Portugal, e seu canto é destinado a Dom José, seu rei, bem ao gosto dos tempos coloniais:

Ide, sinceros votos,
 Ide, e levai ao Throno Lusitano
 Destes climas remotos
 Que habita o forte e adusto Americano,
 A pura gratidão e a lealdade,
 O amor, o sangue, e a própria liberdade??
 Assim fallou a America ditosa,
 E os mosqueados tigres n'um momento
 Me roubaram a scena magestosa
 Ai, Termino, rebelde o instrumento
 Não corresponde à mão, que já com glória
 O fez subir ao estrellado assento.
 Sabes do triste Alcindo a longa história,
 Não cuides que meus dias se serenam,
 Tu me guiaste ao templo da memória,
 Torna-me às Musas, que de lá me acenam.⁴⁰

É penetrante a imagem dos tigres e das musas. A memória torna-se o exercício do conhecimento e o maravilhamento do texto apresentando um forte tom moral ancorado nas experiências comuns. Na análise que Alfredo Bosi faz da obra de Basílio da Gama, aponta para a convivência da “ideologia colonial do

³⁹ A GRUTA americana de Manoel Inácio da Silva. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo III. 1841. p. 344.

⁴⁰ Ibid. p. 346.

adulador” e da voz dos vencidos “à qual o poeta concede o timbre do heroísmo massacrado”⁴¹.

Bosi refere-se ao Uruguai. Basílio da Gama, nascido em São José das Mortes, MG, autor educado pelo poder colonizador, faz apologia da ação colonizadora, nas palavras de Ângela Aparecida Gonçalves e Thomás Bonnici, indicando uma certa ambigüidade⁴² de idéias.

Retomando o ano de 1841, na sessão de 06 de janeiro, encontramos como ordem do dia a seguinte questão – “Quaes os meios de que se deve alcançar mão a fim de se obter o maior numero de documentos relativos à historia e geographia do Brazil?”⁴³ Compilar o saber, organizar documentos que poderiam elucidar os fatos históricos, heróicos, políticos, administrativos da nação foi outra ordem do dia nesta mesma sessão. São inúmeros os temas que ganhavam a aprovação dos membros do Instituto para serem sorteados e desenvolvidos. Uma das propostas apresentadas foi a do desembargador Pontes: “quaes foram e como eram organizadas as primeiras escolas de medicina e cirurgia do Rio de Janeiro; qual o andamento e progresso do ensino da Faculdade n’aquellas escolas; qual o estado actual d’ellas e qual provavelmente será o seu futuro?”⁴⁴

O desejo era dar à nação uma imagem do seu passado ancorado em uma tradição que ligava passado, atualidade e futuro. O desejo de encontrar as ruínas de um passado torna-se também uma preocupação que vai ocupar vários volumes

⁴¹ BOSI, A. Caminho entre a literatura e a história. Revista de Estudos Avançados, São Paulo, vol 19, n. 55. set/dez/2005. Disponível em <<http://scielo.br>>. Acesso em 16/11/2006.

⁴² BONNICI, T. & GONÇALVES, A. A. O conceito de resistência em três textos da literatura brasileira à luz da teoria pós-colonial. Revista Acta Sci, Hum. Soc. Sci. Maringá. Vol 27. no. 2, 2005. p. 151-161.

⁴³ ATA de 06 de janeiro de 1841. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo III. 1841. p. 129.

⁴⁴ ATA de 01 de junho de 1841. Ibid. p. 349.

da Revista do IHGB e, se nos lembrarmos de Arnaldo Momigliano, desde Homero este passado pode ser examinado entre o que é muito antigo e o que é bastante recente, entre o pertencimento e o que é estrangeiro⁴⁵. Assim, notícias de uma cidade em ruínas aparecem nas Revistas em 1841 e depois em vários outros momentos posteriores. A humanidade poderia então ver os tempos, o nascimento e a morte das civilizações, seus requintes e glórias.

Observamos desta forma questões variadas, sugeridas e sorteadas no âmbito das reuniões do IHGB. Questões que constituíram o vasto interesse da história oitocentista. Nela os erros eram como os elogios expostos publicamente. Erros e acertos das obras e das análises recebidas por seus membros e também obras por eles avaliadas. Algumas destas obras nos chamaram a atenção por não corresponderem aos anseios dos homens do Instituto. Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva⁴⁶ apresenta seu juízo sobre a obra “Curso methodico de Geografia”, publicada em Paris no ano de 1839, de autoria de Hyppolyte Chauchard e A. Muntz. Cerqueira e Silva, ao criticar nos autores as “alturas imaginadas das montanhas” e os também “imaginados” animais, afirma:

No resumo que fazem os auctores da topographia do Brasil, cuja maior parte do continente dizem não haver sido ainda visitadas por viajantes illustrados claudicam amiudadas vezes; dão a algumas montanhas uma altura imaginaria, e, como se ainda podessem ser acreditadas as narrações exageradas dos que, escrevendo ácerca do nosso paiz, o fizeram abundantissimos de cobras e animais ferozes; elles não se esqueceram de figurar espantado o Europeu, que chegando aos nossos bosques os divisa povoados de numerosa quantidade de macacos, serpentes, amphibios, etc, cumprindo não passar em silencio, que ao mesmo tempo em que apresentam esses bosques tão densos, que não póde o sol fazer-

⁴⁵ MOMIGLIANO, A. op. cit. p. 61.

⁴⁶ Inácio Acioli Cerqueira e Silva (1808-1865) Natural de Coimbra, chega ao Brasil ainda criança. Segundo o Dicionário Biobibliográfico publicado pelo IHGB, ele participou da luta pela Independência, servindo na Milícia Cívica onde foi reformado Coronel chefe da legião. Diretor do Teatro São João no Rio de Janeiro e membro de diversas agremiações literárias, teve vários trabalhos publicados no IHGB, sendo um “proficuo sócio correspondente”. DICIONÁRIO biobibliográfico. Op. cit. Vol 5. p. 130.

lhés penetrar à luz, declaram igualmente ser nelles ardentíssimo o calor atmosferico.⁴⁷

Esquecimentos, erros, atrasos, desconhecimento são duramente criticados e o parecer é dado para que a obra fique guardada na biblioteca do Instituto unicamente para servir de prova do que não deve ser feito na “confecção da história geral do Brasil”⁴⁸. Naquele tempo, a história não deveria mostrar uma nação de animais e plantas e, na falta de uma nação de homens ilustrados, uma de homens amigos do trabalho já valeria. Tomemos em conta que estes processos estão ligados aos limites da oficialidade na produção dos discursos, portanto aos crivos das idéias imperiais.

A preocupação com a escrita da história nacional, conjunto das histórias das províncias dentro dos quadros do IHGB, faz publicar um elogio em relação à “História da última rebelião do Maranhão” escrita pelo poeta Doutor Domingos José Gonçalves de Magalhães. O IHGB busca com esta publicação dar a prova de que o estilo poético pode estar associado à escrita da história. O estilo e o detalhe poderiam levar o leitor a sentir-se uma testemunha ocular da história. Citando o dramaturgo francês Theodore Barrière (1823-1877)⁴⁹, afirma que o historiador deve ser

um philosopho que segue sem surpresa, mas não sem emoção, o jogo das paixões e dos interesses humanos; é um juiz imparcial, incorruptível, que não pode offuscar o brilho da categoria, dos talentos, da gloria e que pesa os homens por suas acções; é um pintor que, em painel de vasta disposição, escolhe cores para o assumpto e grupa os factos, colloca e traja as personagens com arte e dignidade; é um architecto de gosto, cuja mão poderia estender-se sobre mil obje

⁴⁷ ATA de 12 de Agosto de 1841. Ibid. p. 363.

⁴⁸ Ibid. p. 363.

⁴⁹ Autor de *As mulheres de mármore* e de *Os hipócritas*, Barrière foi lido por Machado de Assis. Sua peça de teatro *Cenas da vida boêmia* (Puccini, Paris, 1849) foi estreada no Rio de Janeiro em 1855. cf. FARIAS, J. R. Machado de Assis, leitor e crítico de teatro. *Revista estudos Históricos*. Vol 18. no. 51. São Paulo, 2004. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 13/12/2006.

ctos de preço, pinturas, marmores em bronzes, e que todavia tem a coragem de abandonar todas estas riquezas porque não entrariam no plano, ou mal se ligariam com a beleza severa de seu magestoso edifício.⁵⁰

Este arquiteto, pintor, juiz, filósofo, surge também nas lentes do Dr. Von Martius. Em sua *Dissertação*, afirma que a obra do historiador brasileiro deveria:

...satisfazer não menos o coração do que a intelligencia; por isso, não deveria ser escripta em uma linguagem (...) empolada, nem sobrecarregada de erudicção ou de uma multidão de citações estéreis. Evitará não menos ter o character de chronica, do que de investigações históricas, seccas e puramente eruditas. Como qualquer história que este nome merece deve parecer-se com um Epos!⁵¹ Só de um lado é verdadeiro que o Epos popular só é composto onde o povo ainda se acha em desenvolvimento progressivo, então do outro lado não podemos duvidar que actualmente o Brazil é um objecto digno de uma história verdadeiramente popular, tendo o paiz entrado em uma phase que exige um progresso poderoso...⁵²

No intuito de fazer construir esta história e instituir-se no quadro das Academias internacionais, o IHGB fez importantes trocas de materiais. Remeteu sua revista e recebeu inúmeras revistas e obras de outras instituições.

Intensamente trocada, a revista do IHGB estabelece diálogos com outras instituições, bibliotecas, associações, academias, universidades e museus⁵³. Em 1847, foi solicitada pela Sociedade Histórica de New York, que esperava expressamente que a troca recíproca entre as instituições conseguisse ocupar um lugar de “taciturnidade mútua”. Como lemos, “...sua Revista trimensal (do IHGB) não se encontra em nenhuma das nossas bibliothecas (da sociedade norte-americana)”. Porventura, os apaixonados da história do Novo Mundo não

⁵⁰ RELATÓRIO dos trabalhos do Instituto Histórico e Geographico pelo 1.º Secretario Perpetuo Manoel Ferreira Lagos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1847 – (4.º)11, 1891. p. 132/133.

⁵¹ Do grego: poema épico. BLUTEAU, R. Vocabulário português e latino... Coimbra: Collegio das artes da Companhia de Jesus, 1712-1724. Versão digital Cedope/UFPr.

⁵² COMO se deve escrever a historia do Brasil, dissertação de Carlos Frederico Ph. de Martius. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol VI. N. 24. 1845. p. 410.

⁵³ Observar Lista 1 – As sociedades que se correspondem com o IHGB – que se encontra na seção Apêndices.

“deveriam esperar que o sul e o norte pudessem se coadjuvar em suas indagações e resultados”. A carta era dirigida aos membros do IHGB, afirmando que tal associação traria vantagens imensas aos Americanos na busca dos “thesouros historicos de seu vasto continente”⁵⁴.

Naquele mesmo ano de 1847, tem-se notícia do envio da medalha de ouro ao sr. Martius pelo seu “Plano de se escrever a história antiga e moderna do Brazil”. A Revista que manteve este concurso aberto por três anos. As marcas deste documento são notórias, uma monografia vencedora que marca o nascimento da historiografia sobre o Brasil.

Para além dos mitos fundadores, o que nos interessa aqui são as idéias e experiências que tecem os discursos, em que os sublimes podem ser observados através dos textos.

Se seguirmos o caminho do sublime, deparamo-nos com Immanuel Kant em seu *Observaciones sobre el sentimiento de lo bello y de lo sublime* onde “el gusto por la conversación es bello, el silencio meditativo es sublime”⁵⁵. Belo e sublime são, para o filósofo, sentimentos causados pelo prazer ou pelo desagrado, sendo o sublime uma sensação de estremecimento “grande e sensível”. Para ele, o largo tempo é sublime; o passado é nobre; o futuro, terrorífico⁵⁶. Esta obra de Kant é dividida em quatro sessões: sobre os objetos do sentimento do sublime e do belo; sobre suas propriedades no homem geral; sobre as diferenças e inter-

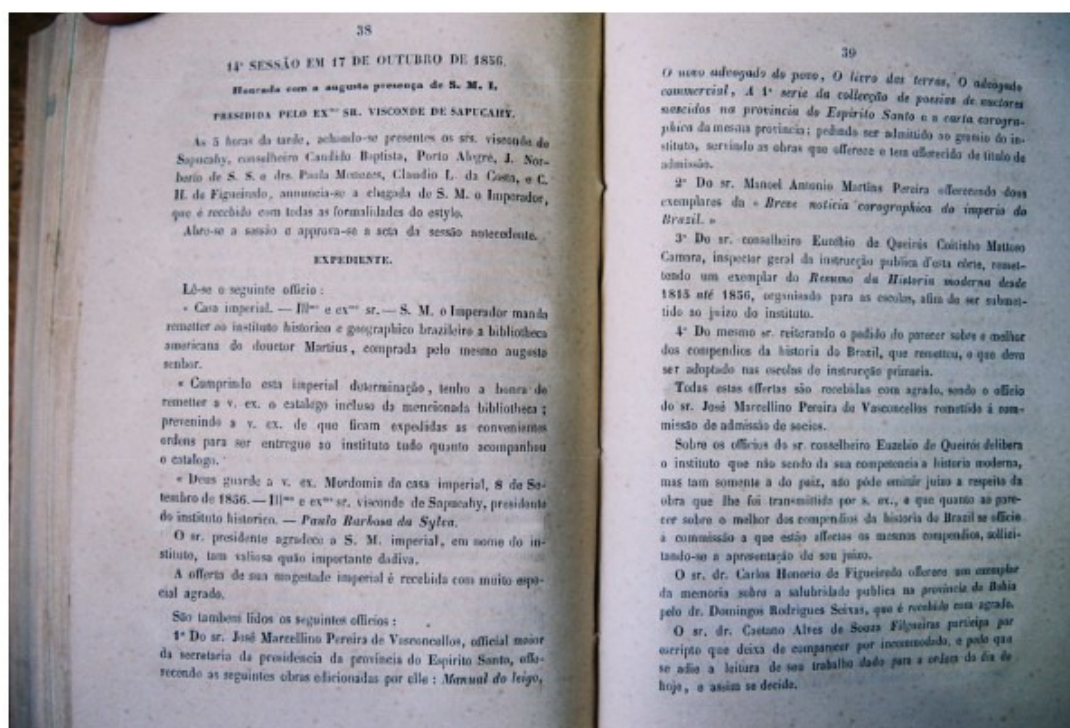
⁵⁴ Op. cit. RELATÓRIO dos trabalhos....1847. p. 143-144.

⁵⁵ KANT, I. *Observaciones sobre el sentimiento de lo bello y lo sublime*. Traducción de Dulce María Granja Castro. México: FCE/UAM/UNAM, 2004. p. 20.

⁵⁶ Ibid. p. 7.

relações para homens e mulheres; sobre as características nacionais que se baseiam nestas sensibilidades.

ILUSTRAÇÃO 3 - ATA DE 17 DE OUTUBRO DE 1856



Fonte: ATAS Trimensais. Revista do IHGB, 1856. tomo XIX, p 38 e 39.

O belo é, em Kant, fascinante, comovente, risonho, encantador e possibilita a diferenciação entre as formas de ser das nações. Assim, o inglês seria frio, o alemão seria afortunado com seus sentimentos, o espanhol arrogante e o francês vaidoso. A petulância era holandesa, o orgulho inglês e a extravagância, árabe. Os povos selvagens da América do Norte possuiriam um caráter sublime e um apurado sentido de honra. A honra liga-se com a tragédia e isto é o que desperta o sublime. Ao contrário, a comédia despertaria a idéia do belo.

Que idéias, então, podemos perceber nas Revistas do IHGB e em seus autores? Será que penderiam mais para o belo ou suas viagens repletas de momentos trágicos poderiam ser consideradas sublimes? E a escrita da história poderia ser considerada bela quando fazia rir e sublime quando temia o futuro! São estes alguns dos questionamentos que conduzem esta investigação da história.

1.1 Conformações de idéias

O espaço do Instituto e o espaço da sua revista desenhavam algumas experiências e nos permitem inquirir – o que se vê? Paisagens, natureza, vilas, costumes, homens, idéias, além dos já analisados na historiografia, hábitos da política, as relações de estado, a economia e as artes. Aqui, nos fixaremos na natureza, na paisagem, nos elementos que constituíram o meio natural, através dos olhares científicos e históricos sobre ele lançados. As revistas do IHGB possuem universos múltiplos de interesse e informações, que envolvem as plantações e pastos, as florestas e montanhas, os inúmeros rios e animais, e que trazem as preocupações de algumas épocas.

As idéias que atravessam o século XIX estão imersas em dramatizações de enfrentamentos, em experiências românticas, que em seu colorido universo tomavam os ares da corte e seus entornos. Flora Süssekind desvela a melancolia dos quadros de Taunay e os escritos de Gonçalves de Magalhães, onde a

descontinuidades⁵⁷ marcava a narrativa, que poderia ser formada por muitas “pequenas descrições”, como no teatro francês⁵⁸.

No desejo de fixar olhares, deparamo-nos com a produção e circulação de relatos de viagem. A leitura e a publicação destes documentos desejavam transmitir o reconhecimento da instituição em relação aos domínios de seu soberano. A própria viagem do Imperador pelas diferentes províncias sustentava ao soberano o reconhecimento, como afirma Iara Lis Carvalho e Souza. De forma geral, as publicações das viagens no Instituto davam a conhecer ao monarca e aos cientistas de seu Império, as suas terras e a vastidão das formações de matas, florestas e sertões.

A viagem é então o desejo da tradução dos mundos vividos; seus relatos podem nos mostrar sensibilidades e paisagens diferentes. Diferenças que se formam no interior de uma corte ofuscada pela busca da verdade e da ciência, pelo exercício do poder e pelo desejo de civilização, diferenças que entrecruzaram indivíduos e idéias. Interessam aqui as paisagens e idéias de natureza e história, informadas nas publicações.

Tomando Ulpiano Bezerra de Meneses, temos os usos das paisagens e seus significados profundos⁵⁹, sobretudo na construção de referenciais nacionais⁶⁰

⁵⁷ SÜSSEKIND, F. *Cinematógrafo das Letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 P. 100.

⁵⁸ FARIAS, J. R. op. cit. s/p.

⁵⁹ MENESES, U. A paisagem como fato cultural. In: Yázigi, E. (org.) *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 40

⁶⁰ “Mas é no campo de identidades e de processos indititários que a paisagem mais tem sido mobilizada. Antes de mais nada, é indescritível o papel que ela desempenhou na fixação das identidades nacionais.” Ibid. p. 41.

que atravessam os séculos XVIII e XIX. O sublime reveste as idéias da dimensão descomunal da natureza⁶¹, confundindo-a muitas vezes com a idéia do Criador.

Utilitarista, romântica, predatória, são muitas as possíveis construções no universo das idéias. Diante disso resgatamos José Augusto Pádua, que ao se debruçar sobre a origem da crítica ambiental brasileira⁶², aponta como um momento chave para contar a sua história ambiental os tempos da Ilustração colonial, sendo o ápice desta crítica o Segundo Reinado. A importante figura de José Bonifácio e da sua tradição, que é renovada nos abolicionistas André Rebouças e Joaquim Nabuco, trazem a marca do espírito aventureiro dos tempos da colonização e os conflitos intelectuais e políticos que têm como tema a aceitação, a repulsa ou o desejo crédulo em relação ao progresso. A crítica à destruição das florestas, para além da sensibilidade romântica, tornava, no entender do autor, a natureza em objeto político; sendo por isso mesmo necessário refletir a experiência consciente revelada no pensamento e nos discursos.

Para Pádua, a revista do Instituto trouxe “vários trabalhos que enfocaram o tema do espaço natural e, em certos momentos, a crítica da sua destruição”⁶³, além de promover iniciativas que foram relevantes para a reflexão ambiental, como atesta ser o caso da Comissão Científica de Exploração. O IHGB foi para o autor o principal eixo da vertente não abolicionista da crítica ambiental no Brasil monárquico.

⁶¹ Ibid. p. 43.

⁶² PÁDUA, J. A. Um sopro de destruição; pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 116.

⁶³ Ibid. P. 179.

Aqui nos debruçaremos sobre os escritos de alguns destes mesmos homens de letras e de ciências, que nos quadros da oficialidade do IHGB, eram responsáveis pelo entendimento do mundo, como se pretendia à época. Mas que entendimentos seriam estes? Certamente, o iluminismo luso-brasileiro deixava a sua marca⁶⁴. A natureza e os caminhos dos séculos XVIII informavam a curiosidade e a história do século XIX. O romantismo é outro universo que deixa marcas profundas nas descrições de mundo destes indivíduos. Podemos ponderar que as paisagens que se deram à vista estavam atravessadas de uma penetrante pedagogia da imaginação, como ensina Lucrecia d'Alessio Ferrara⁶⁵.

Para refletirmos sobre este olhar, que, ao escrever a história, cita outros passados e ordena as paisagens, recorreremos também à leitura de Walter Benjamin. A razão, as subjetividades, as tensões no pensamento levam-no a ler na 11ª Tese sobre o conceito de História, as fantasias que ilustravam um mundo que libertava a natureza em uma certa virtualidade criativa⁶⁶.

Alargava-se o mundo, como perceberia Herder, alargava-se o entendimento. A humanidade construía sobre si mesma e de forma evolutiva no pensamento herderiano – egípcios, gregos, romanos e europeus⁶⁷, uns sobre os outros. A idéia de uma nação calcada na grandiosidade de seus ancestrais foi uma forma de apropriação do passado e dos artefatos da antiguidade.

⁶⁴ Como já demonstrou a historiografia desde SILVA, M. B. N. da. O pensamento científico no Brasil da segunda metade do século XVIII. In: Revista Ciência e Cultura/SPBC. Volume 40, n. 9, setembro de 1988, e MOTA, C. G. O Mundo luso-brasileiro revisitado: em busca de uma memória comum. In: LPH – Revista de História. Anais VII Encontro Regional de História da ANPUH, MG. Vol 2, no. 1, UFOP: Mariana, 1991.

⁶⁵ FERRARA, L. d'A. Os lugares improváveis. in: YAZIGI, E. (org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Editora Contexto, 2002. p. 65.

⁶⁶ BENJAMIN, W. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 228.

⁶⁷ HERDER, J. G. op. cit. P. 46

A história e as ciências vieram responder às inquietações de uma sociedade que exigia novas tecnologias, novas condutas e novas explicações. As ciências humanas foram aquelas que prolongaram de modo sutil o efeito normalizador das disciplinas corporais até o mais íntimo das pessoas e das populações, cientificamente objetivas e simultaneamente impelidas para dentro de sua subjetividade.

Poder e saber: estratégias científicas de objetivação, experiências cotidianas na tecnologia dos olhares⁶⁸. Saber que é objeto e produto dos poderes instituídos, presentes nos discursos e nas falas daqueles que para isto são autorizados, presentes nas encruzilhadas dos discursos e da razão modernos.

Discursos sempre recortados em função de temas que apresentam contextos singulares, constituindo as evidências das culturas e os esforços de interpretação dos homens. Recheados de critérios de verdade, os discursos deixam ver suas práticas de poder, aqui práticas acadêmicas, discursos da história no assim chamado, por Franklin Baumer, Século da História. Baumer analisa a complexidade das idéias modernas que ora convivem pacificamente, ora se negam, ora se confundem. A partir de cinco mundos de pensamentos que elenca como marcos nos tempos, estuda as idéias de: homem, sociedade, deus, natureza e história⁶⁹.

Século de um novo iluminismo, repleto do utilitarismo de Stuart Mill e da perspectiva da mudança, o século XIX tem na ciência um espaço privilegiado de

⁶⁸ “A par das sensações vividas por esses mestres oitocentistas, o compromisso com a verdade, o ideal do conhecimento objetivo e a visão universal dos acontecimentos transformaram a questão inicial da busca do método (expositivo) da história numa reflexão mais ampla.” In: PAZ, F. M. *Na poética da história*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. p. 167.

⁶⁹ BAUMER, F. L. *O pensamento europeu moderno. Séculos XIX e XX. Vol II*. Tradução de Maria Manoela Alberti. Lisboa, Edições 70. 1990.

idéias, a razão de Comte e o determinismo; a conservação da energia, o materialismo, a zoologia, a fisiologia, experiências do século do romantismo que amoleceram “o coração de Mill”⁷⁰.

A razão dominava as afeições e as vontades e inspirava o culto à ciência do homem daquele tempo, conforme afirma Baumer. A capacidade da ciência em sua leitura e descrição do mundo, dentro do desejo da criação e desenvolvimento de leis gerais e da habilidade de alargar as fronteiras do conhecimento são, para o autor, as razões do triunfo da idéia de ciência oitocentista.

Deste modo o século XIX foi um período que viu produzir inúmeros discursos que se cruzaram dentro e fora das academias. Século que, para Robert Darnton, não foi o primeiro a pensar a história, se tomarmos as leituras de *Boêmia Literária e Revolução*, onde ancoramos a idéia de que “cada época reconstrói a experiência literária em seus próprios termos. Cada historiador reordena o catálogo dos clássicos”⁷¹. Aqui, esse ordenamento e re-ordenamento de determinadas idéias nos respondem a questões formuladas na história da literatura e dos livros. Quem os lê? Quem os produz? Que livros? De que falam? Que idéias trazem?

Estas perguntas são aqui apropriadas: que revista? De que falam? Quais as suas idéias sobre a natureza e sobre o próprio passado? Perguntas que nos

⁷⁰ Ibid. p. 79.

⁷¹ DARNTON, R. *Boêmia Literária e Revolução: o submundo das letras no antigo regime*. Tradução Luis Carlos Borges. Companhia das Letras, São Paulo: 1987. P. 168.

fazem reordenar idéias, no intuito de perceber as vozes silenciadas que, se tomarmos a leitura de Walter Benjamin, devem ser despertadas para a vida⁷².

Idéias que nos fazem perceber uma determinada ilha de discurso “que emerge sem leis ou regras e voltam a submergir”⁷³. A ilha é, sem dúvida, uma excelente metáfora. Ilha discursiva que vai descrever a natureza.

Portanto a história e os historiadores selecionam os documentos que encontram, elegendo fragmentos de diferentes passados, que, na Revista em questão, compõem quadros da história nacional.

Ao reconhecer uma história como sua, o homem remonta a um mundo sobre o qual não tem domínio. O historiador ao mesmo tempo fala dos outros e reconhece-se como produtor de uma armação do passado. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na capital do Império monárquico e constitucional do Brasil, em 1869, pede aos seus sócios, através da publicação na contracapa de sua revista, uma norma que levava por nome “Lembranças do que devem remeter ao Instituto os srs. Sócios residentes nas províncias”, e observem: a “notícia circunstanciada da extensão da província, seus limites, divisão e extensão da província; seus rios, montanhas, campos e portos; da qualidade de seus terrenos e arvoredos, da sua mineração, agricultura e pescarias; de tudo, enfim, que possa

⁷² BENJAMIN, W. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Volume I. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 231. Também em uma outra linhagem de pensamento pode-se encontrar um certo desejo messiânico em relação ao passado em HABERMAS, J. O discurso filosófico da modernidade: doze lições. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 351.

⁷³ Também em uma outra linhagem de pensamento pode-se encontrar um certo desejo messiânico em relação ao passado em HABERMAS, J. O discurso filosófico da modernidade: doze lições. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 352.

servir à história geográfica do paiz”⁷⁴; biografias, “impressas ou manuscritas” dos brasileiros “distintos por letras, armas e virtudes”⁷⁵.

Também deveriam proceder a cópias de documentos interessantes à história do Brasil, as tribos e símbolos indígenas, o comércio, a literatura, a indústria. Os fatos extraordinários eram os “phenomenos” e os meteoros, e por fim remeter “amostras dos productos naturaes do paiz e de quanto possa servir de prova do estado da civilização”⁷⁶.

Muito antes disto, em janeiro de 1845, tem lugar a publicação da já referida dissertação de Martius⁷⁷, posteriormente laureada. Nela, cria através da descrição das tarefas que devem ser realizadas pelo historiador pragmático do Brasil, um programa de história. O historiador deveria mostrar “como ahi se estabeleceram e desenvolveram as sciencias e artes como reflexo da vida européa”, devendo transportar o leitor a casa do colono e cidadão brasileiros, para as suas cidades e as relações sociais e familiares que se desenvolviam, os meios e sistemas de sua economia, sua lavoura e seu comércio. Economia rústica na leitura de Martius. Pontua a necessidade de interesse pela análise da introdução de árvores e plantas européas, bem como com o progresso da poesia e da retórica, e das ciências portuguesas, que deveriam ser pensadas em suas relações com as

⁷⁴ LEMBRANÇA do que devem remetter ao Instituto os srs. Sócios residentes nas províncias. Contracapa da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo XXXII, 1869. s/p.

⁷⁵ Ibid. s/p.

⁷⁶ Ibid. s/p.

⁷⁷ Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) Foi botânico e “abriu caminho para os que construíram” a historiografia brasileira ao lado do Visconde de Porto Seguro e de Francisco Adolfo Varnhagem. Sócio honorário do IHGB e autor de inúmeras obras sobre as línguas, a natureza e a história do Brasil Império, entre elas *Flora Brasiliensis* em 40 volumes e *Gêneros e espécies de Palmeiras*. TAPAJÓS, Vicente. Karl Friedrich Philipp von Martius. In: MARTIUS, K. F. P. *Como se deve escrever a história do Brasil*. Coleção Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1991. p. 13.

outras nações européias para apontar “qual a influencia que exerceram sobre a vida scientifica, moral e social dos habitantes do Brasil”⁷⁸.

A natureza, então, deveria ser inventariada para a compreensão das possibilidades de sua utilização. Ela vinha marcada nas falas destes outros homens de história e entre tantos outros possíveis a percebemos nas revistas, artigos e documentos publicados. Desta forma trazemos aqui as histórias da natureza, dos animais, dos vegetais e dos minerais.

A partir dos documentos consultados, privilegiamos oito viagens que foram realizadas por diferentes viajantes no final do século XVIII e início do XIX. Estas viagens ocorreram em diversas localidades, aqui principalmente nos debruçamos sobre aquelas viagens que exploraram as terras do Brasil, com a exceção da viagem de Hipólito da Costa Pereira.

Tais relatos são resgatados ao longo do século XIX por importantes membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e por ele publicados. Viagens em suas memórias e suas luzes⁷⁹, viagens em sua descrição da natureza⁸⁰.

Destas viagens citadas pela história do XIX encontramos em 1858, Manoel Ferreira Lagos, que cumprindo o dever do historiador como ensinava Martius aos

⁷⁸ COMO se deve escrever a historia do Brasil, dissertação de Carlos Frederico Ph. de Martius. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VI, 1845. P. 403.

⁷⁹ Observar Tabela 1 – Correspondências de viagens nas Revistas do IHGB que se encontra nos apêndices. Nela buscamos observar as viagens setecentistas, identificando o viajante, o local e o ano da viagem e o tipo de documento sobre ela produzido. Ainda nesta tabela identifica-se quem recuperou tais viagens dentro do IHGB, datando e caracterizando a situação do sócio do Instituto.

⁸⁰ Ao final do trabalho pode-se também observar a Tabela 2 – Correspondências de natureza nas Revistas do IHGB. Nesta tabela trazemos os exemplos de documentos publicados sobre os reinos da natureza que aqui analisamos. Identificando o sócio que faz publicar o documento e sua situação dentro dos quadros institucionais.

seus pares, oferecia ao IHGB, a memória da viagem realizada para a Filadélfia por Hipólito José da Costa Pereira, em 1789. Também temos Emílio Joaquim da Silva Maia⁸¹, que em 1848, oferece a memória da viagem setecentista de José Vieira Couto em Minas Gerais.

O homem moderno, como aquele que trabalha e fala, encontrava nas ciências humanas um importante canal de comunicação. Instrumento da vontade moderna, os homens fizeram história no século XIX um espaço rico de construção e circulação de formações discursivas, em que o sentido e os espaços lacunares constituem possibilidades do exercício de idéias, expressões dos desejos e dos poderes.

Expressões que ganharam, nas palavras do sócio fundador Manoel Ferreira Lagos, um excelente exemplo. O Instituto havia, até ali, prestado à pátria alguns serviços, mas essencial era a

...mantença de uma cadeira de historia e geographia patria, que deve estabelecer em observância dos seus estatutos, e menos podido prestar o necessario auxilio a alguns engenheiros e naturalistas nacionaes para explorarem as matas, rios e montanhas dos nossos sertões, e colherem além de muitos productos dos tres reinos da Natureza, com que adornariam o Museu Nacional, vários esclarecimentos sobre a topographia da raiz, afim de que se não possa dizer que os estrangeiros o conhecem melhor que os nacionaes. Confia porém, o Instituto, que o tempo e constante coadjuvação do Governo Imperial irá quebrando as pêsas⁸² que demoram sua marcha até chegar ao alvo de suas esperanças.⁸³

⁸¹ Emílio Joaquim da Silva Maia (1808-1859) – Foi professor do Colégio Pedro II, membro da Sociedade Auxiliadora Nacional e da Academia Imperial de Medicina. Responsável pela redação dos Estatutos junto com Januário da Cunha Barbosa e com o Visconde de São Leopoldo. Foi por anos 2º Secretário do IHGB. In: DICIONÁRIO Biobibliográfico. Op. cit. Vol 6. p. 33/34.

⁸² Conforme Rafael Bluteau: “prisão de corda de pé a outro”, para prender “o cavalo ou outras bestas”. Hoje verbo – pear significa prender com peia, embaraçar, impedir. Cf. BLUTEAU, R. Vocabulário português e latino... Coimbra: Collegio das artes da Companhia de Jesus, 1712-1724. 4 vol. versão digital Cedope/UFPr. Vol. III. P. 338.

⁸³ RELATÓRIO dos trabalhos. op. cit. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1847.P. 129/130.

O saber deveria ser desenvolvido por nacionais, sendo nítido o caráter pedagógico que Lagos conferia à História, além, é claro, do caráter patriótico. Só assim o viajante estaria “(...) collocado na mais feliz condição para bem observar os sucessos que narra, sem alternar-os pelas paixões próprias que constantemente conturbam o juízo do historiador...”⁸⁴.

É importante notar que Lagos foi uma figura marcante nos quadros do Instituto. No excelente levantamento realizado no trabalho de Edney Christian Thomé Sanches⁸⁵, em 2003, encontramos Lagos ocupando cargos no Conselho diretor por 17 anos ininterruptos, a parte dos outros 7 anos que, mesmo sem estar no conselho, ocupou cargo na comissão de admissão de sócios e, entre 1846 e 1852, na Comissão de Estatutos e Redação da Revista, que em 1851 aprovou os Novos Estatutos que vinham marcar a total relação de proximidade imperial.

Era o segundo reinado, e a relação do monarca com o IHGB, com a Academia Imperial de Bellas-Artes e com o Colégio Pedro II era muito íntima. O Império tropical congregava sua elite nos quadros da escrita da história e da produção de um entendimento da sociedade e da natureza. Lilia Moritz Schwarcz nos mostra muito propriamente esta relação, apontando que, no século XIX, “a partir dos anos 50, o IHGB se afirmaria como um centro de estudos bastante ativo, favorecendo a pesquisa literária, estimulando a vida intelectual e funcionando como um elo entre este e os meios oficiais”⁸⁶. O interesse da autora é

⁸⁴ Ibid. P. 133.

⁸⁵ SANCHEZ, E. C. T. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX. Unicamp, Campinas/SP, 2003. (dissertação de mestrado).

⁸⁶ SCHWARCZ, L. M. A longa viagem da Biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. P. 126.

compreender a figura do monarca, que, com ou sem barbas⁸⁷, fundou no “corpo da pátria”⁸⁸ uma experiência tropical aos moldes de um ilustrado romantismo.

José de Alencar, Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manoel de Macedo e muitos outros são homens que representam parte desta geração, que vive na conformação de idéias sobre a natureza⁸⁹ e sobre as ciências.

Se retomarmos a Lagos, veremos claramente esta configuração: em 09 de setembro de 1847, na 7ª Sessão Pública Aniversária, presenciada pelo Imperador, afirma: “Estudando o progresso da civilização, vemos por dada a parte a sagacidade do homem aumentar com a extensão do campo que se descortina e suas explorações”⁹⁰. Citando Sêneca e Sólon, questiona a longevidade das obras humanas, defendendo a arqueologia como uma área na qual se devem gastar esforços, pois folheando “as paginas e desenhos dos magníficos volumes que correm descriptos tão ricos archivos da historia primitiva americana, com facilidade acreditaríamos ter entre mãos ficções poeticas, contos orientais ou phantasticos

⁸⁷ A autora afirma que era D. Pedro II quem patrocinava, particularmente, projetos de pesquisa de documentos relevantes à história do Brasil, no país e no estrangeiro. Ele também se interessou pelas pesquisas de etnografia e lingüística americana. Ajudou, de diferentes maneiras, o trabalho dos cientistas como Martuis, as pesquisas de Dr. Lund, de Gorceix, dos naturalistas Goedi, Couty e Agassiz, (...) não é à toa que nessa época tenha ficado famosa a frase proferida pelo jovem monarca brasileiro nos recintos do IHGB: “A ciência sou eu!”. Id. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 131.

⁸⁸ SOUZA, I. L. C. *Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo (1780-1831)*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1999. p. 37.

⁸⁹ “A natureza brasileira também cumpriu função paralela. Se não tínhamos castelos medievais, templos da Antiguidade ou batalhas heróicas para lembrar, possuíamos o maior dos rios, a mais bela vegetação. Entre palmeiras, abacaxis e outras frutas, apareciam caracterizados o monarca e a nação, destacando-se a exuberância de uma natureza sem igual.” SCHWARCZ, L. M. *As barbas do Imperador*. Op. cit. P. 140.

⁹⁰ *Relatório dos trabalhos op. cit. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1847. Tomo XI. vol 4º. P. 110.*

traços de imaginação artística, se não fosse o testemunho fidedigno de mui respeitáveis viajores”.⁹¹

A idéia de fidedignidade, junto à crença na verdade, é a garantia de informações e paisagens confiáveis. Poder-se-ia, assim, tomar em mãos os diários não muito antigos e através deles estabelecer rotas críveis para a expansão do chamado território⁹².

Aqui, a natureza torna-se uma paixão ora romântica nas paisagens, ora objetiva nos seus elementos de riqueza. O relevo das montanhas, o curso dos rios, os cedros e os zoófitos ganham o texto de Lagos. O homem e a natureza estão em diálogo na história, hipopótamos e flores são percebidos através de documentos da observação e da análise científica. Os abismos do oceano, suas vagas, a influência dos astros, a aparição de cometas e os terremotos são temas de prestação de contas das muitas viagens e das muitas escritas da história daqueles tempos.

Em 1876, encontramos nas Atas publicadas uma descrição da expedição encarregada de demarcar os pólos que afirmava: “... não obstante as medonhas tormentas que assolam aquelles mares, e os perigos das pavorosas bancadas de gelo, destacadas das regiões polares e por alli derramadas; enormes castellos fluctuantes, espectaculo horrível – grandioso, que se não vê em tanta copia nos outros mares.”⁹³.

⁹¹ Ibid. P. 102.

⁹² Ibid. P. 90.

⁹³ ATA de 15 de setembro de 1876. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXXIX, 1876. p. 411.

Neste sentido a história deixa ver a natureza em seus elementos, na unicidade do pavor que provoca, permitindo ao homem a experiência de curvar-se sobre seu próprio mundo de idéias. A natureza, assim, poderia limitá-lo, a ciência poderia libertá-lo, a história o eternizaria! Uma percepção bastante egocêntrica de mundo, poderíamos dizer a título de crítica.

É necessário compreender as idéias que circulam nos seus discursos, sejam proferidos por historiadores ou cientistas; compreender como circularam e como deixaram grandes sulcos, marcando incontestavelmente os pensamentos dos séculos em questão. A história natural no século XVIII amarra a história nacional no século XIX.

Influenciados pelas idéias de seu tempo, instrumentalizados a compreender e explicar o mundo que os rodeava e do qual faziam parte, era freqüente a referência à construção de leis gerais. Os fenômenos da natureza seguiriam claramente uma lógica que, ao ser descrita, constituiria uma lei, como as oscilações das marés e o rolo das vagas poderiam demonstrar.

A percepção da temporalidade humana também era uma temática sempre presente aos homens do IHGB. Louvar os seus mortos para construir um panteão de ilustres fazia com que os indivíduos se encaixassem em uma coleção de homens, que poderiam representar mesmo, a ciência. Não esqueçamos, alertava Lagos, que os homens passavam frágeis, mas a ciência era um edifício que se ergueria “majestosamente sobre as distrações amontoadas das gerações”⁹⁴.

Natureza e história surgiram nos relatórios, nas biografias dos brasileiros ilustres e

⁹⁴ Ibid. p. 146.

mesmo nos Elogios e nos Discursos proferidos, trazendo indícios das tais

“distrações amontoadas” e permitindo coleções de idéias.

A escrita transformou-se, ao lado da linguagem oral, num arquivo de semelhanças, de correspondências extra-sensíveis⁹⁵, de inúmeras possibilidades discursivas⁹⁶. No diálogo entre o desejo e a instituição, Foucault expõe o papel do discurso:

O desejo diz: ‘Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz’. E a instituição responde: ‘Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que lhe advém.’⁹⁷

Deste modo, debruçamo-nos sobre este exíguo espaço de tempo que é a publicação de um passado⁹⁸. A revista do IHGB, em cada tomo de sua longa existência, constitui uma fotografia do pensamento de sua época, neste caso, um pensamento apaixonado pela História e pela razão, modernamente apaixonado pela glória, monumental e festivo, austero e, ao seu tempo, erudito. Tais semelhanças que se fizeram únicas foram construídas a partir de mimetismos e,

⁹⁵ BENJAMIN, W. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. 2ª ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 111.

⁹⁶ Michael Löwy aponta para uma história aberta de Walter Benjamin na qual a “concepção do processo histórico que dá acesso a um vertiginoso campo dos possíveis, uma vasta arborescência de alternativas, sem, no entanto, cair na ilusão de uma liberdade absoluta: as condições objetivas são também condições de possibilidades.” In: LÖWY, M. Walter Benjamin: aviso de incêndio. São Paulo: Boitempo, 2005. p. 147.

⁹⁷ FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso op.cit. p. 07.

⁹⁸ “Ao contar uma história, uma dimensão do passado é atualizada, passando a fazer parte da experiência atual dos ouvintes e do narrador, e com isto, operar uma alteração fundamental do presente. (...) a narrativa nada mais é do que um modo de lidar com essa inevitável e grande perda de um objeto denominado tempo passado, transportando-o, imaginariamente, pelo recurso da narração, para o interior do presente.” In: LAGES, S. K. Walter Benjamin: tradução e melancolia. São Paulo: Edusp, 2002. p. 129.

como pequenas pontas de iceberg, são apenas visíveis na superfície, todavia escondem uma imensa massa submarina⁹⁹.

Ao descortinar atos de leitura, Walter Benjamin traz a imagem das semelhanças que “irrompem o fluxo das coisas, transitoriamente, para desaparecem em seguida”¹⁰⁰, tal como os icebergs.

Distantes, no tempo e no espaço, buscamos os discursos do século XIX brasileiro. Em 1842, a 93ª Sessão do IHGB, presidida pelo Visconde de São Leopoldo¹⁰¹, inicia-se pelo aviso da chegada de documentos relativos à descoberta dos campos do Paiqueré, onde o Barão de Monte Alegre avaliava:

Em pouco tempo também terão os empreendedores coritibanos de ver os vestígios d’essa antiga cidade de Guaira, às margens do grande Paraná, e admirar essa memorável cataracta de Sete Quedas, e finalmente ver d’além do rio os aprazíveis termos da Provincia do Paraguai. Talvez tenham a descobrir ricas minas de metaes preciosos, visto que na informação supra citada consta que Borges [alferes Antonio Pereira Borges] reconheceu muitas lavras no rio Ivahi.¹⁰²

No ano seguinte tem espaço a publicação do documento *Notícias sobre a capitania de São Paulo*, de Francisco de Oliveira Barboza, datado de 1792, onde, na descrição do rio Taquari, o autor mostra os muitos jacarés existentes (que são, na sua opinião, uns bichos do feitio do lagarto¹⁰³), muitas araras e muitos bugios, muitos peixes e palmeiras nos rios e suas margens, nos pântanos do Taquari, nas terras de Cuiabá, laranjas, melancias, melões, caju, mangavas e muitas minas

⁹⁹ BENJAMIN, W. Obras escolhidas. Op. cit. p. 109.

¹⁰⁰ Ibid. p. 113.

¹⁰¹ José Feliciano Fernandes Pinheiro (1774–1847): bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra, foi deputado nas Cortes em Lisboa. Como presidente da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, estimulou a criação da colônia alemã de São Leopoldo (que lhe rendeu o título de visconde). Primeiro presidente do IHGB, foi autor de vasta obra. Foi ainda fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai em 1843. in: DICIONÁRIO biobibliográfico. Op. cit. Vol 6. p. 30.

¹⁰² ATA de 06 de outubro de 1842. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo IV, 1842. p. 520-521.

¹⁰³ NOTÍCIAS da Capitania de S. Paulo no anno de 1792. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo V, 1885 (1ª. Ed. 1843). p. 33

opulentas. A natureza descrita em Barbosa já completava 51 anos. Era a ponta do iceberg e ao mesmo tempo sua massa submarina!

O viajante que lembrava das primeiras viagens aos territórios ainda em tempos coloniais acabara de deparar-se com os campos de Guarapuava na então província de São Paulo. Visibilidade da riqueza e imagem idílica que vai esconder as queimadas das matas e florestas para a plantação como na história que conta Warren Dean¹⁰⁴. Este narra que os fazendeiros abatiam “árvores vivas para material de construção, mourões de cerca, caixotes, cabos de enxada e machado, gamelas, cangas, mobília e muitas outras utilidades”. Além disto, “o terreno da mata era fonte de cipó” e, quando os recursos utilizados pelos colonos acabavam, um fazendeiro maior transformava o antigo “mato” em pasto. Cita o botânico Álvaro da Silveira que, na virada do século XIX, afirmava: “plantar uma árvore é o que ninguém, absolutamente ninguém, julga ser uma coisa ligada à exploração agrícola”¹⁰⁵.

O historiador ambiental faz um apelo aos historiadores brasileiros: que olhem para a construção dos desertos provocados pelo progresso da lavoura, da indústria e das próprias ocupações urbanas. Interrogar o século XIX a fim de levantar o retrato de uma natureza passada é parte do exercício de ver a grandiosidade e a usurpação, mas também os limites, a lucidez e a loucura que envolvem as idéias.

Deste modo a natureza surge para a política como paisagem, como crítica, como mapa, enfim, como uma miragem. Natureza que tem as viagens como sua

¹⁰⁴ DEAN, W. op. cit. p. 206.

¹⁰⁵ Ibid. p. 210.

principal construção narrativa e tem, nas ciências, sua fundamental possibilidade discursiva. Natureza em viagem e em discurso é o que passamos a investigar.

1.2 A viagem como narrativa da natureza

Quem viaja tem muito que contar, diz o povo, e com isto imagina o narrador como alguém que vem de longe.¹⁰⁶

A narrativa tem em si, como afirmou Walter Benjamin, uma importante dimensão utilitária¹⁰⁷, sendo na leitura de Susana Kampff Lages “de alguma forma tributária de um impulso melancólico, pois ao mesmo tempo que atualiza eventos do passado, reafirma o seu caráter por definição passado, isto é, que passou, morreu, deixou de existir e, portanto, é pranteável”¹⁰⁸. O maior desejo do narrador é dar conselhos, apontando uma continuidade de uma comunicação verbal espontânea, localizada e diferenciada pelo autor na experiência de camponeses e marujos.

Benjamin postulou que metade da arte da narração estava em evitar explicações. Assim, o narrador, rico em sabedoria, retiraria das experiências suas e de outrem aquilo que contava. E na confusão entre estas experiências nasceriam os cronistas, verdadeiros narradores das histórias, que depois puderam ser escritas pelos historiadores¹⁰⁹.

Assim se estabelece uma relação entre os historiadores e seu notável encanto pelas viagens. Na busca por cronistas e outros viajantes, os historiadores

¹⁰⁶ BENJAMIN, W. op. cit. 1994. p. 199.

¹⁰⁷ Ibid. P. 200.

¹⁰⁸ LAGES, S. K. Tradução e melancolia. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002. p. 131.

¹⁰⁹ Ibid. P 209.

do IHGB tecem histórias que, quando fogem das muitas explicações objetivas, nos permitem ver sua mais genuína narrativa.

Em outro Arnaldo Momigliano aponta a importância dos estudos geográficos e de viagem do primeiro grego a descrever o Golfo Persa – Scylax de Carianda no ano 500 a.C. Uma tradição que passa por Herótodo de Halicarnasso, Dionísio de Mileto e tantos outros. Tradição antiga sobre conhecimento dos outros no mundo¹¹⁰, a viagem deixa ver alguns passados e algumas paisagens.

As viagens propiciavam áqueles que a experimentavam um mundo novo de experiências, pois mesmo com um mapa nas mãos, o caminhar dentro das matas poderia ser assustador. Mas também seria encantador e poderia trazer admiração. Os espaços visitados causavam sensações variadas nos viajantes. No Brasil do século XIX, a viagem romântica remontava a viagens filosóficas do século XVIII. O viajar, o conhecer, o contar, o medir formam uma verdadeira tradição na escrita da história. Mesclaram-se aos sentidos e promoveram uma quantidade significativa de registros, diários, memória, desenhos e mapas. Assim é a viagem que amarra os tempos desta história.

Voltando ao século XIX temos que: explicar era marca institucional; silenciar, uma prática comum; viajar, um desejo realizável.

Assim muitos dos documentos publicados no IHGB apresentam informações insuficientes de autor, data, ou local do acervo dos manuscritos.

Também são muitos os que não trazem notas explicativas, quer de tradução, quer de publicação. Desta forma, consideramos aqui as Comissões de redação, de história e de geografia, como qualificadas na escolha e na publicação de viagens,

¹¹⁰ MOMGLIANO, A. op. cit. p. 78.

mapas, cartas, e outros relatos que a envolvem. Mais que indivíduos, são as suas idéias e as de outros que vemos circular.

As viagens nos permitem revisitar algumas destas narrativas. Por exemplo Martim Francisco Ribeiro de Andrada¹¹¹, sócio do IHGB, vai visitar a capitania de São Paulo nos anos de 1805. Seu diário é publicado em 1847 e mais tarde reimpresso em 1869. Contava ele:

N'esta jornada desde as lavras para a Paranaíba vi muito arbusto silvestre de anil, com grande dó de não ver aproveitadas tantas riquezas, que a natureza nos oferece sem escasseza, porém devo confessar, que o apinhamento de fazendas, e abundancia de terras cultivadas diminuirão em parte o desprazer, que me causou esta marca sem replica da indolencia paulista, e até disfarçarão por algum momento os incomodos, por que passo viajando por entre o mato: as estradas d'este páiz são peiores que os atalhos em Portugal".¹¹²

Documento síntese das duas experiências, que marcam o indivíduo, a viagem e a história.

Martim ocupa-se de uma viagem que é romântica, mas que não se diferencia das viagens filosóficas que o IHGB tanto publica. Assim cabe distinguir as viagens de que tratamos aqui.

...

Se tomarmos o historiador Elias Thomé Saliba, o romantismo é uma estética do contraste e de polarizações que transmite a instabilidade e a mudança, através de fins enviesados e tão intrincados que levam o homem ao

¹¹¹ Martim Francisco Ribeiro de Andrada (1775-1844) Irmão de José Bonifácio de Andrada e Silva, formou-se em Matemática na Universidade de Coimbra, integrou o governo provisório que resultou no movimento da Independência. Deputado constituinte em 1823 foi exilado e preso durante o Primeiro Reinado. Posteriormente, durante o Segundo Reinado, foi ministro da fazenda, pertenceu ao conselho do imperador e publicou obras sobre mineralogia e política. In: DICIONÁRIO biobibliográfico. Op. cit. Vol 6. p. 55.

¹¹² JORNAES das viagens pela capitania de São Paulo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. vol. 45 (64-65) p. 5-47. p 11.

ensimesmamento. Leríamos assim a viagem romântica através das bravuras e medos dos viajantes, mas também através da dedicação à escrita de seu diário, marcado por montanhas e baixios. Na viagem feita à Colônia Holandesa do Suriname, a serviço da Coroa Portuguesa, Francisco José Rodrigues Barata empreende toda a sua valentia nos últimos dois anos do século XVIII. Encontramos uma expressão curiosa e iluminadora: “...e foi então a primeira vez que vi estas espantosas serras aquáticas cujo horroroso estrondo, medonha vista, e iminentes perigos com que ameaçam, não deixam nas primeiras impressões de fazer accudir o sangue, ainda aos corações mais resolutos”¹¹³.

Depois de estar nestas terras dos sertões e navegar os mais difíceis rios, continua sua descrição, agora de uma das tecnologias utilizadas para vencer as cachoeiras:

Descarregamos os mantimentos e o mais em terra, e depois tratou-se de passar as canoas, para o que mandei atravessar a nado parte dos índios para uma pequena ilha, e a outra parte ficou em terra, e fazendo passar por meio de uma linha de pescar uma das cordas de sipó para a dita, e a outra para a terra, me meti à cachoeira, que assim se chamam aqui vulgarmente de catadupas, que se encontram na maior parte dos grandes rios deste continente, bem como em alguns da África e d’ Ásia, e também da Europa, posto que muito menores...

Com muito trabalho, o viajante e sua comitiva continuavam através da grande correnteza de uma localidade chamada de Rabo da cachoeira, onde quase toda a expedição pereceu. Ah, se não fosse o bom piloto indígena, afirmou o viajante, descrevendo povoações de dez almas, seu comércio, sua agricultura, fazendas com 300 cabeças de gado, fortalezas, lugares sombrios, vastíssimas

¹¹³ DIÁRIO da viagem à Colônia Holandesa do Suriname por José Francisco Ribeiro Barata, 1799. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VIII, 1846. p. 18.

serras e campinas. Seu coração resoluto batia forte pela civilização. Seu texto permite ver as marcas expressas de um sentimento de sublime.

Entretanto, os guias desta expedição eram os próprios indígenas, que melhor conheciam os terrenos, sendo um dos membros da expedição, um prático¹¹⁴, também versado em idiomas autóctones. A relação entre o prático e o viajante se apresentava conflituosa em todo o percurso da viagem, em que o risco de vida se aproximava em todo o momento do percurso, e as cachoeiras intermináveis, quase sempre temidas, interpunham-se entre o viajante e a sua missão.

Cismado com o caminho, passando por “medonhos alagadiços” e povoados vazios, subindo montanhas e atravessando os rios a nado, o viajante percebe o mundo natural como obstáculo a ser transposto. Entretanto a cisma do homem de ciência se realiza: o indígena havia efetivamente desviado a expedição do caminho da viagem. Conflitos entre referenciais de civilização e de natureza. Nas palavras portuguesas carregadas de intensos e etnocêntricos sentidos que descrevem o evento, podemos ler:

Estava eu em pé na boca da tolda da canoa ao tempo em que esta estava de popa, como em semelhantes lugares, se costuma, por baixo de uma árvore, cujos ramos foi preciso suspender; o que fez um índio que estava em cima da dita tolda: ao tempo em que este índio largou o ramo me advertiu para que o segurasse, o que fiz; mas com tal rapidez passou a canoa, que ella fugio debaixo dos meus pés e eu fiquei suspenso e pendente do ramo, e caí finalmente no rio. Era violenta a correnteza, e portanto eu não podia vencel-a, pelo que segurado sempre no dito ramo, diligencieei chegar à terra; porém era isto mui difficiloso, porque o ramo estava perpendicular no meio do rio: então chamei a um índio da canoa para que

¹¹⁴ No Dicionário de Rafael Bluteau o vocábulo prático é apresentado em seu termo geral: homem experimentado e versado; perito na especificidade do universo jurídico. A caracterização náutica que sugere a utilização do termo no documento não está aí colocada, também entendemos que a caracterização que o viajante dá ao termo é mais abrangente incorporando referenciais da cultura e das línguas. Quanto ao termo da náutica prático é o homem que conhece minuciosamente os acidentes hidrográficos de áreas restritas e que com esses conhecimentos conduz embarcações através dessas áreas.

me dêsse uma corda, o que fez, e no entanto todos os mais se pozeram a rir, sem que algum me quizesse ou viesse soccorrer.¹¹⁵

Conflito, tristeza, contraste, polarização, instabilidade, mudança, a viagem romântica é, para Flora Süssekind, traduzida na descrição através dos recursos de pequenas histórias, exaltação e ruínas, na utilização da comparação como recursos de demarcação, no testemunho de combates e na dramaticidade como elementos-chave na consolidação do Império¹¹⁶. Registros da riqueza e da miséria, registro de um olhar que se articula na sucessão de seus dias e feitos, mostrando, mesmo na descrição do meio quase sem paisagem, como alerta a autora, suas intrincadas e intensas ambigüidades. O narrador descreve o que acaba de experimentar, em tom melancólico e romanesco e de forma científica e documental.

O viajante contempla grandes e pequenos espetáculos, dramas, tragédias, comédias, aventuras heróicas e, ao mesmo tempo, grandes e pequenos desastres. Este é jogo dos claros e dos escuros, que iluminam e sombreiam em muitos matizes o mundo dos homens e das viagens românticas e das histórias oitocentistas.

Curiosidade e admiração, incômodos e perigos são experiências que também encontramos no Itinerário da cidade de Palma em Goyaz, à cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantins, onde o viajante e juiz de direito da comarca de Palma, Dr. Vicente Ferreira Gomes deixa à mostra: “...pensava eu, e penso ainda, que aquelle que nunca soffreu incommodos, que não experimentou perigos, não

¹¹⁵ DIÁRIO de viagem à Colônia Holandesa. Op. cit. P. 11.

¹¹⁶ SÜSSEKIND, F. O Brasil não é longe daqui. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 40.

póde bem apreciar os cômodos e os prazeres da via traquilla; porque é tal a fraqueza da natureza humana, que só no contraste do mal se póde apreciar devidamente o bem”.¹¹⁷

Repugnância e admiração dividem o olhar deste viajante, o estado dos “selvagens”, os hábitos, os costumes sociais dos nativos o repelem: a bondade, a simplicidade e a ingenuidade o cativam. O indígena, como a natureza, era, neste olhar, singelo e formoso: a civilização, à inspiração de Rousseau, era envolta em fingimento, na mentira, na ostentação. Vejamos:

Alli se observa a natureza em toda a sua singeleza, alli não se vê os adornos occultando os defeitos naturaes, nem as producções da arte e do capricho occultando a formosura, contrafazendo a obra do Creador; alli não se sentem as dilicadezas da sociedade civilisada de envolta com o fingimento, com a mentira; alli não se hospeda por ostentação, por comprazer ao hospede, e sim por inclinação natural, como dever innato; alli só se vê a formosura natural pura e simples como é a mesma verdade ¹¹⁸.

A vida social poderia ser superficial ou mais aparente, mas certamente era ao olhar viajante mais cômoda e muitos povos indígenas a deveriam desejar. A valorização positiva da natureza pela sensibilidade romântica já foi apontada por Márcia Naxara, que sugere que nas centenárias e velhíssimas árvores, simultaneamente no seu viço e virgindade, tornavam o novo mundo de fato novo. A autora diferencia o literato do viajante, segmentando os processos do conhecer e do sentir. Em José de Alencar, lembra “a intenção de realçar a grandeza da

¹¹⁷ ITINERÁRIO da cidade de Palma em Goyaz, à cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantis, pelo Dr. Vicente Ferreira Gomes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. vol XXV, 1862. P. 485.

¹¹⁸ Ibid. 492/493.

natureza brasileira, mesmo nos pequenos detalhes, e sua influência na formação do povo que a habita e na concepção de história que dela se forma”¹¹⁹.

Márcia Naxara alerta, entretanto, para a atividade contemplativa do homem que venera a Natureza desde seu civilizado universo, trabalhando nas bipolaridades do romantismo, como civilização/barbárie, cidade/campo, luzes/trevas, cuidando para perceber a polissemia dos seus significados. Caberia aqui questionar: o que poderíamos ver para além da bipolaridade destas experiências?

O romance então ultrapassou a arte ou a pintura, tocando a literatura de viagem e os escritos da história. Na inspiração de Herder, as reformas da história assemelham-se às sementes que caem e silenciosamente no interior do solo processam profundas mudanças, escreve que “agora é Primavera: a terra abre-se, o sol incuba as sementes e milhares de ervas despontam... Ah, homem, foste sempre e quantas vezes contra a tua vontade, um pequeno instrumento cego”¹²⁰.

O mundo romântico não teria sido o mesmo sem o Iluminismo, afirma Franklin Baumer¹²¹, sendo o século XVIII um passado a ser negado. Um passado que ao mesmo tempo constitui importantes fragmentos e mesmo atravessa aquele seu presente.

O século XIX teve no romantismo uma de suas experiências mais importantes, mas não a única, e a viagem foi dentro desta experiência uma das possibilidades de viver o trágico, o infinito, o outro lugar, na afirmação de Sérgio

¹¹⁹ NAXARA, M. R. C. Cientificismo e Sensibilidade Romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.p. 261.

¹²⁰ HERDER, J. G. op.cit. p. 66.

¹²¹ BAUMER, F. op. cit. vol II p. 23.

Givone¹²². Para este autor, os paradoxos vividos pelo homem romântico, neste caso o intelectual, estão irremediavelmente ligados à paixão por uma ausência. O outro lugar sempre divisa um lugar mais adiante. A nostalgia, o sonho, a realidade mesclam-se em milhares de sensações¹²³. A imensidade da natureza acompanha estas viagens.

As gigantescas proporções do Araguaia fazem o rio Tocantins parecer um pequeno oceano limitado por árvores densas e escuras que “fingem ser nuvens”. Os terrenos era produtivos e as madeiras muito boas, em suas palavras. Os desertos eram habitados por gaviões e por nômades, ambos inimigos para Vicente Ferreira Gomes. Depois de passar por São João d’Araguaia, o viajante sintetiza o espírito do romantismo:

N’este trajecto, que é onde se encontram as maiores dificuldades, onde se acha a cachoeira denominada – do arrependido – é justamente onde se observa maior variedade de scenas, onde se reúnem mil quadros diversos, dignos de contemplação e admiração; ahi, ora se vê a espessa floresta como que elevando os ramos ao céu para agradecer ao Creador sua fôrma, beleza, força, e prestimos, e então, se experimenta a escuridão, a frescura, apesar da claridade e ardor do sol; alli se vêem praias ao nível do rio cobertas de áreas mui claras, onde o sol, dardejando seus raios parece redobrar sua calma, e seu esplendor: muitas vezes em lugares mui proximos se experimenta esse contraste...¹²⁴

O contraditório também marca o desejo de chegar senão a um porto seguro, a um pouso que o tire da impetuosa correnteza do rio. Contraditório também em seu parecer sobre os meios de melhorar a navegação e as condições

¹²² GIVONE, S. O Intelectual. In: FURET, F. (dir.). O homem romântico. Tradução de Miguel Serra Pereira. Lisboa: Editorial Presença, 1999. p. 199.

¹²³ Para Nicolau Sevchenko, no século XIX “latejam e se confrontam essas tendências díspares da razão, da paixão e do impulso místico salvacionista, (...) fundidas na figura inspirada do alucinado genial, que arrasta os povos e deflagra as forças da história, tendo como recurso de ação as convicções da ciência.” In: SEVCENKO, Nicolau. O paraíso revelado pela ciência ou o Dr. Langsdorff e o descobrimento russo do Brasil. In: BECHER, Hans. O Barão Georg Heinrich von Langsdorff. São Paulo: Editora Dia; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1990. p. 113.

¹²⁴ ITINERÁRIO da cidade de Palma em Goya(...). Op. Cit p. 496/497.

dos povos do Tocantins, o viajante afirma a necessidade de fazer vestir e plantar aos indígenas, apontando o apreço destes povos à liberdade e em um lampejo de lucidez afirmando o erro da conversão forçada. Dizia ele que convinha “não constranger os indígenas”, sendo que lhes forçar a viver em sociedade equivalia a forçar o homem civilizado a tornar-se selvagem.

As riquezas naturais, prontas a serem exploradas, acompanham a descrição romântica até o final do relato. E conforme deveria ser, sua conclusão aponta os limites de seus escritos e prostra-se aos pés do Império. Lucidez e insanidade! Talvez a idéia da sedução retórica dos sentidos de Herder nos ajude a encontrá-las.

Poderíamos citar Hipólito da Costa Pereira, um intelectual¹²⁵ viajante que, ainda em tempos coloniais, percebe a experiência da independência norte-americana. Um homem que, nos dias de sua doença e nas dificuldades de sua viagem nas distâncias da América do Norte, lembra-se dos campos de sua infância. O trágico das experiências de viagem pode também expressar a contradição do real atravessado pela inocência, crueldade, culpa, misericórdia¹²⁶, pelo próprio romantismo da lembrança.

Mas se seguirmos Givone, o intelectual romântico seria também o flâneur, o dândi, o esteta, o esquizofrênico, que “professa um niilismo irredutível”. O utopista, o conservador e, mais uma vez, o melancólico. Enigmático, visionário, o intelectual romântico buscará incansavelmente a verdade e das viagens procurará contar dos

¹²⁵ Utilizamos aqui o termo intelectual tendo em vista que desde o século XVIII o vocábulo é utilizado para descrever os indivíduos responsáveis pelo entendimento. Op. cit. BLUTEAU, R. Vol 2, p. 713.

¹²⁶ GIVONE, S. op. cit. p. 204.

lugares, suas produções, sua localização, seus terrenos e em toda a descrição da natureza perceber sua exuberância e possível utilidade.

Entretanto, a viagem romântica não foi o único mundo de experiências vivido: o intelectual romântico viajante ou historiador debruça-se sobre outros tempos, as viagens filosóficas do século XVIII. Essência deste espírito, que constitui e nega estas viagens, o exercício da história torna-se um ritual de curiosidade e admiração. Isto nos remete a este outro universo das experiências, que passamos agora a refletir – As viagens filosóficas.

...

As viagens do fim do século XVIII europeu, levadas a cabo dentro de uma política ilustrada de culto à flora e às produções na corte, constituiriam um “espetáculo da natureza”, como afirma Vera Regina Beltrão Marques¹²⁷. A autora faz desfilar jardins, academias, universidades e os desejos que tocavam os homens de letras daquele período. As viagens faziam coletar objetos, descrevê-los, desenhá-los, classificá-los, armazená-los e remetê-los à Corte. A experimentação da nascente agronomia levava os homens a “varrer” os territórios em nome da política colonialista portuguesa, trazendo a exemplo destas intermináveis viagens a expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira, que produziu vasta documentação, e acabou por ser intensamente publicada nas páginas da Revista do IHGB. À parte das viagens de Ferreira, percebemos inúmeros viajantes que entre os séculos XVIII e XIX viveram esta experiência e ligaram-se através dela. São estas outras viagens que nos cobram um entendimento. Parte de um

¹²⁷ MARQUES, V. R. B. *Natureza em boiões: medicina e boticários no Brasil Setecentista*. Campinas: Editora da Unicamp. 1999. p. 118.

processo político, como afirma Marques, as viagens, ao lado das academias frequentadas por naturalistas, médicos, militares, e outros, desejavam realizar um inventário da natureza, que fazia o homem observar seu lugar, seus espaços e conseqüentemente seus outros – animais, vegetais e minerais. (Ver em anexo as tabelas 1 e 2)

O homem do século XVIII tornava-se o centro de seu próprio mundo; a natureza, soberana em suas espécies imutáveis, significava a própria vontade do Criador, existindo para o bem estar do homem e para o seu livre proveito, como analisa F. Baumer.¹²⁸ Sobre este período, Pedro Calafate vai afirmar que a natureza deixava ver Deus, a manifestação do Criador¹²⁹.

A temporalidade do universo era outra para estes homens, e os processos de datação do passado aperfeiçoavam-se. As descobertas fósseis que se faziam ameaçavam a estabilidade das eras buffonianas¹³⁰, destruídas pelo bem precioso do desenvolvimento das ciências, se diria à época. As viagens de então, ponta de lança de um processo de civilização, domínio e descoberta, produziram saberes que ajudaram a criar e destruir mundos.

¹²⁸ BAUMER, F. Op. cit. p. 232

¹²⁹ CALAFATE, Pedro. *A idéia de natureza no século XVIII em Portugal (1740-1800)*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994. Citando a obra recreação Filosófica de Teodoro de Almeida, o autor resgata: “Os insectos, quanto a mim são os diamantes em toda a Natureza. Ela brilha mais nestes bichinhos da terra que no Sol e na formosura dos astros. Eu, nos céus vejo um magnífico espelho da grandeza de Deus; mas aqui nos insectos o vejo da sua sabedoria da sua providência, da sua incompreensibilidade total”. P. 59

¹³⁰ É marcante em Buffon a idéia de degeneração, sobre mutabilidade e permanencia, encontramos: “entre Dios, acto puro y la naturaleza, mera potencia, se extiende toda la serie de los fenómenos naturales, descendiendo desde las estrellas fijas, etéreas, immutable y próximas a Dios, cada vez más bajo hasta llegar a las mutaciones desordenadas del mundo terrestre. Cunto mas estable es una cosa, tanto más divina, y tanto más vaiaable, tanto más alejada de Dios y tanto más sujeta a corrupción.” In.: GERBI, A. *La disputa del nuevo mundo*. México, DF/Buenos-Aires: Fondo de Cultura Economica, 1982. p. 21.

Este movimento já percebido por Diderot trazia em si sementes dos novos conhecimentos. Os homens tiveram que rapidamente reordenar suas categorias e conceitos. A evolução, aventura audaciosa da razão e, como recupera Baumer nas palavras de Kant, um verdadeiro terremoto no mundo das idéias. Franklin Baumer conta que o século XVIII era percebido por seus homens de letras, notadamente Buffon, como a sétima era da história da terra, onde o “poder do homem excedia o poder da natureza”.

Cultivada, a natureza era linda, no interior deste mundo de idéias; selvagem, era medonha e apaixonadamente romântica. Os jardins aparados, moldados e conservados pelas mãos humanas eram o espaço desta natureza, e as viagens eram seu maior provedor. Buffon jogava o homem na história da terra. O próprio século XVIII estava sendo jogado na história.¹³¹ Este tempo histórico rompia outros.

Pierre Chaunu nos leva a refletir sobre aquilo que chama de “fronteiras devoradoras” do conhecimento e da informação, que criam o desejo de observar outros mundos, construindo uma ciência das viagens, onde as normas faziam o cientista registrar e recolher. D’Alembert, em seu *Ensaio sobre os elementos de filosofia*, ensinava que a “história geral e raciocinada das ciências e das artes encerra quatro grandes objetos: nossos conhecimentos, nossas opiniões, nossas controvérsias e nossos equívocos”¹³² A história dos conhecimentos desvendaria

¹³¹ CHAUNU, P. *A civilização na Europa das luzes*. Tradução de Manoel João Gomes. Vol. I. Lisboa: Editorial Estampa, n.º. 43, 1985. P. 260.

¹³² D’ALEMBERT, J. R. *Ensaio sobre os elementos de filosofia*. Tradução de Beatriz Sidou. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. P. 8, onde afirma: “A história dos nossos conhecimentos desvenda para nós as nossas riquezas – ou antes, a nossa indigência real. Por um lado humilha o homem, mostrando-lhe quão pouco ele sabe; por outro o eleva e o estimula, consola-o ao menos,

as riquezas. Conhecimentos divididos pelo autor em úteis e curiosos, tendo sempre por objeto o prazer do espírito e do corpo. Assim, as ciências e as artes concorreriam para um maior entendimento do homem sobre si e sobre o mundo que o cercava. Às vezes, no entanto, o remédio era amargo!

Por esta forma as viagens filosóficas cumpriram muitos destes referidos desejos, trazendo imagens, expressando os vividos, fomentando sensações, dando aos estados as possibilidades de sua grandeza e uma infinidade de novidades e riquezas prestes a serem conhecidas. Mas os documentos produzidos para engrandecer Portugal serviram para engrossar a história nacional do Brasil e dar visibilidade à conquista oitocentista e suas infindáveis possibilidades.

Na documentação selecionada encontramos mais um elemento que devemos observar: as viagens são lidas nas reuniões do IHGB, tendo sua publicação também nas atas. Tratadas como monografias, como informações ou como descrições, as viagens traziam as impressões mais diversas que contavam sobre as muitas paragens do interior das províncias brasileiras no presente ou no passado. Uma leitura dos programas lidos nas sessões do Instituto pode dar uma idéia deste processo. Referimo-nos à sessão Leitura das Atas.

...

Ler viagens é traduzir estes mundos distantes, é construir imagens, é exercitar a imaginação, é vislumbrar o maravilhoso de dentro de uma sala segura,

de onde se vêem animais de tirar o fôlego como fizeram muitos dos historiadores e acadêmicos do IHGB.

Oh, viajantes do espanto! Ah, que nobres histórias
Lemos em vosso olhar profundo como os lastros!
Os escrínios mostrai, que trazeis nas memórias,
De jóias a irradiar feitas de éteres e astros!

Queremos viajar sem vapor e sem vela!
Fazei para amainar o tédio das prisões
Por nossa alma passar, tesos como uma tela,
Horizontes de amor, vossas recordações.

O que pudeste ver enfim?¹³³

A leitura das viagens deixa ver o nível da importância dada ao mundo natural, enquanto obstáculo ou fonte de riquezas, enquanto paisagem, arrebatamento e fascínio, como em Nicolau Sevcenko¹³⁴ e, principalmente, enquanto um discurso da história.

Entretanto este discurso pode ser lido de muitas formas. É necessário marcar aqui a forma da leitura desta história, é então necessário explicitar quais são as perspectivas historiográficas que delimitam este trabalho.

Finalmente advertimos que é só a partir desta articulação de idéias, que é possível a leitura que sugerimos aqui. Leitura que entrelaça as muitas compreensões que os homens tiveram sobre a natureza na modernidade brasileira e as instituições que a abrigaram.

¹³³ BAUDELAIRE, C. As flores do mal. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 151.

¹³⁴ SEVCENKO, N. O paraíso revelado pela ciência.... Op. cit. P. 140.

2. NATUREZA, INSTITUIÇÕES E IDÉIAS CORRESPONDENTES

2.1 A natureza na história

“Crianças vocês vivem em um deserto; vamos lhes contar como foi que vocês foram deserdadas”¹³⁵. Esta é primeira lição de história que deveríamos ensinar nas escolas brasileiras segundo Warren Dean, que, ao fazer uma história da devastação da Mata Atlântica, aponta como os danos a ela causados por séculos de impacto podem ser irreversíveis. Lição que nos conduz pela história de muitas experiências de destruição.

O historiador ambiental resgata a questão da natureza para a reflexão em uma história de longa duração. Leva-nos ao distante ano 1000 e à competição pelo habitat da Mata Atlântica, travada entre os grupos indígenas tupis e a pressão exercida na natureza¹³⁶ já naqueles tempos. As guerras intertribais, a estocagem de alimentos, a caça ritualizada, o corte de árvores que sugere um manejo, as modificações da floresta original, são pesquisadas pelo historiador nos relatos dos primeiros jesuítas e de outros europeus. Em uma dilatada história, busca também analisar a pressão exercida ampla e violentamente pela extensividade das lavouras, movidas pelos braços escravos, durante 300 anos. Analisa os impactos provocados pelo desenvolvimento econômico ao longo do século XX e de um modo perspicaz realiza um resgate que, de forma arrebatadora, nos mostra a construção dos desertos.

¹³⁵ DEAN, W. A ferro e a fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 379

¹³⁶ Ibid p. 53.

Assustador é que há muito se ouviam estes alertas. Pior ainda, desenvolve Dean, é o fato de termos apagado de nossas memórias e de nossas histórias toda esta destruição. Isto se daria porque também teríamos apagado de nossa memória os sentimentos e as idéias que outrora cultivamos sobre a natureza? Caberia então à história restituir as feições destes rastros apagados? Rastros de idéias, rastros de homens, rastros de outras sociedades¹³⁷ e de outros olhares?

Dean estuda também homens e instituições: o Instituto de Agricultura, o Museu Nacional e as revistas científicas que constituíram marcos do pensamento em relação à natureza na história brasileira. Mostra-nos as conturbações políticas e de idéias que ligam o século XVIII ao XIX e alguns dos personagens sobre os quais também nos debruçamos aqui, como Hipólito da Costa Pereira, Guilherme Capanema e outros que vivem experiências similares de ciência e natureza.

Retomamos José Augusto Pádua que, mais atualmente, nos prepara para o encontro das idéias do IHGB com os intelectuais setecentistas no que toca à condenação das técnicas agrícolas predatórias¹³⁸. Retomando os textos de Januário da Cunha Barbosa, Raymundo da Cunha Matos, Freire Allemão e Emílio da Silva Maia, destaca como estes homens apontaram o abuso das derrubadas, os problemas do desflorestamento, de práticas rudimentares e seus malefícios. Indivíduos que percebem florestas tornarem-se capoeiras, mesclando os

¹³⁷ Também na busca dos rastros destes outros podemos citar o rastro do rio São Francisco como para Vanessa Maria Brasil, em seu *Um rio, uma nação*, ou os rastros da seca no Nordeste de Marco Antonio Villa em *Que brasileiro, que fomalha*; ambos publicados na Revista Nossa História. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional & Editora Veracruz, de abril de 2005.

¹³⁸ PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição; pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 179.

interesses afetivos e científicos¹³⁹, participando desta prática de associativismo bastante própria do século XIX, que, como ensina o historiador, serve como canal de organização e estímulo da elite intelectual e mais ainda como instrumento de uma tarefa política civilizadora¹⁴⁰. Experiência que, se tomarmos as palavras de Keith Thomas, podem ser repletas de sensações e sentidos.

Os historiadores podem buscar estas idéias e os mundos que as possibilitaram existir nas mais distintas fontes documentais, textos religiosos produzidos nos mais distantes condados, cartas de nobres e burgueses, poesias e lendas. A natureza também se apresentou nos monstros e sereias. Keith Thomas evidencia o mundo natural através da poesia, das conversações e da pintura. O estudo das sensações e demonstrações de afeto do homem em relação aos animais é um processo que, para ele, foi vivido ao longo de toda a modernidade.

Existem assim animais detestados e animais que causam compaixão, evocados nos símbolos hierárquicos da sociedade moderna, mansos ou bravios, úteis ou desprezíveis; saborosos ou proibidos ao paladar, generosos, rústicos, domésticos, os animais em Thomas, bem como os vegetais, trazem uma explosão de sentidos. Da crueldade à proteção, da frieza ao afeto, o homem moderno revelou ao mundo natural seus mais profundos e muitas vezes obscuros sentimentos. Criar mascotes e construir jardins, esta foi a fórmula moderna para resolver o afastamento do homem em relação à natureza, provocado pela revolução Industrial e pelo processo de desenvolvimento científico. O processo de

¹³⁹ Segundo José Augusto Pádua, o interesse pela vegetação demonstrado por Freire Allemão, importante nome do IHGB, teria nascido de uma vivência rural. Ao ver a derrubada constante das grandes árvores e a extinção da fauna que a mesma provocava, chega a proferir discursos “com um tom algo político”. Op. Cit. PÁDUA, J. A. p. 184.

¹⁴⁰ Ibid. p. 173.

civilização da modernidade criou novas sensibilidades e, assim, possibilitou que muitos animais escapassem da voracidade do homem. Laços emocionais que ligaram os indivíduos às flores, árvores e paisagens e estiveram presentes na experiência da leitura e da escrita da história.

O predomínio do homem sobre o mundo natural foi para Keith Thomas a pré-condição básica da história humana. Diante disto pensar o que foi pensado por homens e mulheres do passado sobre a natureza é perceber como eles explicaram suas paixões e aversões.

Revela Thomas uma categoria muito especial, a das criaturas brutas, os homens-feras, relatados inúmeras vezes como quadrúpedes, peludos, selvagens. A natureza doméstica ou selvagem dotada de um sentimento ou marcada pelo instinto de sobrevivência, em sua conturbada relação com o homem, tornou-se este objeto de desejos, de representações, de idéias e experiências.

Paixões e aversões que tornam os fósseis, relógios em Paolo Rossi. Ao comparar a história da natureza com a história humana¹⁴¹, o historiador italiano percebe as distinções do medir do tempo. A história humana mover-se-ia em tempos mais breves, tempos nos quais algumas idéias funcionam como verdades na análise e leitura de seu mundo, nos quais circulam novos ares e se podem respirar novidades, espaços nos quais as antigüidades e a história ganham visibilidades.

A relação indivíduo e natureza, que aqui analisamos, afasta-nos de uma história da natureza propriamente dita. Não desejamos a história do clima, cujo

¹⁴¹ ROSSI, P. O nascimento da ciência moderna na Europa. Tradução de Antonio Angonesi. São Paulo: Edusc, 2001. p. 153.

objetivo não é o de explicar a história humana como Emanuel Le Roy Ladurie¹⁴² aponta. Aqui, unicamente os discursos interessam, discursos que contam de homens, de sociedades e de natureza.

A natureza está presente nos relatos das viagens e nos relatos da história, uma natureza no século XIX, que a exemplo do XVIII, nos permite ver homens em um exercício de erudição. É certo que nem sempre os objetivos destes indivíduos, ainda que associados, era dar visibilidade à natureza. Estavam, na maioria das vezes, preocupados com as questões da lucratividade, do Estado e do poder. Assim, podemos encontrar uma diversidade de idéias e leituras de natureza, que levam os homens aos mais distantes recônditos, onde o espírito selvagem está nas onças, nos jacarés, nas chuvas, nos rios e nas cachoeiras. Leituras que acontecem nas salas do IHGB.

A natureza tem estado na história de diversas maneiras. Seleccionamos algumas destas leituras para melhor nos aproximarmos destes mundos de idéias. Ao lado da natureza ou a ela dando visibilidade, percebemos uma história das publicações e dos livros, da circulação de papéis que nos leva a resgatar Robert Darnton. O estudo do processo de publicação e de republicação de idéias também compõe uma parte de nosso quadro interpretativo.

Reorganizando o catálogo dos clássicos, Darnton analisa como e o que se lia na França do século XVIII, como circularam oficial e clandestinamente obras literárias. Apontando um afastamento destes universos entre si, estuda as bibliotecas e o comércio de livros do período. Os interesses do estado, os agentes

¹⁴² LADURIE, E. R. O Clima, história da chuva e do bom tempo. In: LE GOFF, J. & NORA, P. História: Novos objetos. Tradução de Teresinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 13.

privados, editores, impressores, autores, leitores se relacionaram através dos livros e dos livretos. O oficial e o *underground* fazem parte desta história, aproximando-se, afetando sociedade, economia, política e cultura no Antigo Regime. Os temas, os títulos e os autores são objetos do historiador, obras que resistem à vida e à atividade literária dos indivíduos que as produziam e as liam.

Darnton aponta para o perigo do anacronismo na construção de uma história da literatura, propondo compreender os rearranjos e as reorganizações da palavra escrita. Porcentagens de vendas, listas de obras, fragmentos de editos e cartas são alguns dos elementos trabalhados pelo autor, traçando um panorama da leitura e da escrita na França¹⁴³ e que aqui inspiram nossa leitura da documentação.

Daí reforçamos nossa linha de análise: o que se escreve, o que se publica, o que se imprime, o que se lê, tomando o IHGB como referência e recorte desta história, desta experiência das letras. E se é esta, fundamentalmente, uma história de idéias, ainda que com diversas inspirações, devemos recuperar Robert Lenoble e os amores que a humanidade teve pela natureza mesmo quando não a conhecia. Em uma relação de sentimento anterior à racionalização, como a experiência realizada na arte e na estética vivida nos tempos do Renascimento, a natureza possuía uma “exuberância” que se derramaria “em demasiadas direções para corresponder a um fim único”¹⁴⁴. Tão convidativa à observação humana

¹⁴³ DARNTON, R. *Boêmia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. Companhia das Letras, São Paulo: 1987.

¹⁴⁴ “Natureza – ciência da natureza – certeza científica, estes três conceitos formam hoje em dia a fé de grande número dos nossos contemporâneos. Eles preservam a idéia, tão velha como a humanidade, segundo a qual o homem deve regular-se pela natureza; e uma vez que a Natureza não depende senão da ciência, daí resulta que a ciência diz tudo e que as nossas certezas já não

como em Rabelais, tão dominada pela ciência em Laplace, subjugada pelo homem no século XVIII¹⁴⁵.

Segundo o historiador das idéias, é neste século que “o homem começa a agitar-se com tanto brio na conquista do mundo.”¹⁴⁶ Questionando a natureza e seu papel para os sábios, Lenoble nos lança em um universo setecentista cheio dos perigosos **germes** da redução da Natureza ao pensamento, que para ele podem levar os homens a ignorarem a história e em última instância ignorarem o sentido das próprias palavras. A busca da previsibilidade, que acompanha a observação dos fenômenos e da própria natureza, desde os tempos de Aristóteles, leva o historiador a refletir sobre descontinuidades, entretanto cabe apontar que a constância da natureza já acalmou indivíduos e sociedades. O habitual já fora objeto de pensamentos filosóficos¹⁴⁷. Era o mundo entre o ser e o devir.

Refletimos a temporalidade, buscamos períodos distantes entre si, que nesta mesma distância possuem algo que os liga, nem vazios, nem homogêneos, como o tempo experimentado em Walter Benjamin.

O desejo pela sujeição da natureza marca as temporalidades em cada um dos seus muitos momentos e experiências, marca profundamente os muitos e diversos pensamentos. As temáticas, o estilo, os processos de produção e de circulação, os autores fazem de cada idéia um monumento de sua civilização ou

carecem de metafísica.” LENOBLE, R. *História da idéia de natureza*. Tradução de Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70: 1990. p. 317.

¹⁴⁵ Ibid. P. 314.

¹⁴⁶ Ibid. p. 316.

¹⁴⁷ Aristóteles, o antigo pensador macedônico, percebe as rupturas e mudanças. Nele, podemos ler: “nenhuma atividade humana admite uma ação contínua”. ARISTÓTELES. *Coleção Os pensadores*. São Paulo: Victor Civita, 1996. p. 305.

de sua barbárie. “O trabalho como agora compreendido, visa uma exploração da natureza, comparada, com ingênua complacência, à exploração do proletariado”, critica Benjamin em sua 11ª tese, surpreendendo-se com a razoabilidade da liberdade da criação, que o trabalho social de Charles Fourier ilustrava, com efeito, “o gelo se retiraria do pólo”, a “água marinha deixaria de ser salgada”, os “animais predatórios entrariam a serviço dos homens”¹⁴⁸.

Em Benjamin, a escravidão é fruto da exploração da natureza e desta organização de sociedade. A técnica está também a serviço do poder e da destruição, “novas arquiteturas, como as dos grandes tanques, dos esquadrões pairando em formação geométrica, das espirais de fumaça pairando sobre aldeias incendiadas”¹⁴⁹. Não nos esqueçamos da cara e repetida lição: à História cabe apropriar-se das reminiscências quando relampejam nos momentos do perigo¹⁵⁰.

Perigo que nos faz observar a Natureza e a Paisagem que levam às montanhas, aos rios, às árvores, ao templo do sublime, do mítico, do religioso, como ensina Simon Shama. As odes aos carvalhos, a hidromitologia, a literatura de Robin Hood, as “florestas como berço das nações”¹⁵¹, os jardins e as catedrais ocupam as suas reflexões da história que mesclam literatura, desenhos, gravuras, quadros, arquiteturas e homens de diversos tempos, demonstrando as mais diversas formas de viver e as mais significativas sensações. Prazer, pânico,

¹⁴⁸ BENJAMIN, W. *Teses sobre o conceito de história*. In: *Obras escolhidas*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 288.

¹⁴⁹ Ibid. p. 196.

¹⁵⁰ Ibid. p. 224.

¹⁵¹ SHAMA, S. *Paisagem e Memória*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 207.

sombras, luzes, apreensão, felicidade, desejo, utilidade, razão e o primitivo que existem em nós são imagens que inspiram e nos permitem ler outras sociedades.

Assim, na fronteira de muitas correntes e inspirações da historiografia, submetemos à apreciação uma história das idéias de natureza que percorrem homens, academias e tipografias, que percorrem os séculos e as muitas vilas visitadas em viagem, que percorrem reinos, colônias e impérios nacionais. Uma história calcada nos discursos oficiais e o diários pessoais de certos indivíduos e suas instituições.

Encontramo-nos diante dos muitos cruzamentos que todas estas histórias podem dar. E como alertou Francisco Paz, os cruzamentos das histórias podem estar cheios de perigo e é por isto mesmo que devemos reconhecer o papel relevante que cada discurso tem na produção das realidades e os seus limites temporais¹⁵².

A natureza, incorporada à História, nos mostra muito dos limites vividos, verdadeiros perigos para o homem e também para a história, sentidos contemporâneos que nos fazem buscar as outras experiências e idéias e através dela observar a natureza.

A degradação das matas, a poluição dos rios, a falta de alimentos, os fenômenos naturais destruidores estiveram em muitos momentos ao lado dos seres humanos. A falta de água ou as enchentes, os invernos e verões sempre existiram sobre a terra e foram descritos da mais diferentes formas. Então o que é novo, nos perguntaria o leitor? Nada é novo, mas nada está perdido para a

¹⁵² PAZ, F. M. Na poética da história. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. p. 219.

história¹⁵³, então todo o vivido é outro para cada presente que o observa. Todo o vivido pode sempre, através dos discursos que produz, nos possibilitar contar uma boa história.

2.2 Instituições e discursos

A glória de uma nação brilha com esse fogo sagrado que se alimenta das recordações fulgurantes e esplendidas do passado: é a epopeia imensa e assombrosa que tem cada um dos seus cantos resumido no epitaphio da sepultura de um finado illustre (...) a conservação desse legado, a coordenação dos cantos dessa epopeia, a perduração desse fogo e desse monumento somente é lícito esperar da história, que é o pantheon sublime e universal que confere aos bons que souberam assinalar-se a immortalidade onrosa, que por assim dizer, é na terra um reflexo da eternidade do céu.¹⁵⁴

Na sessão de reunião do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, instituição ícone da construção de uma história nacional nos tempos de Dom Pedro II, a memória construía-se nos elogios aos sócios falecidos. Joaquim Manoel de Macedo¹⁵⁵, orador do IHGB, lembra de Emílio Joaquim da Silva Maia, bacharel e doutor, soldado na luta contra o absolutismo, vereador no Rio de Janeiro, diretor do Museu Nacional, professor do colégio Pedro II e finalmente membro fundador do Instituto, responsável pela comissão de história. Fora do Brasil, foi membro de várias associações como a Sociedade de Sciencia Médica de Lisboa, a sociedade de Antiquários do Norte e a de Sciencias Naturaes da França. Bacharel cosmopolita que recebeu aplausos em Lisboa. Para José

¹⁵³ BENJAMIN, W. Op. cit. p. 223.

¹⁵⁴ DISCURSO do orador do Instituto Histórico o sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXI, 1859. P. 705.

¹⁵⁵ Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882) Bacharel em Medicina foi professor da cadeira de História do Colégio Pedro II. Sócio destacado do IHGB foi autor de novelas e romances entre os quais A moreninha, O moço louro, Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro, Memórias da Rua do Ouvidor, etc. in: DICIONÁRIO biobibliográfico. Op. cit. Vol 4. p. 99.

Augusto Pádua, Maia foi um médico que, devido ao seu patriotismo naturalista, desenvolveu uma utopia social onde tudo teria seu próprio sentido para existir¹⁵⁶.

No ano de 1848, o Instituto Histórico publica um documento de viagem oferecido por Maia, que engrossou o movimento de publicação de relatos de viagens e relatórios produzidos nos quadros da oficialidade que se revestiram de solene importância no seio desta instituição histórica. Tempos coloniais retomados na corte imperial. Monumentos humanos ou naturais que os ligam a tempos anteriores. Paisagens e indivíduos que traduzem os desejos de uma instituição que se quer moderna e cosmopolita.

A seção de Biografia, nas revistas do IHGB, apontava nomes que marcavam a vida da instituição, a vida da monarquia e das ciências brasileiras. A fragmentação da qual se tentava escapar, traçava contínuos constantes. Lembrando a morte, elogiavam a vida. Mas este elogio escapava à seção das biografias, aparecendo, por exemplo, nos relatórios das atividades anuais. Partindo de Manoel Ferreira Lagos, encontramos homens que no oitocentos se dedicaram a coletar e oferecer ao Instituto Histórico relatos de viagem.

É este processo de citação de passados recentes¹⁵⁷, os “dados do rememorar”¹⁵⁸ que nos mostram algumas idéias. Na afirmação da propriedade de suas terras e das terras que a geografia ensinaria a descrever, Lagos ensinava:

¹⁵⁶ PÁDUA, J. A. op. cit. P. 183.

¹⁵⁷ “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isto que dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos.” In: BENJAMIN, W. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 223.

¹⁵⁸ BENJAMIN, W. Obras escolhidas: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 133.

...póde ser offerecida nossas vistas com todo o esmalte que a embeleza” pois “o desejo que temos de conhecer seus climas, seus graus, sua partilha com o mar, e todos os accidentes de sua superficie, não cerra nossos olhos sobre a variedade e pompa dos quadros que elle nos oferece”. Segue ele: “Eu vejo, em torno do geômetra que a mede, as plantas que a adornam, os animaes que sustenta, e as nações que a fecundam ou destroem.¹⁵⁹

Na escrita da história, pontos distantes do continente associavam-se através de instituições onde os apaixonados da história encontrariam seu lugar. Certamente, a paixão pela história levou os homens do Instituto a buscarem inúmeras temáticas, onde fósseis, documentos antigos, medições astronômicas, descobertas e discursos constituíam marcos de uma escrita da história.

Na publicação da Memória sobre o descobrimento da América no século X, do membro fundador e secretário da Sociedade Real dos Antiquários do Norte¹⁶⁰, Carlos Christiano Ranf, traduzida e ofertada por Manoel Ferreira Lagos, notamos a justificativa que faz Lagos, para a publicação do documento. Na apresentação de uma nota de rodapé, afirma:

Esta erudita e interessante Memoria, escripta originalmente em Dinamarquez, tem sido recebida com tão grande aceitação nos diversos paizes da Europa, que além de varios e justos elogios que se lhe prodigalizarão em infinitos jornaes, já mereceu ser traduzida em diversos idiomas. Como porém não nos conste ter apparecido até hoje traducção alguma Portugueza, e o seu objecto seja bastante interessante á America, pois trata-se de esclarecer uma época tão memorável de sua Historia, e seu fim seja tão identico ao do nosso Instituto, apressamo-nos a traduzil-a por a julgarmos digna de ser publicada na Revista Trimensal.¹⁶¹

¹⁵⁹ RELATÓRIO dos Trabalhos do Instituto, no sexto anno académico, pelo 2º Secretário Perpétuo o Sr. Manoel Ferreira Lagos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. vol VI, tomo 6. 1844. p. 548.

¹⁶⁰ GUIMARÃES, M. L. S. Para reescrever o passado como história: o IHGB e a sociedade dos Antiquários do Norte. In: HEIZER, A. & VIDEIRA, A. A. P. Ciência, Civilização e Império nos Trópicos. Rio de Janeiro: Access, 2001.

¹⁶¹ MEMÓRIA sobre o descobrimento da América no século décimo de Carlos Christiano Ranf. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo II. 2.ª ed. Rio de Janeiro, 1858.p. 210.

Lembramos os saberes ilustrados da Enciclopédia Francesa: “Memória, por conseguinte história”¹⁶². Memória que será o nome dado a uma razoável variedade de descrições e análises que envolvem o mundo político, econômico e, aqui, de viagens. Memórias econômicas, memórias sobre obras, memórias sobre os animais, sobre os vegetais ou sobre as montanhas, memórias sobre os rios e as cachoeiras, memórias que apontariam além das descrições, as impressões vividas pelo seu autor. Memórias que constituíram um tipo de escrita e que, ao ajudar a formar uma história, tornam-se um tipo documental bastante representativo da vontade de saber da modernidade.

Segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães, as razões dos projetos políticos presentes localizam os europeus em um verdadeiro concerto de nações civilizadas. Para ele, “a vitória da cultura histórica oitocentista” criou “formas institucionalizadas”, que, associando tradição e pesquisa erudita, pôs em marcha um projeto de história nacional que buscava “forjar uma identidade nacional contemporânea”¹⁶³, articulando o particular e o geral, articulando nação e civilização¹⁶⁴.

O estado, para Guimarães, presente na formulação das leituras da história, propiciava uma reelaboração da tradição, onde a história nacional passa a constituir-se propriedade comum de todos os homens de um mesmo país, lembrando-se de citar Agustin Thierry, sobre a história da França¹⁶⁵.

¹⁶² ENCICLOPÉDIA ou dicionário raciocinado das ciências das artes do ofício. Por uma sociedade de letrados. Tradução de Fúlvvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Ed. UNESP, 1989. p. 115.

¹⁶³ GUIMARÃES, M. L. S. Op. cit. P. 21.

¹⁶⁴ WEHLING, A. Estado, história, memória: Varnhagem e a construção da identidade nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

¹⁶⁵ GUIMARÃES, M. L. S. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. In: Revista Topoi, Rio de Janeiro, dez/2002. Sendo que aí “refaz sua trajetória

As instituições faziam a história disciplinarmente entrar no panteon da cientificidade.

Por outro lado Arnaldo Momigliano, em seu *Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*, ensina que “crenças e instituições têm um começo, uma evolução e um fim: nós podemos e devemos escrever a sua história”¹⁶⁶.

Assim, notabilizamos alguns lugares de encontro, de produção e difusão de idéias, estas instituições reuniam e formavam os bacharéis, os doutores e políticos dos séculos XVIII e XIX. Buscamos algumas aproximações, através destes outros, naturalistas e historiadores, em suas produções discursivas, permitindo-nos entrar nestes outros tempos. Antoine Prost, em sua última aula na Sorbonne, em 1998, afirmou que o historiador pode, pelas imposições próprias do ofício, viver muitas vidas e experiências multiformes. A história neste sentido daria inteligibilidade e criaria sentidos na construção de uma narrativa, cruzando temporalidades desiguais, recortando e reconstituindo períodos, percebendo a mudança como algo inexorável¹⁶⁷. Compreender os limites e as possibilidades, dar inteligibilidade a estas outras vidas e idéias, mais que vivê-las, é o que nos interessa.

apresentando este percurso como um desenvolvimento natural do conhecimento em busca de cientificação, apagando os traços que inscrevem este procedimento no mundo histórico.” P. 184.

¹⁶⁶ MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: Edusc, 2004. P. 115.

¹⁶⁷ PROST, A. Como a história faz o historiador. In: *Revista Anos 90*, n. 14, Porto Alegre, dez/2000. p. 18. Sobre a história e o historiador podemos também observar: “a história não consiste em cultivar a lembrança de um passado carregado de ressentimentos ou de identidades que separam irremediavelmente; ela se esforça para compreender o que se passou, e por que aquilo se passou. ... se o historiador percorre o tempo e se interroga antes sobre as conseqüências do que sobre as causas...para explicar a historia o historiador é conduzido a identificar as causas e condições múltiplas, a hierarquizá-las, a avaliá-las de alguma forma. Sua lógica raramente linear; mais freqüentemente, ela entrecruza séries diferentes com temporalidades desiguais”. P. 13/14.

Idéias de outros tempos que se mostram nos escritos e nas correspondências que estabelecem entre si. Joaquim Manoel de Macedo, poeta.

Emílio da Silva Maia, historiador. Nesta nossa história, o outro do poeta é o historiador, o outro do historiador é o naturalista e, nessa frágil conexão realizada nas Revistas do Instituto, emergem as idéias de natureza que aqui resgatamos.

ILUSTRAÇÃO 4 - DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO



Fonte: QUINQUAGENÁRIO. Suplemento ao Tomo LI da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. p. 1889.

O naturalista José Vieira Couto¹⁶⁸ é também resgatado por Emilio Joaquim da Silva Maia. O historiador faz publicar o naturalista. Em sua *Memória sobre a Capitania de Minas Geraes*, Vieira Couto posiciona-se ante a natureza:

¹⁶⁸ SILVA, M. B. N. da (org.). *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1994. p. 226

Ó natureza, ó santa deosa, como zombas dos delírios dos sábios! Eu seguirei somente os teus vestígios, te observarei somente nos teus efeitos, e não procurarei entrar nos teus recônditos mysterios! E passando avante principio pela observação dos corpos mettalicos, que foram o objecto da presente memória, expondo o que vi e observei...¹⁶⁹

Seguindo a prata, o ferro, o chumbo, o estanho, o enxofre e o nitro, ressalta as suas preocupações com a escassez do ouro e a necessidade da exploração de outras produções para o enriquecimento da coroa. Amparado pela sua observação, encontra lugares que afirmava não ter o pé humano pisado: montes esgotados ou apenas superfícies arranhadas?

Vemos resgatada no Instituto esta Memória, na qual a mineração era a grande preocupação do sábio e que, na virada do século XVIII para o XIX, mostra seu raciocínio: ilustrado, racionalista e utilitário. Um pensamento no interior do qual o esgotamento da natureza era impensável ao homem. Mesmo presenciando o fim de um recurso natural, estes homens viam a necessidade de explorar outros recursos, aprofundar os veios e retirar a riqueza. Eles percebiam estes limites?

Um território rico em produções metálicas, entretanto, a classe dos mineiros era composta por indigentes, afirmava Couto, no desmerecimento dos homens locais. Os montes formavam, em sua opinião, o verdadeiro país dos metais, “a natureza os formou nos seus centros e nas suas superfícies, e d’aqui rodaram para os rios”¹⁷⁰. O Brasil, riquíssimo em ouro na percepção do naturalista, era pouco explorado. O método de lavar, a falta de maquinário adequado, e principalmente o desconhecimento das ciências, era responsável pela pouca

¹⁶⁹ MEMÓRIA sobre a capitania de Minas Geraes, seu território, clima, e produções mettalicas: sobre a necessidade de se restabelecer e animar a mineração decadente do Brazil: sobre o commercio e exportação de metaes, e interesses régios. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo IV (11º), 1891. p. 296.

¹⁷⁰ MEMÓRIA sobre a capitania de Minas Geraes. op. cit. P. 302.

mineração que se fazia. Ah, se os mineiros europeus ilustrados pela ciência vissem os mineiros do Brasil! – Suspirava, afirmando que eles pasmariam! Desejoso de grandes milagres, escrevia: “como não confessariam elles unanimemente que as minas do Brazil estão ainda quase intactas! Como não conviriam elles que nós Portuguezes possuindo riquíssimas minas, ainda não firmamos os primeiros passos na carreira da mineração!”.¹⁷¹

Então o esgotamento do ouro se dava pela falta de aprofundamento dos cortes dados pela construção das minas. Superfície arranhada. Em sua crença, não era o recurso que se esgotava, ele estava lá, a natureza era pródiga, mas os indivíduos...

Para Couto, o ouro era metal comum nestas paragens, os diamantes também, as margens dos rios eram sombrias, pois nelas habitavam “bandos de gente bárbara”, e os caminhos eram feitos com negligência. Uma nova alma deveria ser criada na capitania, considerando o povo a maior fonte das riquezas de um estado. A riqueza só viria de um povo laborioso, comerciante e inteligente. Um desejo que se afastava, segundo a sua observação, da população que encontrava. Paradoxal construção. Ele, português, queria ver as “cousas portuguesas se elevarem ao nível das mais grandes potências da Europa”¹⁷², eternizando o cetro lusitano que o naturalista via brilhar do alto de sua montanha de cobre, da janela de sua casa¹⁷³. No ano de 1803, voltando a sua morada na

¹⁷¹ Ibid. p. 307.

¹⁷² Ibid. p. 335.

¹⁷³ MEMÓRIA sobre as nitradeiras naturaes e artificiais de Monte Rodrigo na capitania de Minas Gerais, por José Vieira Couto, 1803. AHU_ACL_CU, Cód. 2095. s/p.

Capitania de Minas Gerais, descreve as nitrateiras das terras que lhe pertenciam.

Descreve o caminho e a paisagem:

Viradas as costas à Contagem, subimos por huma suave encosta, e no alto, que espaços a vista! Tudo o que ficava para diante dos olhos, e para o Poente, tudo eram as chãs planícies do Sertão, a vista se alongava até os arrecuados orizontes, orizontes hora lisos, e não crespós, ou recortados pelas cumiadas das serras. Aqui tendo parado hum pouco, para haver de respirar este vasto ar, para admirar este novo Mundo, principiei ao depois a descer pouco a pouco a serra, que fazia como segundo, e ultimo degrao para o sertão.¹⁷⁴

O historiador busca o naturalista, que viaja para sua casa, produzindo um manuscrito em resposta à intimação de sua senhora, a rainha Dona Maria¹⁷⁵, documento oferecido e publicado nos quadros do IHGB.

Lendo a revista, podemos perceber a pompa intelectual e os rituais das sessões realizadas no Instituto. A publicação dos memorialistas, na explicação de Maria Beatriz Nizza da Silva¹⁷⁶, marcos da produção historiográfica do período colonial, trazem aos encontros da história oficial, as riquezas do imenso território. O século XVIII, através dos memorialistas, ou através dos filósofos, ficou registrado nas Revistas do Instituto.

Mais uma vez encontramos Manoel Ferreira Lagos, que marca seu desejo de modernidade no discurso de sua posse como primeiro secretário perpétuo do Instituto no ano de 1847:

Na verdade, são tão rápidos actualmente os passos da sciencia que seu circulo alarga-se e os limites recuam à proporções dos maiores esforços para attingilos: correm os dias e, succedem-se os annos, e as forças já se acham exahustas quando apenas se tem adquirido os conhecimentos indispensáveis para emprehender tarefa importante. Mas este inconveniente, tão grave para o homem

¹⁷⁴ Ibid. s/p.

¹⁷⁵ SILVA, M. B. N. da (org.). op. cit. p. 225.

¹⁷⁶ Ibid. p. 536.

isolado, cessa completamente para os que, reunidos em instituições taes como a nossa depositam em thesouro comum os fundos de suas vigílias.¹⁷⁷

Dialogando com Michelet, Buffon, Champolion, Lagos resgata todos os trabalhos patrocinados pelo Instituto naquele ano e as muitas ações dos seus sócios e outros homens de luzes, autores, poetas e químicos, fazendo um elogio a Januário da Cunha Barbosa, fundador do Instituto, seu amigo, cujas letras, cuja erudição ressoavam ainda nos seus ouvidos. Contemporâneo de Emilio José da Silva Maia, Lagos também cita José Vieira Couto e recorda a sua Memória sobre Minas Gerais. Podemos ler em seu relatório:

Estas medalhas da criação, como um sábio do século corrente apelidou os fosseis, que a Natureza parece ter tido cuidado de conservar premeditadamente nas entranhas da terra afim de nos avisar dos desastres de que podemos em qualquer momento ser victimas, e outros dados, cuja enumeração torna-se-ia agora fastidiosa, assas demostram que também o nosso paiz passou por cataclysmas espantosos e successivos. A sua constituição geológica bem o prova, e já de há muito esta asserção foi emitida pelo esclarecido naturalista brasileiro dr. José Vieira Couto...¹⁷⁸

O Império Brasileiro, que no ano de leitura do Relatório de Lagos, 1847, chora a morte de um príncipe criança, faz publicar através do próprio Instituto um volume suplementar da Revista, que deu vazão às inúmeras cartas e poesias em memória a d. Afonso, falecido aos dois anos de idade.

Também lembra as mais memoráveis ações dos seus sócios, as inúmeras obras recebidas, louvando “o delicioso prazer de palestrar com a história em meio às ruínas, de lhes pedir reminiscências do passado, e de ouvir suas narrações”, “ó fada encantadora”, bradava Lagos. A história transformava “então as ruínas em

¹⁷⁷ RELATÓRIO dos trabalhos do Instituto Histórico e Geográfico pelo primeiro secretário perpétuo Manuel Ferreira Lagos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XI. 1847. p. 90.

¹⁷⁸ Ibid. p. 97.

palácios, o pó em nação”, e substituiria “pelo ruído das cidades antigas o silencioso mysterio do deserto”. Afirmava: “ela estabelece o presente com os sonhos gloriosos do pretérito”¹⁷⁹. Lembrava que “as obras do homem duram mais que seu pensamento; que o espírito humano é regido pelo movimento” e, citando a obra *História dos Girondinos*, atesta que o definitivo “é o sonho de seu orgulho ou de sua ignorância”.

O longo discurso de Lagos é produto de uma sociedade onde a erudição estava à prova. Documentar para bem festejar, como analisa o papel do IHGB, Lilia Moritz Schwarcz, na “consagração de uma elite local e uma história regional”¹⁸⁰, no interior da produção de uma liturgia do poder, que une viagem e heroísmo, e, como afirma Iara Lis Carvalho de Souza, celebração que no IHGB se reatualiza a cada volume da Revista, a cada elogio histórico, a cada discurso de sessão aniversária, a cada data solene que corporificasse a idéia de nação¹⁸¹, que a consentisse. Esta geração do Instituto, que reconhecia seus pares¹⁸², escrevia um certo tipo de história.

Para Cláudia Regina Callari, além de desempenhar funções dentro do aparelho de Estado, os fundadores do IHGB tinham como elemento nivelador o fato de integrar uma geração ainda nascida em Portugal e transferida compulsoriamente ao Brasil por ocasião das transformações geradas pelo período napoleônico. Este grupo seria dominante até os anos 1850 – tanto no IHGB como

¹⁷⁹ Ibid. p. 99/100.

¹⁸⁰ SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 104.

¹⁸¹ SOUZA, I. L. C. *Pátria coroadas: o Brasil como corpo político autônomo, 1870-1831*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. P. 259.

¹⁸² SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças*. op. cit. p. 110.

na burocracia estatal –, quando seria substituído pela geração formada no Brasil¹⁸³.

Percebendo também a decadência do Império e suas transformações, Callari aponta a recepção por parte dos políticos, membros do IHGB, do processo de independência, que amalgamou a “história num grande continuum, reverenciando a figura do imperador”¹⁸⁴, mesmo quando este já se encontrava deposto.

A série de regularidades dos discursos aqui analisados funde homens em experiências, encontrando proximidades de temas e de estilo entre indivíduos diferentes. Partindo de Foucault, temos que o “tênue deslocamento que se propõe praticar na história das idéias e que consiste em tratar, não das representações que pode haver por trás dos discursos, mas dos discursos como séries regulares e distintas de acontecimentos, este tênue deslocamento, temo reconhecer nele como que uma pequena (e talvez odiosa) engrenagem que permite introduzir na raiz mesma do pensamento o acaso, o descontínuo e a materialidade.”¹⁸⁵

Então os relatos, os diários e as memórias fornecem fragmentos de vidas que se aproximam e por vezes se tocam. Dizendo, no discurso de um, os seus muitos outros e buscando outros discursos, que se fundem, tornando-se únicos. Dos fragmentos das vidas vividas nas viagens, encontramos relatos que mesclam sociedades e natureza, marcando profundamente as correspondências suas e as de seu tempo.

¹⁸³ CALLARI, C. R. Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. In: Revista Brasileira de História. v.21 n.40. São Paulo, 2001. disponível em <<http://scielo.br>>.

¹⁸⁴ Ibid. s/p.

¹⁸⁵ FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 59.

2.3 Correspondências

Proximidades discursivas nascidas no ecletismo de idéias que possibilitaram ver lado a lado homens, minérios, cavalos, árvores, tratados, mapas, livros e impérios. Temas tratados sempre com a mesma paixão. Seriedade e oficialidade que transbordavam nas discursividades dos indivíduos.¹⁸⁶

Discursividade e exílio, desaparecimento e passados. Ao ler as Atas da Revista do IHGB, percebemos estes horizontes. Não em um sentido mágico ou mítico, mas em um passado que não ficou cristalizado, dialogando intensamente com alguns dos pensamentos mais importantes dos seus tempos.

Em 1866, o primeiro secretário do IHGB, o doutor e cônego João Caetano Fernandes Pinheiro, o visconde de São Leopoldo, afirma no Relatório das Atividades Anuais, o “subido interesse” dos escritos publicados “com a possível regularidade” na revista. Fazendo isto, comunicava a reimpressão do volume VII da mesma revista que se encontrava naquela altura no volume 33-34. O objetivo declarado das atividades do Instituto eram, nas palavras de Pinheiro, “inventariar o passado para d’elle tirar úteis lições”¹⁸⁷. Ordenar os acontecimentos de forma bela

¹⁸⁶ Não podemos deixar de lembrar, mesmo que de forma distante, o alerta de Habermas: “Por certo, vagueamos na discursividade assim como no exílio e, no entanto, unicamente a força persistente e autocrítica de uma reflexão abissal assegura o vínculo com a utopia de um conhecimento intuitivo não coercitivo, pertencente ao pretérito do passado e há muito desaparecido”. HABERMAS, J. O discurso filosófico da modernidade: doze lições. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002. P. 262.

¹⁸⁷ RELATÓRIO das Atividades Anuais do Cônego João Caetano Fernandes Pinheiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXXIV. 1866.

e mostrá-los da maneira mais clara possível, como já ensinava em *Como se deve escrever a história*, Luciano de Samósata (119 -175 d.C.) na antiguidade¹⁸⁸.

No processo de republicação de documentos e idéias “que se iam escasseando”, encontramos um espírito colecionador, e certamente as coleções sempre têm em si o sentido da reatualização. Idéias escritas 50, 70 anos antes de serem publicadas no século XIX. Idéias oitocentistas e seus correspondentes passados desfilam na agremiação da história.

Encontramos aqui as notícias das viagens do conde Castelneau na Goiás de 1844 que são lidas e constam das Atas da Revista do IHGB do ano de 1845. Sobre o rio Araguaia, afirma, que “descoberto antigamente por aventureiros desejosos de achar ouro e de reduzir os índios à escravidão (...) tornou-se a sede das operações comerciais que deveriam ser estudadas no firme propósito do enriquecimento do Reino”. Assim, o Império fez acompanhar o viajante de mais trinta e quatro homens, muitos deles soldados, que se dividiam em quatro embarcações. Muitos elementos foram observados: na descida do rio, por exemplo, homens e mulheres “selvagens” que não haviam sido contactados¹⁸⁹.

Deste modo a bipolaridade do contato está sempre presente nas citações desta viagem, bem como as dificuldades das cachoeiras e da série de quedas que o viajante descreve tendo “3 léguas de extensão e meia de largura”¹⁹⁰. Dos

¹⁸⁸ HARTOG, F. (org.) *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p. 231.

¹⁸⁹ A percepção que trazemos aqui parte do olhar e das idéias dos homens que relatam, assim veremos a construção de seus próprios referenciais de civilização que muitas vezes se fazem a partir da negação deste seu outro – o indígena e de tantos outros como a natureza. É neste caso uma leitura de mundo oitocentista, discursos que trazem em si suas muitas possibilidades e limites.

¹⁹⁰ ATA de 23 de outubro de 1845. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VII. P.568.

resultados da expedição, Castelleu aponta para a importância de levar a bandeira imperial para as terras do Araguaia, resgatando-as das mãos indígenas. O propósito civilizador requer bravura e violência! Cegueiras e discernimentos que são entrelaçados retoricamente. Discursos que falam dos limites encontrados, das mortes, dos sofrimentos, falam das conquistas e dos cotidianos, mostram idéias de natureza nos detalhes das paisagens, nas medições, nos silêncios de seus relatos, nos volumes da Biblioteca, nos indivíduos que circulam.

Entrelaçamentos que nas publicações da revista do IHGB falam de missões científicas, enunciam um porvir glorioso, querem transmitir algo à posteridade, falam de excursões ao Jequitinhonha e fazem referência à Pompéia. Retomando o relatório de Manoel Araújo Porto Alegre¹⁹¹, podemos encontrar o pequeno e o grandioso, o delírio e a crença na ciência e no progresso. Correspondências que nos remetem ao Dr. Joaquim Manoel de Macedo. Assim, em 19 de junho de 1845, “o auctor de várias obras impressas” é convidado por Porto Alegre a compor este seleto grupo de ilustres. A passagem de Macedo pelo Instituto é tão marcante quanto a de Porto Alegre, discípulo de Debret e orador do IHGB por 14 anos¹⁹².

¹⁹¹ Manoel Araújo Porto Alegre (1806-1879) – Pintor, dramaturgo e poeta. Frequentou a Academia de Belas Artes onde estudou com Debret e a Escola de Belas Artes de Paris. Professor de Pintura histórica da Academia brasileira e da escola Militar. Vereador na Corte fez desapropriar os sítios e matas nas nascentes dos rios que abasteciam o Rio de Janeiro. Foi cônsul geral na Alemanha e em Portugal e representante do Brasil nas Exposições Universais de 1867 em Paris e de 1873 em Viena. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, diretor do Museu nacional, pintor da Imperial câmara e fundador da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional. Membro ainda de uma série de academias nacionais e internacionais, é autor do “Painel da Coroação” (4,85 x 7,93) que se encontra no salão nobre do IHGB. No IHGB publicou uma série de artigos e poemas. IN: DICIONÁRIO biobibliográfico. Op. cit. Vol 5. p. 114-116.

¹⁹² SQUEFF, L. O Brasil nas letras de um pintor: Manuel de Araújo Porto Alegre. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. p. 21 descreve ela: “Manuel de Araújo Porto Alegre foi um dos personagens mais ativos do Império brasileiro. Pintor de formação, tomou da pena para escrever poesia, teatro, história, sobre música e artes plásticas” afirmando que ele leva até o fim o projeto

ILUSTRAÇÃO 5 - MANOEL ARAÚJO PORTO ALEGRE



Fonte: QÜINQUAGENÁRIO. Suplemento ao Tomo LI da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1889.

Porto Alegre, segundo Letícia Squeff, possuía uma “fúria reformista” que pretendia transformar o Rio de Janeiro em uma vitrine urbana da nação¹⁹³.

Aderindo o “projeto civilizador que movimentava sua geração”¹⁹⁴, Porto Alegre é, em 1859, elevado a sócio honorário do IHGB¹⁹⁵, dado a sua partida para a Europa.

de sua geração, que passava naquele momento pela construção de uma memória para o Império. Respectivamente pp. 23 e 27.

¹⁹³ Ibid. P. 114.

¹⁹⁴ Ibid. P. 107.

¹⁹⁵ ATA de 3 de junho de 1859. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXII. 1859. p. 640

Voltemo-nos um instante a esta totalidade particular. Trata-se de um emaranhado de práticas sociais e experiências sensíveis que se manifestam nos processos de citação e assim fazem ver uma lembrança ou um convite intelectual¹⁹⁶. Correspondências que constituem um “querer saber” genealógico e arqueológico. As correspondências surgem partindo e chegando através das diferentes camadas sobrepostas das idéias. Discursividades que aqui mostram auto-exílios temporários, viagens que criam aos homens outras realidades possíveis, dignas de observação e nota . As viagens lidas e ouvidas no IHGB são um convite a ver tais correspondências.

Correspondências que nos remetem a paixão da história, em que Manoel Ferreira Lagos inspira-se em Aléxis de Tocqueville e lê sobre “uma paixão que arrasta para o leito todos os sentimentos e todas as idéias”, “como um grande rio para o qual afluem todos os regatos vizinhos”¹⁹⁷.

Quantos rios Manoel Ferreira Lagos veria em sua paixão pela história? Certamente os rios da Filadélfia de Hipólito da Costa Pereira, rios que poderiam conduzir à liberdade e ao progresso, mas também as viagens por Goiás de Castelneau, rios que nasciam de milhares de regatos, tornando-se caudalosos, simbolizando a grandiosidade e o viço da nação.

As práticas discursivas, em seu campo indefinido de relações¹⁹⁸ ligadas a proibições, a valorizações, às liberdades, enfim, irregularidades, falhas, cortes,

¹⁹⁶ Walter Benjamin em sua tese *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* ao analisar a obra de Fichte aponta para o “caráter infinito e puramente metódico do verdadeiro pensar”, onde “...o pensar do pensar torna-se pensar do pensar do pensar, e assim por diante...”. BENJAMIN, W. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 37.

¹⁹⁷ TOCQUEVILLE, A. *Da democracia na América*. op. cit. p. 230.

¹⁹⁸ FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. op. cit. P. 22.

aberturas e camadas¹⁹⁹ apontadas por Foucault em seu debate com a História das Idéias, afirmam a impossibilidade de redução das diferenças, exigindo a análise da sua própria diferenciação. Assim, temos “(...) que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.²⁰⁰

É na diferenciação que percebemos as formas de construção dos discursos e as regras de recomendação que apontam possibilidades discursivas: nos discursos e polêmicas que envolvem a natureza, na forma de sua apropriação e representação que ancoramos nossa história.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na capital do Império monárquico e constitucional do Brasil, em 1869, pede aos seus sócios através da publicação na contracapa de sua revista, uma norma que levava por nome: Lembrança do que devem remeter ao Instituto os srs. Sócios residentes nas províncias: que observem biografias, “impresas ou manuscritas” dos brasileiros “distintos por letras, armas e virtudes”²⁰¹ e ainda a:

...notícia circunstanciada da extensão da província, seus limites, e divisão extensão da província; seus rios, montanhas, campos e portos; da qualidade de seus terrenos e arvoredos, da sua mineração, agricultura e pescarias; de tudo enfim que possa servir à história geográfica do paiz²⁰².

¹⁹⁹ Ibid. p. 55.

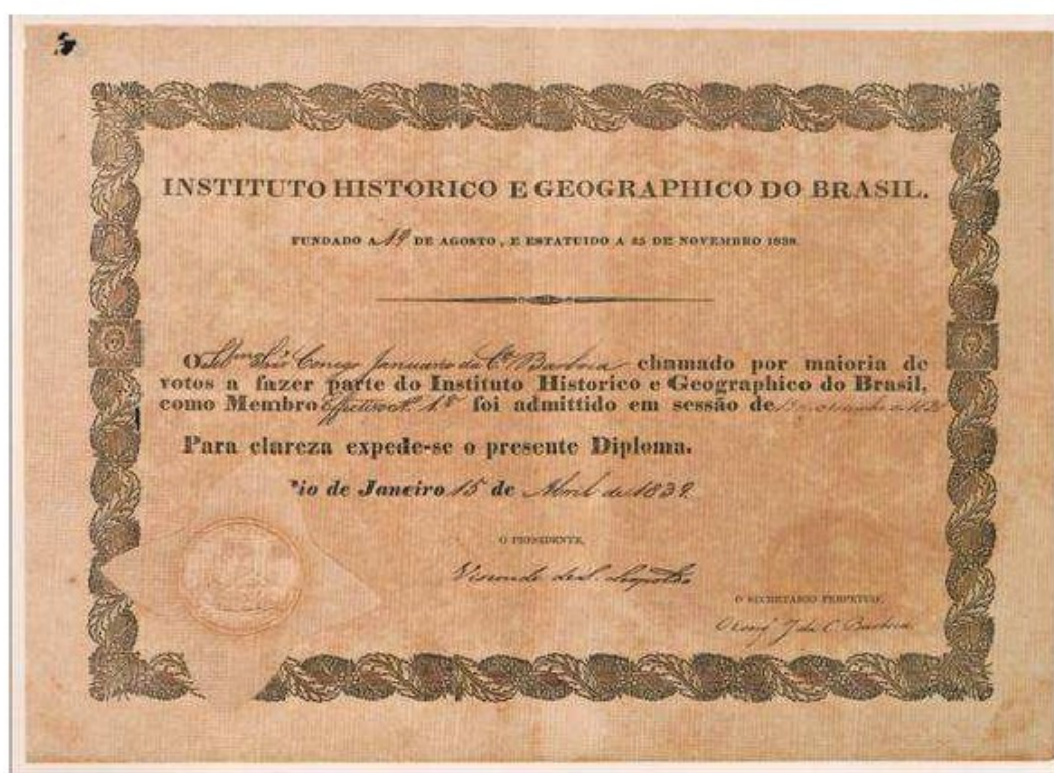
²⁰⁰ Ibid. p. 08/09.

²⁰¹ LEMBRANÇA do que devem remeter ao Instituto os srs. Sócios residentes nas províncias. Contracapa da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. tomo XXXII, 1869. s/p.

²⁰² Ibid. s/p.

Assim, as viagens já realizadas ou lidas ganham no século XIX um estatuto de documento para a história. As particularidades da natureza, as formas da povoação deveriam ser apresentadas em estilo nobre, correto, simples e claro, fornecendo úteis conselhos aos governos como se diria à época. E o mais seria obra do tempo, afirmava-se na Ata de 20 de maio de 1847.

ILUSTRAÇÃO 6 - DIPLOMA CONCEDIDO PELO IHGB.



Fonte: Orig. 25, 5 x 32,8 cm in: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, 150 anos. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990. p. 22

Mais que obra do tempo, como desejavam estes homens oitocentistas, o processo de citação, aqui inspirado por Benjamin, constituem correspondências que nos permite ver fragmentos de um período ou de um momento de intensa circulação de saberes. São estes fragmentos que trataremos a seguir.

3. FRAGMENTOS E COLEÇÕES: DOS SABERES E SUA CIRCULAÇÃO

3.1 Fragmentos dos relatos

Momento único provocado pela letra de um autor, o discurso fixado nas correspondências estabelece registros complexos, inusitadas instaurações discursivas, que, para Michel Foucault, ganharão complexidade devido ao seu agrupamento ou ao estabelecimento de séries, tais como obras ou disciplinas²⁰³.

Trata-se do que é dito, diz o filósofo, por autores diferentes que, em sua existência de produção, de materialidade e de circulação, contam uma história. Foucault nos faz lembrar: “que importa quem fala!”²⁰⁴

Importa o próprio discurso ou, como apontamos aqui, importam os caminhos que as idéias podem percorrer. Trata-se de buscar os fragmentos e o princípio de agrupação do discurso. Existem, no entanto, proximidades discursivas mesmo quando o discurso tem o objetivo de mascarar o sujeito que fala²⁰⁵, como pretendeu o discurso da ciência e da história do século XIX, tecendo polifonias de vozes cruzadas²⁰⁶. São estas aproximações que nos trazem os saberes e as idéias sobre a natureza.

²⁰³ FOUCAULT, M. O que é o autor?. Tradução de Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 4ª edição. Alpiarça: Vega/Passagens, 2000. p. 67. Para ele “... o autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”.

²⁰⁴ Ibid. p. 71.

²⁰⁵ BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2004. p. 57.

²⁰⁶ Ibid. P. 65.

Em Simon Schama podemos também ler polifonias, quando traça os caminhos que a Arcádia pastoral trilhou em busca da paisagem arcaica da natureza²⁰⁷. Através de seus recônditos santuários das ninfas, que homenageiam, nos parques e nos fundos das casas, rememorando a natureza, tecendo discursos visuais. O éden intramuros, que se opunha à Arcádia de Pã, “constituía uma forma de domar as feras colocando-as na escola, fazendo-as entender seu parentesco com os animais domésticos e mansos, evidenciando sua **utilidade** médica por meio dos remédios que se poderia extrair de sua essência”²⁰⁸. Os caminhos das idéias sobre a natureza, os desejos de paisagem e a crença no seu aprimoramento são temáticas interpretadas por Schama, através de quadros, mapas, esculturas e relatos. A imaginação ocidental encerrou na natureza muitos de seus mitos. O autor, por exemplo, visualiza nos elementos matas, águas e rochas a fronteira entre o passado e o presente.

A ciência oitocentista jogou a humanidade no barro úmido do interior da terra, que encobre os ossos e objetos do passado, em camadas. Os saberes arqueológicos despertaram o desejo pelos fósseis, pela busca dos antigos animais e homens, saberes novos que necessitam novos instrumentos e novos olhares, saberes novos que logo constituirão as verdades científicas.

²⁰⁷ SCHAMA, S. *Paisagem e Memória*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 530.

²⁰⁸ *Ibid.* p. 533.

Na constituição de saberes²⁰⁹, a curiosidade através da observação e dos muitos acertos e erros que o trabalho da ciência promove, deram-se as verdades que aos poucos se consolidaram ou as verdades que deixaram de existir. A repetição tem papel importante neste processo, mas não nos esqueçamos do papel e do poder da seleção dos indivíduos. A curiosidade, a seleção e a ciência formaram coleções e colecionadores. Coleções sempre montadas através de fragmentos que fazem sentido apenas na lógica daqueles que os colecionam, “fisiognomistas do mundo dos objetos” e “intérpretes do destino”²¹⁰ na biblioteca de Walter Benjamin.

Lógica que se estende nas associações e agremiações das ciências e da história dos séculos XVIII/XIX e permitiu que as lembranças deixassem ver as imagens daqueles que se lembraram²¹¹. Escavação e recompensa presas em conexões primitivas, para Benjamin. Outros instrumentos permitem que as memórias sejam o solo da escavação para encontrar antigas cidades, fornecendo imagens para a galeria do colecionador.

Philipp Blom, em seu *Ter e Manter*, vai fazer reviver alguns destes colecionadores que, através de sistemas bem dispostos, organizaram o caos, submeteram a natureza a uma classificação e dispuseram os ossos em museus.

²⁰⁹ “(...) Novo objeto que pede novos instrumentos conceituais e novos fundamentos teóricos. Mendel dizia a verdade, mas não estava ‘no verdadeiro’ do discurso biológico de sua época: não era segundo tais regras que se constituíam objetos e conceitos biológicos; foi preciso toda uma mudança de escala, o desdobramento de todo um novo plano de objetos na biologia para que Mendel entrasse ‘no verdadeiro’ e suas proposições aparecessem, então, (em boa parte) exatas.” FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9.ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 35.

²¹⁰ BENJAMIN, W. *Obras escolhidas – rua de mão única*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. P. 228.

²¹¹ Ibid. p. 240.

Os museus, paralelos aos jardins botânicos, seriam um seu similar, trazendo também vidas empalhadas e artefatos que as tornaram possíveis, roubando nossos olhares ao Museu organizado por Charles Wilson Peale, que, no século XVIII, com o intento que tornar o espaço de seu museu uma miniatura do mundo, agrupa em coleção cem mil objetos, e, na busca de realizar o ideal do acesso à sabedoria, abre sua coleção ao visitante²¹². Aqui, colecionadores e naturalistas se aproximam e se encontram. Hipólito da Costa Pereira, nosso viajante filósofo pela Filadélfia, vai visitar o Museu do Senhor Peale. Observa mais um gabinete amontado de coisas, onde classes diferentes de objetos encontram-se lado a lado, que um museu organizado, como quer Blom. O olhar de Hipólito para a sociedade americana recém independente traz a desorganização, a rusticidade e a precariedade como marcas de sua experiência de viagem.

Polifonias de vozes cruzadas, os relatos, prensados em sua múltipla temporalidade, são reorganizados na história. Hipólito e o museu são rememorados pelo organizador da Exposição de 1861 do Museu Nacional, Manoel Ferreira Lagos. Como salienta Lorelay Kuri²¹³, seguindo o modelo da *Encyclopedie*, ele expõe, no Rio e depois também em Londres, na Exposição Universal de 1862, produtos da viagem ao Ceará, de Gonçalves Dias²¹⁴ e da

²¹² BLOM, P. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 112.

²¹³ KURY, L. A Comissão Científica de Exploração (1859-1861). A ciência imperial e a musa cabocla. In: HEIZER, A. & VIDEIRA, A. A. P. *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001. p. 50.

²¹⁴ Antonio Gonçalves Dias (1824-1864) - Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, professor do Colégio Pedro II. Foi oficial da secretaria dos Estrangeiros. Em 1858 seguiu com a Comissão Exploradora. Sócio correspondente do IHGB, autor de obras poéticas e dramas. In: *DICIONÁRIO biobibliográfico*. Op. cit. Vol 5. p. 63.

Comissão Científica de Exploração, cuja organização podemos ler na Ata de 11 de julho de 1856:

O sr. Presidente communica que a mesa do Instituto, auctorizada pelo mesmo deliberou quaes as pessoas que devem compor a comissão scientífica que tem que percorrer o interior do Brasil, e fez a leitura do seguinte officio:

<Illmo. e exmo. sr. – Apresentei ao instituto histórico e geographico brasileiro o officio de v. ex. de 30 do mêz próximo findo, no qual respondendo ao que lhe dirigi, com data de 9 do mesmo, me participa que o governo imperial, compenetrado das vantagens que podem resultar dos trabalhos de uma commissão scientífica de engenheiros e naturalistas, encarregada de explorar o interior de algumas de nossas províncias menos conhecidas, acolhe e acceita a idéia, e há por bem que o dito instituto indique as pessoas que por suas habilidades lhe parecerem nas condições de bem desempenhar a referida commissão.>²¹⁵

Kuri descortina as disputas no interior desta comissão, as diferenças na interpretação da viagem, e as diversas lamentações que envolveram a volta ao Rio de Janeiro. Desejaria recordar o papel da seleção na conformação dos olhares de um relato. Certamente o passado poderia vingar o presente ou apenas tentar esquecê-lo.

As revistas do Instituto Histórico, na construção da oficialidade, deixam ver apenas algumas destas polêmicas. Seu objetivo é a glorificação da nação, e a nação é, nela, o Império civilizado; as terras distantes eram o exótico a ser possuído, mesmo que este distante fosse apenas a história. Para Helosia M. Bertol Domingues a história era explicada pelas ciências, “que eram a prática das viagens de descobrimento dos novos caminhos e riquezas naturais. Prática e

²¹⁵ ATA de 11 de julho de 1856. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XIX, 1856. P. 21.

discurso científico do presente, que ao formar um todo inseparável, explicariam o passado e projetariam o futuro”²¹⁶.

Nas Revistas do IHGB, é relevante a publicação de normas que os viajantes da Comissão Científica²¹⁷ deveriam seguir, em 25 de julho de 1856. A comissão ficou composta por Francisco Freire Allemão na seção de botânica, Guilherme Schuch de Capanema na seção de mineralogia e geologia, Manoel Ferreira Lagos na seção de zoologia, Jacomo Raja Gabaglia na seção de astronomia e geografia e, por fim, na seção de etnografia e narrativa da viagem, o responsável seria Antonio Gonçalves de Magalhães. Naquela mesma reunião do IHGB, é lida a análise da viagem do Doutor Burmeister feita por Guilherme Capanema.

A preparação da expedição da Comissão Scientifica ganha espaço na publicação: “O Instituto vê com saudade a partida da comissão científica. Vê com pesar que vai ser privado do concurso de alguns dos seus mais prestimosos membros, mas fica largamente compensado pela consideração de que nos resultados dos trabalhos científicos da mesma comissão corresponderam a esperança que ele concebeu, quando teve a feliz inspiração de lembrar seus nomes ao governo Imperial.”²¹⁸ Mais que resultados vemos no IHGB um desejo de

²¹⁶ DOMINGUES, H. M. B. *Viagens Científicas: descobrimento e colonização no século XIX*. In: HEIZER, A. & VIDEIRA, A. A. P. Op. cit. P. 74.

²¹⁷ Também José Augusto Pádua aponta as polêmicas em que a comissão esteve envolta, que variavam dos resultados científicos apresentados à conduta pessoal dos seus participantes. Mas o que interessa ao historiador são os debates sobre a importância dos bosques e florestas, sobre as secas e a umidade, sobre a arboricultura, a silvicultura, a política e as ações em torno dos mangues, rios e matas. PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição; pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

²¹⁸ ATA de 03 de dezembro de 1858. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXI, 1858. p. 490.

entrada na modernidade: as viagens e as comissões seriam uma porta de entrada para este mundo das nações oitocentistas.

Os relatos das viagens eram, neste sentido, os documentos que, ao mesmo tempo em que informavam aos homens do presente século XIX sobre o seu passado, também deixavam para seus futuros uma pista de seus interesses e dos interesses das instituições. Assim, tornaram-se documentos visitados e revisitados, que, através dos muitos interesses daqueles que procederam à visita, eram selecionados. Observar as tabelas 2, 3 e 4, em anexo.

Voltemos às temáticas da viagem em Hipólito da Costa Pereira: as águas em suas correntezas, as cataratas e chuvas, as plantas, o clima, a criação de animais, a sociedade e seus homens de letras, a tecnologia de exploração das matas, as desejadas políticas florestais ilustradas, difundidas no século XVIII, informaram suas ações e sensações, bem como as sensações e ações que os homens destes círculos criaram, com seu faro científico. Percebemos uma sociedade de letrados e muitas sociedades de discursos. Sociedades de discursos, que, como atesta Foucault, têm a função de “conservar ou produzir discursos”, “fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição.”²¹⁹

Conservando e publicando, entre outros, os documentos de viagens, o IHGB produz seu próprio discurso, um discurso histórico, que dá unidade e

²¹⁹ FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. op. cit. p. 39.

continuidade aos fragmentos de vidas e experiências. Um discurso eleito e premiado.

O imperador havia atribuído prêmios para assuntos fixos, que deveriam ser desenvolvidos por diferentes membros todos os anos. Trabalhos estatísticos, históricos e geográficos teriam suas medalhas. Os trabalhos eram julgados pelas devidas comissões e só se saberiam os nomes dos premiados, depois da seleção de seus textos, descreve Manoel Ferreira Lagos, recebendo o autor selecionado cinquenta exemplares do volume da Revista que o publicava. Assim, os trabalhos dos contemporâneos oferecidos pelos próprios autores passariam pelo crivo dos seus pares de Instituição e por ela publicados passariam a pertencer-lhe. Os trabalhos dos antigos, os documentos manuscritos ou outros seriam oferecidos pelos sócios e selecionados pelo redator da Revista, função ocupada de acordo com o que estabelecem os estatutos²²⁰ da Instituição, ao segundo secretário perpétuo e, depois do estatuto de 1851, ao primeiro secretário.

A história era definida nos parâmetros de cientificidade e do novo Iluminismo²²¹ e possuía nas configurações da geografia, clima, águas, ventos, produtos naturais, a determinação do homem e a idéia do país, como podemos ler na ata da sessão do Instituto de 3 de fevereiro de 1839. No Programa Histórico do visconde de São Leopoldo, a exploração das “minas dos archivos importantes e

²²⁰ ESTATUTOS. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XIV. 1851. Também, neste sentido, pode-se observar a Tabela 5, na seção Apêndices e Anexos.

²²¹ “O Neo-Iluminismo, no seu conjunto, exhibe muitos dos traços gerais do Antigo Iluminismo: a mesma aversão pelo sobrenatural e pela metafísica; a mesma ênfase na ciência e o <livre pensamento>; a mesma preocupação com os problemas sociais e o activismo social; o mesmo optimismo quanto à natureza humana e à história. O Neo-Iluminismo, tal como o Antigo, era na sua essência, mais realístico e menos romântico, apesar do que tirou do Movimento Romântico.” BAUMER, F. O pensamento europeu moderno. Séculos XIX e XX. Vol II. Tradução de Maria Manoela Alberti. Lisboa, Edições 70. 1990. p. 61

autenticos” chamava os mortos a ocuparem o lugar do seu heroísmo na história desta nação, pressagiada, em seus termos, a ser o centro das luzes e da civilização no novo mundo²²².

Relatos que formam os vestígios desta história, enunciados que falam de uma natureza inscrita na ordem dos pensamentos²²³, que quando retornam a uma Idade do Ouro, o fazem na construção de metáforas²²⁴, como afirmou Jacques Le Goff. Coerência, sucessão de períodos, marcos de um passado que dá romanticamente forma àquele presente. O encadeamento dos relatos de viagem traz testemunhos, no olhar do redator, confiáveis, para dar provas à história, explicando o passado comum de um território, de uma nação, de uma população.

Cumpria assim o papel que as agremiações da história tanto desejavam: conservar e produzir discursos, fazendo-os circular em um circuito fechado, onde o segredo, a difusão e a circulação faziam parte do mesmo processo, que constituiria aquilo que Foucault chamou de regime da exclusividade²²⁵. Podemos

²²² PROGRAMMA Histórico: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é o representante das idéias da Ilustração. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 1, n. 2. 1839. p. 78.

²²³ “(...) A troca e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição; e sem dúvida não poderiam funcionar sem estes. A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.” FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. op. cit. p. 39. Partindo de Foucault poderíamos buscar os três momentos do exercício arqueológico, o primeiro – a individualização e autonomização da prática discursiva, o segundo é o momento da ação de um sistema de enunciados e o terceiro o da transformação do sistema no limiar de sua positividade. Ver também P. 211.

²²⁴ LE GOFF, J. *História e Memória*. Vol II – Memória. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 152.

²²⁵ Ibid. p. 59.

ver então a sujeição dos discursos aos grupos que os lêem, deles apropriam-se, pelos quais falam.

A permeabilidade ao instável²²⁶ do homem do romantismo projeta imagens idílicas da sociedade, e apresenta em sua crença inesgotáveis possibilidades de transformação e progresso, dependente unicamente do gênio e da ação humanas. Evolução ou permanência, o instável entrava no meio de uma disputa de referenciais nas ciências. Revoluções que na política e na física marcavam o pensamento dos oitocentos. O papel da história era compreender estes ritmos encontrando uma lei, também geral. Afinal, como lembra Baumer, era papel do historiador no século XIX “verificar se era o espírito ou a natureza que mais influenciavam as ações humanas”²²⁷.

Por esta forma os relatos que o IHGB publicava poderiam ajudar a compreender os processos pelos quais a história da sociedade e dos indivíduos passavam. Traziam elementos destas revoluções, mesmo que deslocados na continuidade oficial do Império. Relatos que demonstram apenas algumas faces de poucos homens, marcados pela fragmentação do existir no tempo, falam de si, e são testemunhas de outros homens fragmentados, em suas experiências também fragmentadas. A viagem e a produção dos relatos são apenas fragmentos de Lacerda e Almeida, de José Vieira Couto, de Antonio Pires da Silva Pontes, de Hipólito da Costa Pereira, de Martin Francisco de Andrada.

A leitura destes mesmos relatos nas sessões do IHGB e sua posterior publicação são apenas fragmentos de José Silvestre Rebello, de Emilio Joaquim

²²⁶ SALIBA, E. T. *As utopias românticas*. São Paulo: Edições Liberdade, 2003. P. 27

²²⁷ BAUMER, F. *op. cit.* vol. II. P. 91.

da Silva Maia, de Rodrigo de Souza da Silva Pontes, de Manoel Ferreira Lagos e de alguns outros. Os relatos de uns os unem aos seus outros. As preocupações do XIX encontram-se na seleção de documentos que, dentre tantos passados, fixa um. Nos pontos de contato entre todos estes indivíduos é que damos um recorte para a história e estabelecemos a nossa própria coleção.

3.2 Fragmentos da circulação

(...) A história do homem tem por objeto ou suas ações ou seus conhecimentos e é, por conseguinte, civil ou literária, isto é, refere-se às grandes nações e aos grandes gênios, aos Reis e aos Letrados, aos Conquistadores e aos Filósofos. ... a história da natureza é a dos produtos inumeráveis que nela se observam e forma uma quantidade de ramos quase igual ao número desses diversos produtos. Entre esses diferentes ramos, deve ser colocada e mesmo salientada a história das Artes, que não é outra coisa senão a história dos usos que fizeram os homens dos produtos da natureza, para satisfazer suas necessidades ou sua curiosidade.²²⁸

Nas sessões do Instituto inúmeras imagens se constroem, imagens de pensamentos que exaltam “valiosos objetos de comércio”, “mui sólidas instituições políticas”, o “Império”, imagens construídas por José Silvestre Rebello em seu Discurso sobre a palavra Brazil, citando a primeira edição da Enciclopédia Francesa sobre o *pao brasil*²²⁹. Recita, conclama a ciência, a indústria e o trabalho para a grandiosidade do século XIX. Homens, ações, realizações, produções. Desejos expressos nas palavras e nos olhares. Desejos expressos na lembrança.

Rebello também rememora Lacerda de Almeida, astrônomo, que cita Cícero, Demóstenes, Plínio, Horácio e Hipócrates. Tradição do pensamento que

²²⁸ ENCICLOPÉDIA ou dicionário raciocinado das ciências das artes do ofício. Por uma sociedade de letrados. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Ed. UNESP, 1989. p. 53.

²²⁹ DISCURSO sobre a palavra Brazil de José Silvestre Rebello. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 1, vol. 1. 1839. p. 304.

vem do setecentos, a citação da filosofia antiga vinha trazer erudição e monumentalidade aos relatos acadêmicos dos oitocentos, engendrando mais uma vez a continuidade do diálogo com homens distantes.

Martin Francisco de Andrada Ribeiro cita Virgílio²³⁰, no esteio da tradição enciclopédica, a tradição histórica. Na ordem dos rituais consagradores do Instituto, a retórica das musas dos antigos confluía com a citação erudita ou com o prazer envaidecido do homem de letras.

Citação que ilumina a realidade oitocentista, fazendo-a dialogar com idéias distantes. As matérias oferecidas ao IHGB são a própria circulação de idéias, também presente nos materiais recebidos de outras associações de ciência e de história, nacionais ou internacionais, como já retratado.

Assim, na leitura dos artigos das revistas, dos relatos de viagens, dos elogios dos sócios falecidos, nas regras instituídas, na descrição dos trabalhos anuais, na contracapa, em toda sua constituição, a Revista apresenta outros mundos, que nos remete a outros ainda. A natureza é o elo entre estas idéias.

Da reflexão filosófica, apoiada por Hipócrates ou pelo poeta Virgílio, à experiência de viagem mais traumática, causada por doenças, desastres ou pelo medo, a documentação consultada traz uma imensa variedade de temas. As memórias e os diários são os espaços privilegiados onde a natureza se deixa anotar e desenhar. Natureza pragmática ou sopro divino? A natureza, que trazia ordem ao caos, perfeitamente mostrava, nas estratificações e nas leis, sua

²³⁰ VIAGEM Mineralógica pela província de São Paulo em 1805 por Martin Francisco Ribeiro de Andrada(1775-1844). Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo IX, 1869, p. 541.

regularidade. Traduzida na trama das espécies, poderia estar no ser, mas estaria ela também no devir, na medida em que fornecia mais e mais elementos que permitiram a riqueza do reino ou a riqueza da história. Mais uma vez mundos que se unem. Mais uma vez as idéias se tocam. Domínios que se demarcam. Correspondências que se estabelecem.

Antonio Pires da Silva Pontes, que chegou a ocupar o cargo de governador da Capitania do Espírito Santo, localiza, em sua viagem ao Mato Grosso, a rica caça do rio Guajará-Mirim, que o faz atestar a bondade da Natureza: onças e aves, sezões e chocolate estão presentes em seu texto. Rememora Vitruvius em meio ao rio Guaporé, já via ele “sinal de gente polida”²³¹. Em seus termos, eram muitas as obras que se tinham feito no país mais caro do universo²³². Seu trajeto foi marcado pelas estrelas e pela Lua e sua busca pela imensidade de lucros para seu rei D. José I. Descreve minas inexauríveis de pedras e muito bons ares. Inexauríveis?

O documento é publicado acompanhado de notas explicativas e de tabelas de localização, fazendo parte de uma série de documentos que o IHGB publicou sobre as viagens de demarcação do território que se desdobrou no Tratado de Santo Ildefonso de 1777. Silva Pontes e Lacerda e Almeida eram dois dos viajantes desta expedição. Viajantes ilustrados, homens de ciência e de letras. Seus escritos vão extrapolar sua função originária – informar a coroa, dando sentido e marcas a outros tempos mais tardios e a sua história.

²³¹ DIÁRIO Histórico e Físico da Viagem dos oficiais que partiram do quartel general de Barcelos para a capital de Vila Bela da Capitania do Mato Grosso, em 01 de setembro de 1781. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol 262. jan/març 1964. P. 379.

²³² Ibid. p. 380.

(...) Animados pela curiosidade e pelo amor-próprio e procurando, por uma avidez natural, abarcar ao mesmo tempo o passado, o presente e o futuro, desejamos do mesmo modo viver com aqueles que nos seguirão e ter vivido com os que nos precederam. Daqui a origem e o estudo da História que, unindo-nos aos séculos passados pelo espetáculo de seus vícios e de suas virtudes, de seus conhecimentos e de seus erros, transmite os nossos aos séculos futuros.²³³

Silva Pontes afirmava, na introdução de uma de suas Memórias, citando a *Encyclopédia Francesa*, que a pobreza de Portugal se tornaria maior à medida que as riquezas do Brasil fossem exploradas²³⁴.

Desejava que as ciências físicas e matemáticas ajudassem na povoação das províncias de Minas Gerais, principalmente para a extração de ouro, ferro e outros minérios. A exaltação da natureza e a crítica ao homem estão, mais uma vez, presentes na preocupação do viajante, a ruína que a escravidão trazia, a falta da indústria dos mineiros europeus e um subsolo de riqueza interminável. Na desqualificação do homem, a exaltação da natureza. Observações, realizadas no interior da oficialidade portuguesa, que elogiavam D. Rodrigo de Souza Coutinho, que, apontando a trajetória de proximidade entre o viajante e o ministro da Coroa, concluía que o mundo ultramarino vivia a felicidade de tê-lo como governante.

O autor é, neste caso, o produtor e o objeto do texto e, seguindo Wilton Carlos Lima da Silva, estabelece contratos de leituras²³⁵, que, no Brasil do século XIX, fazem a natureza constituir o seu princípio de agrupamento, dando unidade,

²³³ ENCICLOPÉDIA, 1989. Op. cit.. p. 41.

²³⁴ MEMÓRIA sobre a utilidade em se extrair o ouro da minas e os motivos de poucos interesses que fazem os particulares, que mineram igualmente no Brasil. Por Antonio Pires da Silva Pontes Leme. In: Revista do Archivo Publico Mineiro. Ano 1. Fascículo 3º. Imprensa Official de Minas Geraes, 1896. p. 418 e seguintes.

²³⁵ SILVA, W. C. L. da. As terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton. Editora da Unesp. São Paulo, 2003. p. 82.

coerência, desvelando as significações. A natureza trouxe as marcas de uma nação.

“No século XIX, a natureza não só passa a ser acolhida como uma manifestação de beleza, mas também como objeto de conhecimento, fonte de matérias primas e de amplo palco de extensas relações entre fenômenos naturais interligados, interdependentes e cíclicos”²³⁶, afirma Silva. Analisando Francis Burton e as cores de seu mundo, percebe as relações entre natureza e homem. Na alternância dos olhares macro ou microscópico de Burton, recuperam-se as idéias que mesclam raça e geografia. O século XIX se mescla com o XVIII, objeto do conhecimento científico, objeto do pensamento histórico. Idéias que na sua existência marcam a sua circulação e os seus caminhos. Na materialidade da sobrevivência dos documentos, na materialidade de sua publicação, encontramos o desejo de objetividade das ciências e as experiências de homens agrupados pela história.

Na documentação analisada, encontramos o transparecer do desejo de ordenação do caos e da compreensão do mundo natural. Fragmentos de sociedades de letrados cujas margens e limites se deixaram marcar nos textos. Sociedades que organizam, ordenam, agrupam e conferem estes olhares à posteridade. Cláudia Regina Callari afirma que a “manutenção da ordem – projeto maior do regresso, ao qual aderiram também os liberais – só poderia ser efetivada mediante a preservação da integridade territorial. Tal integridade só seria conseguida por meio de um esforço efetivo de se criar um passado comum para a

²³⁶ SILVA, W. C. L. da. Op. cit. p. 217

nação una que despontava – tarefa desempenhada pelos acadêmicos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”²³⁷. Discurso nacionalista que marca o lugar de quem e de onde se fala, que marca momentos de transição.

Transição do pensamento que de naturalista será biológico, físico e químico; transição de pensamentos da história, onde, como afirma Callari, a tradição clássica dá lugar à concepção moderna²³⁸, remontando a Cícero, mas ao mesmo tempo fundando um estado nacional. Sociedades de letrados, que, dentro de suas próprias oficialidades, encontram-se em mudança, marcando transições de idéias.

Idéias de um Brasil Imperial onde a musa da história deleitava-se na paisagem do sublime. Idéias de uma natureza apropriada pelo pensamento romântico, pelo pensamento utilitário e hoje pelo pensamento histórico. O IHGB, através das palavras de seu orador Joaquim Manoel de Macedo, preconizava o século dos milagres da ciência e recordando Victo Hugo afirma ser aquele um “século que faz do vapor um cavalo, da pilha de Volta um obreiro, do fluido elétrico um correio, do sol um pintor; que abre sobre dous infinitos essas duas janelas, o telescópio sobre o infinitamente grande, e o microscópio sobre o infinitamente pequeno, e encontra no primeiro abysmo astros, e no segundo abysmo insectos que lhes demonstam Deos; suprime o tempo, suprime o espaço, suprime a dor;

²³⁷ CALLARI, C. R. Os Institutos Históricos: do patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. *Revista Brasileira de História*. v. 21 n.40. São Paulo, 2001. Disponível em <<http://scielo.br>> Acesso em 19/07/2003. p. 11.

²³⁸ Ibid. p. 12.

escreve uma carta a Pariz ou Londres, e recebe a resposta em 10 minutos, amputa a perna de homem e o homem canta e ri”²³⁹.

As idéias que vemos circular são atravessadas de certa forma pelos referenciais simbólicos que revestem as instituições, que as produzem, as aglutinam e as transmitem. Assim em uma lição foucaultiana temos que “empreender a história do que foi dito é refazer, em outro sentido, o trabalho da expressão: retomar enunciados conservados ao longo do tempo e dispersos no espaço, em direção ao segredo interior que os precedeu, neles se depositou e aí se encontra (em todos os sentidos do termo) traído”.²⁴⁰

Círculos de proximidade entre os enunciados conservados no tempo, que neste caso são as memórias e diários que dão expressão para as publicações das Revistas do IHGB, fornecendo-nos uma história. A escrita dos diários e memórias se encontra ligada aos limites de seus tempos, bem como os relatórios e atas que lemos no IHGB. Deixando registros de pensamentos sobre a história e sobre a natureza, formando paisagens que hoje só podem figurar nos livros. Este foi seu maior silêncio traído.

Encontramos algumas coisas ditas pelas outras²⁴¹, do sentido manifesto de diferentes épocas e vontades de verdade, encontramos natureza, instituição e idéias, que se entrecruzam nas viagens e nos relatos, na possibilidade e na

²³⁹ DISCURSO do Orador Joaquim Manoel de Macedo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXII, 1860. P. 722.

²⁴⁰ FOUCAULT, M. A Arqueologia do Saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p. 140.

²⁴¹ Sobre o nível enunciativo esboçado em sua própria proximidade afirma: “a estrutura significante da linguagem remete sempre a outra coisa; os objetos se encontram designados; o sentido é visado; o sujeito é tomado como referência por um certo número de signos, mesmo se não está presente em si mesmo. A linguagem parece sempre povoada pelo outro, pelo ausente, pelo distante, pelo longínquo; ela é atormentada pela ausência.” Ibid. p. 128.

capacidade de circulação, troca e transformação, na economia dos discursos e na administração dos recursos raros.

(...) A repetição indefinida dos comentários é trabalhada do interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo que já havia em seu ponto de partida, a simples recitação. O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. A multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.²⁴²

Nas regras de aparecimento dos discursos, nas condições de sua apropriação e utilização, afirma Foucault, encontra-se a questão do poder destes oráculos retrospectivos²⁴³. Marcas decifradas que atravessam os tempos. Os discursos podem ser reativados, utilizados, esquecidos e mesmo destruídos, e no interior do processo de seu reativamento está o processo de seu esquecimento. A natureza é reativada, esquecida, subtraída e exaltada, marcando a singularidade dos discursos que a oferecem “à observação, à leitura, aos mil usos e transformações possíveis”²⁴⁴.

Não é retorno e tampouco ocultamento, como ensinou Foucault. Quando o discurso reaparece já não é o mesmo, ele é outro e está imerso em outra lógica de apresentação e, como afirmamos até aqui, de seleção. A exaltação do nacional imperial através da grandiosidade da natureza e dos discursos das ciências coloniais. Esta é a latência do poder político que se dá pela negação do homem e da sociedade, pelo silenciamento de disputas e no esquecimento das ruínas. O arquivo não é, portanto, descritível em sua totalidade. Ensinou-nos o filósofo que

²⁴² FOUCAULT, M. A ordem do discurso. op. cit p. 25/26.

²⁴³ FOUCAULT, M. A Arqueologia do Saber. Op. cit. p. 139

²⁴⁴ Ibid. 126.

ele é incontornável em sua atualidade, em seus discursos, em sua prática especificada²⁴⁵.

Discursos que circulam nas instituições. É essa a condição de sua possibilidade²⁴⁶. Assim, voltando à documentação, lembramo-nos de Manoel Ferreira Lagos, que cita a Medéia de Sêneca²⁴⁷, a Atlântida de Sólon e elege o ofício da história:

- “Continuemos a pairar sobre o abysmo insondável da antiguidade, e vejamos se além da natureza a arte nos administra documentos para reivindicar a idade d’este continente; que a ingratidão ainda denomina América...”²⁴⁸

A história clama pela documentação, o historiador posiciona-se ao lado da verdade e cumpre a função a ele atribuída, participa dos rituais institucionais, fazendo publicar documentos sobre a História do Brasil, de suas províncias e seus caminhos. A história romântica e monumental cumpre, no desejo da objetividade, o espírito de colecionador. No quadro de suas coleções, percebemos regularidade e aproximações, distanciamentos e silêncios. Percebemos alguns saberes e os

²⁴⁵ *ibid.* p. 151

²⁴⁶ FOUCAULT, M. A ordem do discurso. op. cit. p. 54

²⁴⁷ Zélia de Almeida Cardoso afirma que Sêneca (Lucius Annaeus Sêneca—aprox. 50 a.C.—39 d.C.) conheceu e divulgou a “filosofia” estóica, segundo a qual: “a felicidade ideal somente pode ser alcançada quando o homem aprende a viver de acordo com a natureza, aceitando com serenidade os acontecimentos da vida. Dividida em três partes interligadas – a física, a ética e a lógica – a filosofia estóica tem por fundamento a idéia de que o universo foi criado por uma entidade inteligente, por um princípio racional ativo, o *logos*, que, identificando-se com um sopro ígneo, ou seja, com o fogo primordial, governa o mundo e determina o equilíbrio e a ordem inerentes à natureza. O universo possui, portanto, uma alma racional – concretizada no sopro vital – o que explica a união, a coesão e a interdependência de todas as suas partes.” In: CARDOSO, Z. de A. A função didática das tragédias de Sêneca. Disponível em <<http://www.paideuma.net>>. Acesso em 30/01/2007. Foi autor de Medéia; Fedra; Édipo; Agamenon. Em A vida feliz, afirmou: “(...) como todos os estóicos, saibas que sigo a natureza, é sábio não se distanciar dela e obedecer a seu exemplo e lei. A vida feliz é, pois, aquela adequada à natureza...” in: LIMA, A. C. Sêneca. Aproximações. Disponível em <<http://www.hottopos.com>>. Acesso em 30/01/2007.

²⁴⁸ RELATÓRIO dos Trabalhos do Instituto. 1847. op. cit. . P. 98.

muitos sentidos, que ganham as idéias e as experiências da busca de uma razão na natureza e na história.

3.3 Coleção de histórias e discursos

Seria de toda a recommendação que o Instituto collecciona-se os jornaes brasileiros em sua biblioteca, desde o primeiro que se publicou n'essa corte sob o título – Gazeta do Rio de Janeiro – semelhante completa collecção virá a ser de muito socorro ao futuro historiador para escrever com acertada crítica uma época da história do Brasil.²⁴⁹

A história coleção, monumento de épocas passadas, é detentora da grandiosidade e da rudeza dos povos que se formaram em nações, espírito do povo, mas concretamente o retrato apenas de sua elite. A história de um Brasil imperial de corte carioca é que se mostra ao lermos os desejos de história do Instituto Histórico. Amparado pela oficialidade, produto e produtor dos discursos oficiais, casa pomposa de uma elite tropical. Uma tropicalidade de casaca, uma tropicalidade que buscou incessantemente sua civilização. Fragmentos como o de Manoel Ferreira Lagos, são extremamente comuns nos discursos proferidos na sala de reuniões interna ao paço imperial.

Percebemos nas reuniões e nos escritos uma certa estética do insólito e do absurdo calcada na riqueza natural e na onipresença do Imperador, como aponta

²⁴⁹ ATAS de 23 de outubro de 1845. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VII. 1845. p. 566.

Margarida de Souza Neves ao descrever a superação da tecnicidade desta estética²⁵⁰. Um Brasil pitoresco, um Brasil civilizado.

O movimento da viagem aproxima estes distantes do Brasil: produzia documentos e contava histórias que marcaram as experiências e as idéias de natureza no conjunto documental da revista do IHGB no século XIX. Ainda em 1845, em uma única sessão do IHGB, constam como doações 10 obras de títulos diferentes sobre viagens. É sem dúvida uma herança antiquária que ecoa no século XIX como nos ensina Manoel Luiz Salgado Guimarães. Junto a outras instituições de porte que querem forjar uma nação, o IHGB vai manter estreitas relações intelectuais, partilhando posturas relativas ao tratamento da história, produzindo um sentido para o futuro²⁵¹, onde recolher, preservar, pesquisar e divulgar as glórias nacionais faziam inserir o Brasil nos quadros da civilização universal, pelo menos em sua discursividade.

O Instituto encontra-se nos quadros da produção do saber deste mundo civilizado que se desenvolvia no mundo ocidental e no Rio de Janeiro. Muito distantes dos mundos de natureza selvagem, encontrados nas expedições ao interior. Ao longo do período pesquisado, encontramos inúmeras referências à Sociedade Geográfica de Paris, Sociedade dos Antiquários do Norte, à Sociedade de História da França, de Madri, da Pensilvânia, entre inúmeras outras, como aqui já apontamos.

²⁵⁰ “Os países periféricos serão convocados e admitidos com prazerosa condescendência nas feiras internacionais” afirma Neves ao referir-se ao exótico na construção da imagem do Brasil na Feira Internacional de Londres. HEIZER, A. & VIDEIRA, A. op. cit. P. 203

²⁵¹ GUIMARÃES, M. L. S. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. Revista Topoi, Rio de Janeiro, dez/2002. p. 190.

A história, neste sentido, dava visibilidade à natureza na medida em que a descrevia dentro dos limites do paço e das acadêmicas. A história oitocentista utilizou a natureza em sua construção narrativa, dando formas às experiências românticas.

Os reinos da natureza convertidos em riqueza potencial eram tema de preocupações que transitavam nas elites coloniais e metropolitanas, que transitavam os salões reais das academias européias e as conversas entre agricultores nos rincões da civilização em terras tropicais. Verdadeira fronteira entre o projeto civilizacional e as matas selvagens, o conhecimento informava a política.

A história ganha metáfora de natureza e, em Herder, “a história da Grécia como uma planta, deve ser estudada cuidadosamente pelo olhar de naturalista do historiador que conta uma história onde as forças e as ações humanas só estão “subordinadas ao lugar e à época”²⁵². Vejamos nas páginas da Revista do IHGB que olhar é este:

A semelhança da columna, que no Egypto marcava a altura dos transbordamentos do Nilo, para d’ahi presagiar a abundancia da colheita futura, vós vindes em cada anno annunciar á Nação o grão e diffusão das luzes, para d’ahi calcularem-se os esperançosos fructos da civilisação e da nacionalidade: isto é já importante serviço! Subirá ainda a mais vossa forma, se a expedição confiada a um intrepido nosso consocio, em pesquisa de incalculados monumentos, e de uma cidade abandonada, que se diz recôndita nos sertões do Brasil, obtiver exito desejado; como ora, no Mexico, as ruinas de Mitla e de Palenque attestam a existencia n’este nosso continente, e a inteira desaparição de nações florentes, as quaes deixaram vestigios de uma antiguidade, não menos veneravel, de uma civilisação, talvez contemporanea à do Egypto e à da India; da mesma sorte o nosso Instituto, accumulando títulos para o publico reconhecimento, abrirá também novo campo ás idéas e ás conjecturas; espalhará clarão e evidencia sobre os pontos da historia e da geographia do paiz, o qual reflectirá em honra e lustre da patria. Disse²⁵³.

²⁵² Ibid. p. 47.

²⁵³ DISCURSO do presidente o Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo na III Sessão Publica Anniversaria. R.IHGB. Suplemento ao Tomo III. 30/ nov de 1841.

Da aproximação aos passados percebemos a necessidade do reconhecimento da época. Determinar os tempos e lugares significaria conhecer as sociedades e os indivíduos. Função institucional que se representava na existência do IHGB e de outras instituições, como a historiografia brasileira contemporânea tem observado. Essência “do aparato institucional e dos recursos da governabilidade que constituiu o estado”²⁵⁴, o IHGB, ao lado da Academia de Medicina, do Instituto Polytechnico do Brasil e do Instituto dos bacharéis, promove o intercâmbio de experiências, estudo e especialidades, como afirma Edmundo Campos Coelho na obra *Profissões Imperiais*.

Não nos perguntaremos como viviam estes homens, nem quanto eles ganhavam, mas sim quais foram as suas experiências de viagens, de histórias e de discursos. Observamos que toda a escrita da história dialoga com seu tempo, sendo produto e produtora dele, bem como toda a experiência.

É impossível, através das atas e de outros textos impressos, saber qual foi o papel desta instituição na vida dos indivíduos. Mas também não é esta a questão aqui. Percebemos as histórias que no IHGB instigam paixões e, no jogo das aproximações, das idéias, das correspondências e dos discursos, falaremos da natureza. Não devemos esquecer, que em Michel Foucault, “(...) o discurso nada mais é do que um jogo, de escritura no primeiro caso, de leitura no segundo, de troca no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em

²⁵⁴ COELHO, E. C. *Profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1999. p. 55.

jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante”.²⁵⁵

Assim temos um processo a ser observado na leitura da construção das idéias de história e de natureza. Escritura, leitura e troca que percebemos nestes processos de publicações e republicações que marcam o IHGB. Apontando alguns universos de preocupações que deixam ver a descrição de gatos, cães, bois, rios e cachoeiras, podemos ouvir o grito da ariranha na publicação de um artigo intitulado *Zoofonia*, publicado em 1876 na revista trimestral que trazia as escalas musicais para tipificar os sons da natureza.

Tal qual outro homem de letras, o historiador oitocentista vai compilar, analisar, descrever. O seu objeto são manuscritos e documentos de outros tempos. As descrições traziam a cana de açúcar, o café ou o cânhamo e anunciavam uma desejada ciência da história.

Nos relatos de viagem, nas atas, nos discursos, nos documentos oferecidos, a natureza, a história e a viagem atravessam a leitura. Rompiam o denso universo das Revistas do IHGB com idéias que se aproximavam mesmo distantes.

Encaminhamo-nos desta forma à segunda parte deste estudo, em que a natureza será percebida através de sua fauna, flora e minerais e da história que os articula. Estas experiências são compreendidas como parte de um processo de construção de uma nova sensibilidade na história. Zoologia, botânica, mineralogia, astronomia são universos que veremos circular neste mundo da história do século

²⁵⁵ FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. op. cit. P. 49.

XIX ou, a partir de Foucault, nesta “constelação discursiva”²⁵⁶. Sensibilidades científicas, românticas, históricas e naturalistas de outros tempos que atravessaram as idéias e as Instituições e se apresentam nesta história.

²⁵⁶ FOUCAULT, M. A Arqueologia do saber. Op. cit. 73.

Parte 2

A BUSCA DA RAZÃO

curiosidade e ciência



ILUSTRAÇÃO 7 - CAJU, JAÇANÃ E ARARA CANINDÉ in: Fauna e Flora Brasileira – século XVIII . Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1986. p. 118.

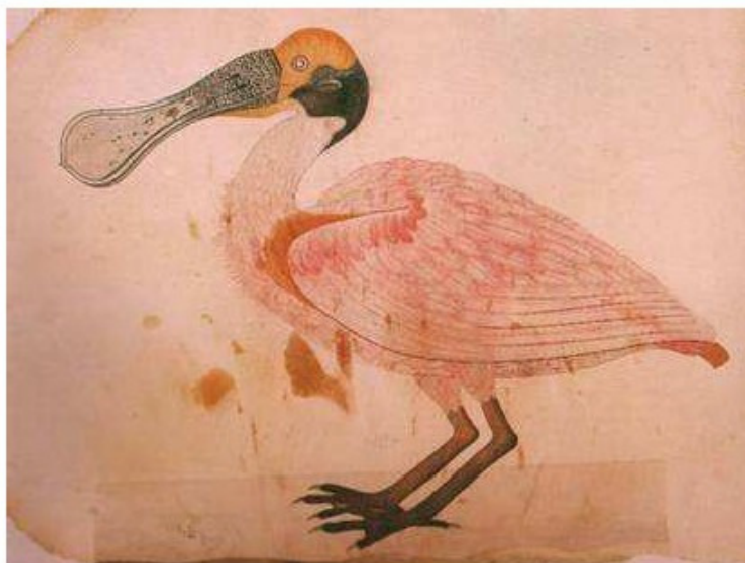


ILUSTRAÇÃO 8 - COLHEREIRO in: Fauna e Flora Brasileira – século XVIII . Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1986. p. 124.

Só a natureza é divina, e ela só é divina...

Se falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens
Que dá personalidade às cousas,
E impõe nome às cousas.

Mas as cousas não tem nome nem personalidade:
Existem, e o céu é grande e a terra larga,
E o nosso coração do tamanho de um punho fechado...

Bendito seja eu por tudo quanto sei.
Gozo tudo isso como quem sabe que há sol.

(...)

Li hoje quase duas páginas
Do livro dum poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.

Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.

Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram cousas vivas, não eram
pedras;

E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.

É preciso não saber o que são flores e pedras e rios
Para falar dos sentimentos deles.
Falar da alma das pedras, das flores, dos rios,
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.
Graças a deus que as pedras são só pedras.
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era a Natureza.

(Fernando Pessoa (1888 – 1935). O Eu profundo e os outros Eus.
20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p. 154/155)

4. INVENTÁRIOS DA NATUREZA: ONÇAS E HOMENS

4.1 Zombando das Onças: A força e o medo

O naturalista - O Pleistoceno foi um período dramático de lutas. Os mamíferos, os pássaros e os répteis lutavam pela existência, contra um inimigo terrível: o frio, que descia, avassalador, das regiões polares. Pela primeira vez na história da terra, largas áreas dos continentes do norte ficaram cobertas de gelo. Desabaram grandes temporais de neve. No pico das grandes montanhas acumulavam-se a neve em massas descomunais que depois rolavam na direção dos vales, em tremendas avalanchas.

- E os animais suportaram essa mudança de clima? – perguntou João.

- Os mamíferos ficaram muito reduzidos em variedade e número...

- E seus sobreviventes - acrescentou o filósofo - tiveram de enfrentar uma catástrofe maior do que o frio: a civilização humana.²⁵⁷

Animais da antiguidade ou animais contemporâneos eram observados nos relatos das viagens filosóficas nos final do século XVIII. Animais do Pleistoceno em seus esqueletos, como o mamute, foram observados em 1798 em um Museu na Filadélfia, por Hipólito José da Costa Pereira. Animais que também surgem na descrição de Francisco de Oliveira Barbosa em 1792:

É o rio Tiete bastante dilatado, pois dizem ter 180 ou 200 léguas de extensão; são compostas as suas beiradas de matos frondosos e espessos; de muitas cachoeiras e saltos, e juntamente de ilhas; é muito fértil de caças, pois tem com abundância antas, veados, onças, porcos, capivaras, quatis, pacas, cutias, lontras, araranhas.

Os pássaros são innumeráveis e de diversas qualidades, como são araras, papagaios, jacus, macucos, inhambus, patos, biguás, tayuyús, tabuyayás, gurapútepócas, guratayaseis, socós, carões, culhereiros, araraquans, mutuns, pombas, tucanos, gurapongas, anhumas, aves de muita estimação, pois tem um unicórnio na cabeça de grande virtude contra o veneno... este pássaro é quase do

²⁵⁷ VERÍSSIMO, É. *Viagem à aurora do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1953. p. 327.

tamanho de um peru, com a cõr preta: a sua assistência é nas lagoas, e por isso mui custoso de se apanhar.²⁵⁸

Animais contemporâneos às viagens como as tartarugas e os galos, observados em 1780, no Mato Grosso por Francisco José de Lacerda e Almeida. Animais familiares e ao mesmo tempo desconhecidos, feras que povoaram as muitas descrições de viagens. No dicionário de Rafael Bluteau, o verbete Animal define: “o corpo animado que se move, e sente. Composto de partes orgânicas e tão bem unidas, e dispostas para a conservação da vida, que tem a faculdade de restaurar com alimento a substância”. A palavra animal, continua a definição, compreende o homem, definido como racional já no latim, e também as “aves, as bestas e os peixes”, dividindo os animais entre **domésticos**, como o cão, o boi, e o cavalo; **bravos**, como os veados, as raposas e lebres; e os **ferozes**, como o leão, o lobo e o javali²⁵⁹. Este dicionário, além de português e latino, pretendia-se anatômico, bélico, botânico, brasílico, cômico, crítico, etimológico, florífero, frutífero, geográfico, hidrográfico, meteorológico, retórico, rústico e zoológico, dentre outras suas mais diversas autodefinições.

Assim, encontramos animais como o Colhereiro, que foi descrito em 1758, a partir de Lineu, e foi encontrado em quase todo o continente americano. Segundo Barbosa, era uma ave já bastante conhecida na Europa, aparentado da garça, cuja alimentação era constituída de peixes e crustáceos. Com igual critério, em 1766, foi descrito o Mutum Cavalo, ave da família *Cracidae*, que tem seu habitat em ambientes tropicais, move-se pelo chão e se alimenta de pequenos

²⁵⁸ NOTÍCIAS da Capitania de S. Paulo no anno de 1792. Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Tomo V. 3.^a edição. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert & C., 1885. p. 23.

²⁵⁹ BLUTEAU, R. Vocabulário português e latino... Coimbra: Collegio das artes da Companhia de Jesus, 1712-1724. versão digital Cedope/UFPr.

frutos e animais. E, a Ariranha, descrita a partir de 1788, figurava ao lado da onça, como um importante carnívoro da região. Hábitos alimentares e habitat dos animais eram algumas informações necessárias para os localizar, para deles proteger-se e para melhor utilizá-los.

A descrição é o processo necessário para esta construção de um mundo de imagens e idéias que reconhecesse onças e ariranhas. Neste sentido podemos observar as gravuras do naturalista italiano Antonio José Landi, que observou e descreveu os animais das capitanias do Grão Pará e de São José do Rio Negro entre 1754 e 1761²⁶⁰:

ILUSTRAÇÃO 9 - ARIRANHA - *Pteronura brasiliensis*



Fonte: FAUNA e Flora Brasileira – século XVIII . Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1986. p. 169.

Os animais aparecem nas impressões dos funcionários da coroa e dos naturalistas e constituem parte da imensa paisagem a ser descrita, inventariada e

²⁶⁰ Trazemos aqui a título de ilustração alguns registros de natureza que foram compilados a partir dos arquivos da casa da Ínsua em Portugal, na obra Fauna e Flora Brasileira. FAUNA e Flora Brasileira – século XVIII. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1986.

domada. Paisagem exuberante, rica e cheia de possibilidades para o conhecimento e a novidade científica e econômica, paisagem cultural como aponta Ulpiano Bezerra de Meneses²⁶¹. Estado de alma e paisagem confundem-se no percurso da viagem²⁶², e a sede de experimentar uma nova distância leva os homens no século XVIII aos mais distantes veios de rios, aos interiores dos pântanos e das florestas tropicais.

As idéias de natureza, ora santificadas, ora temidas, ora racionalizadas, atravessavam as fronteiras entre a claridade e a escuridão e nos permitiram assim perceber búfalos e marmotas. Para a historiadora Ana Lúcia Barbalho da Cruz, os animais figuram no mundo das viagens como alimento e utilidade²⁶³. E para além da utilidade, podemos ver uma transposição mítica que dá ao controle dos homens - os animais. Não podemos esquecer das bestas-feras, que povoaram o século XVII. Dominando a natureza pelos saberes, os homens ganhavam um novo estatuto frente ao seu mundo.

Nos rios e nas matas habitados por indígenas, vivia-se a umidade, o calor. A natureza se fazia presente em ventos e cachoeiras, nos macacos encontrados e nos rumores das onças. O adestramento de tudo o que é considerado selvagem constitui o próprio espírito daqueles tempos.

²⁶¹ MENESES, U. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, E. (org.) Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002. P. 52.

²⁶² CORBIN, A. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 73.

²⁶³ CRUZ, A. L. R. B. da. Verdades por mim vistas e observadas, Oxalá foram fábulas sonhadas: as viagens philosophicas como textos de auto-etnografia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003. (tese de doutorado)

Se retomarmos Keith Thomas, poderemos observar que o domínio das criaturas brutas chegava mesmo à crueldade na Europa do século XVIII. Touros, cachorros, ursos, macacos, veados, cavalos, galos, raposas eram objeto do prazer sádico das caçadas, das rinhas, das corridas e dos festejos que os homens da sociedade de corte promoviam para seu passatempo e para o exercício do seu poder sobre o meio natural. O autor aponta a profunda alteração do sentimento em relação aos animais, citando as normas contra os maus tratos de algumas escolas inglesas, os processos judiciais e até mesmo a fala da Rainha Vitória, da Inglaterra do século XIX, que parabenizava “o sentimento mais humano em relação aos animais inferiores”²⁶⁴. Entre meados do século XVIII e o século XIX, os defensores da natureza conseguiram até alterar as leis. E se o adestramento estabelece novas relações entre os homens e a natureza, não quer dizer que estas relações sejam menos violentas. A caça, atividade constitutiva do exercício da nobreza, não causa estranheza no homem de ciência.

Os animais eram, para os homens daqueles tempos, alimento, prazer e conhecimento. Hipólito da Costa Pereira, na descrição que faz de uma caçada nos Estados Unidos, no final do século XVIII, afirmava que os búfalos (do local) eram mortos com muita facilidade. Sua expressão também não é uma expressão de espanto, é apenas uma constatação objetiva, bem aos moldes do pensamento científico que o informava.

Temos que a descrição apurada era o desejo dos naturalistas, como era desejada a precisão aos astrônomos. Dois dos homens viajantes, que aqui

²⁶⁴ THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 178.

figuram, são exatamente astrônomos. Que teriam eles a dizer dos animais? Não esqueçamos sua formação generalista e sua especialização, que se encontram distantes de qualquer comparação com a atualidade. É claro que a especialização carrega os relatos de informações direcionadas. Aprofundemo-nos às falas que apontam tais referências.

Para além da preocupação do astrônomo, encontramos o cientista, que, mesmo sem precisos detalhes, e talvez sobretudo pela falta deles, demonstra a proximidade dos animais ao longo da sua expedição, relata Francisco José de Lacerda e Almeida na década de 1780:

Pouco abaixo passei uma aldeia de indios gentios deserta; e desde que saí do marco sempre encontrei sinais e vestígios de pousos do gentio, do dia antecedente. Mataram-se neste dia de passagem duas onças. Pela 1 hora sobreveio vento Sul com chuva; e tendo neste dia feito 6 léguas de caminho, fizemos pouso em um pequeno reduto, que só tinha terra para se fazer a comida: dormimos nas redes atadas em árvores, com muito frio, mosquitos e formigas, que muito me morderam. Pouco abaixo da dita Tapera principiam os lugares alagados de ambas as margens, e só se viam os montes de que já falei: Lat. A. do lugar de onde partimos 16.º 42' 58''.²⁶⁵

Mais que fatura alimentar, são os incômodos que afligem os homens dia após dia. Assim, as onças os alimentam, tanto quanto os mosquitos e as formigas os atormentam. O que é significativo na leitura do diário é que mosquitos e onças são abundantes, e sempre, como já apontado por Laura de Melo e Souza²⁶⁶, os homens dormiam no alto das árvores.

²⁶⁵ ALMEIDA, F. J. de L. *Diários de Viagem*. Ministério da Educação e Saúde. Instituto Popular do Livro. Biblioteca Popular Brasileira, XVIII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. p. 39.

²⁶⁶ SOUZA, L. M. *Formas Provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações*. In: *HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL*. Vol I. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Antonio de Souza da Silva Pontes, também astrônomo, em viagem ao interior da colônia no final do século XVIII, afirma que muitas vezes a caça por vezes tão faustosa, em outros dias é tão pouca que a base alimentar chega a se constituir apenas de farinha e água. Os dias não são iguais no interior dos rios luso-americanos. Uma onça surge sorrateiramente e “rouba” algumas peles de macacos que secavam dentro do acampamento. Os homens que a encontraram atiraram. Segundo Pontes, perderam a sua munição, dada à escuridão da noite!

Entretanto nem todo o relato constitui-se dos sustos ou dos dramas vividos nos sertões. As objetivas listas dos reinos encontrados traziam consigo uma vastidão de animais, minerais e vegetais, rica e pontualmente descritos.

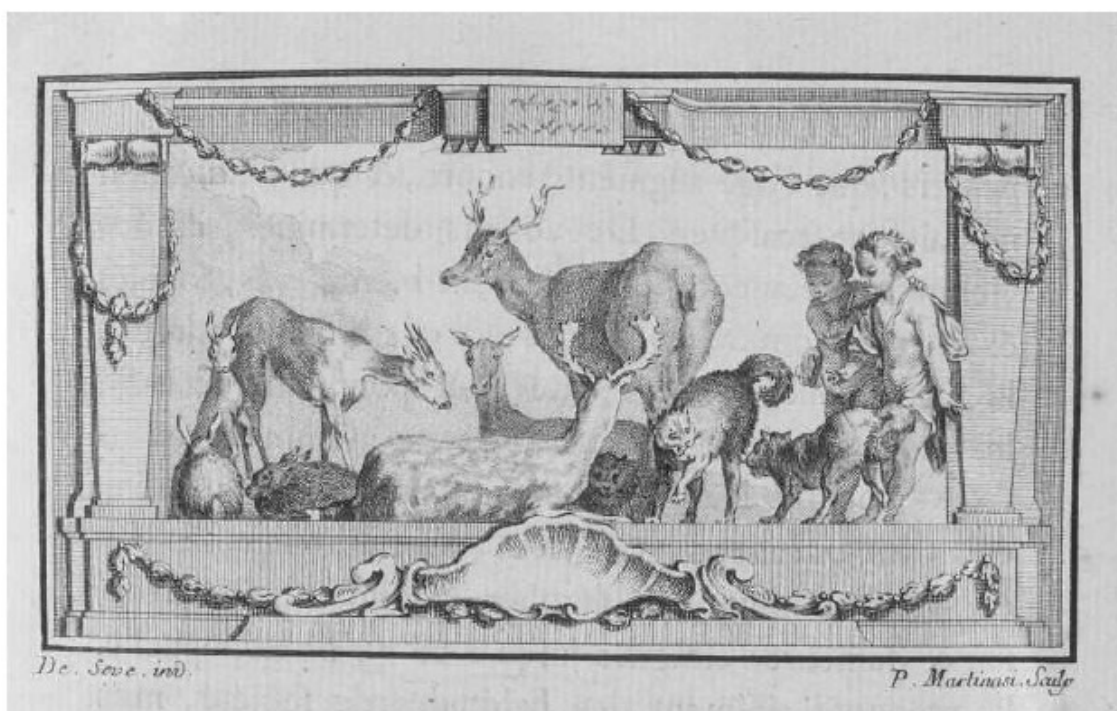
Hipólito, nas cartas publicadas apenas em 1955, juntamente com seu diário de viagem, lista 403 espécies encontradas na Filadélfia, identificando a origem e as variações ocorridas dentro de cada espécie. Sementes de álamos, de acácias, de pinheiros do Canadá, baleias, búfalos, ovelhas, mas também completavam estas listas: livros e papéis, onde surge a obra *Fragments of natural history*²⁶⁷, de Francis Burton.

A História Natural constituía uma vasta área de conhecimento, onde os mais diferentes elementos aproximavam-se. Buffon, Burton, Lineu, De Paw influenciavam as polêmicas e os olhares dos homens desta sociedade que se auto-representa como uma sociedade de letras; no caso brasileiro, um império de letras. Poetas, filósofos, naturalistas, eruditos, inspirados nas musas, ordenados nas ciências, sujeitos aos rituais dos discursos de seu tempo, imersos nas

²⁶⁷ PEREIRA, H. J. *Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)*. Rio de Janeiro, Publicações da Academia Brasileira, 1955. p.172.

disputas intelectuais e políticas. Indivíduos que, como ensina Foucault, falam, conservando e produzindo idéias, fazendo circular saberes e silêncios²⁶⁸, fazendo-os transportar seus laboratórios para junto dos rios mais surpreendentes. É no mundo das experiências, que o viajante se apropria do saber clássico, ajudando a produzi-lo.

ILUSTRAÇÃO 10 – ANIMAIS E ILUSTRAÇÃO DE HISTÓRIA NATURAL



Fonte: ILLUSTRATIONS de Histoire naturelle générale et particulière avec la description du cabinet du roy, t. VI. Paris : Imprimerie royale, 1756 Bibliothèque du Muséum National d'Histoire Naturelle. 10512. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr>>, acesso em 16/08/2005.

A natureza inexaurível informa à ciência os seus ritmos e as riquezas que deveriam compor um gabinete, um museu. Riquezas que deveriam levar aos olhos metropolitanos as maravilhas coloniais, que encantariam o saber e os olhares

²⁶⁸ FOUCAULT, M. A Ordem do discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 43.

ilustrados, mesmo diante da impossibilidade de conciliar este ideário com o sistema de dominação existente na distante colônia americana. Nela, afirma Márcia Moisés Ribeiro, os ecos da razão se faziam ouvir²⁶⁹.

Mesmo na distância, mesmo na precariedade, mesmo nas situações limite, exigia-se cuidado com a observação científica. O cuidado na remessa é o mesmo cuidado da descrição, o mesmo cuidado do desenho. Detalhes, cores, texturas, nomes e características eram exigências discursivas, regras do exercício prático, regras da língua, regras dos saberes. Assim, há muitas similaridades nos diários e memórias de viagens e nas cartas e instruções que as amparavam. Mostram o imprevisível cotidiano destes homens que se deixam marcar nas linhas de um diário, onde muitos são os interesses e muitas são as obrigações. Cotidianos de longas viagens, um, três, quatro, dez anos nas mais remotas regiões, acompanhados de escravos, indígenas ou negros, de militares, padres e comerciantes, levados por animais de carga e embarcações, cruzando as serras, os pântanos e as cachoeiras.

Mais que expedições científicas e projetos de estado, as viagens, ao colocarem a humanidade em contato direto com os animais, os vegetais e os minerais, constituem-se viagens civilizatórias. Descrever o que pode ser útil e o que, por seu desmesuramento, chame a atenção. Descrever, localizar, interpretar rochas e terras, observar os ciclos da vida, da águas, dos ventos, produzir informações que pudessem dotar a política e facilitar o enriquecimento

²⁶⁹ RIBEIRO, M. M. A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Editora Hucitec, 1998. p.130.

metropolitano. Nas viagens, misturavam-se estas sensações de prazer e medo, de angústia e euforia.

Tal como os minérios e os vegetais, a caça era também, nestes olhares, inexaurível. O viajante deveria também ser um caçador, deixando registrada a afirmação de Antonio da Silva Pontes: “Eu fui ao mato e atirei a um inhambu, pássaro de grandeza de um frango...”.

A descrição e o conhecimento do cientista, a necessidade de alimentos e as sensibilidades transitórias de uma época se objetivam na ação nestes ambientes selvagens. As práticas da dissecação dos animais eram saberes tão necessários quanto os saberes da localização geográfica, das práticas mineralógicas e, por que não dizer, da própria caça.

Ao analisar os discursos destes homens, compreendemos o papel da natureza e dos animais no governo dos mundos, no governo das distâncias territoriais, na troca de informações, que ancora as decisões do estado e as idéias de ciência. Percebemos a força da natureza e uma queda de braço travada pelo homem com ela. O sentido do pertencimento a uma sociedade pela afirmação do domínio do meio natural, em parte sobrevivência, em parte prática científica, em parte representação, formava experiências individuais e ao mesmo tempo comuns.

Nas regras de aparecimento dos discursos, nas condições de sua apropriação e utilização, afirma Foucault, encontramos a questão do poder²⁷⁰. As recorrências e negações discursivas dos relatos permitem-nos ver os homens

²⁷⁰ FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. p. 139

zombando das onças e desejando uma sociedade afastada da natureza, que é, ao mesmo tempo, o depósito de sua vida, poder e riqueza. Marcas decifradas que atravessam os tempos e os discursos.

Martim Francisco Ribeiro de Andrada, inspetor das minas e matas, e naturalista da capitania de São Paulo entre 1803 e 1804, lista em seu *Jornal de viagem por diferentes villas até Sorocaba* as aves que viu: urubus, bem-te-vis e carcarás (*falco brasiliensis*)²⁷¹.

Pouco depois, em seu *Diário de uma viagem mineralógica pela província de São Paulo no anno de 1805*, o sentido da viagem e da busca se faz presente no relato, observemos a descrição dos matos de Itapetininga:

Se Linneo intentou suas primeiras viagens a pé e despido de todos os meios, eu também, por instruir-me conhecendo os productos naturaes d'esta capitania, tenho arrostado com todos os perigos, cobrindo-me com as folhas [...] e alimentando-me com seu palmito, zombando de onças, tão damnosas e malfazejas, andando a pé por entre matas continuas, emmaranhadas de espinhos: tudo isto tolero com gosto, e só me desgosta a escasseza de observações.²⁷²

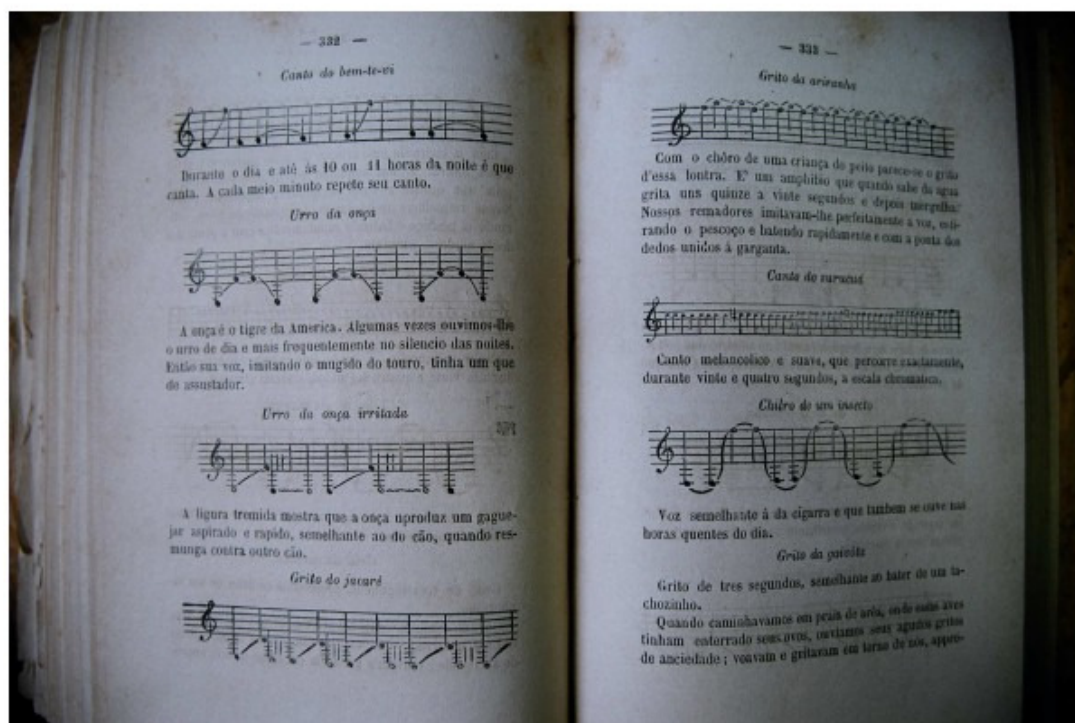
Diante da leitura deste universo, que se embebe das idéias de seus tempos, que atesta seu olhar como garantia de verdade, e tal qual Linneo, o viajante se encontra em meio aos perigos de uma missão histórica. Só o desgostaria a escassez de observação. Onças e aves povoam os documentos e neles observamos o universo da fronteira onde ouvimos falar de um tempo distante, no qual as onças que um dia povoavam as margens do rio Tietê enfrentaram.

²⁷¹ ANDRADA, M. F. R. de (1775-1844). *Jornaes das viagens pela capitania de São Paulo*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. vol. 45 (64-65) p. 5-47.

²⁷² Id. *Viagem Mineralógica pela província de São Paulo em 1805*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol. IX, 1869. p. 536.

Na inspiração de Érico Veríssimo, uma catástrofe, a civilização desejan- te da fartura das matas, que faziam o viajante correr a pena na descrição da fauna e das gentes, dos sentidos e das idéias que os permitiram ecoar em outros tempos e espaços. Neste sentido, é notável a lucidez de um autor anônimo, que, ao perceber a possibilidade do desaparecimento de algumas espécies, registra os sons ouvidos nas matas²⁷³, sons de jacarés, bem-te-vis, bugios e sapos:

ILUSTRAÇÃO 11 - ZOOFONIA



Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1876. p. 332 e 333.

²⁷³ “Urro da onça: A onça é o tigre da América. Algumas vezes ouvimos-lhe o urro de dia e mais freqüentemente no silêncio das noites. Então sua voz, imitando o mugido do touro, tinha um quê de assustador”. In: *Zoofonia*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1876. Tomo XXXIX. p. 332.

A busca do lugar e das espécies animais incluía em seu interior a preocupação com a humanidade. Uma humanidade que pretendia progredir através do conhecimento das escalas dos homens e dos animais e do entendimento da razão e das escalas musicais.

O exercício de colocar a natureza em escalas com seus muito graves e com seus muito agudos é o exercício da produção de uma documentação. Entre razão e arrebatamentos, o viajante dá tons e sentimentos humanos aos animais, e os gritos ouvidos podem ser alegres como os cacarejares. A onça em seu urro demonstrava irritação, os piares eram melancólicos e os silêncios da solidão desértica que não tinham espaço nos quentes trópicos eram lúgubres. A gaivota expressava sua ansiedade, e o gorjeio do jaú era percebido nas noites onde a lua refletia os rios e lagos e ressaltava o silêncio das trevas, como descreve o autor. A leitura deste Zoofonia poderia fazer-nos retomar à questão: seriam os homens rios doentes?

4.2 O homem ou o roubo do jacaré

Ora, é natural que este historiador que foi tam minucioso em enumerar os diversos animaes ahi encontrados não se esquecesse de apontar tambem algum ou alguns dos domésticos si ahi fossem achados; mas elle não o fez, e por tudo o que levamos dito concluiremos que os animaes domesticos existentes na America foram importados pelos Europeus seus conquistadores.

Quanto aos não domésticos, é verdade que Montfalcon diz que os tigres e os leões foram transportados da Africa para a América assim como os cavallos e bois o foram da Europa.

Ora, que estes ultimos pela necessidade de que d'elles tinham os Europeus para varios usos fossem trazidos, bem; mas os leões e tigres? Qual seria o motivo que os faria ter em sua companhia tam maus companheiros, para que os trariam

para um paiz para onde elles so levavam objectos de utilidade e não de destruição como da historia se vê?²⁷⁴

O médico José Ribeiro de Souza Fontes²⁷⁵ escreve sobre os animais que o colonizador trouxe para a América, mostrando a utilidade e a antiguidade de bois, cães, gatos, cabras, porcos, galinhas e outros. Trazidos pelos portugueses, espanhóis e franceses, facilmente adaptados, e, por vezes, até transformados em selvagens. Cita os naturalistas Curvier²⁷⁶, Buffon e Prichard em sua *Historia natural do homem* de 1843, além de Cantu²⁷⁷, na obra *Historia universal* na edição de 1847, e Simão de Vasconcellos²⁷⁸ na obra *Chronica*. Com isto apresenta a amplitude de sua leitura e a fundamentação moral da interpretação que faz da natureza.

O colonizador trazia os animais domésticos e às vezes trazia com eles animais selvagens que acompanhavam os homens e seus provimentos com movimentos leves e silenciosos, os ratos. Estes inimigos terríveis, no dizer do

²⁷⁴ OS ANIMAIS introduzidos pelos colonizadores por José Ribeiro de Souza Fontes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XIX, 1856.

²⁷⁵ José Ribeiro de Souza Fontes (1821-1893) – Visconde de Souza Fontes, bacharel em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro onde foi catedrático da disciplina de Anatomia Descritiva. Primeiro cirurgião do Hospital Militar da Corte. Participou da Guerra do Paraguai. Afiliado em várias associações como a Academia Nacional de Medicina e a Sociedade de Geografia de Lisboa. Foi sócio correspondente e honorário do IHGB. Médico da Casa Imperial e da Imperial Câmara. Cirurgião efetivo da Santa Casa de Misericórdia. In: Dicionário biobibliográfico. Op. cit. Vol 4. p. 163/164.

²⁷⁶ “Georges Léopold Chrétien Frédéric Dagobert Curvier (1769-1832) Foi filósofo, naturalista, anatomista e zoólogo, nasceu na França e foi assistente do Museu Nacional de História Natural de Paris”. In: DICIONÁRIO Político. Disponível <<http://www.marxists.org.htm>> Acesso em 01/02/1007.

²⁷⁷ Cesaré Cantu (1804-1895) – Historiador italiano com uma vasta obra entre as quais: “*Buon senso e buongoverno* (Milano, 1870), *Portafoglio d'un operaio* (Milano, 1871), *Attenzione! Riflessi di un popolano* (Milano, 1871)”. Teve grande importância como diretor do Arquivo do Estado de Milão, função que ocupou por duas décadas, sendo considerado o “último romântico italiano”. In: CESARE Cantu disponível <http://www.cesarecantu.it/biografia.htm> Acesso em 01/02/2007.

²⁷⁸ Simão de Vasconcelos (1597-1671). Jesuíta cuja obra é conhecida por retratar a história da Companhia de Jesus, segundo Maria Beatriz Nizza da Silva a obra citada – *Crônica* “contém observações acerca dos índios e da terra brasileira.” In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (org.). Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1994. pp. 818/819.

historiador, vieram nos navios e “quando os ratos se constituíram o flagello dos primeiros estabelecimentos não encontraram outros inimigos senão as grandes cobras[...], e então ainda elles não foram perseguidos pelos gatos, e é natural que n’essa ocasião a necessidade fizesse lembrar a utilidade d’estes ultimos, e é mais natural ainda que tratassem de importar os ja domesticados antes do que domesticar os montezez por ser muito mais difficil.”²⁷⁹

A domesticação de animais e a sua importação para controle²⁸⁰ de outros animais ou para outras atividades foi tema de inúmeros estudos do século XIX, tomando os olhos imperiais. Em 01 de julho de 1841, os animais são observados no IHGB neste seu aspecto de domesticação quando entra na urna para sorteio a seguinte ordem do dia: “Quaes foram os introductores do gado vaccum e cavallar na Provincia do Rio Grande de Sul?”²⁸¹. Buscavam neste inventário de espécies domésticas, selvagens, produtivas, exóticas fazer um mapa do mundo e dos caminhos percorridos pelos bichanos, sem esquecer, claro, a sua utilidade.

Retomemos Fontes: “é bem verdade que bem pouco sabemos a respeito da importação dos gatos na America, mas Du Tertre²⁸² diz que nas Antilhas havia

²⁷⁹ OS ANIMAIS introduzidos pelos colonizadores. Op. cit. p. 518.

²⁸⁰ Alertamos que controle biológico é uma expressão contemporânea demais para que José Ribeiro Fontes a utilizasse ou mesmo a conhecesse. Neste sentido a utilização de gatos para controle de ratos sugere um saber que se perde no tempo e que os naturalistas modernos desejavam tornar ciência desde o século XVIII, para orientar um bom governo como se desejava à época.

²⁸¹ SOUZA, L. M. Formas Provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL. Vol I. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 349.

²⁸² Jean-Baptiste Du Tertre foi missionário dominicano e botânico francês que viveu entre 1610 e 1687 e viajou para as Antilhas e para a Groelândia. Tem entre suas obras “Histoire générale des Aint-îles habitées par le françois» publicada em Paris em 1654 e da obra “Para observar os pássaros”. IN: OBRAS Raras. disponível em <<http://www.obrasraras.usp.br>>. Acesso em 02/02/2007. Também em MARQUESE, R. de B. Ideologia imperial, poder patriarcal e o governo dos escravos nas Américas. (1660-1720). Revista Afro-Ásia, n. 31, 2004. p. 67. Disponível em

um grande numero de gatos para ahi trazidos pelos Hespanhoes: à vista do que temos exposto, julgamo-nos com direito de concluir que estes animaes foram do numero dos importados”.²⁸³

Importados, nacionais, mansos ou arredios, gatos e onças são listados e citados, analisados segundo sua beleza, utilidade ou perigo, grandezas que certamente têm o ser humano em seu centro. Também podemos ler aí um olhar, sem dúvida, comprometido com os poderes e as idéias de seu tempo, comprometido com sua ciência e sua necessidade de entendimento de si e do mundo ao seu redor. Observemos as dúvidas de Fontes:

Todos sabemos quão difficil senão impossivel é ainda hoje domesticar um dos nossos gatos monteizes. Pela nossa parte so os temos visto mortos e tem-se-nos dito que com difficuldades se podem caçar, não nos consta que ainda hoje ninguem os tenha em suas casas, entretanto que bem perto de nossos povoados elles existem; ora si isto hoje é assim, como admittir que em eras remotas houvesse possibilidades em domestical-os? Como admittir que, homens que se deviam occupar com outras cousas, que homens que cuidavam principalmente em colher ouro e os preciosos vegetaes do Brazil, se dessem ao enfadonho trabalho de educar um animal como esse?²⁸⁴

Notamos tempos nos quais sonhos e esperanças eram depositados no homem e no mundo de suas idéias. Membros mais elevados do repleto reino animal, os indivíduos deveriam ocupar seus lugares na vastidão das terras pertencentes a seu império e com a sua mão civilizadora satisfazer as suas vontades. A manutenção dos domínios, aliada ao pragmatismo administrativo dos setecentos e a modernidade dos oitocentos, mesclaram a escravidão, as matas, os animais, as viagens e estes homens de letras no interior do Brasil.

<<http://www.afroasia.ufba.br>> Acesso em 02/02/2007. Nota para esclarecimento que não existe no documento original citado.

²⁸³ OS ANIMAIS introduzidos pelos colonizadores. Op. cit. p. 520.

²⁸⁴ Ibid. p. 518.

Aqui, o estudo destas idéias permite ver também uma corte tropicalizada pela presença da imagem, dos sentidos e das experiências vividas nas florestas, nos rios, nos sertões. O exótico da natureza do Brasil mostrado e enviado para a corte lisboeta, a corte carioca ou para a moderna Londres, pretendia dar visibilidade, informar e educar sobre as riquezas naturais. Idéias que ora afastavam os indivíduos da natureza pelo refinamento e pelo autocontrole e ora os aproximava da natureza ao torná-la sua fonte de riqueza.

Súditos de uma sociedade que se desejava letrada. Funcionários do império, filhos da elite, vivendo a transição de um século e de muitas idéias. Tocados pelas idéias revolucionárias, como demonstram os estudos sobre a influência no pensamento iluminista nas províncias²⁸⁵ e os estudos das bibliotecas coloniais²⁸⁶. Afastamento que podemos encontrar em Hipólito da Costa Pereira na crítica à rusticidade da sociedade criada na Filadélfia, em seu *Diário de viagem*²⁸⁷.

Da observação da utilidade das terras e da necessidade de transformar as sociedades, o viajante encaminhava as terras portuguesas da América em direção às brilhantes luzes dos saberes e dos poderes da sociedade moderna. Em uma sociedade onde a presença de animais para o trabalho era comum e mesmo necessária, dada a impossibilidade de se prescindir das mulas, cavalos e bois, no transporte de alimentos e homens, tão importantes para a sobrevivência na

²⁸⁵ ALEXANDRE, V. Os sentidos do Império: questão nacional e questão colonial na Crise do Antigo Regime Português. Porto: Edições Afrontamento, 1993. p. 78 e 79.

²⁸⁶ VILLALTA, L. C. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: História da vida Privada no Brasil. Vol 1. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. Organização de Laura de Melo e Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 366/368.

²⁸⁷ PEREIRA, H. J. *Diário de minha viagem...* op. cit.

colônia e no interior do Império do Brasil²⁸⁸, estes homens eram tocados pelas idéias liberais, vivendo no interior de uma sociedade escravista, imersos na lógica do prestígio de uma sociedade de bacharéis.

Hipólito da Costa Pereira, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Antônio Pires da Silva Pontes, e Francisco José Lacerda e Almeida e tantos outros inventariaram as terras em que nasceram, inventariaram os reinos da natureza, inventariaram o reino animal, onde, nestas fronteiras, os homens e os pássaros mereceram menção. Indivíduos inventariados no pensamento histórico oitocentista.

Os personagens desta história experimentam terras de fronteira, terras repletas de natureza e tribos indígenas, terras repletas de fartura, entretanto difíceis de acessar. Terras dominadas pelas águas, seus regimes e suas estações, terras selvagens, ora milagrosas, ora promissoras, eram também terras de muitos calvários.

A natureza do mundo interior afastava-se da natureza exterior e o mundo natural apareceria como uma nova idéia.

A natureza seria uma vasta solidão sem o homem no setecentos, afirma Franklin Baumer²⁸⁹, o homem estava no centro do universo, os continentes eram as paisagens, onde nasciam alguns olhares, onde novas coisas eram observadas.

²⁸⁸ Não podemos deixar de reconhecer uma influência das leituras de Norbert Elias sobre a formação da sociedade de corte, em que a análise de manuais de etiqueta e civilidade mostra-nos os afastamentos da sociedade moderna de corte em relação à natureza selvagem e a necessidade da supressão dos elementos da natureza na vida cotidiana e de representação dos homens daquela sociedade. Cf. ELIAS, N. *O processo civilizador: uma História dos Costumes*. Tradução Ruy Jungmann. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. P. 191.

²⁸⁹ BAUMER, F. L. *O Pensamento europeu moderno*. Vol 1. op. cit. p 183.

Estas novas coisas destronavam os indivíduos da ilusão antropocêntrica, como afirmou Keith Thomas, e os estudos da astronomia, da botânica, da zoologia e da geologia trouxeram ao mundo dos homens o tempo da terra e, com ele, o tempo das outras espécies, as suas transformações e mesmo seu desaparecimento.

Buffon abandonará a cronologia bíblica e na Inglaterra se faziam poesias com o intuito de conter o orgulho humano²⁹⁰. A questão não é o quanto estas novas sensibilidades tocaram os viajantes nas terras luso-americanas e brasileiras. Seus olhares treinados não deveriam perder-se em frivolidades, mas no interior de seus escritos e das armações dos discursos oficiais, percebemos o medo, o cansaço, o susto, a solidão. Percebemos as doenças e a morte que os rondavam.

O

O indivíduo desta história era ao mesmo tempo geômetra e poeta, descrevendo o mundo em uma ordem enciclopédica, escrevendo relatórios oficiais, nos quais as ciências eram representadas pelas árvores, onde sempre havia espaço para os monstros e para os prodígios dos desvios da história natural.

Francisco de Oliveira Barbosa, em 1792, viajando na capitania de São Paulo, descreve a riqueza e os perigos.

Tem a mesma fartura de caças e peixe que se encontra no rio Taquary; com a diferença porém de haver nelle uma qualidade de peixes chamados – Tesouras – que impedem o poder-se lavar qualquer pessoas; porque tudo o que cahe dentro do rio, em breves instantes espedaçam; e faz admirar por ser peixe pequeno, que não tem maior grandeza que a cópa de um chapéo.²⁹¹

O relato é o testemunho de seu medo ou sua voracidade.

²⁹⁰ THOMAS, K. op. cit. p. 200.

²⁹¹ BARBOSA, F. de O. Notícias da Capitania de S. Paulo no anno de 1792. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo V. 3.^a edição. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert & C., 1885. p. 33

A infinidade de pássaros sem nome, a infinidade de insetos e bichos aquáticos confundia o viajante que deveria focar sua observação em alguns aspectos e nos elementos mais importantes. A civilização se distanciava, pelo menos no relato de Xavier Ribeiro de Sampaio, publicado pelo IHGB e intitulado *Relação Geográfica e Histórica do Rio Branco da América Portuguesa*²⁹². O viajante cita a classificação de Buffon para os animais, que defendia a ordem natural de classificação segundo o grau de seu relacionamento com o homem²⁹³. Utilidade, beleza, lucro organizavam definitivamente a sua ciência. O viajante generaliza os animais devido à sua imensa quantidade, particulariza-os em sua raridade e na beleza de seu canto.

As tartarugas e peixes tornaram aquelas viagens possíveis e mesmo saborosas. E para além da fragilidade da vida cotidiana nestas alargadas fronteiras, podemos encontrar nestes documentos os distanciamentos do homem e da natureza.

A razão destes intelectuais, que os fazia colocar em escalas musicais sons ouvidos em meio às matas e sertões, é a mesma que sustentou a sociedade imperial em seu modelo escravocrata e devastador. Uma razão que garantia a exploração das riquezas, a desqualificação das populações, o depredar e utilizar até a exaustão os elementos naturais.

²⁹² SAMPAIO, X. R. de. *Relação Geográfica e histórica do Rio Branco da América Portuguesa*. In. R. IHGB. Tomo VIII, 1872. p. 260/262.

²⁹³ THOMAS, K. Op. cit. p. 64

Uma razão delirante, que descreve, classifica, mede e, como em Paolo Rossi, “sublinha a função das mudanças e do tempo na vida da natureza”²⁹⁴. Vida que poderia ser inventariada e explicada, que seria compreendida em sua totalidade a partir de sua fragmentação. Era este o seu delírio. Os homens e animais viveram entre esta fragmentação e este delírio, assim foram separados e analisados em suas próprias formações “sociais”, como se descrevia à época. Comparados e cientificizados.

A história das idéias de natureza do século XIX brasileiro forneceram uma leitura afinada com o Império, possibilitando o desenvolvimento de silenciamentos profundos, como pudemos perceber no trabalho com a documentação selecionada. Silenciamento em relação àqueles que constituíram os outros destes homens, quais sejam negros, indígenas e mulheres. O não dizer ou o dizer pouco é também uma experiência discursiva que pode aqui ser considerada. No apagamento dos outros, o “homem civilizado” destacava a si próprio. Destacava sua moral, seus saberes, suas instituições, seus discursos ufanistas e sua erudição cosmopolita.

Para homens e bichos, mais que a utilidade real, o que vemos destacar-se é a idéia de uma pretensa supremacia do ideal de um indivíduo que se constrói na negação dos seus outros. O “ápice da árvore” era ser este animal racional e eruditamente branco e masculino. Para o exercício deste cosmopolitismo científico, era necessário marcar a própria racionalidade e isto afastava o homem da natureza e dos outros em um mesmo território. O culto cientista imperial era

²⁹⁴ ROSSI, P. *Naufrágios sem espectador*. Tradução de Álvaro Lourencini. São Paulo: Unesp, 2000. p. 89.

amparado pelos mais modernos instrumentos de medição e quis medir a si próprio e ao mundo que o cercava. Medir as aproximações e os afastamentos de indivíduos, espécies, famílias e reinos. Foram estas experiências que o IHGB privilegiou.

ILUSTRAÇÃO 12 - CARRO DE VULCANO



Fonte: Desenho a bico de pena 31 x 19 cm. in.: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos. p. 51.

Finalmente, cabe notar que o relacionamento entre os seres humanos e os animais trazia a dificuldade da coleta ao homem de ciência no que se refere aos pássaros e aos “perigos imensos” no que tocava à observação de jacarés e de onças, rompendo o discurso utilitário. Além de pragmáticas, deliciosamente românticas, as idéias sobre o reino animal trouxeram para as salas do Instituto sons que poderiam ser ouvidos ao piano e imagens que, quanto mais distinguiam e diferenciavam o homem dos reinos da natureza, preenchiavam as imperiais salas de Clio.

5. INVENTÁRIOS DE MUSAS: DE TOPÁZIOS E BANANAES

Os discursos históricos imperiais não pouparam energia ao falar e analisar o mundo dos minerais e dos vegetais. Neles o impulso da industrioseidade mostrou suas garras mais brutais. Amparadas na constituição dos saberes, a mineração e a necessidade de medicamentos levou os cientistas do século XIX a buscar estes mundos em toda a sua riqueza e, a exemplo do mundo animal, até a exaustão.

Há uma enormidade de relatos que descrevem sementes ou minas. Pedras que necessitam ser transportadas e atravessadas pelo espírito cientificista. As histórias das pedras podem contar interessantes histórias minerais e geológicas, sobretudo contar a história dos desejos e das idéias de indivíduos e sociedades.

A descrição destes reinos no interior das descrições de viagens é repleta de detalhes técnicos e assombro pelo grandioso. Se tomarmos Cid Prado Valle, teremos que a grandiosidade da representação da natureza no Brasil vai não apenas constituir parte fundante do pensamento político ao longo da regência e do Segundo Reinado, reverberando inclusive no processo de constituição da representação política na república contemporânea. Na análise de obras de arte, percebe a construção da natureza imperial na utilização da palmeiras e outras árvores símbolos de magnificência. Na sua leitura da paisagem, percebe um universo repleto de elementos cariocas, as montanhas, os céus, a praia²⁹⁵.

Percepções normalmente construídas pelo olhar europeu de muitos viajantes, cientistas e artistas que descreveram o Brasil e tentaram dar a esta vastidão

²⁹⁵ VALLE, C. P. *Natureza tropical e imagem nacional no Império Brasileiro*. (tese de doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

territorial uma imagem única e, portanto, afastada das imagens e paisagens regionais.

De outra maneira aqui buscamos um olhar que deixa ver pântanos, serras, rios, matas, paisagens interiores que estão o tempo todo em diálogo com esta paisagem imperial característica do litoral fluminense, mas constituem em si discursos de forte e intensa circulação. A natureza nem sempre foi dadivosa para os viajantes aqui estudados. Nem suas viagens foram fáceis, sequer suas funções eram somente prazerosas.

No entanto também encontramos a mescla de referências que Cid Prado Valle afirmou na associação do pensamento ilustrado e romântico e na aproximação com o pensamento utópico indígena da terra sem mal; as montanhas de ouro e a riqueza das plantações fazem aprofundar a força desta imagem, arraigando-a no “imaginário nacional”, como quer o autor.

As paisagens aqui observadas, contudo, são bastante diversas das paisagens da sede do Império, mas ainda assim a ele garantiam uma imensa grandiosidade e riqueza. Observemos:

Eis aqui onde a natureza nos tinha preparado um maravilhoso espetáculo, porque olhado à primeira vista o todo que se me offereceu, depois de distribuidas as luzes em proporcionadas distancias, representou-se uma mesquita subterrânea, que observada por partes em cada uma d'ellas fazia saltar aos olhos uma differente perspectiva; a que de fundo do grande salto se offerece à vista do espectador, collocado à entrada delle, é de um magnífico templo todo elle decorado de curiosíssimos stalactites, uns dependurados de abobada que constitue o tecto, à maneira de outras tantas gotteiras fusiformes, curtas ou compridas, grossas ou delgadas, redondas, redondas ou compressas, simples, bifurcadas, ramosas, verrucosas, tubarosas, etc., e outros alçados do pavimento (...) ²⁹⁶

²⁹⁶ DESCRIÇÃO Geographica da Capitania de Mato-Grosso. Anno de 1797. MS. oferecido ao Instituto pelo Sr. Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XX, 1857. P. 214/215.

É o rio Paraguai que está sendo descrito, “(...) abundantissimo de carnes, peixe, frutas e hortaliças, tudo por preço ainda mais commodo, do que nos portos de mar.” Para o viajante, esta é a terra própria para criar homens robustos; com ricas minas e poucas águas para se minerarem no tempo da seca, afirma que “d’ellas se extrahem cada anno 20 arrobas²⁹⁷ de ouro de toque ainda superior ao de 23 quilates, cujas minas se descobriram no anno de 1718.”²⁹⁸ A riqueza está presente. A mineralogia a postos para explicar e indicar as potencialidades, ancorando a exploração do recurso. As coleções e os laboratórios também fazem parte deste universo, onde a explicação do mundo é um dos maiores desejos.

Explicação e entendimento que estão ligados a estudos antigos da farmácia, ligando minérios e vegetais na preservação da vida como mostra Paulo Alves Porto em seu estudo sobre os séculos XVI e XVII²⁹⁹. Minérios e madeiras dissolvidos e consumidos como remédio no tratamento para longevidade garantiriam, séculos depois, a riqueza do império. Não é difícil imaginar o que significou esta linha de referências na construção das idéias do século XIX. O ouro, a prata e a árvore da vida ficaram amarradas simbolicamente à continuidade e permanência da abundância. Ligavam, através de suas propriedades, o indivíduo, o eterno e o natural.

Eternidade, seres humanos e natureza³⁰⁰ também estariam ligados nesta história. Em 19 de janeiro de 1843, é lida uma carta do ativo membro do IHGB

²⁹⁷ Isto equivaleria a 300 kg de ouro. (1 arroba – 15 kg).

²⁹⁸ DESCRIÇÃO Geographica da Capitania de Mato-Grosso. Op. cit. P. 202.

²⁹⁹ ALFONSO-GOLFARB, A. M. & BELTRAN, M. H. R. (orgs.). O Laboratório, a oficina e o ateliê, a arte de fazer o artificial. São Paulo: Educ/Fapesp, 2002. P. 104.

³⁰⁰ Os contrastes vividos com a natureza, bucolismo, incocência e a sua descrição que formaram uma “nova literatura” no século XVIII inglês, são trabalhados por Raymond Willian, de forma

Francisco Adolfo de Varnhagen na reunião do IHGB, onde a preocupação com as paragens do interior parece oportuna. Observemos:

Porém, ainda que minhas averiguações hoje sejam relativas às épocas mui remotas, não me descuido de diligenciar e obter cópias do que é importante ainda mais moderno. Assim vou resumindo e colleccionando as informações, que por ordem da côrte davam por escripto no século passado os nossos sertanejos, que descobriram as Minas Geraes, o Cuiabá, e o Mato Grosso. D'estas informações ou roteiros já remetti um ao Instituto, para o fazer publicar, se assim o julgasse conveniente. Esta colleção de roteiros será além d'isso um monumento à minha Província, pela distincta parte que n'essas excursões tiveram os nossos ousados Paulistas.³⁰¹

Escrever sobre o passado, levantar a história é, para Varnhagen, fazer um monumento. Tem clareza do seu papel de historiador ao compilar documentos e informações nos arquivos da Torre do Tombo sobre uma determinada porção do país. Roteiros que ensinam o país do século anterior e que podem mesmo fundamentar viagens de seus contemporâneos. Parte destes discursos nos permitem ver outras paisagens, que são de Minas Gerais, Mato Grosso, Amazonas, Pará, Santa Catarina, São Paulo.

No mesmo ano surgem as descrições do alferes Antonio Pereira Borges:

A Companhia fez a sua entrada nos campos do amparo, no districto da mencionada freguezia, a 15 de maio d'este anno, e d'alli a rumo de Oeste com cinco leguas de marcha sahiram em uma campina que tem de duas a tres leguas, cujo campo é coberto como o dos sertões da Bahia, nos offerece uma abundante pastagem, onde os animaes engordam com muita presteza. Da campina caminham a rumos de NNE por terreno aspero, por irem no costado de uma Serra, que me parece ser o espinho da serra da Esperança, que se atravessa no sertão para Guarapuava.³⁰²

magistral em *O campo e a cidade*. WILLIAMS, R. *O Campo e a cidade*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhias das Letras, 1989. P. 69.

³⁰¹ ATA de 19 de janeiro de 1843. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo V. 3.^a ed. 1885. p. 104.

³⁰² ATA de 9 de fevereiro de 1843. id. p. 110.

Paisagens que descrevem riqueza e experiências cotidianas e científicas. Minerais e vegetais que ganham muitas das reflexões e dos artigos publicados e se destacam por refletirem muitos olhares em relação à sociedade. Neste caminho, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, na descrição da Capitania de São Paulo, testemunha

(...) achei muitos cristaes de rocha lindos, cristalização prismada de seis faces, terminado por pirâmides hexagonaes. Quantas riquezas [dariam] estas lavras a seus possuidores, si ellas fossem trabalhadas segundo as regras da arte por homens industriosos, amigos do trabalho, homens livres, e não vexados pelo pezo da escravidão!!³⁰³

O ideal moderno tão perseguido pelo Império trazia em si a crítica à base de sustentação deste mesmo Império. Entretanto o intento era reafirmar a ordem imperial e, ao lado da descrição de cristais, vemos uma ordem moral³⁰⁴. José Augusto Pádua já demonstrou a aproximação e o afastamento das idéias de natureza com as discussões e práticas relativas à abolição da escravidão ou mesmo seus limites, apontando diferentes experiências políticas e intelectuais. O paulista Andrada, irmão de Bonifácio e com que ele embrenhou-se nos sertões de São Paulo³⁰⁵, em seu *Jornaes*, também estabelece um olhar crítico com relação à escravidão: “tenho-me admirado de ouvir contar os castigos, e máo trato que sofre de parte dos senhores, particularmente em Itú, essa desgraçada raça africana;

³⁰³ VIAGEM Mineralógica pela província de São Paulo em 1805 por Martin Francisco Ribeiro de Andrada (1775-1844). Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol. IX, 1869. p. 11.

³⁰⁴ No tocante à moralidade, é importante lembrar de Cid Prado Valle, que afirma que o vocabulário indígena em relação à definição e nomenclatura da natureza e à paisagem é bastante mais rico que o vocabulário português. Assim, sertão, mata, campos podem ter diversas caracterizações que, no olhar do viajante, podem desaparecer. Mas aqui não estamos estabelecendo uma comparação com a compreensão indígena da natureza, o que constituiria um outro trabalho. O foco que tentamos trazer está nas idéias de história que se encontraram na academia.

³⁰⁵ PÁDUA, J. A. Um sopro de destruição; pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002 P. 144.

não basta a injustiça de um tráfico tão vergonhoso para a humanidade, inda augmentamos nossos crimes, pagando tão mal os seus serviços: mas a natureza, que nada deixa sem recompensa...”³⁰⁶

A miséria provocada pela escravidão tornava-se um contra-senso em terrenos tão ricos. A industriiosidade dos homens mudaria a realidade na colônia atrelando os saberes necessários aos poderes devidos. O próprio Martim Francisco Ribeiro de Andrada atestava em 26 de janeiro de 1803: “Si toda esta capitania situada debaixo do melhor ceo do mundo, e tão cheia de riquezas naturaes, fosse habitada por homens industriosos, e amigos do trabalho, em breve chegaria ao maximo da prosperidade; o povo seria feliz e abastado, e d’ella seria bannida a mendicidade...”³⁰⁷.

Notadamente vegetais e minerais são bastante significativos quanto ao fornecimento de imagens moralizantes, úteis naquela sociedade que parecia desejar a grandiosidade e a nobreza. As fases da vida a partir das árvores. A imanência das rochas. A força das serras. A explosão de vida das sementes. Mundos que ofereciam inúmeros símbolos, curiosas metáforas e marcaram passados e futuros tão distantes quanto profundos.

³⁰⁶ ANDRADA, M. F. R. de (1775-1844). *Jornaes...* op. cit. p. 16/17. Na vertente da crítica ambiental abolicionista, José Augusto Pádua analisa o papel de José Bonifácio de Andrada e Silva, trazendo a base de seu pensamento. Vejamos: “o trabalho escravo destruía tanto a saúde e a dignidade dos cativos quanto à capacidade de trabalho e a moral dos homens livres, os quais por conta da escravidão, viviam na indolência e nos vícios.... A escravidão inculcava crueldade e promiscuidade nos jovens, drenava para o exterior numerário brasileiro, inibia o avanço tecnológico e promovia a destruição da base natural de toda riqueza.” In: PÁDUA, J. A. op. cit. P. 149/150.

³⁰⁷ ANDRADA, M. F. R. de (1775-1844). op. cit. P. 6/7.

Olhares cobertos de métodos e técnicas, como ensina Wilton Carlos Lima da Silva³⁰⁸. Composto da curiosidade, da necessidade científica e política, do desejo da coleção do universo. Assim, a idéia de inventário parece de alguma forma explicar este processo. Inventário de paisagens, como podemos ler no manuscrito oferecido ao Instituto por Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond e publicado em 1857: “(...) se perdeu n’aquelles vastissimos sertões, por onde vagou muitos mezes, achando por acaso as minas de Goyas já vistas por seu pai, que como todas as mais foram riquissimas nos seus principios.”³⁰⁹

O manuscrito data do século XVIII e sugere a temporalidade na exploração de uma riqueza natural. A viagem em sua face de aventura é marcada pelo acaso, pela incerteza e pela sorte. Sorte era encontrar o caminho, era manter-se vivo e, se possível, encontrar minas de ouro. Mas não foi apenas o ouro o minério desejado pela industriiosidade. Outros metais e rochas também ocuparam as páginas da Revista do IHGB. E são estas as idéias que passamos a observar.

5.1 As pedras e os metais: a busca no interior da terra e das ruínas

Riquezas escondidas nas profundezas dos solos, no interior das montanhas, longe do olhar e próximo aos desejos e aos saberes que permitiram explorar os elementos da natureza até a sua exaustão. José Vieira Couto perguntava – “Amigo, que elevado Monte he este? Que querem dizer estas vastas

³⁰⁸ SILVA, W. C. L. da. *As terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*. Editora da Unesp. São Paulo, 2003.

³⁰⁹ DESCRIÇÃO Geographica da Capitania de Mato-Grosso. Op. cit. . P. 188.

casarias? Que estrondo he este que atroa os meus ouvidos? Que espêssô fumo em rolos offusca os ares? Que risonhas povoações são estas, que rega este grande e manso rio? – Monte Rodrigo he o nome desta Montanha; aqui se fabrica salitre e a pólvora....”³¹⁰

Couto era um destes homens que acreditava na mais interminável riqueza, a providência divina preparara para o ser humano um universo cheio de deleite e ouro. Ligado à corte portuguesa, ainda em tempos coloniais, proprietário de terras no Brasil, seus escritos sobre a descoberta do Monte Rodrigo marcam uma personalidade que poderia se aproximar da imagem do pesquisador vassalo como descrito em Caetano Moura de Cláudio Veiga nos Anais do Congresso de História do Segundo Reinado³¹¹. Aqui, o viajante vassalo que vê montanhas desaparecerem. Observemos:

O Ceo Criador parece que de novo bafejou sobre a terra, outros metaes mais, alem do Oiro, apparecerão, e montanhas inteiras de Cobre, derretendo-se, baixarão seus elevados e soberbos picos, para irem engrossar a nossa riqueza, e suprir as nossas necessidades. Estes Canaes, que vedes, estas vellas, que subindo do mar, branquejão pelo meio destas serras, que conduzem das praias de Europa as nossas precisões, e que levão dos nossos sertões os nossos generos, e os nossos metaes, estes Canaes forão de traça sua. ³¹²

Os veios minerais, os afloramentos rochosos, as montanhas ou os rios ganham a descrição dos terrenos nas viagens, tais como as serras que como o Monte Rodrigo podem ser pedregosas. Um mar que parte das Minas na afirmação de Couto, formada de “huma terra vermelha, pesada e fertil, toda coberta de

³¹⁰ MEMÓRIA sobre as nitradeiras naturais e artificiais de Monte Rodrigo na capitania de Minas Gerais, por José Vieira Couto, 1803. AHU_ACL_CU, Cod. 20951. vol.; 225x170 mm.; 46 fls. s/p

³¹¹ ANAIS do Congresso de História do 2o Reinado. Rio de Janeiro, 1975. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1884. p. 333.

³¹² MEMÓRIA sobre as nitradeiras naturais e artificiais de Monte Rodrigo na capitania de Minas Gerais. Op. cit. s/p.

mattas, ou de campinas” ; de natureza “calcareas, de hum cinzento escuro, rochas que achavam-se mais ou menos cobertas de Estalactitas, assento ordinario do Nitrato de potassa” ³¹³.

As montanhas, que tanto marcam o entusiasmo de José Vieira Couto com seus minérios, fazem, anos depois, tremer a terra em outro canto do Brasil, na Olinda de 1811. Em um documento ofertado pelo próprio Imperador em 1860, este terremoto é tema de reflexão e também de um artigo.

Ao seleccionar o que descreve, o naturalista forma ao lado de tantas outras descrições um discurso bastante marcado por um maravilhamento oitocentista. Os minerais que marcaram de forma muito precisa as idéias e de forma mais ampla o imaginário no Brasil, como analisou Júnia Furtado, a adoração das pedras preciosas em seu estudo sobre as minas de diamantes no Brasil Colonial³¹⁴.

No naturalista que estamos apresentando aqui encontramos um rio que divide uma montanha, um lugar em que, segundo ele, “se mostra mais desamparada de terras, mais cheia de rochas, e por essa conta abunda mais o dito Nitrato.” Couto continua:

não obstante porem toda esta fragura e inclinação precepitosa, tal he a fertilidade da terra, o monte se mostra frondoso, verde negro e cheio de viço. Causa maravilha ver ao longe, como estas rochas, branqueadas pelas Estalactites,

³¹³ Nota de José Vieira Couto: “Toda a Grande Serra de Minas he huma Cordilheira de Granitos, porem os dominantes são huns Granitos areientos, resplandecentes aqui e ali com pequenas piscas de mica, cuja hora he mais, hora menos. Alguns destes Granitos são malles, de huma contextura froxa, e que facilmente se esboroão ao tempo, ou com qual quer pancada; outros duros , e outros durissimos e mui compactos; huns fendem-se em laminas, e outros quebrão-se em grandes massas irregulares. ...Em toda a encosta Oriental desta serra dominão estes Granitos; e he raríssima toda pedra calcarea, e pela Occidental, descambando para os Sertões, vê-se já destas pedras em quantidade, e á maneira de grandes rochas.” Op. cit. MEMÓRIA sobre as nitraterias naturaes e artificiaes de Monte Rodrigo na capitania de Minas Gerais, s/p.

³¹⁴ FURTADO, J. F. Chuva de estrelas na terra: O paraíso e a Busca dos diamantes nas Minas setecentistas. In: HISTÓRIA e Meio Ambiente: o Impacto da expansão européia. Funchal: CEHA, 1999. p. 447.

sobrepujão, e mostram-se por cima das cabeças das árvores, á maneira de velhos edifícios, cahidos já em ruínas, e de Architectura Gotica.³¹⁵

Simon Schama aponta uma aproximação entre as montanhas, cavernas e catedrais, que podem fornecer aos indivíduos experiências sublimes desde o início da idade moderna. Nestes espaços extremos – montanhas e cavernas - o desafio da conquista esteve colocado mais que em outros. O desejo de conquistar a mais alta montanha, o mais íngreme fosso, o profundo interior das cavernas acompanhou os viajantes à natureza. As montanhas, também, se tornam nos séculos XVIII e XIX lócus de uma “peregrinação científica”, como afirma a historiadora Alessandra Izabel de Carvalho³¹⁶. Do sagrado das Igrejas e da morada dos Deuses ao profano do comércio, as montanhas ora são símbolos de riqueza, ora são símbolos de apego à grandiosidade.

Ora podem ser postas abaixo pela exploração de cobre e outros minérios. Ora o homem ajoelha-se frente a ela e nela se purifica e se transforma³¹⁷, ora a rasga e a destrói. Mas aqui encontramos todas estas idéias pertencendo por vezes a um mesmo indivíduo, presentes no mesmo documento histórico.

Paisagem, povoações, produções, esta é a lógica discursiva das descrições que trazem as riquezas minerais e estes documentos da natureza, os fósseis, as rochas, as grutas e as montanhas, como denominou Paolo Rossi³¹⁸.

Aos fósseis devemos dedicar uma atenção especial. Gosto que será desenvolvido no século XIX de forma muito especial. Gosto e curiosidade

³¹⁵ MEMÓRIA sobre as nitradeiras naturais e artificiais de Monte Rodrigo. Op. cit. s/p.

³¹⁶ CARVALHO, A. I. de. Montanhas e memórias: uma identificação cultural no Marumbi. Campinas/SP: [s.n.], 2005. (Tese de Doutorado). P. 55.

³¹⁷ Ibid. p. 69.

³¹⁸ ROSSI, P. Naufrágios sem espectador. Tradução de Álvaro Lourencini. São Paulo: Unesp, 2000. p. 90.

ancorados em métodos e formas de pensar sistematizadas. Os fósseis, assim como as ruínas, mereceram particular atenção nesta revista de história. Grandes descobertas foram feitas ao longo do século XIX, descobertas que alteraram as formas de olhar, perceber e sentir: o mundo, a história e o próprio planeta. Cada novo fóssil ou cada nova ruína recontavam a história e para cada história era necessário demonstrar as provas e dar o entendimento.

Assim, a coleta destas provas incontestes dos homens, dos animais, dos vegetais e minerais de um longínquo passado torna-se o grande desejo entre os cientistas e indivíduos de letras. O número de referências a eles são inúmeros dentro das Revistas do IHGB, das coleções recebidas de pedras e minérios, aos ossos e esqueletos petrificados, as cidades em ruínas que lembram da grandiosidade e desgraça de seus habitantes, observados e lidos tal qual os documentos históricos como as conchas, afirmou Paolo Rossi em seu *O Nascimento da ciência moderna*³¹⁹. Ou como ainda encontramos no discurso de Joaquim Manoel de Macedo em 1860 em que vemos os “cadáveres e thesouros da pátria”³²⁰.

Deparamos com uma linha romântica de idéias similares. Herder descreve as perplexidades da história na obra *Ideais para a filosofia da História da Humanidade* quando afirma “tudo é transitório na história. No seu templo, pode ler-se esta inscrição: caducidade e apodrecimento. Nós pisamos as cinzas dos nossos antepassados e caminhamos sobre os escombros sepultos de instituições

³¹⁹ ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna*. Op. Cit. P. 391.

³²⁰ DISCURSO do Orador Joaquim Manoel de Macedo. 1860. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1860. p. 686.

humanas e reinos destroçados”³²¹. Assim tudo é passado e tudo é documento de uma realidade vivida e experimentada. Realidade que é relatada e descrita nas memórias dos minérios, das pedras, do mundo de Vulcano, interior, estável e ao mesmo tempo surpreendente e perigosamente explosivo.

Macedo faz lembrar o historiador prussiano! Não há referências que apontem que um tenha lido o outro, mas podemos encontrar algumas correspondências em suas idéias, uma certa similaridade, uma curiosa parecença. A individualidade das nações, o caráter nacional e meio ambiente, decadência e crescimento são também preocupações semelhantes.

As minas de ouro e de outros minérios que se extinguíram podem refletir este processo de entendimento que relaciona glória e decadência criando um jogo de imagens brilhantes que ofuscam e ofuscaram muitas vezes as distintas realidades e mesmo as compreensões da história. O prazer do erudito é sempre ambíguo, nos lembraria Arnaldo Momigliano. E assim a ambigüidade constitui elemento da experiência e parte do movimento de idéias destes outros tempos como aqui apontamos. Ambíguas e profundamente envoltas em sua crença de nacionalidade.

Se tomarmos o caminho sugerido por Cid Prado Valle, podemos citar que “a representação de natureza confunde-se com a da civilização, da história e do próprio Estado, numa solução imagética que autoriza o inesperado paradoxo nacional de imaginarmos ser justamente aquilo que destruímos para ser o que

³²¹ HERDER. Idéias para a filosofia da história . in: GARDINER, P. Teorias da história. Tradução de Vítor Matos e Sá. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. P. 51.

somos”³²². Paraíso tropical, império magnânimo, destruição do edênico nas palavras do autor, requerem do historiador hoje uma análise das relações políticas, da realidade física e da representação simbólica³²³. Através dos elementos da natureza pensada e descrita procuramos entender como a nacionalidade do século XIX construía-se.

Natureza também convertida em espaço de intervenção. Aterros, caminhos, do ambiente da urbe carioca com seus arredores até os espaços interiores onde rios, prados, pântanos, lagoas e sertões são conquistados transformando montanhas em minas de riqueza. Estamos tratando da natureza que os indivíduos e as instituições pretendem domar, explorar, vencer e para isto a descreveram. Uma natureza atravessada pelo o discurso.

Natureza representada e interpretada nos muitos documentos publicados na Revista do IHGB de 1860. Notemos seus temas: a descoberta de Netuno com notícia de Washington de 1850, uma Memória sobre a conservação das matas e arboricultura como meio de melhorar o clima do Ceará, uma Memória sobre agricultura no Brasil e um documento sobre antigüidades peruanas. Mescla de preocupações e informações, datadas, precisas, oficiais, marcadas pela circulação das idéias de seu tempo e dos indivíduos que as registraram. Científicas, antiquárias, românticas. Neste sentido, podemos observar a carta escrita por Manoel José Pires da Silva Pontes para Januário da Cunha Barbosa em 1844:

Illm. – Sr. Congego Januario da Cunha Barbosa, 1.º secretario perpetuo do Instituto Histórico Geographico Brasileiro.

³²² VALLE, C. P. Op. cit. p. 178.

³²³ “A referida natureza não podia ser representada e entendida como elemento dominador, mas sim como uma presença dominada e meramente alegórica. Acima dela deveria estar a própria civilização.” Ibid. p. 94.

<<Illm. Sr. – Accusando recebido aos 10 de janeiro o officio, em que V. S. me comunica a deliberação do Instituto Histórico Geographico Brasileiro de crear um museu, era que não só collija e guarde os productos naturaes do paiz, mas ainda quando possa servir de prova o estado de civilisação e industria, usos e costumes dos habitantes do Brasil; e finalmente convida a minha cooperação n'estes respeitos: tenho a honra de significar a V. S., para que se digne levar ao conhecimento do nosso Instituto que, fiel ao conceito, com que tão distinctos instituidores se dignaram favorecer-me na parte em que posso ser util, já tenho colligido mais de 60 amostras das minas de diamantes, ouro, ferro, e outros metaes, bem como das rochas, em que elles jazem, e dos mineraes que os acompanham, ou indicam.

Logo pois que esteja reunida uma porção de productos sufficiente para encher dois caixotes, farei a remessa por alguma das tropas da carreira d'este municipio.

<<Deus guarde a V. S.

Villa de Santa Bárbara, 20 de março de 1844 - Manoel José Pires da Silva Pontes.”³²⁴

Este era o sentido antiquário da coleção e da formação de Museus que tomou o século XIX como já demonstrou Lília Moritz Schwarcz, e esteve mesclado com o desejo de riqueza que nos permitem ver o mundo mineral e por fim o mundo dos vegetais. Recordemos de José Vieira Couto: “Immensas e inextinguíveis matas cobrem ainda estes arredores, matas tão preciosas para o costeiro de madeiras, lenhas, e cinzas: dois rios navegáveis fraldejão estes montes...”³²⁵.

Para que possamos atravessar o último tema aqui tratado, advertimos a partir de Sérgio Buarque de Holanda em seu último parágrafo da obra *Visão do Paraíso*: “Teremos também os nossos eldorados. Os das minas, certamente, mas ainda o do açúcar, o do tabaco, de tantos outros gêneros agrícolas, que se tiram da terra fértil, enquanto fértil, como o ouro se extrai, até esgotar-se, do cascalho, sem retribuição de benefícios. A procissão dos milagres há de continuar assim

³²⁴ ATA de 23 de maio de 1844. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VI. 2ª. ed., 1865. p. 259.

³²⁵ MEMÓRIA sobre as nitradeiras naturaes e artificiais de Monte Rodrigo op. cit. p. 40/49.

através de todo o período colonial, e não a interromperá a Independência, sequer, ou a República.”³²⁶ Marco da experiência que se forma a partir das idéias do colonialismo, da utilidade, da riqueza.

Houve também ao final do século, em 1898, uma crítica que fez concorrer as minas e a agricultura, afirmando que a exploração de minérios tirava os braços da lavoura³²⁷. Mas aí a natureza é apenas recurso.

Poderíamos também adicionar o desejo da modernidade que o século XIX verá desenvolver tão refinadamente. O desejo das letras de romper com o antigo patriarcalismo, mas sem perder as terras, as minas e as plantações. Desejo de uma elite intelectualizada que se autoriza a escrever a história do Brasil. Nossa temporalidade aqui, não é a da longa duração que sugere Holanda, mas sem dúvida percebemos algumas das permanências a que ele se refere.

5.2 De plantas, estacas e sementes: a beleza, a utilidade e a moral

Nos caminhos das viagens do século XVIII e XIX no Brasil a observação das plantas foi muito divulgada entre cientistas. Observar e descrever as plantas que corriam nas margens dos rios, as plantas úteis para a medicina, alimentação ou o vestuário, as plantas belas e ornamentais, as plantas da floresta e do jardim. O território brasileiro era um grande laboratório a céu aberto, e as descrições das

³²⁶ HOLANDA, S. *Visão do paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/ Editora Universidade de São Paulo, 1969. Coleção Brasileira. Vol 333. p. 323.

³²⁷ MEMÓRIA sobre as minas de ouro lida na Academia Real de Sciencias de Lisboa em 1804. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo LXI, 1898.

formações vegetais – florestas, cerrado, pantanal e caatinga³²⁸ - eram intensamente divulgadas. As margens dos rios “vistas as férteis pastagens que oferecem todos os adjacentes do Rio Branco para a criação e sustento [...] de todas as espécies de gado que em poucos annos servirão de grandes recursos para a capital do Pará”³²⁹. Entendemos que as informações dos animais e dos vegetais são paisagens no olhar de Silva Pontes. Paisagem que mescla grandiosidade com necessidade de progresso, ao mesmo tempo maravilhada e acadêmica. Marcada por antigas e profundas leituras sobre o meio vegetal, as plantações são o desejo destes industriais.

A Natureza que é meio está, para estes homens, à disposição da sua própria natureza. Acreditavam ele, em uma natureza divina. A perfeição e o acúmulo marcam este raciocínio. Mas é, sobretudo, a idéia e o desejo de uma racionalidade que se sobressai nestas descrições. Silva Pontes afirma seu desejo de utilizar os marcos deixados pela natureza para delimitar as fronteiras das terras da Coroa Portuguesa. São paisagens que ele busca. Mas sua busca está ancorada nas medições perfeitas que deseja realizar para a garantia da posse. Sua tomada é também simbólica como a demarcação do território com a cruz. Mais uma vez a idéia de uma divindade delimitadora.

Paisagem que na viagem de Lacerda e Almeida ganha uma descrição marcante:

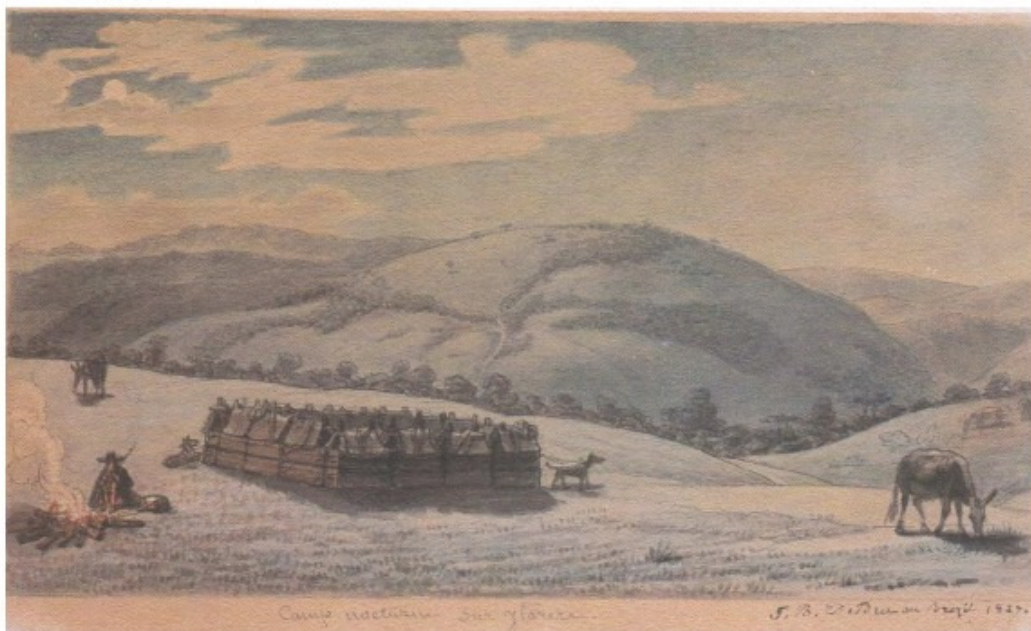
³²⁸ Na classificação proposta por Geoge Eiten, estas se subdividem em diversos subtipos. No caso da floresta, encontramos a floresta tropical perenifólia, a floresta tropical caducifólia e a floresta subtropical perenifólia. A floresta das araucárias pertence a este último subgrupo. Aqui não vamos detalhar estas construções, mas cabe lembrar que ele também se refere às restingas, aos campos, aos manguezais, aos brejos, à vegetação aquática, ao chaco e savana. EITEN, G. *Classificação de vegetação do Brasil*. Brasília: CNPq/Coordenação Editorial, 1983. p. 13.

³²⁹ DOCUMENTO oficial. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VI. 2. edição. Rio de Janeiro, 1865. p. 86.

...vimo-nos no meio de um pantanal tão grande que só víamos água e uns montes que íamos buscando. O rio dificultosamente se distinguia no meio deste Oceano. Todo o pantanal, de que tenho falado nos dias passados, é coberto do tal água-pé, e por isso não se distinguia o grande mar; mas este por limpo deixava ver as suas águas, que terminavam em um vasto horizonte.³³⁰

A imensidade dos aguapés e dos pântanos, limpos, intermináveis, muitas vezes inavegáveis de tão rasos, como o viajante pôde experimentar completava a experiência do indivíduo letrado. A confusão que percebe nas águas, nos vegetais e as sensações, garantem, uma descrição de paisagem. Os campos e os montes figuravam nas descrições e desenhos com árvores e desertos emoldurando um quadro-paisagem como no caso do sócio do IHGB e do Instituto Histórico de Paris, o sr. J. B. Debret, que pinta esta paixão por uma idéia de natureza em suas aquarelas:

ILUSTRAÇÃO 13 - CAMPO NOTURNO DE ITARARÉ, 1827



Fonte: J. B. Debret. Aquarela; 12 x 22 cm. in: CASTRO Maia, colecionador de Debret. Rio de Janeiro. Museu Castro Maia/UERJ, 2003. p. 241.

³³⁰ ALMEIDA, F. J. de L. *Diários de viagem*. Ministério da Educação e Saúde. Biblioteca Popular Brasileira. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. p. 41/42.

ILUSTRAÇÃO 14 – FRAGMENTOS DE J. B. DEBRET



Fonte: Aqueduto do Engenho de São Francisco, 1824; Detalhes; aquarela; 8,5 x 24 cm. in: CASTRO Maia colecionador de Debret. Rio de Janeiro. Museu Castro Maia/UERJ, 2003. p. 241.

Nestes fragmentos de Debret percebemos a natureza nas cores que moldam a luz na montanha, nos desenhos dos cipós que se envolvem nas árvores, nas samambaias que margeiam o quadro, a cor da terra e os cactus, onde a imensidão e a distância marcam o panorama. Serra abaixo existe uma estrutura – um aqueduto, tão distante e tão pequeno que marca a intensidade e a forma da presença humana na paisagem. São descrições que iluminam esta reflexão. A noite ou o entardecer, as folhas ao vento, as palmeiras, os campos de árvores, os montes limpos, as matas e florestas ou como na aquarela anterior, um campo limpo e uma linha de arvoredos. Descrições que lembram o campo descrito em 1857 na publicação de um manuscrito oferecido ao IHGB pelo Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, apresentando uma paisagem do Rio Tapajóz de 1797. Observemos:

... a sua configuração é bem como quando impetuosa borrasca e furioso tufão de vento agita as aguas do oceano, excavando n'elle profundos valles e erguendo as suas betuminosas agoas em elevadas montanhas; assim se figura o campo dos Parecis: o espectador do meio d'elles vê sempre em frente um distante e prolongado monte; encaminha-se a elle descendo um suave e largo declive, atravessa uma vargem e d'ella sobe outra escarpa igualmente doce, até se achar, sem lhe parecer que subira, no cume que viu, offerecendo-se-lhe logo à vista outra altura a que chega com as ponderadas, mas sempre sensíveis circumstancias....³³¹

A paisagem é romântica, cheia de informações sensoriais, cheia de movimento, de sabor. Ainda sobre o rio Tapajós, o viajante não se admira, “porque a uniformidade destes largos sertões, regados por muitos rios, dando nascimento a mil e contíguas vertentes cobertas de lagos e pantanos, e por uma altissima e densa mattaria, que occulta os mesmos raios do sol, confundem-se os profundos

³³¹ DESCRIÇÃO Geographica da Capitania de Mato-Grosso. Op. cit. P. 190.

valles com as altas montanhas, não oferecem mais do que uma semelhança de obstáculos a quem os penetra...”³³²

A composição da paisagem florestal na descrição do viajante aparece como se o seu ponto de vista fosse à distância descrevendo paisagens em São Paulo ou no Mato Grosso. O cientista não parece estar no meio da mata ou no interior do rio que pretende descrever, parece estar olhando a paisagem como composição, como quadro.

Cabe retomarmos então a idéia de paisagem onde a “transladação de natureza se dá quando a paisagem empírica passa a integrar as diversas dimensões do imaginário e a atuar como agente, mais que como cenário, na interação sócio cultural”³³³, como afirma Ulpiano Bezerra de Meneses. A paisagem que percebemos aqui é puramente paisagem cultural, pois nos explica como as idéias de natureza podem constituir o corpo de uma nação ou a base de sustentação de suas idéias. Meneses afirma que há muito tempo paisagens e florestas são utilizadas para marcar a nacionalidade³³⁴. Esta idéia nos remete imediatamente às discussões que associam caráter humano ao meio natural, a exemplo das reflexões de Immanuel Kant, nas quais o pertencimento a uma nacionalidade traria a uns mais sensibilidade, a outros mais honradez, a uns mais soberba, a outros extravagância³³⁵.

O ideal dos trópicos aparece na formação das experiências humanas oitocentistas e mesmo anteriores. Á esse exemplo, a Comissão Científica recebe

³³² Ibid. p. 194/195.

³³³ MENESES, U. B. A paisagem como fato cultural. In: YAZIGI, E. (org.). Turismo e Paisagem. São Paulo: Editora Contexto, 2002. P. 39.

³³⁴ Ibid. p. 41.

³³⁵ KANT, I. Observaciones sobre el sentimiento de lo bello y lo sublime. Traducción de Dulce Maria Granja Castro. México: FCE/UAM/UNAM, 2004. p. 53 e 58.

em 1856, uma solicitação de Manoel Araújo Porto-Alegre publicada nas Atas da Revista do IHGB: “A cima de tudo recomendado... avaliar as superfícies dos terrenos cultivados e incultos, e o valor das áreas ocupadas ainda com florestas virgens, por capoeiras e por pântanos...”³³⁶

Objetivavam as paisagens que correspondiam à história, as sociedades e a nações, que em certa medida as formavam. Recordando Martius:

Uma tarefa de summo interesse para o historiador pragmatico do Brasil será mostrar como ahi se estabeleceram e desenvolveram as sciencias e artes com o reflexo da vida européa. O historiador deve (...) levar-nos para o campo, às fazendas, roças, plantações e engenhos. (...) Não é destituído de interesse saber-se como e aonde se introduziram pelos colonos, pouco a pouco, arvores e plantas europeas; como, pouco a pouco, se desenvolveu o systema presente; qual a parte que em todos estes movimentos tiveram a construcção naval, a navegação e o conhecimento dos mares, principalmente d’aquelles que foram sulcados pelos portuguezes.³³⁷

Se, nestas viagens despontavam as distâncias, a natureza seria, em tudo, distante. Ulpiano de Meneses aponta que os sertões e as florestas do imaginário brasileiro têm um imenso potencial identitário. Alerta isto apesar da circunscrição efetivamente regional que existem nas descrições por ele analisadas. Os jardins e os espaços selvagens também são seu objeto. Espaço fronteiriço, o jardim, ligou a casa e a individualidade privada aos sombrios e desconhecidos espaços selvagens. As ambigüidades e os conflitos destas experiências culturais são o que mais chamam a atenção do historiador que aponta como categorias transformadas em paisagem: a montanha, a praia e o deserto. De outra forma,

³³⁶ ATA de 28 de novembro de 1856. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XIX. 1856. p. 73.

³³⁷ COMO se deve escrever a historia do Brasil, dissertação de Carlos Frederico Ph. de Martius. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VI. N. 24. 1845. P. 402/403.

existem outros mundos à perceber: a floresta, o bosque, o campo, o sertão³³⁸, o pântano, o pampa, o altiplano, a estepe, a tundra, etc³³⁹.

As paisagens, necessidades culturais de pertença e de territorialidade, marcam espacialmente os indivíduos e as comunidades, ensina Meneses, sendo objeto de estudos das ciências para Eduardo Yazigi. Paisagens imaginadas, observadas e produzidas. Universos envoltos em mistérios e explicações.

O reino vegetal traz inúmeras contribuições para a história, metáforas que marcam as formas de compreensão do universo. E por consequência, os papéis dos seres humanos. Plantas e homens se correlacionam em um determinado tempo, na produção dos saberes dos naturalistas, dos geógrafos e dos historiadores, indivíduos que citam outros, formando processos discursivos.

A botânica será então uma ciência necessária no Império Brasileiro, formando conhecimentos que consigo carregaram a grandiosidade, como podemos ler em Saldanha Gama. O Brasil seria para ele o Império Floral da Terra. E nada mais justo a um império como este que muitos se debruçassem sobre as matas e as capoeiras. No elogio que faz ao botânico José Mariano da Conceição Velloso em 1868:

... O Império d'América do Sul é o imperio floral do globo terrestre, sem o esplendor do concurso de muitas inteligencias para o fim commum e grandioso

³³⁸ Para Victor Leonardi, a história dos sertões é a história da dilaceração das sociedades indígenas, sobretudo as amazônicas. História da complexidade cultural e psico-social que os conflitos econômicos da colonização e da ocupação das fronteiras, atravessadas pelo autismo da sociedade que se construiu a partir desta dilaceração, impuseram. LEONARDI, V. *Entre árvores e esquecimentos: História social nos sertões do Brasil*. Brasília: editora UNB/Paralelo 15, 1996.

³³⁹ MENESES, U. Op. Cit. p. 40. A jardinagem também merece destaque para o autor, dado a vastidão de obras que perceberam a natureza vegetal transformada em conhecimentos e idéias para a produção de um espaço muito peculiar - o jardim. Públicos ou privados, familiares ou acadêmicos, os jardins são uma importante expressão deste pensar a natureza nos séculos XVIII e XIX.

das verdades utilíssimas, que estão sepultados no silêncio de suas florestas. Quando na principal riqueza de uma nação reside nos ornamentos de seu reino vegetal, o maior esforço da intelligencia deve aplicar-se ao conhecimento dos seus predicados essenciaes, em harmonia com os fins para que foram creados. Este grande resultado das indagações do homem sôbre a natureza, reunido à necessidade palpitante das obras classicas e systematicas, que constituem uma das maiores glorias para qualquer nacionalidade, obtem-se sómente desenvolvendo-se o amor pela sciencia, mostrando-se incessantemente o seu lado util, e garantindo a vida espinhosa e sem ruido do naturalista contra os efeitos negativos da oratória abstracta! A penna e a palavra são os unicos meios de transmissão, para os contemporâneos e vindouros das impressões que o naturalista bebe na natureza, com o pensamento sagrado de brindar a patria com os fructos de suas observações. No professorado e na imprensa resume-se, pois, o grande fundamento para a propagação dos conhecimentos úteis.³⁴⁰

Conhecer as plantas e identificá-las vai constituir mais que a profissão do botânico: vai, no pensamento da época, formar a riqueza de que a nação dispõe para o sustento e o progresso da sua população. Da paisagem, a descrição dos desenhos, as árvores, seus frutos, sua imponência, sua beleza e sua utilidade marcaram, desta forma, os olhares e os discursos. Também podemos perceber esta correspondência no já citado manuscrito oferecido ao Instituto por Manoel Ferreira Lagos, a Memória de Hipólito da Costa Pereira, onde afirma: “quanto ao terceiro ponto: as arvores cultivadas pelos Americanos, achei que os habitantes dos Estados-Unidos tem adiantado muito pouco a cultura das preciosas arvores que possuem, e de que outra qualquer nação inclinada a agricultura tiraria grandes proveitos.”³⁴¹

A natureza vegetal encontra-se nas sementes e nas plantações, assim o cânhamo, o tabaco, o arroz, o algodão e os campos de onde vem são objeto para

³⁴⁰ BIOGRAFIA do Botanico Brasileiro José Mariano da Conceição Velloso. Memória lida no I.H. perante S. M. o Imperador por José de Saldanha da Gama. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo XXXI, 1868. p. 138.

³⁴¹ MEMORIA sobre a viagem aos Estados-Unidos por Hippolyto José da Costa Ferreira. Manuscrito offerecido ao Instituto pelo Sr. Dr. Manoel Ferreira Lagos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXI, 1858.p. 354.

o naturalista. As possibilidades de transplantação das sementes marcam uma comunicação entre as nações: sementes da Rússia, do Japão, da Inglaterra, dos Estados Unidos, que podem parar em Portugal ou nas colônias. Lembremos que Hipólito é um homem dos setecentos, dos tempos do Império Colonial e, como o botânico Velloso, buscou a utilidade dos elementos da natureza e as possibilidades de riqueza para seus reinos. As névoas que podem aparecer nas florestas tropicais desaparecem neste momento. É a ciência e a utilidade que se fazem presentes.

Aí percebemos a marca da sua temporalidade, a ingenuidade da crença na ilimitada ação e progresso humanos. Mas tenhamos claro que é apenas no século XX e XXI que se pode refletir sobre os significados ecológicos desta história de transposição³⁴² e, também por isto, a necessidade de entender as idéias sobre o meio natural que circularam em outros tempos.

A verdade é o desejo daqueles discursos científicos e históricos dos séculos XVIII e XIX, é a sua pretensão. Um universo repleto do desejo do outro e do colecionismo, como explica Ottmar Ette em sua análise da literatura de viagens³⁴³. Para este autor, “a descrição da paisagem revela uma teoria que não

³⁴² Sobre esta reflexão podemos citar CROSBY, A. W. *Imperialismo ecológico, a expansão biológica da Europa: 900-1900*. Tradução de José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. E também MARTINS, J. P. De São Vicente à Rio-92. Portugal e a devastação ecológica no Brasil. In: *HISTÓRIA e Meio Ambiente: o impacto da expansão européia*. Centro de Estudos de História do Atlântico. Funchal, 1999.

³⁴³ ETTE, O. *Os caminhos do desejo. Corografias na literatura de viagens*. In: Humboldt. No. 89. Goethe-Institut, 2004. p. 10. Ainda nele podemos ler: “O relato de viagens constitui-se num gênero textual, que como o romance, se caracteriza não somente por uma diversidade de vozes, mas também por uma grande heterogeneidade no nível dos gêneros incorporados. No nível desta dimensão, sabemos que o conjunto de um relato de viagens pode incluir tanto o diário de bordo quanto o tratado científico, tanto o ensaio literário, quanto uma análise geológica ou hidrográfica, sem esquecer as cartas (reais ou inventadas), as anedotas em forma de conto, os mapas ou – também em nível intermediário – as ilustrações, retratos literários de pessoas famosas, formas de escrita autobiográficas ou prognósticos acerca do futuro desenvolvimento econômico ou político

se limita nem à paisagem nem à descrição”³⁴⁴ e pode relevar uma temporalidade própria no interior do discurso que leva o leitor ao futuro ou ao passado. Assim como modelo de entendimento do século XVIII e XIX propõe ver uma circularidade onde partida/chegada/retorno dão o movimento. Em suas imagens para entender os processos de compreensão, aquisição e distribuição de saberes, descreve o círculo, a linha, o pêndulo, a estrela e o salto. Encadeamentos dos discursos na construção de suas histórias.

Possivelmente os encadeamentos sucessivos da natureza tenham mesmo oferecido uma analogia discursiva que dava legibilidade à história tal como afirmou José M. Justo em sua apresentação da obra de Herder³⁴⁵. As metáforas botânicas, as idades da vida eram preocupações visíveis. Herder ensinava ao historiador: “Entra por essa época, por esse território, pela totalidade da história e sente-te a ti mesmo em tudo o que encontrares!”³⁴⁶ O autor sugere que, através da escrita dramática, Herder corrigiria a fragmentariedade da história³⁴⁷.

Assim, mais uma vez a natureza estaria emaranhada na construção do discurso da história: paisagens que são simultaneamente meio e fim³⁴⁸ são como o cedro sagrado, que é o patriarca do mundo no pensamento herderiano³⁴⁹. É o sublime da grandeza, o sublime da força e do poder de uma árvore centenária, como recorda Dulce Maria Granjo Castro no Estudo Preliminar da obra de

das regiões visitadas. Por conseguinte, o relato de viagens é um gênero multifacetado e altamente heteróclito.” P. 12.

³⁴⁴ Ibid. p. 12.

³⁴⁵ HERDER, J. G. Também uma filosofia da história para a formação da humanidade (1774). Tradução de José M. Justo. Lisboa: Edições Antígona, 1995. P. 195.

³⁴⁶ Ibid. p. 36.

³⁴⁷ Ibid. p. 203.

³⁴⁸ Ibid. p. 61.

³⁴⁹ Ibid. p. 9.

Immanuel Kant³⁵⁰. Kant foi o mestre de Herder entre 1762 e 1764. Para Kant, o pensamento era um processo constantemente cheio de novas idéias e o homem era a própria seiva, sem nenhuma dúvida o melhor fruto da árvore sagrada da civilização. Metáfora que também encontramos em Herder.

Estas metáforas vegetais traziam o sentido do ciclo da vida ao ciclo da civilização, marcando profundamente uma idéia de história. Podemos ver exemplos disto nos relatos e nos discursos dos cientistas e historiadores dos séculos XVIII e XIX no Brasil. É claro que havia uma intensa luta em não permitir chegar à morte desta civilização de ciência ou do Império, seu patrono. Se a idéia fosse a circularidade, nos quadros do IHGB só existiram nascimento e amadurecimento, nunca morte. A circularidade se rompia.

As árvores que simbolizavam a fertilidade e o renascimento na Gália e na Alemanha do século XVIII, como compreendeu Simon Shama, foram vistas de forma bastante contraditória pelos vários cientistas brasileiros. Lucros infundáveis, obstáculo a ser transposto; riqueza que estava sendo devorada. Entretanto uma das mais citadas e controvertidas paisagens vegetais são os pântanos. Em Francisco José Lacerda e Almeida, podemos ler: “Com magoa minha me vi obrigado a retroceder, desistindo do intento que me tinha proposto, de chegar a examinar, quando me fosse possível, as suas vertentes: não me ficou também o remédio de ir a pé, porque os campos cheios de moutas e pequenos bosques eram totalmente pantanosos”³⁵¹.

³⁵⁰ KANT, I. op. cit. , p. XLVIII.

³⁵¹ MEMORIA a respeito dos rios Baures, Banco, da Cocceição, de S. Joaquim, Itonamas e Maxupo; e das três Missões de Magdalena, da Conceição e de São Joaquim pelo Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XII, 2ª

De apoio e críticas, encontramos alguns depoimentos interessantes, como o naturalista setecentista José Vieira Couto, que afirmou que a derrubada de árvores deveria ser proibida ao agricultor brasileiro³⁵².

Paisagens que se tecem no texto, vegetais que acompanham os animais trazendo a lógica da rica natureza dos sertões para as salas do IHGB. Em janeiro de 1843, ouve-se a descrição dos campos do Paiquere:

A mesma margem é surtida de grandes barreiras, onde a caça é em abundancia, como sejam antas, onças, capivaras, veados e outros quadrupedes; e bem assim pássaros de diversas qualidades, entre os quaes, grandes bandos de jacutingas,.... Além dos grandes laranjaes, que suas frutas alimentam a caça que alli se encontra, ella é surtida de um capim mais viçoso que o chamado d'Angola, conhecido no Cuyabá por capim da praia, que os animaes cavallares e muares devoram com sofreguidão, e os torna em pouco tempo mui nutridos: encontraram também muitos bananaes carregados de grandes e saborosas bananas de S. T. Boné e da terra,...”³⁵³

Grandiosidade e fartura mesclam-se nas notícias tratadas na reunião deste mesmo dia. Viagens em que se aproximaram a observação e a fartura ou em outros casos, a observação e a penúria, tão comum naqueles longos auto-exílios. A fartura poderia, além de alimentar os viajantes e seus companheiros de viagem, alimentar as “populações industriosas” que deveriam, segundo os desejos da época, formar plantações. Um exemplo desta vontade de encontrar as plantações

edição, 1874. p. 107. Também podemos citar: “O rio Baures, que conflue no Guaporé pela margem austral e na distancia de quatro leguas e tres quartos para cima do forte do Príncipe da Beira, é navegável em botes de mediana grandeza pela distancia de cem leguas, pouco mais ou menos: cheguei sómente até este termo porque os matos, por entre os quaes desde então corre o rio formando varias boccas ou canaes estreitos, me obstaram a continuação da viagem: tentei avançar-me mais cortando algum mato miudo, por esperar que se acabasse este mão transito, e depois continuasse o canal desembaraçado; mas á proporção que me ia adiantando, encontrava novas veredas mais acertadas e com menor fundo: com difficuldade naveguei mais uma legua, até que se fez impraticável a navegação por causa dos muitos troncos das arvores, que tendo as suas raizes dentro do mesmo rio, o atravessavam de parte a parte com differentes direcções.” Ibid. p. 106/107.

³⁵² MEMÓRIA sobre as nintrateiras... op. cit. s/p.

³⁵³ ATA de 19 de janeiro de 1843. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo V. 3ª ed. 1885. p. 110.

já existentes, pode-se observar em João da Silva Machado, que na fazenda da Perituvá descreve: “além dos grandes bananaes³⁵⁴ e laranjaes, (...) acharam limões galegos, cidras, ananazes plantados em linha, mandioca, aipi, amendoim, feijão miudo, milho de diversas qualidades, melancias, abóboras, morangos, ...”³⁵⁵

Ao contrário das florestas assustadoras e maravilhosas, as paisagens que mais o cientista desejava eram as plantações organizadas. Dois universos ricos em vegetais, mas que se rivalizavam no desejo da industriiosidade. Ali, no IHGB, naquele espaço de poder se produziam e se reproduziam idéias. Sentidos e sensibilidades foram despertados ou adormecidos, as paisagens criavam-se ao longe, criavam-se nas academias que haviam sido em outros tempos consideradas efêmeras³⁵⁶. Belas letras e ciências naturais traziam um mundo de exaltação pátria, um espírito sublime. Observemos o parágrafo final do documento escrito por José Ribeiro de Souza Fontes, *Quaes foram os animaes introduzidos pelos colonizadores*, no qual lamenta seus próprios limites no intuito de engrandecer o monarca, dedicando a ele seu trabalho e esforços, reconhecendo as distâncias que os papéis sociais lhe impunha e com os quais comungava:

A Vós, Senhor, que a magnanimidade de Vossa alma, que os virtuosos ornamentos de Vosso coração, que o amor às sciencias e a avidez que tendes pelas letras Vos tem feito descer do solio para d’envolta com os Vossos subditos, que tem a subida honra de pertencer a este instituto, investigardes a historia e geographia do paiz que teve a ventura de ser Vossa patria, o que Vos devo pedir? Perdão, Senhor, perdão por não attingir ao fim; perdão por não satisfazer Vossos desejos³⁵⁷.

³⁵⁴ É curioso lembrar que no sistema de Linneo, a banana é chamada de *Musa paradisíaca*. Cf. FAUNA E FLORA BRASILEIRA – SÉCULO XVIII. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1986. P. 258.

³⁵⁵ Ibid. p. 112.

³⁵⁶ SANTOS FILHO, L. Sociedades Literárias do século XVIII. Revista do Instituto Histórico e geográfico Brasileiro. vol 267, abril/junho de 1965. P. 43.

³⁵⁷ OS ANIMAIS introduzidos pelos colonizadores. Op. cit. P. 527.

Deste modo, o Imperador surgia como figura central na armação dos discursos, sendo mesmo comparado ao sementeiro que com suas mãos plantava as “balizas do futuro” e “civilizava” a natureza³⁵⁸, ainda que dentro de um estúdio fotográfico, como nos mostraram Maria Innês Turrazzi e Lilia Moritz Schwarcz³⁵⁹.

ILUSTRAÇÃO 15 – O IMPERADOR E A NATUREZA



Fonte: TURAZZI, M. I. *Poses e Trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)*. Rio de Janeiro: Funarte/ROCCO, 1995. s/p.

³⁵⁸ A Ata de 15 de dezembro de 1849 ainda associa o Imperador a um messias, filho dos céus, afirmando que em meio ao positivismo do século marchava triunfante e escoltado de idealista, iluminando o escuro canto do sábio com o clarão de sua majestade que está no coração do filósofo, nos lábios do poeta heróico e nas páginas do historiador. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. tomo XII, 2 ed., 1874. P. 557.

³⁵⁹ Fazemos referencia à fotografia de D. Pedro II já com suas barbas brancas sentado impecável e pacientemente em meio a uma natureza de estúdio, onde folhas de palmeiras e bromélias o cercam, fotografia de Joaquim Insley Pacheco. Há duas datas para a fotografia: 1883 e 1887, ver SCHWARCZ, L. M. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.447 e TURAZZI, M. I. *Poses e Trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)*. Rio de Janeiro: Funarte/ROCCO, 1995. s/p.

A figura solene onde palmeiras e bromélias constituíam o palco cuidadosamente construído pelo fotógrafo. Cada pedra no chão, cada planta constitui um ornamento, uma moldura ao Império, uma floresta e um imperador em um “simulacro de probabilidade”³⁶⁰.

Estaria esta mata e suas folhas sobre um felpudo tapete de ateliê?

Havia certamente um espírito patriótico e sublime no ar, uma sensação que encontrava o sagrado no vegetal. Retomemos Herder: “Oh, plantas sagradas, quem será que pode passar por vós sem sentir o arrepio de um pressentir um futuro melhor e sem abençoar nos sacrifícios silenciosos que ao longo do dia elevamos aos céus, o vosso semeador, seja ele grande ou pequeno, rei ou servo?”³⁶¹

Intensamente românticas, as idéias sobre os vegetais e os minerais ganharam símbolos na literatura, na poesia e, aqui, na história e nas viagens. José Custódio de Sá e Faria e Antônio Carlos Furtado de Mendonça, estavam na viagem que, em 24 de fevereiro de 1777, descrevia as margens dos rios Madeira e Verde:

Vi também neste sítio deserto, outra célebre planta, que desde que deixei o país natal [Minas Gerais], não tinha visto senão na Fortaleza do Príncipe, donde viemos, e por falarmos em outras matérias, ficou esta no esquecimento, e é a Priglia, a que neste país chamam Pinhão de purga. É uma espécie de Rissinus, e Lineu a mete no gênero de Croton. Pertence à classe das Monoeiras, Monodélfias, com flores masculinas e femininas na mesma umbela³⁶² das flores.

³⁶⁰ Em *Pequena História da Fotografia*, Walter Benjamin revela a construção das representações dos ateliês que a partir da década de 1860 trazem “aqueles corinados e palmeiras, tapeçarias e cavaletes, mescla ambígua de execução e representação, câmara de torturas e sala do trono...” BENJAMIN, W. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 98.

³⁶¹ HERDER. Op. cit. p. 120.

³⁶² “inflorescência em que os pedicelos florais partem do mesmo ponto e alcançam igual altura, tendo, pois, comprimento idêntico, e que é típica da família das umbelíferas, conquanto apareça noutras famílias.” No *Manual e Taxonomia Vegetal* publicado em 1976 pela Editora Agronômica Ceres de São Paulo, não encontramos correspondências para a ordem e para a classe descritas

Tem esta planta afinidade, segundo o mesmo louvado autor, com a planta de que na China se tira cêra para candeias, e lhe chamam Sebífera, o que me tem em guarda sôbre as plantas do hábito destas, para ver se encontro um tal tesouro³⁶³.

ILUSTRAÇÃO 16 – RICINUS COMMUNIS E IPOMEA



Fonte: Mamona e Batata doce. In: Fauna e Flora Brasileira – século XVIII. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1986. p. 273.

As paisagens vegetais descritas pelos viajantes eram, ora tediosas, ora extremamente verdes ou coloridas. Afinal, a descrição era sua função. A sensibilidade herderiana pode mais uma vez nos salvar neste oceano de experiências e idéias. Escolhemos um fragmento: “Recolhemos <materiais de todos os confins do planeta> e um dia acabaremos por descobrir aquilo que menos procurávamos, comentários à margem da história do mundo humano que

no documento, entretanto encontramos o *Rissinus communis* que é a popular mamona, oleaginosa, fornecedora de purgante, empregada como adubo, e atualmente utilizada em combustível. Cf. GEMETCÚJNICOV, I. D. de. *Manual de Taxonomia Vegetal: Plantas do interesse econômico, agrícola, ornamentais e médicos*. São Paulo: Editora Agronômica Ceres, 1976. p. 188.

³⁶³ VARIEDADES. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Vol. 262, 1964. P. 399/401

mais nos importa”³⁶⁴. A procura oitocentista deixa-nos seus rastros, mostra-nos seu mundo e, na variedade de seus interesses, podemos resgatar idéias, perceber viagens e aqui, buscar construir, a história de uma paixão, uma história de idéias da natureza que, precisamente por encontrar-se à margem, contaram as idéias da própria história.

³⁶⁴ HERDER. op. cit. p. 105.

À GUIA DA CONCLUSÃO OU OS DELÍRIOS DOS SÁBIOS

... o homem dos lobos não seguiu um caminho que estaria aberto dois ou três séculos antes. Em vez de se tornar lobisomem, tornou-se neurótico à beira da

psicose.³⁶⁵

É somente a partir do mundo contemporâneo que pudemos pensar esta história. Escrever sobre a natureza na história brasileira envolveu uma enormidade de possibilidades e caminhos, sobre as mais diferentes temporalidades e experiências, sobre percepções e verdades de outras épocas e que tanto dizem de nossa própria época e história. Roger Chartier há muito já afirmou que a história deveria ser entendida como “o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”³⁶⁶. Para ele, as séries discursivas apreenderiam e estruturariam o mundo como representação, sendo que os registros deixados pelos atores sociais trazem mais os seus desejos que a sua realidade.

Escrever sobre as idéias de natureza e de história nos possibilitou atravessar o romantismo, o cientificismo, a ilustração; nos permitiu perceber as correspondências existentes entre os homens de letras brasileiros e seus diálogos com estes pensamentos. Esta experiência nos permitiu flunar nas Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Que proximidades existiriam entre a história, a viagem, o Império Brasileiro e a natureza? Como transitaram as idéias do século XVIII para o século XIX? Elegemos o momento único da correspondência, da citação, referência e rememoração de passados e de temas, destas reatualizações que pretenderam

³⁶⁵ GINZBURG, C. Mitos, emblemas e sinais. morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 210.

³⁶⁶ CHARTIER, R. A história cultural entre práticas e representações. DIFEL, 1988. P. 27.

prender os tempos nas suas distintas atualidades. Que processos seriam estes, que padrões eles teriam, quais os princípios de controle³⁶⁷, os desejos latentes ou soterrados existentes na produção destes discursos?

Entendemos que este desejo pelos discursos e pela natureza está diretamente ligado às preocupações da história em tempos atuais. A reflexão sobre o meio natural torna-se uma necessidade quando os esgotamentos dos recursos naturais e os desastres ambientais refletem alguns dos limites mais significativos das civilizações contemporâneas, como afirma Manuel Gonzalez de Molina³⁶⁸. Cabe aos historiadores hoje resgatarem a natureza, desenvolvendo outras territorialidades. Desterritorializar a história, como ensinou Ana Maria de Oliveira Burmester³⁶⁹ em sua leitura da História da Cultura, e levar a perceber outras paisagens e outras leituras possíveis, permitidas e inspiradas pela documentação escolhida.

Então, percebemos alguns nuances de natureza no pensamento histórico oitocentista. Uma natureza que era apresentada de forma fragmentária, perdida e isolada, constituída em variáveis que revelaram mundos de idéias e, sobretudo, da própria idéia história. Afinal, como ensina Arnaldo Momigliano, depois de Heródoto tudo é suscetível de ser história. Assim, animais, vegetais, minerais, paisagens, rios, tempestades estiveram aqui presentes, saltando das páginas da revista do IHGB para uma leitura da história.

³⁶⁷ FOUCAULT, M. A Ordem do discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 36.

³⁶⁸ MOLINA, M. G. de. La crisis de la modernidad historigráfica y el surgimiento de la historia ecológica. In: HISTÓRIA e Meio Ambiente. Funchal, Madeira, 1999. op. cit. p. 30 e 31.

³⁶⁹ BURMESTER, A. M. de O. A História cultural: apontamentos, considerações. Revista ArtCultura. Universidade Federal de Uberlândia, vol. 5º, no. 6, 1993. p. 42.

Amparados por uma historiografia absolutamente encantadora que envolveu a leitura de: Simon Shama, Keith Thomas, Robert Lenoble, Alain Corbin, Warren Dean, José Augusto Pádua, Lilia Moritz Schwarcz, Letícia Squeff, Wilton Carlos Lima da Silva, Laura de Melo e Souza, Vera Regina Beltrão Marques e Francisco Moraes Paz; e atravessados pelos olhares teóricos de Michel Foucault e de Walter Benjamin, observamos um emaranhado de idéias e indivíduos que nos possibilitaram narrar sobre outros tempos e lugares. Narrar sobre experiências de viagens que traçaram rotas e caminhos, discursos que se entrecruzaram em uma publicação. Observar a descrição e a utilização da natureza, construída em mundos de idéias, em representações, imagens e textos. O que estava à margem tornou-se o essencial.

Entretanto tenhamos cuidado, pois o “otimismo histórico pode deixar uma pessoa ofegante”³⁷⁰, como ensinou Baumer. Muito da natureza que aqui aparece já não existe há muito tempo; é necessário recordar que esta natureza já dava sinais de seus últimos suspiros no século XIX.

A natureza conferiu para os homens daquele tempo, mais que o solo sobre o qual percorreram seus caminhos, foi o substrato de importantes experiências, nacionais e científicas, racionais e emocionais, formando indivíduos e sociedades e deixando ainda muitas histórias por contar. Retomemos aqui uma das primeiras lições sobre as quais se ancora o estudo da história: Homero cantou, mas não para nós! As configurações aleatórias dos muitos destinos vividos, o acaso, a

³⁷⁰ BAUMER, F. O pensamento europeu moderno. Séculos XIX e XX. Tradução de Maria Manoela Alberti. Vol II. Lisboa, Edições 70. 1990. p. 95.

errância de acervos e documentos, a recorrência de temas, idéias e sentidos fazem desta leitura um exercício de pensar a história.

Partindo de um princípio foucaultiano onde mais que dizer o que interessa é mostrar; dedicamo-nos a fragmentos documentais, que, em sua variedade e recorrência, nos possibilitaram perceber algumas linhas que ligaram pensadores e idéias, atravessados por suas sociedades e tempos. Assim nos lançamos à observação de algumas imagens de história e de natureza que, justamente por estarem no passado, podem nos servir de alerta sobre as bases civilizacionais que nos constituíram ou podem nos auxiliar a simplesmente contar uma história. Mesmo causando-nos total estranheza, foram estes os mundos que nos tocaram.

Cabe lembrar, para finalizar este nosso relato de viagem, algumas das leituras que aqui desenvolvemos. Na conformação das idéias, o Instituto criou paisagens inspiradoras, repletas de romantismo, utilitarismo, razão e homenagem. Cria e divulga discursos e procedimentos cotidianos, deixando-nos uma importante variedade de registros. Documentos de viagens, memórias de produtos, relatórios de atividades anuais, poesias. Descrições de um mundo que em suas mais diversas disposições fizeram ver constelações discursivas, nas quais couberam o entendimento e as mais arrebatadoras sensações. Neste sentido, o resgate e a produção de paisagens e viagens românticas entrelaçaram tramas muito peculiares, onde o medo, a curiosidade, o ímpeto de uma idéia de civilização e a missão do historiador confundiram-se.

Deparamo-nos com estas tramas e, como nos relatos aqui estudados, já nos encontramos mesclados pelas idéias de afastamento e proximidade, afinal, partindo da leitura que Deleuze faz sobre Michel Foucault, é partindo das palavras,

das frases e das proposições que percebemos a distribuição e a dispersão dos enunciados³⁷¹. Aqui nos concentramos mais em perceber um “campo de dizibilidade”³⁷² - a natureza, que tem seu “local de visibilidade” em uma publicação periódica - a Revista do IHGB.

Dela trouxemos algumas idéias e imagens, nela encontramos mundos naturais que atravessaram a história e constituíram a sua essência. Assim, ouvimos ainda um “murmúrio que o discurso dissipa, mas sem o qual não poderia falar”³⁷³ e que pode ser o sopro do vento nas folhas ou os ruídos da noite no meio da mata ou de um distante rio. Recordamos neste murmúrio das medonhas tormentas da viagem ao pólo, dos iminentes perigos da viagem ao Suriname, dos desejosos veios de ouro das viagens que cobriram as Minas Gerais e o Mato Grosso, dos terrenos ásperos da Serra no Paraná, dos lagos, pântanos e animais do rio Tapajós. Lembranças apaixonantes e aterradoras.

Assim chegamos ao fim desta viagem pela história. Uma história de idéias e entendimentos, que buscou a proximidade existente entre percepções de diferentes tempos, leituras de um universo no qual os mundos naturais - animal, mineral e vegetal - constituíram-se em experiência e idéias, em palavras de uma Revista hoje envelhecida.

São mundos ditos publicamente e que trazem em si os jogos de poder e saber que os compõem. É na narrativa e no processo de formação destes

³⁷¹ DELEUZE, G. Foucault. Tradução de Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005. p. 28.

³⁷² Ibid. p 57.

³⁷³ FOUCAULT, M. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.169.

discursos que os indivíduos aparecem deixando à mostra a sociedade do século XIX e sua tentativa de construir uma nação e uma civilização nos trópicos.

O século XIX no Brasil teve no homem seu mais absoluto universo de preocupações. Delirante, ele tomou a natureza para a sua saciedade. Das deliciosas frutas aos ostensivos lucros, do êxtase causado pela beleza exótica ao medo aterrador, o meio natural constituiu a paisagem que poderia ser descrita e domada.

Buscar os dilúvios e as catástrofes da natureza era, para o historiador-filósofo do século XIX, tão importante quanto escrever sobre os mitos, os usos e os costumes dos povos indígenas. E no desejo de escrever uma grandiosa e “patriótica” história nacional, deixaram por vezes escapar a história da extinção dos povos indígenas, da exaustão das minas, da destruição das matas, ou mesmo da extinção de espécies animais³⁷⁴.

Foram muitos os seus esforços no sentido de construir algo grandioso. Aqui abordamos alguns dos homens cujo esforço traduziu-se em textos – Emilio Joaquim da Silva Maia, José Silvestre Rebello, Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Manoel Ferreira Lagos, José Ribeiro de Souza Fontes, Francisco de Oliveira Barbosa. Indivíduos que nos possibilitaram em sua existência e registros construir esta história das muitas paixões da própria história e notadamente a paixão da história pela natureza. Não uma natureza em si, mas uma natureza que morava nas idéias, descrita e imaginada. Uma natureza passada e desaparecida.

³⁷⁴ RELATÓRIO dos Trabalhos do Instituto, no sexto anno acadêmico, pelo 2º Secretário Perpétuo o Sr. Manoel Ferreira Lagos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. vol VI, tomo 6. 1844. p. 521.

O caminho da paixão da história e da natureza não estaria aberto séculos antes, foi o século XIX que vislumbrou as paisagens românticas e a ciência ilustrada. Nele, os minerais, as aves, os peixes e os rios ganharam destaque no mundo dos homens. Neste século da história, a mais rica contribuição dos historiadores seria a construção de um entendimento que estaria acompanhado de sua necessária divulgação. A natureza então não seria mais uma experiência mística. Quando muito, causava ao homem um arrebatamento que poderia ser controlado ou o levava a admirar a perfeição do mundo, deixando um espaço para o divino no mundo da razão.

Não há casos no IHGB de intelectuais tão apaixonados pelas matas e sertões que tenham abandonado seus lares urbanos. Se houve algum destes casos, nada foi publicado a respeito.

A natureza como campo de dizibilidades foi aqui abordada como um arquivo que, aos moldes de uma arqueologia do saber de Foucault, “está próxima de nós, mas diferente de nossa atualidade, trata-se da orla do tempo que cerca nosso presente, que domina e que o indica em sua alteridade, é aquilo que fora de nós, nos delimita.”³⁷⁵

A paixão da história por este campo discursivo e sua larga utilização e circulação criou este ponto de encontro único onde se misturam indivíduos e idéias. Foi este espaço/tempo, no qual foi possível o entrecruzamento de muitas experiências, pensar uma natureza. Um pouco história das sensações, um pouco história das leituras, e muito uma história das idéias.

³⁷⁵ FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. P. 150/151.

Assim o trajeto desta viagem da história chega ao fim. Já nos aproximamos do porto e, como todo viajante, sabemos que deixamos ainda muitas viagens por fazer e muitos caminhos por trilhar. Por ora apresentamos este relato, deixando outros portos a conhecer. Mergulhamos neste revolto mar de idéias e trouxemos a natureza não como metáfora, mas como universo discursivo possível, no qual sempre haverá novos Netunos por descobrir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES IMPRESSAS

Diários, memórias e notícias de viagens

ALMEIDA, Francisco José de Lacerda. *Diários de viagem*. Ministério da Educação e Saúde INSTITUTO POPULAR DO LIVRO. Biblioteca Popular Brasileira, XVIII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

BIOGRAFIA do botânico brasileiro José Mariano da Conceição Velloso. Memória lida no I.H. perante S. M. o Imperador por José de Saldanha da Gama. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, TOMO XXXI. 1868.

DESCRIÇÃO geographica da capitania de Mato-Grosso. Anno de 1797. MS. offerecido ao Instituto pelo Sr. Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XX, 1857.

DIÁRIO da viagem à colônia holandesa do Suriname por José Francisco Ribeiro Barata, 1799. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VIII. 1846.

DIÁRIO de viagem por Antonio Pires da Silva Pontes. In: MENDONÇA, Marcos Carneiro de. Rio Guaporé e Paraguai, primeiras fronteiras definitivas do Brasil. Rio de Janeiro: Xérox do Brasil, 1985, P. 159. Anteriormente publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol 26. 1964.

DIÁRIO da viagem de Lisboa até a villa de Barcelos, na capitania de São José do Rio Negro por Francisco José de Lacerda Almeida, 1780. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo V, 1843. 2ª ed. 1885.

DIÁRIO histórico e físico da viagem dos oficiais que partiram do quartel general de Barcelos para a capital de Vila Bela da Capitania do Mato Grosso, em 01 de setembro de 1781, por Antonio Pires da Silva Pontes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol 262. 1964.

INFORMAÇÃO sobre o modo porque se effectua a navegação do Para para o Mato Grosso, e o que se pode estabelecer para maior vantagem do Comércio e dos Estado por Francisco de Souza Coutinho, 1797. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXVIII. 1865.

ITINERÁRIO da cidade de Palma em Goyaz, à cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantis, pelo Dr. Vicente Ferreira Gomes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXV. 1862.

JORNAES das viagens pela capitania de São Paulo por Martin Francisco Ribeiro de Andrada(1775-1844). Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. vol. 45 (64-65).

MEMÓRIA sobre a utilidade em se extrair o ouro da minas e os motivos de poucos interesses que fazem os particulares, que mineram igualmente no Brazil. Por Antonio Pires da Silva Pontes Leme. Revista do Archivo Publico Mineiro. Ano 1. Fascículo 3º . Imprensa Official de Minas Geraes, 1896.

MEMÓRIA sobre as minas de ouro lida na Academia real de Sciencias de Lisboa em 1804. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo LXI, 1898.

MEMÓRIA sobre a capitania de Minas Geraes, seu território, clima, e produções mettalicas: sobre a necessidade de se restabelecer e animar a mineração decadente do Brazil: sobre o commercio e exportação de metaes, e interesses régios. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo IV (11º). 1891.

MEMÓRIA sobre o descobrimento da America no seculo décimo de Carlos Christiano Ranf. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo II. 2.ª edição. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858.

MEMÓRIA a respeito dos rios Baures, Banco, da Cocceição, de S. Joaquim, Itonamas e Maxupo; e das três missões de Magdalena, da Conceição e de São Joaquim pelo Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XII, 2ª edição. 1874.

MEMÓRIA sobre a viagem aos Estados Unidos por Hipólito da Costa Pereira. Revista do Instituto Histórico e Geográfico. Vol. 21. Tomo XXI. 1858.

NOTÍCIAS da capitania de S. Paulo no anno de 1792, por Francisco de Oliveira Barbosa. Revista Trimensal de História e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Tomo V. 3.ª edição. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert & C. 1885

PEREIRA, Hipólito José. Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799). Rio de Janeiro, Publicações da Academia Brasileira, 1955.

VIAGEM Mineralógica pela província de São Paulo em 1805 por Martin Francisco Ribeiro de Andrada (1775-1844). Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol. IX. 1869.

Discursos, Relatórios, Lembranças e Atas

A GRUTA americana de Manoel Inácio da Silva. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo III. 1841.

ATAS trimestrais da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo I ao Tomo XXXIV. 335 atas de reuniões ordinárias, aniversárias ou eleitorais, escolhidas dentro do período 1839 – 1879.

BREVE notícia sobre a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro por Januário da Cunha Barbosa. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 1, vol. 1. 1839.

CARTA escripta da Lagôa Santa ao Sr. 1.º Secretario do Instituto, pelo socio honorário Sr. Dr. Lund. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Abril/1842. Tomo IV. 1863.

COMO se deve escrever a historia do Brasil, dissertação de Carlos Frederico Ph. de Martius. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VI. N. 24. 1845.

DOCUMENTO oficial. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VI, 2. edição. 1865.

DISCURSO do presidente o Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo na III Sessão Publica Anniversaria. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Supplemento ao Tomo III. 1841.

DISCURSO do orador do Instituto Histórico o sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXI, 1859.

DISCURSO do orador Joaquim Manoel de Macedo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXII. 1860.

DISCURSO sobre a palavra Brazil de José Silvestre Rebello. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 1, vol. 1. 1839.

ESTATUTOS DE 1851. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XIV. 1851.

EXTRATOS dos estatutos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 1, vol. 1. 1839.

ELOGIO aos sócios falecidos, Brasileiros ilustres por letras, armas e virtudes, escrito por Manoel de Araújo Porto Alegre. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo VI. Vol. 6. 1844.

JUÍZO de obras e outros... Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo II, 1840, 2.ª Ed. 1858.

LEMBRANÇA do que devem remetter ao Instituto os srs. Sócios residentes nas províncias. Contracapa da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXXII. 1869.

OS ANIMAIS introduzidos pelos colonizadores por José Ribeiro de Souza Fontes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XIX, 1956.

PROGRAMMA histórico: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é o representante das idéas da Ilustração. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 1, n. 2. 1839.

RELATÓRIO dos trabalhos do Instituto durante o terceiro anno social, Pelo Secretario Perpetuo o Sr. Conego Januário da Cunha Barbosa. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo III, 1841.

RELATÓRIO dos trabalhos do Instituto Histórico e Geográfico pelo 1º Secretário perpétuo Manuel Ferreira Lagos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XI. 1847.

RELATÓRIO dos Trabalhos do Instituto, no sexto anno acadêmico, pelo 2º Secretário Perpétuo o Sr. Manoel Ferreira Lagos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol VI. Tomo 6. 1844.

RELATÓRIO das Atividades Anuais do Cônego João Caetano Fernandes Pinheiro Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXXIV. 1866.

VARIEDADES. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1843. Tomo V. 2ª ed. 1885.

VARIEDADES. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol. 262, 1964.

ZOOFONIA. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXXIX. 1876.

FONTES MANUSCRITAS

BREVES Instrukções aos Correspondentes sobre as remessas dos produtos e notícias pertencentes à História da Natureza, para formar um museu nacional. Lisboa: Academia das Sciencias de Lisboa/Regia Offcina Typografica, 1781. s/p. Cedido pelo CEDOPE/UFPR.

MEMÓRIA sobre as nitratreiras naturees e artificiais de Monte Rodrigo na capitania de Minas Gerais, por José Vieira Couto, 1803. AHU_ACL_CU, Cód. 2095. Cedido pelo CEDOPE/UFPR.

LIVROS E TESES

ALEXANDRE, Valentin. Os sentidos do Império: questão nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime Português. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

ALFONSO-GOLFARB, Ana Maria & BELTRAN, Maria Helena Roxo.(orgs.). O laboratório, a oficina e o ateliê, a arte de fazer o artificial. São Paulo: Educ/Fapesp, 2002

ANAIIS do Congresso de História do 2o Reinado. Rio de Janeiro, 1975. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1884.

ARIÈS, P. ; DUBY, G. & LE GOFF, J. História e nova história. Tradução de Teresinha Marinho. Lisboa: Teorema, 1994.

ARRUDA, Gilmar (org.). Natureza, fronteiras e territórios: imagens e narrativas. Londrina: Eduel, 2005.

BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BAUMER, Franklin. O pensamento europeu moderno. Séculos XVII e XVIII. Tradução de Maria Manoela Alberty. Vol. I. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. O pensamento europeu moderno. Séculos XIX e XX. Tradução de Maria Manoela Alberty. Vol II. Lisboa, Edições 70. 1990.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. 2ª ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Obras escolhidas: Rua de mão única. 5ª ed. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. Obras escolhidas: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BLOM, Philipp. Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BOXER, Charles. O império marítimo português. 1415-1825. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2004.

BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento: de Gutenberg à Diderot. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. A (des)construção do discurso histórico. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

CALAFATE, Pedro. A idéia de natureza no século XVIII em Portugal (1740-1800). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

CARVALHO, Alessandra Izabel de. Montanhas e memórias: uma identificação cultural no Marumbi. Campinas/SP: [s.n.], 2005. (Tese de Doutorado).

CARVALHO, Gilberto Villar de. *Biografia da Biblioteca nacional (1807-1900)*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultura, 1994.

CHAUNU, Pierre. *A civilização da Europa das Luzes*. Vol. 1. Tradução de Manuel João Gomes. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

COELHO, Edmundo Campos. *Profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1999.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CROSBY, ALFRED W. *Imperialismo ecológico, a expansão biológica da Europa: 900-1900*. Tradução de José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. *Verdades por mim vistas e observadas, oxalá foram fábulas sonhadas: as viagens filosóficas como textos de auto-etnografia*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003. (tese de doutorado).

D'ALEMBERT, Jean Le Rond. *Ensaio sobre os elementos de filosofia*. Tradução de Beatriz Sidou. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

DARNTON, Robert. *Boêmia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. Tradução Luis Carlos Borges. Companhia das Letras, São Paulo: 1987.

DEAN, Warren. *A ferro e a fogo: a história e a devastação da mata atlântica Brasileira*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIDEROT, Denis. *Ensaio sobre a pintura*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas/SP, Papirus & Editora da Unicamp, 1993.

ENCICLOPÉDIA OU DICIONÁRIO RACIOCINADO DAS CIÊNCIAS DAS ARTES DO OFÍCIO. Por uma sociedade de letrados. Tradução de Fúlvio Maria Luíza Moretto. São Paulo: ed. UNESP, 1989.

ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Vol 1. Memória – História. Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1984.

ELIÁS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução Ruy Jungmann. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio 9.^a edição. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. *O que é o autor?*. Tradução de Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 4.^a edição. Alpiarça: Vega/Passagens, 2000.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luis Felipe Baeta. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FURET, François. *O homem romântico*. Tradução de Miguel Serra Pereira. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

FURTADO, Júnia Ferreira. (org.) *Diálogos oceânicos*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

GADDIS, John Lewis. *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado*. Tradução de Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GARDINER, Patrick. *Teorias da história*. Tradução de Vítor Matos e Sá. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

GERBI, Antonello. *La disputa del nuevo mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1960.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HARTOG, François. (org.) *A história de Homero à Santo Agostinho*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2001. p. 231.

HEIZER, Alda & VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs.). *Ciência, civilização e Império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

HERDER, J. G. *Também uma filosofia da história para a formação da humanidade (1774)*. Tradução de José M. Justo. Lisboa: Edições Antígona, 1995.

HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL. Vol I e vol II. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOLANDA, Sérgio. *Visão do paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/ Editora Universidade de São Paulo, 1969. Coleção Brasileira. vol 333.

_____. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IGLESIAS, Carmen. Razón y sentimiento em el siglo XVIII. Real Academia de la história, Madrid, 1999.

KANT, Immanuel. Observaciones sobre el sentimiento de lo bello y lo sublime. Traducción de Dulce Maria Granja Castro. México: FCE/UAM/UNAM, 2004.

LADURIE, Emmanuel Lê Roy. O clima, história da chuva e do bom tempo. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LAGES, Susana Kampff. Walter Benjamin: tradução e melancolia. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Vol II – Memória. Lisboa: Edições 70, 2000.

LENOBLE, Robert. História da idéia de natureza. Tradução de Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70: 1990.

LEONARDI, Victor. Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil. Brasília: Editora UNB/Paralelo 15, 1996.

_____. Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Editora UNB/Paralelo 15, 1999.

LOSADA, Janaina Zito. Desejos e melancolias: uma história da idéia de natureza no Brasil, 1839-1870. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. Natureza em boiões: medicina e boticários no Brasil setecentista. Campinas: Editora da Unicamp. 1999.

MARTIUS, K. F. P. Como se deve escrever a história do Brasil. Coleção Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1991.

MOMIGLIANO, Arnaldo. As raízes clássicas da historiografia moderna. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru, SP: Edusc, 2004.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

OLIVEIRA, Rogério Ribeiro (org.). As marcas do homem na floresta. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.

PÁDUA, José Augusto. Um sopro de destruição; pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da história*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

PERLIN, John. *História das florestas: a importância da madeira no desenvolvimento da civilização*. Tradução Marija Mendes Bezerra. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PESSOA, Fernando (1888 – 1935). *O Eu profundo e os outros eus*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

PONTING, Clive. *Uma história verde do mundo*. Tradução de Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru/São Paulo: Edusc, 1999.

PROST, Antoine. Como a história faz o historiador. *Revista Anos 90*, n. 14, Porto Alegre, dez/2000.

RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Tradução de Antonio Angonesi. São Paulo: Edusc, 2001.

_____. *Naufraágios sem espectador*. Tradução de Álvaro Lourencini. São Paulo: Unesp, 2000.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques (1721-1778). *Discurso sobre a origem da desigualdade e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Coleção Os Pensadores. Vol. XXIV. Porto Alegre: Editor Victor Civita, 1973.

_____. *Carta a D'Alembert*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Edições Liberdade, 2003.

SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*. Editora Unesp. São Paulo, 2002.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. O paraíso revelado pela ciência ou o Dr. Langsdorff e o descobrimento russo do Brasil. In: BECHER, Hans. *O Barão Georg Heinrich von Langsdorff*. São Paulo: Editora dia; Barsília, DF: editora Universidade de Brasília, 1990.

_____. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Coleção Virando Séculos. Coord. por Laura de Mello e Souza, e por Lilia Moritz Schwarcz.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. *As terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*. Editora da Unesp. São Paulo, 2003

SHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SQUEFF, Letícia. *O Brasil nas letras de um pintor: Manuel de Araújo Porto Alegre*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

SOUZA, Iara Lis Franco Schiavinatto Carvalho. *Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo, 1780-1831*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *Da democracia na América*. Tradução José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

THOMPSON, E. *A Formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TURAZZI, Maria Inez. *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)*. Rio de Janeiro: Funarte/ROCCO, 1995.

VALLE, Cid Prado. *Natureza tropical e imagem nacional no Império brasileiro*. (tese de doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

VENTURA, Mauro Souza. *A corte e a cidade: estudos de literatura e história cultural*. São Paulo: Editorial Ítaca, 1997.

VERÍSSIMO, Êrico. *Viagem à aurora do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1953.

VICO, Giambattista. *Ciência nova*. Traducción de Rocio de la Villa. Madrid: Editorial Tecnos, 1995.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: *História da vida privada no Brasil*. Vol 1. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. Organização de Laura de Melo e Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WEHLING, Arno. Estado, história, memória: Varnhagem e a construção da identidade nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

WILLIAMS, Raymond. O Campo e a cidade. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

YAZIGI, Eduardo (org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

ARTIGOS E REVISTAS

BONNICI, T. & GONÇALVES, A. A. O conceito de resistência em três textos da literatura brasileira à luz da teoria pós-colonial. *Revista Acta Sci, Hum. Soc. Sci.* Vol 27. no. 2. Maringá, 2005.

BRASIL, Vanessa Maria. Um rio, uma nação. *Revista Nossa História*, Biblioteca Nacional & Editora Veracruz, de abril de 2005.

BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. A História cultural: apontamentos, considerações. *Revista ArtCultura*. Universidade Federal de Uberlândia, vol. 5º, no. 6, 2003.

ETTE, Ottmar. Os caminhos do desejo: corografias na literatura de viagens. *Revista Humboldt*. No. 89. Goethe-Institut, 2004

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Um olhar sobre o continente: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Congresso internacional de história da América. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 20, 1997

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, dez/2002

HEYNEMANN, Cláudia B. História natural na América portuguesa – 2ª metade do século XVIII. *Revista Varia História*. Belo Horizonte. N. 20 março/1999

MOTA, Carlos Guilherme. O Mundo luso-brasileiro revisitado: em busca de uma memória comum. LPH –*Revista de História*. Anais VII Encontro Regional de História da ANPUH, MG. Vol 2. no. 1, UFOP: Mariana, 1991

MOLINA, Manuel Gónzales de. La crisis de la modernidad historiografica y el surgimiento de la história ecologica. In: *ACTAS do Seminário Internacional História e Meio Ambiente*. Funchal, Madeira, 1999.

SANTOS FILHO, Lycurgo. Sociedades Literárias do século XVIII. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. vol. 267. Dep. Imprensa Nacional do Rio. Abril/ Junho de 1965

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. O pensamento científico no Brasil da segunda metade do século XVIII. *Revista Ciência e Cultura/SPBC*. Volume 40, n. 9, setembro de 1988.

VILLA, Marco Antonio. Que brasileiro, que fornalha. *Revista Nossa História*. Biblioteca Nacional & Editora Veracruz, de abril de 2005.

Obras de Referência

BARATA, Carlos Eduardo de Almeida & BUENO, Antonio Henrique da Cunha. *Dicionário das famílias brasileiras*. São Paulo: 2vol. Ibero-América, 1999.

BLUTEAU, R. *Vocabulário português e latino...* Coimbra: Collegio das artes da Companhia de Jesus, 1712-1724. 8 vol. versão digital Cedope/UFPr.

CASTRO Maia colecionador de Debret. Rio de Janeiro. Museu Castro Maia/UERJ, 2003.

EITEN, George. *Classificação de vegetação do Brasil*. Brasília: CNPq/Coordenação Editorial, 1983.

ENCYCLOPÉDIE ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers . par une société de gens de lettres ; mis en ordre et publié par M. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em 22/06/2005.

CESARE Cantu. Disponível em <<http://www.cesarecantu.it.htm>>. Acesso em 01/02/2007.

DICIONÁRIO Político. Disponível em <<http://marxists.org>>. Acesso em 01/02/1007.

DICIONÁRIO Biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol 1-6. 1991/1998.

GEMETCÚJNICOV, Irina Delanova de. *Manual de taxonomia vegetal: plantas do interesse econômico, agrícola, ornamentais e médicos*. São Paulo: Editora Agronômica Ceres, 1976.

REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro. Vários tomos 1839 – 1896.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (org.). *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1994.

FAUNA E FLORA BRASILEIRA – SÉCULO XVIII. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1986.

GARDINER, Patrick. Teorias da história. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, 150 ANOS. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990.

DOCUMENTOS DIGITAIS

ASSUNÇÃO, Paulo. A terra dos Brasis: Um tapete de Flandres jamais visto. *Revista Brasileira de História*. v. 21. n.40. São Paulo. 2001. Disponível em <<http://scielo.br>> Acesso em 25/09/2004.

BOSI, Alfredo. Caminho entre a literatura e a história. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, vol 19, n. 55. set/dez/2005. Disponível em <<http://scielo.br>>. Acesso em 16/11/2006.

CALLARI, Cláudia Regina. Os Institutos Históricos: do patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. *Revista Brasileira de História*. v. 21 n.40. São Paulo, 2001. Disponível em <<http://scielo.br>> Acesso em 19/07/2003.

CARDOSO, Z. de A. A Função didática das tragédias de Sêneca. Disponível em <<http://paideuma.net/zelia4.doc>> Acesso em 30/01/2007.

DRUMMOND, José Augusto. História ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisas. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. Vol 4, no. 8, 1991. Disponível em <<http://fgv.br>> Acesso em 10/09/2004.

FARIAS, João Roberto. Machado de Assis, leitor e crítico de teatro. *Revista Estudos Históricos*. Vol 18. no. 51. São Paulo, 2004. Disponível em <<http://scielo.br>> Acesso em 13/12/2006.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. Disponível em <<http://educacaopublica.rj.gov.br>> Acesso em 26/04/2005.

ILLUSTRATIONS de Histoire naturelle générale et particulière avec la description du cabinet du roy, t. VI. Paris : Imprimerie royale, 1756 Bibliothèque du Muséum National d'Histoire Naturelle. 10512. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr>>, acesso em 16/08/2005.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Disponível em <<http://ihgb.org.br>> Acesso em 16/02/2006.

LIMA, Alessandra Carbonero. Sêneca. Aproximações. Disponível em <<http://www.hottopos.com>>. Acesso em 30/01/2007.

LOSADA, Janaina. De ossos de mamutes e sementes de acácias: viagem e natureza em Hipólito José da Costa Pereira (séc. XVIII/XIX). *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Julho/agosto/setembro de 2005. Vol. 2 ano II, no. 3. Disponível em <<http://revistafenix.pro.br>> Acesso em 27/10/2005.

MARQUESE, Rafael de Bivar. Ideologia imperial, poder patriarcal e o governo dos escravos nas Américas. (1660-1720). *Revista Afro-ásia*, n. 31, 2004. Disponível em <<http://www.afroasia.ufba.br>>. Acesso em 02/02/2007.

OBRAS Raras. Disponível em <<http://www.obrasraras.usp.br>>. Acesso em 02/02/2007.

PORTELA, José Roberto Braga. *Descrições, memórias, notícias e relatórios*. Tese de Doutorado, Curitiba: UFPR, 2006. Disponível em <<http://www.poshistoria.ufpr.br/bancoteses.htm>> Acesso em 06/01/2007.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol 4, no. 8, 1991. Disponível em <<http://fgv.br>> Acesso em 16/12/2005.

SANCHEZ, Edney Christian Thomás Sanchez. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX*. Unicamp, Campinas/SP, 2003. (dissertação de mestrado). Disponível em <<http://libweb.unicamp.br>> Acesso em 20/12/2005.

Mas poderá alguma vez romper-se o nexo entre
o documento e narrativa, entre vida e história?
Benedetto Croce

As origens de nossos arquivos modernos já
implicam, com efeito, na combinação de um
grupo, de lugares e de práticas.
Michel de Certeau

APÊNDICES E ANEXOS

LISTA – Sociedades que se correspondem com o IHGB

TABELA 1 – Algumas correspondências de viagens nas revistas do IHGB - 1839 – 1879

TABELA 2 – Algumas correspondências de natureza nas revistas do IHGB

TABELA 3 – Algumas correspondências de história das viagens: leituras e lembranças

TABELA 4 – Os principais cargos, os fundadores e a primeira geração

TABELA 5 – Principais comissões no IHGB e seus participantes

DOCUMENTO – Uma História de Animais

LISTA – SOCIEDADES QUE SE CORRESPONDEM COM O IHGB

DA EUROPA

Universidade Criistiana

Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscow

Academia de Sciencias de São Petersburgo

Academia de Viena

Sociedade das Sciencias de Vienna d´Austria

Instituto Imperial e Real Geológico de Vienna

Sociedade Real de Napoles

Soc. De Ciên. Naturais de Neuchatel

Real Academia de Sciencias e Letras de Munich

Academia Real de Bruxelas

Governo da Bélgica Sociedade de Antiquários do Norte

Sociedade de Geografia de Hamburgo

Sociedade Ethnologica de Paris

Biblioteca Real de Paris

Sociedade de Geographia Commercial de Paris

Sociedade Americana de Paris

Sociedade de Geografia de Lisboa

Sociedade da História de França

Instituto de Coimbra Academia

Real de Sciencias de Lisboa

Sociedade de Geographia de Madri

Academia Espanhola de Archeologia e Geographia

Conselho Ultramarino do Reino de Portugal

Real Academia de História de Madrid

Instituto Histórico da França

Sociedade Geológica de Vienna d´Austria

Sociedade Estoniana de Deport na Rússia

Instituto Geográfico de Vienna
Real Observatório Astronômico de Munich
Biblioteca Pública de Lisboa
Sociedade Saxo-Turíngiana para pesquisa
Sociedade Médica e Natural de Giessen

DA AMÉRICA

Sociedade Histórica da Pensilvânia
Observatório Naval dos Estados-Unidos
Academia de Artes e Sciencias de Connecticut
Instituto Smithsonian EUA
República Oriental do Uruguai
Universidade do Chile Biblioteca Pública de Montevideo

DO BRASIL

Arquivo Literário de São Paulo
Museu Nacional do Rio de Janeiro
Arquivo Militar Academia de Literatura Brasileira
Biblioteca Fluminense
Arquivo Público
Academia dos Esquecidos
Correio Oficial de Minas Geraes
Jornal Atheneo Pernambucano
Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro
Jornal Estrella do Amzaonas
Correio de Vitória
Correio Oficial da Paraíba
Biblioteca Pública Pelotense
Jornal Noticiador Cathólico
Bibliotheca de Ouro Preto
Escola Polythecnica

Faculdade de Medicina, RJ

Escola Militar e de Aplicação

Bibliotheca da Bahia

Academia de Sciencias Sociais e Jurídicas de São Paulo

TABELA 1 – ALGUMAS CORRESPONDÊNCIAS DE VIAGENS NAS REVISTAS DO IHGB - 1839 – 1879

Recuperação e publicação das viagens			As viagens setecentistas resgatadas		
Sócio do IHGB	Situação no IHGB	Ano de publicação e recuperação	Viajante	Local/Ano da Viagem	Tipo do documento produzido
José Silvestre Rebello	Sócio fundador; Comissão de Geografia	1843 e 1874	Francisco José Lacerda e Almeida	Moçambique 1798 Mato Grosso 1780/88	Memória e Diário
Emílio Joaquim da Silva Maia	Sócio fundador; Comissão de História	1848	José Vieira Couto	Minas Geraes 1798 1803	Memória
Rodrigo de Souza da Silva Pontes	Sócio fundador;	1844	Antonio Pires da Silva Pontes	Suriname 1771 Pará/MT/SP 1780/1790	Diário Documento Oficial
		1846	Francisco José Rodrigues Barata	Suriname 1799	Viagem
Manoel Ferreira Lagos	Sócio fundador Comissão de Estatutos e Redação Secretário (2º e 1º) Vice presidente	1858	Hipólito da Costa Pereira	Filadélfia 1798	Diário Memória
Martin Fco. Ribeiro de Andrada	Sócio	1845 e 1869	Martin Fco. Ribeiro de Andrada	São Paulo 1805	Diário Jornaes Viagem
--	--	1843	Francisco de Oliveira Barboza	São Paulo	Notícias
--	--	1865	Francisco de Souza Coutinho	Pará 1797	Informação
--	--	1857	Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond	Mato Grosso 1797	Descrição
--	--	1862	Vicente Ferreira Gomes	--	Itinerário

Fonte: Seleção de documentos realizado pela autora nas revistas do IHGB, disponíveis na Biblioteca do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

TABELA 2 – ALGUMAS CORRESPONDÊNCIAS DE NATUREZA NAS REVISTAS DO IHGB

Sócio do IHGB	Situação no IHGB	Ano de publicação e recuperação	Os animais, vegetais e minerais
Manoel José Pires da Silva Pontes	Sócio correspondente	1846	Remete ao IHGB uma coleção de minerais
José Ribeiro Fontes (1821-1912)	Sócio Comissão de estatutos e Redação (1º ou 2º secretário?)	1856	Os animais introduzidos pelos colonizadores
--	--	1876	Zoofonia
Manoel Ferreira Lagos	Sócio Comissão Científica	vários	Secção de Zoologia
Freire Allemão (1797-1874)	Sócio Comissão Científica Comissão de Arqueologia e Etnologia, 1848-1858 Missões Científicas de 1856, 1858 e 1861	vários	Árvores acclimatadas

Fonte: Seleção de documentos realizado pela autora a partir das revistas do IHGB, disponíveis na Biblioteca do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. (1839-1979)

TABELA 3 – ALGUMAS CORRESPONDÊNCIAS DE HISTÓRIA DAS VIAGENS: LEITURAS E LEMBRANÇAS

Sócio do IHGB	Situação no IHGB	Ano de publicação nas Atas	As viagens lidas ou a história das viagens
--	--	1840	Memória sobre o descobrimento do século X de Carlos Ranf
Emílio Joaquim da Silva Maia	Sócio fundador Comissão de História	1847	Itinerário manuscrito da Vila de...
Manoel Ferreira Lagos	Sócio fundador Várias funções	1849	Roteiro Chorographico da viagem que fez o Illm. E Exm. Sr. Martinho de Souza e Albuquerque, 1784
		1856	Elogio Histórico do astrônomo Antonio da Silva Pontes e de seu filho desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes
			Os viajantes estrangeiros no Brasil
Guilherme Capanema	Sócio Comissão Científica	1856	Viagem do doutor Burmeister
			Análise de alguns viajantes modernos
D. Pedro II	--	1860	História general de voyages (da biblioteca de Martius)
Sr. De Tsochwdi	--	1860	Breves informações sobre uma viagem à América do Sul nos annos de 1857-1858
			Sobre alguns phenomenos electricos nas cordilheiras da costa occidetal d'America, observados na Parayba do sul em 1857

Fonte: Seleção de documentos realizado pela autora a partir das revistas do IHGB, disponíveis na Biblioteca do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

TABELA 4 - OS PRINCIPAIS CARGOS, OS FUNDADORES E A 1ª GERAÇÃO

Ano	Presidente	1º VICE-PRESIDENTE	1º secretário	2º secretário	Orador
1839	José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de São Leopoldo)	Raymundo José da Cunha Cunha Mattos	Januário da Cunha Barbosa	Emílio Joaquim da Silva Maia	Pedro d'Alcantara Bellegarde
1840	J. F. Fernandes Pinheiro	C. J. Araújo Vianna	Januário C. Barbosa	Manoel Ferreira Lagos	Pedro de A. Bellegarde
1841	José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo)	Conselheiro Candido José de Araujo Vianna	Januário C. Barbosa	Manoel Ferreira Lagos	Dr. Diogo Soares da Silva de Bivar
1842	José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo)	Conselheiro Candido José de Araujo Vianna	Januário da Cunha Barbosa	Manoel Ferreira Lagos	Dr. Diogo Soares da Silva de Bivar
1843	José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo) Conselheiro	Conselheiro Candido José de Araujo Vianna	Januário da Cunha Barbosa	Manoel Ferreira Lagos	Dr. Diogo Soares da Silva de Bivar
1844	José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo)	Conselheiro Candido José de Araujo Vianna	Januário da Cunha Barbosa	Manoel Ferreira Lagos	Manoel de Araujo Porto Alegre
1845	José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo)	Conselheiro Candido José de Araujo Vianna	Januário da Cunha Barbosa	Manoel Ferreira Lagos	Manoel de Araujo Porto Alegre
1846	José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo)	Conselheiro Candido José de Araujo Vianna	Januário da Cunha Barbosa	Manoel Ferreira Lagos	Manoel de Araujo Porto Alegre
1847	José Feliciano Fernandes Pinheiro	Conselheiro Candido José de Araujo	Manoel Ferreira Lagos	Santiago Nunes Ribeiro	Manoel de Araujo Porto Alegre

	(Visconde de S. Leopoldo)	Vianna			
Ano	Presidente	1º VICE-PRESIDENTE	1º secretário	2º secretário	Orador
1848	Candido José de Araujo Vianna (desde 12/08/1847)	Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho	Manoel Ferreira Lagos (desde 08/03/1846)	Santiago Nunes Ribeiro (desde 08/03/1846)	Manoel de Araujo Porto Alegre
1849	Candido José de Araujo Vianna (desde 12/08/1847)	Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho	Manoel Ferreira Lagos (desde 08/03/1846)	Francisco de Paula Menezes	Manoel de Araujo Porto Alegre

Fonte: Levantamento realizado a partir de SANCHEZ, E. C. T. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX. Unicamp, Campinas/SP, 2003. (dissertação de mestrado).

TABELA 5 - PRINCIPAIS COMISSÕES NO IHGB E SEUS PARTICIPANTES

	Comissão de História	Comissão de Geografia	Comissão de Estatutos e Redação	Arqueologia e Etnologia
1839	Candido José Araújo Vianna (diretor) Antonio Alves da Silva Pinto Emílio Joaquim da Silva Maia	Raymundo José da Cunha Mattos (diretor) J. Silvestre Rebello Conrado Jacob Niemeyer	Januário da Cunha Barbosa (diretor) José Marcelino da Rocha Cabral Antonio J. Paiva Guedes	Existente a partir do ano de 1848
1840	C. J. Araújo Vianna (diretor) Rodrigo de Souza da Silva Pontes Thomaz José Pinto de Serqueira	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor) José Silvestre Rebello Lino Antonio Rebello	Januário da Cunha Barbosa (diretor) A. J. Paiva Guedes J. M. da Rocha Cabral	
1841	Candido José de Araujo Vianna (diretor) Rodrigo de Sousa da Silva Pontes Thomaz José Pinto de Serqueira	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor) Pedro de Alcântara Bellegarde José Silvestre Rebello	Januário da Cunha Barbosa (diretor) Antonio José de Paiva Guedes de Andrada José Marcelino da Rocha Cabral	
1842	Candido José de Araujo Vianna (diretor) Rodrigo de Sousa da Silva Pontes Thomaz José Pinto de Serqueira	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor) José Silvestre Rebello Duarte da Ponte Ribeiro	Januário da Cunha Barbosa (diretor) Antonio José de Paiva Guedes de Andrade Felizardo Pinheiro de Campos	
1843	Candido José de Araujo Vianna (diretor) Rodrigo de Sousa da Silva Pontes Thomaz José Pinto de Serqueira João Antonio de Miranda	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor) Francisco José de Sousa Soares de Andréa José Silvestre Rebello José Joaquim Machado de Oliveira	Januário da Cunha Barbosa (diretor) Antonio José de Paiva Guedes de Andrade Euzebio de Queiroz Coutinho Matoso Camara	

	Comissão de História	Comissão de Geografia	Comissão de Estatutos e Redação	Arqueologia e Etnologia
1844	Candido José de Araujo Vianna (diretor) Rodrigo de Sousa da Silva Pontes Thomaz José Pinto de Serqueira João Antonio de Miranda	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor) Francisco José de Sousa Soares de Andréa José Silvestre Rebello José Antonio Lisboa	Januário da Cunha Barbosa (diretor) Antonio José de Paiva Guedes de Andrade Euzebio de Queiroz Coutinho Matoso Camara	
1845	Candido José de Araujo Vianna (diretor)	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor)	Januário da Cunha Barbosa (diretor)	
1846	Candido José de Araujo Vianna (diretor)	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor)	Januário da Cunha Barbosa (diretor)	
1847	Candido José de Araujo Vianna (diretor)	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor)	Manoel Ferreira Lagos (diretor)	
Comissão de Arqueologia e Etnologia				
1848	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor) Domingos José Gonçalves de Magalhães Francisco de Paula Pedro de Alcântara Menezes Ludgero da Rocha Ferreira Lapa	Candido Baptista de Oliveira (diretor) José Antonio Lisboa Duarte da Ponte Ribeiro Francisco de Paula Pedro de Alcântara Bellegarde	Manoel Ferreira Lagos (diretor) Rodrigo de S. José João Antonio de Miranda José de Paiva Magalhães Calvet	Manoel de Araújo Porto Alegre (diretor) Francisco Freire Allemão José Joaquim Machado de Oliveira Joaquim Caetano da Silva
1849	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor)	Candido Baptista de Oliveira (diretor)	Manoel Ferreira Lagos (diretor)	Manoel de Araújo Porto Alegre (diretor)
1850	--	--	--	--
Novos Estatutos de 1851				
1851	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor)	Candido Baptista de Oliveira (diretor)	Manoel Ferreira Lagos (diretor)	Manoel de Araújo Porto Alegre (diretor)

	Comissão de História	Comissão de Geografia	Comissão de Estatutos e Redação	Arqueologia e Etnologia
1852	Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (diretor)	Candido Baptista de Oliveira (diretor)	Manoel Ferreira Lagos (diretor)	Manoel de Araújo Porto Alegre (diretor)
1853	Barão de Cayrú Joaquim Norberto de Souza Silva Claudio Luiz da Costa	Jozé Antonio Pimenta Caetano Maria Lopes Gama Duarte da Ponte Ribeiro	Thomaz Gomes dos Santos Jozé Ribeiro de Souza Fontes Antonio Alvares Pereira Coruja	Manoel de Araújo Porto Alegre Antonio Gonçalves Dias Francisco Freire Allemão
Comissão de pesquisa e revisão de manuscritos, além de comissões subsidiárias dos trabalhos históricos e geográficos.				
1854	Joaquim Norberto de Souza Silva Claudio Luiz da Costa Barão de Cayrú	Caetano Maria Lopes Gama Jozé Antonio Pimenta Bueno Duarte da Ponte Ribeiro	Thomaz Gomes dos Santos Jozé Ribeiro de Souza Fontes Antonio Alvares Pereira Coruja	Manoel de Araújo Porto Alegre Antonio Gonçalves Dias Francisco Freire Allemão
1855	Souza Franco Marquez de Abrantes Joaquim Norberto de Souza Silva	Jozé Antonio Pimenta Bueno Visconde de Maranguape Duarte da Ponte Ribeiro	Thomaz Gomes dos Santos Antonio Alvares Pereira Coruja Jozé Ribeiro de Souza Fontes	Claudio Luiz da Costa Manoel de Araújo Porto Alegre Francisco Freire Allemão
1856	Marquez d'Abrantes João Francisco Lisboa Visconde de Maranguape	Jeronimo Francisco Coelho Antonio Manoel de Mello Ricardo Gomes Jardim	Thomaz Gomes dos Santos Jozé Ribeiro de Souza Fontes Emilio Joaquim da Silva Maia	Antonio Manoel de Mello Jozé Ribeiro de Souza Fontes Francisco Freire Allemão
1857	Marquez d'Abrantes Visconde de Maranguape Antonio Pereira Pinto	Jeronimo Francisco Coelho Antonio Manoel de Mello Ricardo José Gomes Jardim	Thomaz Gomes dos Santos José Ribeiro de Souza Fontes Emilio Joaquim da Silva Maia	Antonio Manoel de Mello Francisco Freire Allemão Claudio Luiz da Costa
1858	Marquez de Abrantes Marquez de Mont'Alegre Bernardo de Souza Franco	Jeronimo Francisco Coelho Antonio Manoel de Mello Ricardo José Gomes Jardim	Thomaz Gomes dos Santos José Ribeiro de Souza Fontes Antonio Alvares Pereira Coruja	Antonio Manoel de Mello Francisco Freire Allemão Claudio Luiz da Costa

	Comissão de História	Comissão de Geografia	Comissão de Estatutos e Redação	Arqueologia e Etnologia
1859	Marquez de Abrantes Marquez de Mont' Alegre Bernardo de Souza Franco	Jeronimo Francisco Coelho Antonio Manoel de Mello Ricardo José Gomes Jardim	José Mauricio Fernandes de Barros Josino do Nascimento e Silva Thomaz Gomes dos Santos	Manoel de Araujo Porto-Alegre Antonio Manoel de Mello Claudio Luiz da Costa
1860	Marquez de Mont' Alegre Marquez de Abrantes Visconde de Maranguape	Pedro de Alcantara Bellegarde Antonio Manoel de Mello Conrado Jacob de Niemeyer	Luiz Pedreira do Couto Ferraz Thomaz Gomes dos Santos José Mauricio Fernandes Pereira de Barros	Jeronimo Francisco Coelho Candido de Azeredo Coutinho Antonio Diodoro de Pascoal
1861	Marquez de Abrantes Visconde de Maranguape Claudio Luiz da Costa	Pedro de Alcantara Bellegarde Antonio Manoel de Mello Conrado Jacob de Niemeyer	Luiz Pedreira do Couto Ferraz Thomaz Gomes dos Santos José Mauricio Fernandes Pereira de Barros	Candido de Azeredo Coutinho Antonio Nunes de Aguiar Antonio Maria de Miranda Castro
1862	Antonio Gonçalves Dias Joaquim Norberto de Sousa e Silva Joaquim Manoel de Macedo	Pedro de Alcantara Bellegarde Henrique de Beaurepaire Rohan Guilherme Shuch de Capanema	Luiz Pedreira do Couto Ferraz Thomaz Gomes dos Santos José Mauricio Fernandes Pereira de Barros	Francisco Freire Allemão Marquez de Abrantes Visconde de Maranguape
1863	Joaquim Norberto de Sousa e Silva Joaquim Manoel de Macedo Caetano Alves de Sousa Filgueiras	Pedro de Alcantara Bellegarde Henrique de Beaurepaire Rohan Guilherme Shuch de Capanema	Luiz Pedreira do Couto Ferraz Thomaz Gomes dos Santos José Mauricio Fernandes Pereira de Barros	Francisco Freire Allemão Claudio Luiz da Costa Antonio Manoel de Mello
1864	Joaquim Norberto de Sousa e Silva Joaquim Manoel de Macedo Caetano Alves de Sousa Filgueiras	Henrique de Beaurepaire Rohan Guilherme Shuch de Capanema Braz da Costa Rubim	Luiz Pedreira do Couto Ferraz José Mauricio Fernandes Pereira de Barros José Martins Pereira de Alencastro	Francisco Freire Allemão Claudio Luiz da Costa Felizardo Pinheiro de Campos

	Comissão de História	Comissão de Geografia	Comissão de Estatutos e Redação	Arqueologia e Etnologia
1865	Joaquim Caetano da Silva Caetano Alves de Sousa Filgueiras Francisco Ignacio M. Homem de Mello	Thomaz Pompeo de Sousa Brasil Ricardo José Gomes Jardim Guilherme Shuch de Capanema	Luiz Pedreira do Couto Ferraz Antonio Manoel de Mello José Mauricio Fernandes Pereira de Barros	Candido Baptista de Oliveira Francisco Freire Allemão Claudio Luiz da Costa
1866	Joaquim Norberto de Sousa e Silva Joaquim Manoel de Macedo Caetano Alves de Sousa Filgueiras	Thomaz Pompeo de Sousa Brasil Ricardo José Gomes Jardim Guilherme Shuch de Capanema	Luiz Pedreira do Couto Ferraz Thomaz Gomes dos Santos José Mauricio Fernandes Pereira de Barros	Henrique de Beaurepaire Rohan Francisco Freire Allemão Ricardo José Gomes Jardim
1867	Joaquim Manoel de Macedo João Manoel Pereira da Silva Francisco Ignacio M. Homem de Mello	Ricardo José Gomes Jardim Henrique de Beaurepaire Rohan Thomaz Pompeo de Sousa Brasil	Luiz Pedreira do Couto Ferraz Thomaz Gomes dos Santos Francisco Balthazar da Silveira	Francisco Freire Allemão Miguel Antonio da Silva José de Saldanha da Gama Filho
1868	Joaquim Manoel de Macedo José Martins Pereira de Alencastre Braz da Costa Rubim	Henrique de Beaurepaire Rohan Epiphany Candido de Sousa Pitanga Pedro Torquato Xavier de Brito	Luiz P. do Couto Ferraz (Bar. do Bom Retiro) Francisco Balthazar da Silveira José Mauricio Fernandes Pereira de Barros	Francisco Freire Allemão Claudio Luiz da Costa Miguel Antonio da Silva
1869	Joaquim Manoel de Macedo Joaquim Norberto de Sousa e Silva Agostinho Marques Perdigão Malheiro	Henrique de Beaurepaire Rohan Ricardo José Gomes Jardim Guilherme Shuch de Capanema	Luiz P. do Couto Ferraz (Bar. do Bom Retiro) Francisco Balthazar da Silveira Antonio Alvares Pereira Coruja	Francisco Freire Allemão Claudio Luiz da Costa Miguel Antonio da Silva
1870	Joaquim Norberto de Sousa e Silva Joaquim Manoel de Macedo Agostinho Marques Perdigão Malheiro	Henrique de Beaurepaire Rohan Guilherme Shuch de Capanema Ricardo José Gomes Jardim	Luiz P. do Couto Ferraz (Bar. do Bom Retiro) Francisco Balthazar da Silveira Francisco Freire Allemão	Francisco Freire Allemão Duarte da Ponte Ribeiro Miguel Antonio da Silva

	Comissão de História	Comissão de Geografia	Comissão de Estatutos e Redação	Arqueologia e Etnologia
1871	Joaquim Norberto de Sousa e Silva Joaquim Manoel de Macedo Agostinho Marques Perdigão Malheiro	Henrique de Beaurepaire Rohan Guilherme Shuch de Capanema Ricardo José Gomes Jardim	Luiz P. do Couto Ferraz (Bar. do Bom Retiro) Francisco Freire Allemão Francisco Balthazar da Silveira	Francisco Freire Allemão Miguel Antonio da Silva Braz da Costa Rubim
1872	Joaquim Norberto de Sousa e Silva Joaquim Manoel de Macedo Cesar Augusto Marques	Candido Mendes de Almeida Guilherme Shuch de Capanema Ricardo José Gomes Jardim	Francisco Balthazar da Silveira Olegario Herculano de Aquino e Castro Joaquim Antonio Pinto Junior	Manoel Duarte Moreira de Azevedo Filippe Lopes Netto Ladisláo de Sousa Mello e Netto
1873	Joaquim Manoel de Macedo Joaquim Norberto de Sousa e Silva Francisco Ignacio M. Homem de Mello	Candido Mendes de Almeida José Saldanha da Gama Guilherme Shuch de Capanema	Francisco Balthazar da Silveira Olegario Herculano de Aquino e Castro Joaquim Antonio Pinto Junior	Manoel Duarte Moreira de Azevedo Ladisláo de Sousa Mello e Netto Benjamin Franklin Ramiz Galvão
1874	Francisco Ignacio M. Homem de Mello José Maria da Silva Paranhos Joaquim Antonio Pinto Junior	José de Saldanha da Gama Pedro Torquato Xavier de Brito Alfredo d'Escragnolle Taunay	Agostinho Marques Perdigão Malheiro Antonio Pereira Pinto Joaquim Antonio Pinto Junior	José Vieira Couto de Magalhães Ladisláo de Sousa Mello e Netto Miguel Antonio da Silva
1875	Francisco Ignacio M. Homem de Mello José Tito Nabuco de Araújo José Maria da Silva Paranhos	Barão da Ponte Ribeiro Candido Mendes de Almeida Guilherme Shuch de Capanema	Agostinho Marques Perdigão Malheiro Antonio Pereira Pinto Joaquim Antonio Pinto Junior	José Vieira Couto de Magalhães Ladisláo de Sousa Mello Netto Nicoláo Joaquim Moreira
1876	Cesar Augusto Marques José Maria da Silva Paranhos Rosendo Muniz Barreto	Candido Mendes de Almeida Barão da Ponte Ribeiro Guilherme Shuch de Capanema	Antonio Pereira Pinto Agostinho Marques Perdigão Malheiro Joaquim Antonio Pinto Junior	José Vieira Couto de Magalhães Ladisláo de Sousa Mello Netto Miguel Antonio da Silva

	Comissão de História	Comissão de Geografia	Comissão de Estatutos e Redação	Arqueologia e Etnologia
1877	Olegário Herculano de Aquino e Castro José Tito Nabuco de Araújo Filippe Lopes Netto	Candido Mendes de Almeida Henrique de Beaurepaire Rohan Cesar Augusto Marques	Olegário Herculano de Aquino e Castro Joaquim Antonio Pinto Junior Tristão de Alencar Araripe	José Vieira Couto de Magalhães Ladisláo de Sousa Mello Netto Nicoláo Joaquim Moreira
1878	Olegário Herculano de Aquino e Castro Cesar Augusto Marques Antonio Henriques Leal	Candido Mendes de Almeida Henrique de Beaurepaire Rohan Guilherme Schuch de Capanema	Olegário Herculano de Aquino e Castro Joaquim Antonio Pinto Junior Manoel Jesuino Ferreira	José Vieira Couto de Magalhães Ladisláo de Sousa Mello Netto Nicoláo Joaquim Moreira
1879	Olegário Herculano de Aquino e Castro Cesar Augusto Marques Luiz Francisco da Veiga	Candido Mendes de Almeida Henrique de Beaurepaire Rohan Guilherme Schuch de Capanema	Olegário Herculano de Aquino e Castro Barão Homem de Mello Manoel Jesuino Ferreira	José Vieira Couto de Magalhães Ladisláo de Sousa Mello Netto Nicoláo Joaquim Moreira

Fonte: Sistematização a partir de SANCHEZ, Edney Christian Thomás. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX. Unicamp, Campinas/SP, 2003. (dissertação de mestrado).

DOCUMENTO – UMA HISTÓRIA DE ANIMAIS

REVISTA
do
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL
Tomo XIX – 4.º Trimestre de 1856. – N. 24

QUAES FORAM OS ANIMAES
introduzidos na América pelos conquistadores?

Memoria lida a augusta presença de Sua Magestade Imperial pelo socio
correspondente o sr. Doutor JOSÉ RIBEIRO FONTES

PRÓLOGO

Senhores, - Muito mais difficil de que à primeira vista me pareceu foi o ponto que me coube para averiguar ainda que so pelo seu enunciado difficilimo o julguei. Além de lutar com uma matéria para mim estranha, pois que so ao estudo da medicina e especialmente da cirurgia me tenho dado, tive carencia de fontes onde fôsse beber os dados para elucidação de uma questão tam séria. Tive de muito ler e pouco achei que me pudesse servir para o fim desejado.

Todos sabemos quanto sam estereis as paginas da historia d’America a tal respeito, e todos concordarão commigo, que os homens do tempo das conquistas d’este novo mundo, mais se importaram com a exportação das riquezas ahi encontradas do que com nos deixarem vestigios de seus feitos que hoje nos podessem servir de fio pelo qual guiando-nos sahissemos do labyrintho em que nos achamos. Não duvido, antes pelo contrario acredito que para talentos mesmo de regular esphera nada d’isto serviria de paradeiro, mas para mim, que mesquinho sou, tudo foram tropeços que não direi que com difficuldades venci, mas sim que a cada passo encontrei.

Bem sabeis que para intelligencias curtas tudo são mysterios, tudo são maravilhas impenetraveis.

Descriminar quaes os animaes que pelos conquistadores foram introduzidos na América é difficil; fazêl-o por maneira que se possa chamar um trabalho digno de ser diante de tam illustrado auditorio apresentado difficilimo; regularisal-o, authenticar-o de tal sorte que valha merecer a gloria de occupar as paginas da nossa revista é para mim impossivel, e de certo desanimaria si não visse que os trabalhos d’esta natureza ainda mesmo imperfeitos, sam de utilidade porque despertam o desejo de averiguação, e d’ahi nasce a verdade, para descoberta da qual vos afianço que envidei todas as minhas forças, porém debalde, porque produziam o que ides ver e não o que devêra ser.

Sem entrarmos nas differentes questões da formação da terra, nem nas de sua povoação, por isso que além de longas e litigiosas nada adiantam o objecto que temos de tratar, passaremos a examinar as opiniões dos naturalistas e

historiadores afim de colhermos dados que nos possam servir; tanto mais quanto pelo enunciado da questão devemos concluir que unicamente é nosso objecto tratar dos animaes que foram introduzidos na America pelos conquistadores.

Para guardarmos, porém, alguma ordem no nosso trabalho o dividiremos em duas partes: na primeira, trataremos de provar em geral que os animaes importados foram os domesticos, e na segunda fallaremos de cada um d'elles em particular, mostrando as provas que tivemos para dal-os como taes, e n'esta apresentação seguiremos a ordem em que elles se acham descriptos na historia natural de Cuvier, dispensando-nos de classificar cada uma especie, por isso que impossivel seria fazêl-o. Todos sabemos a difficuldade que ha em descriminar as especies dos animaes, e muito maior seria si quizessemos fazêl-o n'aquellas que foram importadas pelos conquistadores.

Quaes os animaes introduzidos na America pelos conquistadores?

PRIMEIRA PARTE

De accordo com Herrera, Torrente, Simão em suas chronicas e outros muitos, está Buffon que diz: << Os animaes do novo mundo eram tam desconhecidos para os Europeus como os nossos animaes o eram para os Americanos. >> claro está que os animaes do antigo continente ahi existentes foram importados.

Si ainda repararmos que depois de enumerar todos os animaes domesticos de varios povos diz o mesmo naturalista que é verdade que de todas as especies tornadas domesticas no antigo continente, nem uma existia na America, ainda chegaremos à mesma conclusão.

Si além d'isto compulsarmos o que diz Pedro Simão na primeira parte das noticias historicas das conquistas da terra firme nas Indias Occidentaes, veremos o seguinte: << É cousa digna de consideração que achando-se n'estas Indias muitos animaes bravos como tigres, leões, ossas, zorras, e outros e outras de pouco ou nem um proveito para os homens e difficultosos de vir a estas terras e de serem trazidos pelos homens desde onde parou a arca de Noé não se acharam na nossa terra firme de maneira alguma, nem na Nova Hespanha nem nas ilhas, cavallo, burro, camello, dromedario, elephante, vacca, nem outro algum animal de carga, apezar de ser tam facil de serem levados ou trazidos a todas as partes e de tanto proveito para os serviços dos proprios homens: porque as ovelhas e carneiros do peru, ainda que os carreguem agora com alguma pequena carga, penso que é isso devido à industria dos hespanhoes: porque antes todos os índios carregavam em seus hombros tudo de que tinham necessidade, etc. etc. >> Continúa Pedro Simão explicando a não existencia dos animaes domesticos ahi pelo castigo divino contra a tribu de Isachar etc.etc., mas como quer que se explique o que é facto é que d'essas mesmas palavras se deve deprehender que a não existencia dos animaes domesticos europeus na América real antes de suas conquistas e que entretanto animaes haviam ferozes que si não eram ao menos pareciam-se com os que diz que ahi foram achados, e que julga admiravel que os homens os trouxessem da Asia esquecendo-se dos domesticos.

À mesma conclusão chegaremos si nos fundarmos no que diz Simão de Vasconcellos na *Chronica da companhia de Jesus*, pag. 45, cap. 71, fallando das mattas e montanhas do Brazil: <<Estas estranhas apparencias, viram os exploradores somente, e so com ellas ficaram admirados: que fariam si vissem seus interiores? Si penetraram aquellas mattas solitárias, e viram a multidão de feras que por ali se criam isentas das traições da gente humana? Cansariam de contar suas especies somente: umas viriam de animaes nocivos, tigres, onças, gatos sylvestres, serpentes, cobras, crocodilos, raposas. Outros animaes de caça, antas, veados, porcos montezez e aquarios, pacas, tatús, tamandoás, lebres e coelhos, e estes de cinco ou seis especies. Outras animaes de gósto e recreação, monos, macacos, bugios, saguis, preguiças e cotias e outras espécies de canto. Veriam aves mais formosas que se encontram em alguma outra parte do mundo. So seus nomes sem outras descripções lhes gastaria muito papel: admiraveis em variedade, pennas, cores e formosura.>>

Ora, é natural que este historiador que foi tam minucioso em enumerar os diversos animaes ahi encontrados não se esquecesse de apontar tambem algum ou alguns dos domésticos si ahi fossem achados; mas elle não o fez, e por tudo o que levamos dito concluiremos que os animaes domesticos existentes na America foram importados pelos Europeus seus conquistadores.

Quanto aos não domésticos, é verdade que Montfalcon diz que os tigres e os leões foram transportados da Africa para a América assim como os cavallos e bois o foram da Europa.

Ora, que estes ultimos pela necessidade de que d'elles tinham os Europeus para varios usos fossem trazidos, bem; mas os leões e tigres? Qual seria o motivo que os faria ter em sua companhia tam maus companheiros, para que os trariam para um paiz para onde elles so levavam objectos de utilidade e não de destruição como da historia se vê?

Será crível que so por motivos de caçadas como alguém quer se arriscassem a tanto?

Não o cremos, nem mesmo era possível passar isso pela lembrança d'esses homens, que, por muito dados que fossem a esse divertimento, não lhe faltariam feras com que se entretivessem para que se dessem a semelhante trabalho e risco, tanto mais quanto não podendo os Europeus tirar vantagem alguma de trazerem em sua companhia animaes não domesticos, e sendo-lhes na maioria dos casos impossível apoderarem-se d'elles, muito mais o seria entam quando esses povos se cuidavam em descobrir terras e d'ellas se apossarem em nome de soberanos para honra e gloria da patria como aconteceu. Impossível seria portanto que elles trouxessem outros animaes além d'aquelles domésticos dos quaes faziam suas provisões para as viagens. Dos não domesticos so traziam os que bem a seu pezar viviam em sua companhia como prova da historia onde se vê que dos primeiros haviam lançado mão não so para suas provisões como para o estabelecimento de colônias, e que pelos segundos se viram inesperadamente perseguidos por se tornarem inimigos terriveis pela destruição que causavam nos seus primeiros estabelecimentos.

Que foram os animaes domésticos os que os conquistadores trouxeram comsigo, prova-se pela historia das primeiras viagens á America. Na segunda de

Colombo a este novo mundo elle trouxe além de mil e quinhentos homens, cavallos, asnos, bois, cabras, ovelhas e porcos, animaes que ahi se reproduziam copiosamente. Isto parece ter sido sustentado por todos os historiadores.

Cantu, *historia universal*, edição de 1847, pag. 89 diz em abono do que acabamos de avançar o seguinte: << Pensava-se em levar adiante as conquistas começadas. Os impostos lançados sobre os Judeus e os Mouros assim como os arsenais tirados d'estes ultimos forneciam o necessario para as despesas da nova expedição. Colombo feito de vella, cheio de gloria e de confiança, levando comsigo víveres e utensís de artes e officios, raízes e sementes, tambem levou cavallos, e outros animaes domesticos. Uma multidão de gente queria tomar parte n'esta outra cruzada cuja terra promettida era a India; mas por curiosidade, outros pelo amor da novidade ou de gloria, e para exercerem n'esses lugares uma actividade que não achava alimento em suas patrias depois da tomada de Granada. D'entre elles escolheram-se mil: porém muitos voluntarios partiram á sua custa, o que fez que o numero total subisse a mil e quinhentos; puzeram-se em marcha em grandes galas, anciosos, cheios de alegria e esperança. Nas Canarias tomaram-se sementes de laranjeiras, limoeiros, vergamota e outros fructos: vaccas, cabras, carneiros e porcos, animaes estes que para o futuro se propagaram extraordinariamente sobre as novas terras.

Prichard na sua *Historia natural do homem*, edição de Paris de 1843, pag. 38, diz que os animaes que foram transportados para a America pelos Hespanhoes foram: o porco, o cavallo, o asno, o carneiro, a cabra, a vacca, o cão, o gato e algumas aves domesticas.

Dom Felix Azara em sua obra intitulada *Recherches sur le Paraguay*, Rolin em sua memoria apresentada á academia das sciencias do instituto de França, sam ainda compartilhadores d'esta mesma opinião.

Acreditamos portanto que os animaes domésticos sam os que foram introduzidos na America pelos conquistadores e que além d'esses outros não domesticos mas que viviam em companhia dos homens tambem o foram, quero fallar dos ratos. Si folheando agora as paginas da historia da America e da historia natural, pudermos provar que os animaes importados pelos conquistadores foram os cães, gatos, ratos, porcos, cavallos, asnos, bois, cabras, carneiros e gallinhas, julgamos que temos, si bem que muito mal, cumprido a nossa missão.

SEGUNDA PARTE

Passar a mostrar em que nos fundamos para admittir como importadas cada uma das especies de que temos fallado, é o que nos propomos a fazer n'esta segunda parte.

CÃES. Todos os historiadores estão concordes que o unico animal semelhante ao cão que existia n'America antes das conquistas era o alço, especie de cão domestico que vivia entre os povos Chileno e Peruano; entretanto nem-um se occupou em dar noticias da existencia dos cães entre esses povos. Que elles ahi não existiam, varias passagens da historia o fazem crer, assim como tambem

que logo que para esse continente foram trazidos reproduziram-se abundantemente.

Si é certo o que diz Buffon, que nem-um animal domestico existia n' America quando foi descoberta como existiriam ahi os cães? – Si os cães fossem indigenas d' America, seriam notados desde as primeiras viagens como foi o alço; tanto isto é assim que d' este fallam os historiadores e naturalistas como a especie mais semelhante a dos cães. Seria possível que os Europeus apesar de encontrar cães n' America, d' elles não dessem noticia alguma e nem colhessem as vantagens a que estavam habituados? É por venturaa tam pequeno o préstimo d' este animal? Não sabemos que o cão, companheiro inseparavel do homem, lhe presta tantos serviços que fez dizer ao mesmo Buffon: << O que seria dos homens si não fossem os cães? >> Sem elles não assenhorar-se-hiam nem domesticariam animal algum? Não são portanto os cães indigenas d' America, e si o fossem d' elles se não teriam esquecido os historiadores em suas narrações. Pelo contrario provas ha que junctas ao silencio de alguns viajantes nos devem fazer insistir na opinião que acabamos de avançar.

Fallando da inclinação dos cães para a caça, é Buffon de opinião, que nos paizes desertos e logares despovoados onde ha cães selvagens elles não differem dos lobos por seus costumes se não pela facilidade, que se encontra em aprisional-os, que n' America esses cães são de raça antigamente domesticas para ahi transportadas da Europa, tendo sido ahi esquecidos ou abandonados n' esses desertos, onde se multiplicaram a ponto de atacarem em tropas ao gado e aos homens. Fallando dom Felix Azara nas suas viagens dos cães que guardam os rebanhos nas Campinas do sul, diz que esses animaes são descendentes dos domesticos transportados da Hespanha.

Que os Hespanhoes tendo querido destruir as cabras haviam deixado no mar do sul e Ilha de João Fernandes, para que não pudessem servir aos corsários haviam ahi soltado cães, nos refere a historia.

Que os Portuguezes faziam guerra aos indigenas do Brazil a ferro, fogo e com cães, nos ensina malte-Brun no seu tratado de geographia, entretanto que esses povos so tinham para defender-se as suas setas e massa. Ora, si os cães fossem indigenas d' America os indios não os temeriam tanto e saberiam melhor resistir-lhes para não se deixarem ficar na triste posição de feras pelos homens acossadas. Talvez que, si desde entã fosse a conducta de nossos conquistadores, outra tivesse sido a sorte d' esses povos. Talvez que si e logar de tam bárbaros meios como os então empregados, outros se tivessem prodigalisado como na Florida aconteceu, ja tirasse d' esses homens mais vantagens do que ainda hoje tiramos.

Que entre as differentes raças de cães, nem-uma se encontra que pertença á America, nol-o affirmam todos os naturalistas e d' esse numero é Cuvier.

Que naturalmente entre esses mil e quinhentos homens que com Colombo se embarcaram para a America, alguns deviam ter levado em sua companhia cães pelo menos entre os maritimos, pois que, como se sabe, é costume velho existirem a bordo animaes d' esta especie para servirem de vigia, nós o cremos.

Si de outra parte nos lembrarmos que esses homens tiveram de guardar os seus primeiros estabelecimentos dos Indios do paiz e das feras ahi existentes, e que nem-uma outra guarda mais fiel nem vigilante podiam ter que não fossem os

cães, devemos crer que essa fosse a ocasião primeira da importação d'este animal no novo mundo.

GATOS. É originario das nossas florestas da Europa, diz Cuvier. Por este simples enunciado tam terminante, parece-nos que não é o gato do numero dos animaes indigenas americanos. Assim acreditariamos si uma outra auctoridade não menos valiosa não se pronunciasse contra. Fallando dos caracteres dos gatos silvestre a domestico, diz Buffon, que o testemunho dos viajantes prova, que a especie dos silvestres que existe na Europa é commum a todos os climas, e que esses animaes ja existiam na America antes da visita de seus primeiros conquistadores. Quer o mesmo naturalista que o gato domestico não seja outra cousa que o silvestre, modificado pela domesticidade, por isso que produzem regularmente. Deveremos concluir d'ahi que os gatos não foram importados na America e sim ahi domesticados? Vejamos as razões que temos pro e contra para nos decidir.

O testemunho dos viajantes leigos de então despidos dos conhecimentos necessários da historia natural não pode valer para nos fazer crer que esses animaes fossem verdadeiros gatos silvestres iguaes aos da Europa. Si attendermos que chamaram perdizes às perdizes de Minas, que nada tem de similhaça com as da Europa e que é especie muito diversa; si nos lembrarmos que como estes muitos outros nomes se deram a animaes indigenas hoje reconhecidos inteiramente differentes dos da Europa, devemos concluir que se ia dando aos animaes que encontravam, e que alguma similhaça tinham com os que lhe eram conhecidos os nomes d'esses e não que essas mesmas especies aqui fossem encontradas. É verdade que Buffon fallando dos gatos silvestres e domestico, diz que é uma so especie, mas entretanto elles lhes assigna caracteres diversos' elle mesmo diz que o gato silvestre é de côr differente; tem a cabeça maior, o pello mais basto, etc., do que o domestico. Não ignoramos a caçada do marinheiro de Colombo. Não nos é desconhecido que no Brazil os gatos montezes foram achados segundo o testemunho de varios historiadores. Mas si por um aparte tudo nos affirma a existencia dos gatos silvestres na America antes de suas conquistas, por outra tudo nos nega a existência dos domesticos.

Para provarmos que não existiam gatos domesticos na America, basta lembrarmo-nos que ahi não encontraram os ratos outros inimigos senão as grandes cobras, que assim com o diz Buffon, os enguliam inteiros. Dir-nos-hão, talvez fossem os que ahi existiam que se domesticaram, e não os importados da Europa. Não deixamos de conhecer que é mui melindroso decidirmos a questão, tanto mais quanto a tal respeito pouco se sabe; entretanto vejamos si razões haviam e possibilidades para serem domesticados ahi antes do que importados.

O gato, que é um domestico infiel, que so o possuimos para oppô-lo a outro inimigo ainda peor, e que sem elle o não podiamos lançar fóra de nossa moradas, de malicia innata, perverso por natureza, falso e traidor, qualidades estas que a idade lhe augmenta, e que a domesticidade apenas lhe faz diminuir, incapaz de perfeita educação, o que fez dizer a Buffon, que estas qualidades lhe dá, que era elle a transição dos domesticos em um paiz aonde não haviam ratos, unicos objectos que os tornariam necessarios. Por mera curiosidade de certo que não. Porém depois que os ratos ahi appareceram a necessidade obrigar a educal-os? Ainda não o cremos. Todos sabemos quão difficil senão impossivel é ainda hoje

domesticar um dos nossos gatos montezez. Pela nossa parte so os temos visto mortos e tem-se-nos dito que com difficuldades se podem caçar, não nos consta que ainda hoje ninguem os tenha em suas casas, entretanto que bem perto de nossos povoados elles existem; ora si isto hoje é assim, como admittir que em eras remotas houvesse possibilidades em domesticar-os? Como admittir que, homens que se deviam occupar com outras cousas, que homens que cuidavam principalmente em colher ouro e os preciosos vegetaes do Brazil, se dessem ao enfadonho trabalho de educar um animal como esse?

Quando os ratos se constituiram o flagello dos primeiros estabelecimentos não encontraram outros inimigos senão as grandes cobras como acima dissemos, e então ainda elles não foram perseguidos pelos gatos, e é natural que n'essa occasião a necessidade fizesse lembrar a utilidade d'estes ultimos, e é mais natural ainda que tratassem de importar os ja domesticados antes do que domesticar os montezez por ser muito mais difficil. É bem verdade que bem pouco sabemos a respeito da importação dos gatos na America, mas Du Tertre diz que na Antilhas havia um grande numero de gatos para ahi trazidos pelos Hespanhoes: à vista do que temos exposto julgamo-nos com direito de concluir que estes animaes foram do numero dos importados.

Depois dos gatos trata Couvier dos ratos, e segundo a nossa promessa, assim o faremos tambem. Passaremos portanto agora a tratar de uma das espécies mais perigosas no nosso paiz.

RATOS. – Buffon crê que a especie inteira com todas as suas variedades são originarios dos climas temperados da Europa, d'onde se tem espalhado mais para os climas quentes que para os frios. Crê que na América elles não existiam antes das conquistas e que os que ahi existem sam descendentes dos que se desembarcaram com os Europeus seus conquistadores: diz que elles ahi se multiplicaram tam prodigiosamente que por muito tempo constituíram o flagello das primeiras colonias, onde so tinham por inimigos as cobras que os engoliam vivos. Que os navios os levaram também às Indias orientaes, e a todas as ilhas do archipelago indiano. Que para o norte elles não se multiplicaram além da Suecia; e que o que se chama ratos na Noruega, e na Laponia etc. sam animaes muito differentes dos ratos propriamente ditos.

Couvier porém parece divergir d'essa opinião; elle dá aos ratos diversas pátrias segundo suas variedades. Dividindo os ratos propriamente ditos em tres espécies, elle diz: << o ratinho é conhecido de todos e em todos os tempos. >> O rato penetrou em França na idade média. O ratazana appareceu em França no decimo oitavo seculo. Estas duas especies, diz elle, serem originarias do Oriente. A Tartaria oriental, a India, seu archipelago, etc. ainda sam para elle patrias de ratos, entretanto que a America so a aponta como mãe do rato almiscarado, pelori das Antilhas.

Buffon, que no seu t. 15 pag. 379 diz que, como já o fizemos ver, os ratos eram desconhecidos na América, e que para ali haviam sido levados pelos navios, elle que na mesma pagina ennumerando os animaes do antigo continente diz que na America não se encontraram ratos nem ratinhos, em paginas 293 fallando dos animaes communs dos sous continentes, diz que o rato almiscarado, os ratos propriamente ditos etc. etc., sam especies que se poderiam encarar como

pertencentes a ambos os continentes, ainda que em todos estes generos não ha especie alguma que seja perfeitamente semelhante na America às da Europa, e sente-se, diz o naturalista, que é bem difficil, para não dizer impossivel, asseverar-se si sam realmente espécies diferentes ou somente variedades de uma mesma espécie que não se tem tornado constante sinão pela influencia do clima. Si bem que Azara não seja mui explicito sobre este objecto, comtudo, fallando d'estes animaes, enumera muitas espécies, conta de cada uma altos feitos, admira os subterraneos por elles cavados etc. etc., e tudo de maneira tal que faz crer na falta de animaes originários da America. N'este estado de duvida bem difficil me parece decidir fiundadamente si sam ou não indigenas, entretanto nos inclinamos à opinião de Buffon porque nos parece mais razoavel. É verdade que hoje uma espécie existe a que se tem dado o nome de rato de Paquetá, mas que nos affirmará ser esta um anova espécie aqui já existente ou uma modificação proveniente do cruzamento de varias espécies que se foram importando pouco a pouco, tanto mais quanto sabemos que no principio ninguem estudou o objecto, e que so no fim de muitos annos é que alguns naturalistas o fizeram, quando ja não era possivel averigual-o?

PORCOS. – Enumerando Buffon os animaes do antigo continente diz que o javali, o porco domestico, o de Sian ou da China que não sam sinão uma mesma especie, e que se multiplicaram tam fácil e numerosamente na Europa e Asia, não foram encontrados na América na época da sua descoberta. Que o tajacou, que tem a cobertura sobre o dorso é o animal d'este continente que mais se aproxima a essa espécie: diz que tendo-o obtido vivo ensaiára reproduzil-o com os porcos da Europa, porém inutilmente, que além d'isto elle difere muitos dos da Europa por um grande numero de caracteres bem distinctos que o fazem afiançar bem fundadamente ser uma outra espécie muito differente. Diz mais que os porcos transportados da Europa para a America tem ahi produzido muito melhor que as cabras e ovelhas.

As primeiras porcas, diz Garcelasso, se venderam no Perú ainda mais caras que as cabras.

Pizon diz que a carne de vacca e carneiro não é tam boa no Brazil como na Europa, os porcos porém ahi se tem muito multiplicado e produzido carne soberba. João de Laët assevera que em San'Domingos elles sam melhores que na Europa, d'onde vieram.

Em geral, diz Buffon, póde dizer-se que de todos os animaes domesticos transportados da Europa para a America foi o porco o que melhor produziu por toda a parte. Tanto no Canadá como no Brazil, isto é, tanto nos climas frios como nos muito quentes do novo mundo elles se multiplicaram prodigiosamente e sua carne é por todos esses logares mui boa para comer-se. Em paginas 207 do 14.º volume diz ainda o mesmo naturalista fallando do porco domestico: << Esta espécie, ainda que abundantemente derramada pela Europa, Asia e Africa, não foi encontrada na America, foi sim para ahi levada pelos Hespanhoes que lançaram os porcos pretos no continente e quase que em todas as grandes ilhas da América, onde se multiplicaram e tornaram-se selvagens em varios logares.>> A historia da segunda viagem de Colombo à America nos ensina, como já o havemos dito, que entre as provisões que tomaram para a viagem e

estabelecimento das colônias levaram porcos das Canarias e nem deixariam de fazê-lo attendendo ao uso que esses povos christãos faziam de silmilhantes animaes por sua alimentação.

À vista pois de taes provas não podemos deixar de affirmar que os porcos não eram indígenas da America e que foram para ahi levados pelos conquistadores.

Entretanto ainda aqui nós vemos que os nossos porcos do matto foram chamados porcos como si fossem da mesma especie que os importados, sendo tam grande sua differença que a simples vista os distingue e muito mais ainda seus caracteres especiaes.

CAVALLOS e ASNOS. – A admiração e medo que causaram aos habitantes do Mexico e do Peru o aspecto dos cavallos e cavalleiros bem mostraram aos hespanhoes que esses animaes ahi desconhecidos e ainda mais uma vez sem duvida foi reproduzida a idéa dos centauros.

Os Mexicanos, diz Cantu, viram desembarcar sobre suas praias hospedes terríveis que por suas armaduras, cavallos, espingardas e peças d'artilharia lhes faziam crer por toda a parte descidos do céu. Não eram pois para elles comezinhos taes animaes, pelo contrario tam exóticos que julgavam o cavalleiro e o cavallo um so ente, e por isso sobrenatural.

Os Hespanhoes, diz Buffon, transportavam para o novo continente grande quantidade de cavallos não so para seus serviços e utilidade particular como para propagação das especies. Elles os levaram para as ilhas e para o continente.

A historia das aventuras dos corsarios das Antilhas nos ensina que os cavallos encontrados na ilha de San'Domingos não sam tam bellos como os de Hespanha, por se terem degenerado, mas que sam da mesma raça para ahi trazidos pelos Hespanhoes.

Pedro Simão nas noticias historicas das conquistas de terra firma das Indias Occidentaes, segunda noticia, pagina 106, debaixo do numero 3 do capítulo 17, nos diz que se dera ao commendador Ordas o título de governador das terras que do rio Maranhão se estendiam ao cabo de Vella, cujas terras elle pedira ao rei em conquista e obtivera licença para embarcar cincoenta negros, vinte e cinco eguas e vinte e cinco cavallos dos que el-rei tinha na ilha Jamaica, isto em 1520. Ora, si os cavallos fossem indigenas d'essas terras certamente que não se trataria de importal-os e sim domestical-os, pois bem se sabe a facilidade que ha n'isso e as vantagens que d'ahi resultariam.

Torrente tratando da America debaixo do artigo **Vista Geral**, pag. 218, nos affirmar ser incrível e prodigiosa a multiplicação do gado mular e cavallar ahi introduzido pelos hespanhoes. Tratando em cada uma das partes da mesma America elle não perde occasião de tornar sensível que os Hespanhoes nas suas conquistas trouxeram para esse novo continente grande numero de gado para ahi se reproduzir: assim em paginas 395 tratando das provincias unidas do Rio da Prata artigo – **Animaes** – nos diz que os touros, cavallos, ovelhas, asnos e outros animaes que os Hespanhoes trouxeram da Europa, se multiplicaram de tal sorte, particularmente os cavallos e bois, que em um momento se podem colhêr centenas d'elles.

Cuvier fallando dos cavallos, paginas 155, nos assegura que esse nobre companheiro do homem na caça, na guerra, nos trabalhos da agricultura, das artes e do commercio etc., ja não se encontra no estado selvagem sinão nos lugares onde tem sido deixados em liberdade cavallos domesticos. Que a tartaria e a America sam d'isto um exmplo.

Ayres de Cazal, auctor da *Corographia brazilica* diz que os cavallos e jumentos eram absolutamente desconhecidos n'este hemispherio cujos povos não tinham domesticado especie alguma indigena ou quadrupedes para seus usos e necessidades.

Si ainda compulsarmos o que diz L'Univers, quando trata de Buenos-Ayres, paginas 13, veremos que é aos Europeus que elle attribue a importação do gado n'esses logares onde sua producção foi tam progressiva que diz o auctor que desconcerta qualquer calculo, pois que nada mais comezinho que se encontrar rebanhos de oito e dez mil cavallos e bois.

O mesmo, fallando da Patagonia, paginas 8, depois de enumerar os quadrupedes ali existentes, diz que ali se acham cavallos e bois que os colonos Europeus tem para ahi unicamente trazido e naturalizado.

Ora, si pelo que acabamos de mostrar vemos a admiração que aos historiadores causou a grandíssima producção do gado cavallar e mular tam abundante na America, depois que os Hespanhoes para ahi trouxeram os primeiros cavallos e asnos, claro fica que elles não eram d'ali indigenas.

O mesmo avançamos dos bois, cabras, ovelhas, por nos fundarmos não so em muitas passagens ja aqui citadas, como tambem pelas que se seguem. O boi, fallando Buffon dos animaes do antigo continente, diz, T. 15, pagina 265, não se achou nem nas ilhas, nem na terra firme da America meridional.

Pouco tempo depois da descoberta d'estas novas terras, os Hespanhoes para ahi transportaram da Europa touros e vaccas. Em 1550, lavrou-se pela primeira vez a terra com bois no Valle de Cusco. Estes animaes multiplicaram-se prodigiosamente n'este continente tam bem como nas ilhas de Cuba, San'Domingos, Barlavento etc., e em alguns logares se tornam selvagens. Havia, é verdade, no Mexico e Luzianna uma especie de boi a que se chamou boi selvagem ou bisonte, porém, segundo o mesmo Buffon e Cuvier, é especie muito diversa do boi de que differe por caracteres mui distinctos de maneira a não poder-se considerar nem como a primitiva dos bois quando o bisonte tivesse degenerado pela domesticidade, e correr dos tempos, nem tam pouco pela mudança dos domesticos para o estado de selvagens quando o boi tivesse degenerado.

Quando os Hespanhoes transportavam as primeiras cabras para o Perú (Buffon T. 15, pagina 308) venderam-se a 110 ducados cada uma e foi tal sua producção que dentro em pouco tempo se venderam por quase nada e so se aproveitaram as pelles. Produziram tres e quatro cabritos de uma so barriga no tempo que na Europa não passavam de um ou dous.

Tendo os Hespanhoes transportado cabras para o Perú (Buffon, T. 15, pagina 368) trouxeram-as até as ilhas do mar do sul, e ellas povoaram a ilha de João Fernandes. Receiosos porém, que ellas podessem servir aos Corsarios trataram de detruil-as soltando n'essa ilhas cães, como já o fizemos ver quando tratamos d'esses animaes.

Mas como tanto as grandes como as pequenas ilhas e o continente da America ja se achassem povoados por cabras, ellas foram destruidas n'essa ilha, restando ainda por muitas outras partes.

Quando os mil e quinhentos homens se embarcaram com Colombo para virem para a America tocaram nas Canarias, e d'ahi segundo o testemunho de todos os historiadores, levaram para a America as cabras comsigo.

Que os Hespanhoes, que acompanharam Yrala e Lima por mandado de Nuflo de Chaves, e mais os quarenta voluntarios que a elle se aggregaram foram quem por terra trouxeram as primeiras cabras e ovelhas até o Paraguay nol-o ensina Azara nas suas viagens.

Tratando dos carneiros e ovelhas (diz Buffon, T. 15 paginas 267 e 268) na America não existiam ovelhas, foram para ahi transportados da Europa e tem bem produzido tanto nos climas quentes como nos temperados d'este continente – com quanto tenham sido prolíficas, comtudo sam magras e suas carnes menos saborosas que na Europa: o clima do Brazil, porém, é apparentemente aquelle que mais lhes convém, pois é o unico do novo mundo onde se tornam excessivamente gordas. Para a Jamaica se transportaram não somente carneiros da Europa como tambem de Guiné, e que ahi se tem bem reproduzido; entretanto estas duas especies pertencem ao antigo continente e não ao novo. Si é verdade que os indígenas da America receiaram tocar em um carneiro, entretanto que se apoderaram e afagaram a um papagaio quando alguém da comitiva de Colombo lhe apresentou estes animaes, claro está que attendendo à mansidão d'aquelles animaes e mesmo à sua fraqueza, elles eram desconhecidos dos indígenas ao tempo que o papagaio não. Isto ainda se prova pela passagem, ja citada, das noticias historicas das conquistas de terra firme nas Indias Occidentaes pelo padre Simão quando diz que nem um animal de carga existia no Perú, e que si agora carregavam as ovelhas e carneiros com algumas pequenas cargas era isso industria dos Hespanhoes, e ainda mais porque este historiador sustenta que nem um animal domestico ahi existia quando foi descoberto.

Si houvessem carneiros e ovelhas na America para que passando Colombo pelas Canarias na segunda viagem levara comsigo para estabelecimento das colonias, carneiros, não seria mais facil colher-se e tratar dos indígenas si houvessem, tanto mais que este gênero de animaes é tal que so os cuidados dos homens o faz ainda existir, quando não por estes e por todos os animaes elles teriam desaparecido como mui bem o diz Buffon?

Si pelo correr do nosso estudo podemos reconhecer dos conquistadores os que mais se interessaram por trazer para a America animaes de que pudessem tirar vantagens e enriquecer mais o paiz foram os Hespanhoes: si além d'isso lembrarmos das innumeradas vantagens que das lans d'estes animaes tiravam os Hespanhoes pelo que tanto se dedicavam e ainda hoje é criação d'elles, podemos affirmar que por sem duvida os Hespanhoes foram tambem os importadores assim como o foram de muitos outros de que temos fallado.

GALLINHAS. Si percorrermos a lista das especies do genero *gallus* da familia dos phaisões da ordem dos gallinaceos veremos que nen'uma d'ellas era originaria da America. Todos os naturalistas parecem estar n'um accordo. Ali veremos a ilha de

Sumatra como patria do *Gattus giganteus*; a de Java como a *Gallus Bankiva* e das differentes espécies que alguns consideram como descendencias d'ella, a India como a do *Gallus Sonneratii* e do gallo negro ou de Moçambique; o Japão e a nova Guiné como a do *Gallus japonicus* ou *lanatus ceytão*; como a do *Gallus caudatus* etc. etc., de maneira porém que nen'uma especie é apontada como originaria da America. Buscando na historia dados que nos pudessem orientar pouco ou nada achamos de verdadeiro que nos fizesse asseverar que a America fosse patria de taes animaes; entretanto a historia da navegação de João Hugues de Lenschat, hollandez, às Indias, fallando do Brazil diz, que este paiz abunda em pássaros e que as gallinhas da Europa foram para ahi trazidas pelos Portuguezes, que os naturaes não as comiam, e surprehendiam-se de ver os Francezes comel-os. Sabemos que quando os companheiros de viagem de Colombo, como ja o dissemos apresentaram aos indigenas um carneiro e papagaio tambem lhes apresentaram uma gallinha, e n'esta elles recearam tanto tocar como no primeiro, entretanto que afagaram o papagaio, do que concluímos da mesma maneira que o fizemos tratando dos carneiros, que as gallinhas eram desconhecidas d'este povo.

Si com effeito assim era como nós o cremos, muito naturalmente concluiremos que não so os Portuguezes como todos os viajantes que às costas d'este paiz vieram, trouxeram consigo gallinhas. A facilidade do transporte d'estas aves, a facilidade de sua alimentação, e sua preciosidade, maxime como meio dietetico ligadas ao uso que d'ellas faziam ja no tempo da descoberta da America, differentes povos da Europa nol-o fazem affirmar sem receio de errar.

D'esta sorte uma vez e ultima dizemos que os animaes que os conquistadores importaram na America foram os domesticos, e que as poucas razões em que nos fundamos para isso affirmar são as que temos exposto.

Faltariamos ao nosso dever si não pedissemos desculpa aos nossos consócios pelo mal traçado que ficou o quadro que acabamos de pintar, e si não pedissemos indulgencia para aquelle que so dedicado à medicina, e especialmente à cirurgia, não pode ser encyclopedico, mas que não se furtando ao trabalho fez o que pôde e não o que devêra, e que promette continuando a estudar o objecto, um dia dar como additamento d'esta memoria uma outra na qual reunirá todos os dados que possam provar tanto quanto possível lhe fôr por quem e quando foram os primeiros estabelecimentos de criação e gado principiados no nosso paiz.

A Vós, Senhor, que a magnanimidade de Vossa alma, que o virtuosos ornamentos de Vosso coração, que o amor às sciencias e a avidez que tendes pelas letras Vos tem feito descer do solio para d'envolta com os Vossos subditos, que tem a subida honra de pertencer a este instituto, investigardes a historia e geographia do paiz que teve a ventura de ser Vossa patria, o que Vos devo pedir? Perdão, Senhor, perdão por não attingir ao fim; perdão por não satisfazer Vossos desejos.

Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 1855.

Dr. José Ribeiro de Souza Fontes

